

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA, CULTURA E TRADUÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS SEMIÓTICOS

**LITERATURA SURDA E LITERATURA CODA: PRODUÇÕES VISUAIS QUE  
RETRATAM REALIDADES CULTURAIS SINGULARES**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora, sob a orientação da professora Dra. Janaína Aguiar Peixoto.

João Pessoa

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ATA DE DEFESA DE TESE DO(A) ALUNO(A)  
GISELE PEREIRA GAMA GARCIA

Aos trinta dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e quatro, às quatorze horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Tese intitulada: “**Literatura surda e literatura Koda/Coda: Produções visuais que retratam realidades culturais singulares**”, apresentada pelo(a) aluno(a) Gisele Pereira Gama Garcia, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de DOUTOR EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Cultura e Tradução, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Valerio Classe Colonnelli, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O(A) professor(a) Doutor(a) Janaina Aguiar Peixoto (PPGL/UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte as Professoras Doutoras Ana Cristina Silva Daxenberger (PPGL/UFPB), Carolina Silva Resende da Nóbrega (UFPB), Rachel Louise Sutto-Spence (UFSC) e Pedro Luiz dos Santos Filho (UFRN). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(a) doutorando(a) para apresentar uma síntese de sua tese, após o que foi arguido pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADO. Proclamados os resultados pela presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Janaina Aguiar Peixoto (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 30 de abril de 2024.

Parecer:

A banca destacou a inovação, qualidade e relevância do trabalho, sugerindo a publicação do mesmo no formato de artigos e/ou livro. Destaca-se a necessidade de revisão e ajustes na versão final conforme sugestões apresentadas pelos examinadores, respeitando o prazo determinado no regulamento do PPGL.

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Janaina Aguiar Peixoto  
(Presidente da Banca)

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ana Cristina Silva Daxenberger  
(Examinadora)

  
Documento assinado digitalmente  
Rachel Louise Sutto Spence  
Data: 30/04/2024 17:23:42-0300  
CSC: \*\*\*420.693\*\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://ufsc.br>

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rachel Louise Sutto-Spence  
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente  
 CAROLINA SILVA RESENDE DA NOBREGA  
Data: 30/04/2024 21:21:54-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Carolina Silva Resende da Nóbrega  
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente  
 PEDRO LUIZ DOS SANTOS FILHO  
Data: 30/04/2024 18:40:49-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>  
Prof. Dr. Pedro Luiz dos Santos Filho  
(Examinador)

Documento assinado digitalmente  
 GISELE PEREIRA GAMA GARCIA  
Data: 09/05/2024 17:49:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Gisele Pereira Gama Garcia  
(Doutoranda)

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

G216l Garcia, Gisele Pereira Gama.  
Literatura surda e literatura Coda : produções  
visuais que retratam realidades culturais singulares /  
Gisele Pereira Gama Garcia. - João Pessoa, 2024.  
265 f. : il.

Orientação: Janaína Peixoto Aguiar.  
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura Coda. 2. Crianças biculturais. 3.  
Produções literárias. I. Peixoto, Janaína Aguiar. II.  
Título.

UFPB/BC

CDU 82(043)

## AGRADECIMENTOS

*Era uma vez uma mamãe surda, que tinha duas filhas kodas, que escreveu um agradecimento a todos que fizeram parte direta e indiretamente de seu processo de doutorado.*

O primeiro agradecimento foi a Papai do Céu, por todas as oportunidades que lhes foram concedidas e por estar sempre ao seu lado, em todos os momentos. *Disse ela.*

*E continuou:* À minha família, meu porto seguro, que são as minhas duas kodinhas lindas, inspiração do meu primeiro livro infantil: *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!*, Isadora e Heloísa. E a Benício, um bebezinho que está na minha barriga, previsto para chegar daqui a uns seis meses, trazendo mais alegria para mim. Vocês são o combustível para eu continuar nesta caminhada.

Ao pai dos nossos filhos. Obrigada, por amá-los!

Ao meu pai (in memoriam) e, principalmente, à minha mãe, por tudo que fez por mim, por nunca sair do meu lado em nenhum, nenhum e nenhum momento. Mãe, quero que saiba que só consegui chegar até aqui, por sua causa, por você sempre me fazer acreditar que posso mais do que imagino.

Aos meus irmãos, Sabrina e Tiago, pelo amor e carinho. E por me darem sobrinhos lindos, um dos motivos que me fez querer continuar o doutorado e ser exemplo para eles, Vitória, João, Isac, Esaú e Yago.

Vitória, minha primeira e única sobrinha, obrigada por tudo, pela força, paciência, cuidado e pelo seu amor com as minhas filhas e agora com Benício. Sua presença em nossas vidas, foi muito importante para que eu conseguisse chegar até aqui. Nunca esquecerei! Te amo!

A todos da minha família Pereira, especialmente vovó, pelo carinho e por sempre vibrarem com minhas conquistas.

À avó paterna dos meus filhos e ao tio Ramon, pelo apoio e amor por eles. Somos todos gratos!

Às minhas amigas, em quem confio de coração, que sempre me apoiaram nos meus momentos mais difíceis: Cleide Barbosa, Josilene e Leidiane. Muito obrigada pelas orações, forças, preocupações e incentivos nesta difícil caminhada. Meninas, eu consegui chegar até aqui, obrigada!

À comunidade surda do Cariri, da qual faço parte desde 2001. Isso inclui o Instituto transformar (INTRA) e a Associação de Surdos de Juazeiro do Norte (ASJUÁ), pois foi com vocês que eu pude construir minha identidade e quem sou hoje: surda, mãe de kodas e daqui a pouco Doutora.

Agradecimento especial ao Pastor Jonh Peterson (in memoriam), Iva Jean Peterson(Dona Gina), Marli Gavioli, Nacelha Oliveira e Ana Cristina, por serem os primeiros a me prepararem para pescar peixe, hoje pesco sozinha e ensino outros surdos e ouvintes a pescarem também.

Aos meus colegas, ex-colegas e amigos da Universidade Federal do Cariri-UFCA, onde trabalho, pelo apoio e compreensão durante o meu afastamento, para me dedicar ao doutorado, para que eu possa trazer novos conhecimentos à UFCA. Especialmente ao prof. Lucas Romário, profa. Bianca Gomes, profa. Ana Carmita, por compartilharem comigo suas ricas experiências, que contribuíram na construção do meu projeto de pesquisa, que foi tão assertivo e aqui estou. Gratidão!

Às mães dos Kodas que fizeram parte da minha pesquisa, muito obrigada pela contribuição. Tenham certeza que sem vocês e seus filhos esse trabalho não existiria. Graças a vocês, juntas poderemos contribuir com muitas outras mães surdas e crianças Kodas.

A todos que deram vida ao meu livro “Kodinhas? Sim! Sim! Sim!”: Editora Perin, ao ilustrador e amigo João Filho, à dubladora Georgia Alencar, aos mirins tradutores Pedro Lucas e minhas filhas, ao editor do vídeo Francisco Raimundo, aos ex-alunos Adália e Lincoln responsáveis pela filmagem, revisoras do texto minha mãe e minha orientadora Janaína, meu eterno agradecimento a cada um de vocês.

Aos professores do programa, obrigada por compartilharem novos conhecimentos durante o percurso das disciplinas do PPGL. E gratidão também aos intérpretes de Libras da UFPB por deixarem esse percurso mais acessível.

À banca examinadora, muito obrigada pela disponibilidade de cada um de vocês, em julgar e contribuir para a minha tese. Sinto-me honrada em ser avaliada por membros tão conceituados.

*E assim, a mãe das Kodinhas conclui agradecendo:* À minha orientadora querida, Dra. Janaína Peixoto, a qual considero minha amiga e irmã em Cristo. Obrigada de coração por compartilhar comigo seus ricos conhecimentos, aprendi muito e com certeza hoje sou outra pessoa, mais qualificada. Agradeço a compreensão e orações. Deus é perfeito, não poderia ter me dado uma melhor orientadora. Gratidão eterna!

**FIM!**

*“Em algumas ocasiões, por exemplo, a mãe trazia livros de histórias infantis para Sonia e seus irmãos, e Sonia os lia em português e explicava a história para a mãe, que compreendia e depois a recontava toda em língua de sinais de forma clara, usando classificadores. Era perfeito! Esses contos em língua de sinais eram muito bonitos. Os três filhos ficavam deslumbrados com os contos de sua mãe.”*

(Relato de Sonia Marta de Oliveira, 2017, p. 163 e 164)

## RESUMO

Esta pesquisa é qualitativa e aborda sobre o desenvolvimento da Literatura Coda. A proposta desta tese foi feita, pensando na autoaceitação e autoidentificação dos Kodas, isso é: das crianças ouvintes, filhos de pais surdos, por meio de produções literárias. Sabe-se que a literatura tem um papel fundamental na construção cultural e na identidade de qualquer pessoa. Ao pesquisar obras literárias, que retratam a vida dessas crianças, foram encontradas poucas produções e que falam apenas sobre os filhos adultos (codas), aqui no Brasil. Este foi um dos motivos que fez a pesquisadora, além de propor a Literatura Coda, almejar produzir no país, o primeiro livro que tenha personagens kodas, fale sobre essas crianças e que seja acessível a uma diversidade de kodas. A finalidade desta tese é comprovar a importância da Literatura Coda para as crianças kodas. Para chegar ao objetivo, foi realizada a pesquisa bibliográfica, que contou com a ajuda de vários autores, principalmente, Quadros (2017), Sutton-Spence (2021), (Peixoto 2023), Coelho (2000) e Nascimento (2021) para explicar as reações e a importância da literatura na vida das crianças kodas. Também foi feito um levantamento de produções literárias de/para codas ou kodas no Brasil e fora, para comprovar a sua existência e explicar os critérios da Literatura Coda, propostos neste trabalho. Como instrumento de coleta de dados da pesquisa, foram utilizadas a entrevista semi-estruturada, com as mães das crianças pesquisadas, com a intenção de entender a sua influência como leitora na vida dos seus filhos e a observação participante, onde o pesquisador além de observar, faz as considerações. A coleta de dados aconteceu em Juazeiro do Norte/Ce, no Instituto Transformar (INTRA) e foi realizada em dois dias. O procedimento metodológico se desdobrou da seguinte forma: primeiro dia, houve o contato das cinco crianças selecionadas com a leitura do livro individualmente e entrevista com as mães. No segundo dia foi realizada uma roda de leitura, a leitura coletiva do livro. Os resultados foram positivos, superaram as expectativas da pesquisadora. Primeiro: as entrevistas com as mães impactaram esta pesquisa, mostrando a necessidade urgente da criação e incentivo da Literatura Coda, junto às mães, para que repassem aos filhos o gosto pela leitura desde cedo, muitas delas não se sentem motivadas para ler com os pequenos. Segundo: durante o primeiro contato das crianças individualmente com o livro, os kodas, principalmente os pré-leitores desta pesquisa, se mostraram interessados na história e nos detalhes do livro. Foi possível perceber, na análise, que elas reconheceram muitos artefatos culturais do povo surdo, que também fazem parte de sua vida. E na roda de leitura, as crianças, mesmo diante da timidez, mostraram entender a história e o significado da palavra koda, ou seja, elas foram conscientizadas do contexto koda. Além de tudo isso, a proposta da Literatura Coda, trará muitos benefícios às crianças kodas, e aos codas adultos, ao pai e mãe das crianças e a comunidade surda em geral. Este trabalho pode ser visto como uma porta ao mundo literário dos kodas/codas, o início de uma

nova área, a qual servirá de incentivo à criação de muitas outras obras literárias, feitas pelos kodas/codas ou que retratem sobre eles.

**Palavras-chave:** Literatura Coda; Crianças Biculturais; Produções Literárias.

## ABSTRACT

This research is qualitative and addresses the development of Coda Literature. The proposal for this thesis was made, thinking about the self-acceptance and self-identification of Kodas, that is, hearing children, children of deaf parents, through literary productions. It is known that literature plays a fundamental role in the cultural construction and identity of any person. When researching literary works that portray the lives of these children, few productions were found that only talk about adult children (codas), here in Brazil. This was one of the reasons why the researcher, in addition to proposing Coda Literature, aimed to produce in the country the first book that has Koda characters, talks about these children and is accessible to a diversity of Kodas. The purpose of this thesis is to prove the importance of Coda Literature for Koda children. To reach the objective, bibliographic research was carried out, with the help of several authors, mainly Quadros (2017), Sutton-Spence (2021), (Peixoto 2023), Coelho (2000) and Nascimento (2021) to explain the reactions and importance of literature in the lives of koda children. A survey of literary productions of/for codas or kodas in Brazil and abroad was also carried out to prove their existence and explain the criteria of Coda Literature, proposed in this work. As a research data collection instrument, semi-structured interviews were used with the mothers of the children researched, with the intention of understanding their influence as readers on their children's lives, and participant observation, where the researcher, in addition to observing, makes the considerations. Data collection took place in Juazeiro do Norte/Ce, at Instituto Transformar (INTRA) and was carried out over two days. The methodological procedure unfolded as follows: on the first day, the five selected children came into contact with each other, reading the book individually and interviewing their mothers. On the second day, a reading circle was held—a collective reading of the book. The results were positive, exceeding the researcher's expectations. First, the interviews with mothers impacted this research, showing the urgent need to create and encourage Coda Literature together with mothers, so that they pass on to their children the love of reading from an early age. Many of them do not feel motivated to read with their little ones. Second: during the children's first contact with the book, the kodas, especially the pre-readers in this research, were interested in the story and the details of the book. It was possible to notice, in the analysis, that they recognized many cultural artifacts of deaf people, which are also part of their lives. And in the reading circle, the children, despite being shy, showed that they understood the history and meaning of the word koda, that is, they were made aware of the koda context. In addition to all this, the Coda Literature proposal will bring many benefits to Koda children and adult Codas, the children's father and mother and the deaf community in general. This work can be seen as a door to the literary world of kodas/codas, the beginning of a new area, which will serve as an incentive to the creation of many other literary works, made by kodas/codas or that portray them.

**Keywords:** Coda Literature; Bicultural Children; Literary Productions.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1:** Baião de dois

**Figura 2:** Capa do Livro de “O Feijãozinho Surdo”

**Figura 3:** Sinal de MAMÃE de alguns países

**Figura 4:** Frase em Libras

**Figura 5:** Cartaz da Surdolímpiadas 2021

**Figura 6:** Logotipo da Deaflympics

**Figura 7:** Gabriel interpretando a música viral de Luiza Sonsa, “Cachorrinhas” (2022)

**Figura 8:** Cartaz do Encontro de coda que aconteceu em 2023, em Caucaia/CE

**Figura 9:** Cartaz do 7º Encontro de CodaKids

**Figura 10:** Lista com sites relacionados a kotas

**Figura 11:** Sinal de koda

**Figura 12:** Nomes das disciplinas do curso de Letras Libras da UFSC, na modalidade EAD

**Figura 13:** Apostila de Literatura Surda da professora Lodenir

**Figura 14:** Tradução da fábula “O sapo e a cobra”

**Figura 15:** Conto de Chapeuzinho Vermelho Surda da autoria de João Filho (2020)

**Figura 16:** Exemplos de Literatura visual produzida por ouvintes: Quadrinho da turma da Mônica e o livro “Uma criança única” de Guojing

**Figura 17:** Poesia “A dor do silêncio”, de Renata Freitas

**Figura 18:** Exemplos de livros para minorias

**Figura 19:** Tabela das tradições literárias brasileiras

**Figura 20:** Produção literária em quadrinho

**Figura 21:** Print do storie do pedido de ajuda de Gisele Pereira

**Figura 22:** Mapa do CRAJUBAR

**Figura 23:** Capa do livro *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!*

**Figura 24:** Tradução do livro para a Libras em vídeo

**Figura 25:** O uso da bimodalidade

**Figura 26:** O pai usando aparelho auditivo e a mãe não

**Figura 27:** Chapeuzinho Vermelha Surda de João Batista

**Figura 28:** Logomarca da editora

**Figura 29:** Livros publicados por Paula Perin

**Figura 30:** Mãe surda lendo uma historia infantil para sua filha surda em Libras.

**Figura 31:** Ilustração da estratégia do livro e celular acoplado

**Figura 32:** Primeira tabela elaborada para a análise da reprodução da história

**Figura 33:** Capa do livro para leitura do título

**Figura 34:** Ilustração de apontação demonstrativa não gramaticalizada

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1:** Diferença cultura ouvinte x cultura surda

**Quadro 2:** Exemplos das escritas de sinais apontadas por Paixão e Alves (2018)

**Quadro 3:** Exemplos de Literatura Surda encontradas nas redes sociais

**Quadro 4:** Exemplos de artes visuais

**Quadro 5:** Identidades Surdas de Gladis Perlin (2002)

**Quadro 6:** Diferenças das línguas do povo ouvinte de cada país

**Quadro 7:** Exemplos de artes do povo ouvinte

**Quadro 8:** Exemplos de materiais usados por pessoas ouvintes e inútil para a maioria dos surdos

**Quadro 9:** Categorização da Literatura Surda baseado nas teorias de Sutton-Spence e Peixoto

**Quadro 10:** Atualização da teoria de Peixoto (2023)

**Quadro 11:** Exemplos de produções literárias que fazem parte da Literatura Surda.

**Quadro 12:** Exemplos de Demais produções literárias

**Quadro 13:** Indicação de livros para cada “faixa etária” baseado em Coelho (2000)

**Quadro 14:** Esquema adaptado pela autora, baseado no esquema comparativo das tradições da autora Peixoto

**Quadro 15:** Proposta dos critérios da Literatura Coda

**Quadro 16:** Exemplos de análise dos critérios de livros para fazer parte da

**Quadro 17:** Exemplos de análise dos critérios de livros para fazer parte das Demais Produções Literárias

**Quadro 18:** Literatura Coda em livros

**Quadro 19:** Literaturas Codas em vídeos

**Quadro 20:** Produções literárias nas redes sociais e plataforma de *YouTube*

**Quadro 21:** Produções literárias de/para codas no Brasil

**Quadro 22:** Informações sobre os sujeitos da pesquisa

**Quadro 23:** Exemplo de diálogos da história adaptado para glosas

**Quadro 24:** Resumo do que aconteceu, precisou adaptar e soluções durante a tradução

**Quadro 25:** Resumo das cenas do livro

**Quadro 26:** Corte das falas das mães sobre atividades escolares como forma de leitura

**Quadro 27:** Corte das falas das mães sobre leitura com o objetivo de ensinar os sinais

**Quadro 28:** Cortes das falas das mães sobre a dificuldade com a língua portuguesa na leitura.

**Quadro 29:** Classificação dos koda nas categorias de Coelho (2000)

**Quadro 30:** Perfil de Francisco

**Quadro 31:** Perfil de Valdir

**Quadro 32:** Perfil de Raí

**Quadro 33:** Perfil de Ronice

**Quadro 34:** Perfil de Maitê

**Quadro 35:** Detalhes do livro ou vídeo que chamaram atenção de cada criança durante a leitura individual

**Quadro 36:** Roteiro para análise do 2º dia

**Quadro 37:** Ângulos das câmeras

**Quadro 38:** Reações e Comportamentos das crianças no 2º dia de pesquisa

**Quadro 39:** Título do livro em Libras sinalizado pelas crianças

**Quadro 40:** Ordens frasais das crianças sobre o que é Koda

**Quadro 41:** Respostas da pergunta “VOCÊS MAIS QUAL AMIG@ SURD@ OU OUVINTE?”

**Quadro 42:** O desenho de Francisco

**Quadro 43:** O desenho de Valdir

**Quadro 44:** O desenho de Raí

**Quadro 45:** O desenho de Ronice

**Quadro 46:** O desenho de Maitê

## **SIGLA E ABREVIATURAS**

KODA	Kids of Deaf Adult
CODA	Children of Deaf Adult
INTRA	Instituto Transformar
ASL	American Sign Language
LSF	Língua de Sinais Francesa
Libras	Língua Brasileira de Sinais
SW	Sign Writing
EliS	Escrita de Língua de Sinais
SEL	Sistema de escrita da Libras
AASI	Aparelho de amplificação sonora individual
CBDS	Confederação Brasileira de Desportos de Surdos
ONGs	Organizações Não Governamentais
FENEIS	Federação Nacional de Educação de Surdos
TDD	Telephone Device of the Deaf
ICOM	Plataforma de Atendimento em Língua de Sinais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
EAD	Educação a Distância
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
IC	Implante Coclear
DSG	German Sign Language
BSL	British Sign Language
VV	Vernáculo Visual
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	18
1. A METÁFORA DO BAIÃO DE DOIS.....	21
1.1. Feijão - O mundo visual dos surdos .....	22
1.1.1. A diversidade da cultura surda.....	23
1.1.2. A cultura (surda).....	23
1.1.3. Artefatos culturais.....	28
1.1.4. Identidades surdas (Diversidade surda) .....	49
1.2. Arroz - o mundo sonoro dos ouvintes (e dos surdos que ouvem).....	54
1.3. Baião de dois - o mundo visual-sonoro dos filhos de surdos .....	65
1.3.1. Além da terminologia coda – A terceira cultura.....	67
1.3.2. Coda ou Koda? .....	74
2. UM MERGULHO PROFUNDO NO MUNDO LITERÁRIO DA COMUNIDADE SURDA	78
2.1. Conceituando a Literatura .....	78
2.2. A literatura no mundo dos surdos.....	79
2.3. Literatura da Comunidade Surda.....	81
2.3.1. Literatura Produzida na Comunidade Surda.....	85
2.3.2. Literatura Surda .....	87
2.3.3. Literatura em Língua de Sinais.....	90
2.3.4. Literatura visual .....	93
2.3.5. Demais produções literárias .....	96
2.4. A Literatura infantil .....	98
2.5. Representatividade de minorias na Literatura .....	101
3. UMA PROPOSTA DE CRIAÇÃO DA LITERATURA CODA.....	106
3.1. Literatura Coda .....	106
3.2. Obras literárias codas.....	112
4. PROCESSO METODOLÓGICO: CONTO INFANTIL COM REPRESENTATIVIDADE DE KODAS.....	126
4.1. Metodologia .....	126
4.1.1. Os sujeitos .....	128
4.1.2. Local de pesquisa .....	130
4.1.3. Os registros .....	131
4.2. A criação do Livro: <i>Kodinha? Sim! Sim! Sim!</i> .....	132

4.2.1.	Proposta do Conto infantil.....	132
4.2.2.	O processo de produção do livro <i>Kodinha? Sim! Sim! Sim!</i> .....	133
4.2.3.	Cenas.....	141
4.2.4.	Ilustração.....	143
4.2.5.	Editora.....	144
5.	RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	146
5.1.	Análise dos dados.....	146
5.1.1.	Parte 1 - 1º Dia da pesquisa: Entrevistando as mães.....	147
5.1.1.1.	Análise das entrevistas das mães:.....	148
5.1.2.	Parte 2 - 1º Dia da pesquisa: Leitura do Livro <i>Kodinha? Sim! Sim! Sim!</i> .....	154
5.1.2.1.	As leituras das crianças .....	156
5.1.2.2.	Observações e Análise dos detalhes do livro que chamaram a atenção das crianças.....	169
5.1.3.	2º Dia.....	174
5.1.3.1.	Dando início a roda de leitura .....	177
5.1.3.2.	Análise do percurso da roda de leitura .....	178
5.1.3.3.	Análise dos diálogos .....	183
5.1.3.4.	Desenho .....	189
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	195
	REFERENCIAS .....	200

*“Porque dele, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém”*

Romanos 11:36

## INTRODUÇÃO

A literatura sempre foi entendida como um conjunto de obras literárias, produzidas por uma diversidade de pessoas, que buscam compartilhar seus encantamentos com outras tantas, permitindo ao leitor a sua participação através da imaginação, nos seus diversos aspectos, desde heróis aos vilões, a viajar, a conhecer lugares, a torcer por um final feliz, especialmente, a identificação nos variados estilos, com a sua realidade.

É o que acontece também quando se fala na Literatura Produzida pela Comunidade Surda, a qual sente orgulho em ter histórias, contos, piadas, dentre outras, criadas, adaptadas e traduzidas por integrantes desta comunidade linguística. Diante dos avanços acadêmicos do povo surdo e de ouvintes participantes das comunidades surdas, na atualidade, são encontradas várias obras literárias registradas.

Nos anos de convivência e interação com a comunidade surda, foi observado o interesse das crianças surdas ao lerem algum conto em Língua Brasileira de Sinais - Libras, na sua própria língua, com imagens visuais, onde elas encontram no referido, determinado personagem semelhante a se

As obras da Literatura Produzidas na Comunidade Surda, nunca foram direcionadas exclusivamente para as pessoas surdas. É possível encontrar histórias com personagens surdos, intérpretes de Libras, assunto da cultura surda, familiares de surdos, sobre a Libras, e outras coisas mais, assim como alguns contos literários que possuem personagens ouvintes que são filhos de pais surdos, conhecidos como, codas (Children of Deaf Adult, referência a maiores de 18 anos) e kotas – Kids of Deaf Adult (menores de 18 anos)<sup>1</sup>. Até o momento não foi achado nenhum conto literário sobre codas/kotas produzido por um(a) autor(a) surdo (a) aqui no Brasil.

As crianças kotas (assim como os adultos), podem ser consideradas uma minoria, por crescerem em uma cultura diferente das demais. Possuem a biculturalidade, conhecida como a terceira cultura, em outras palavras, as mesmas crescem na cultura surda e na cultura ouvinte simultaneamente. Ser mãe surda de duas crianças kotas faz-me ratificar este cenário. Elas podem estar no mundo dos

---

<sup>1</sup> Terminologias originadas nos Estados Unidos e adotadas na maior parte do mundo pelas comunidades surdas.

ouvintes, mas a cultura surda está internalizada e as acompanhará ao longo de suas trajetórias de vida.

Sendo assim é de suma importância a participação das mesmas, no universo da Literatura da Comunidade Surda, por serem crianças integrantes desta comunidade, conviverem com pessoas surdas na sua casa e nos contextos sociais da comunidade surda, especialmente, por se constituírem indivíduos com identidade em construção.

Essa tese será de fundamental importância no ambiente tema, pouco conhecido da classe e da sociedade externa, os meios de conhecer a cultura coda/koda<sup>2</sup>, assim como os próprios codas/kodas, para que se insiram na sociedade como um todo.

Além do mais, é necessário mencionar que não há muitas publicações que abordam temas sobre os kodas no Brasil. Nas plataformas acadêmicas há muitos trabalhos sobre codas, filhos adultos, que tratam sobre as experiências deles em relação com seus pais surdos e a aquisição da Libras, seu processo profissional como intérpretes de Libras, dentre outros. Porém, nenhum que fale sobre o contexto literário coda ou koda.

Diante de tudo isso, questiona-se: Como pode acontecer o desenvolvimento de uma Literatura Coda?

A existência de obra literária acessível na Literatura Produzida pela Comunidade Surda, que retrate a vida bilíngue e bicultural das crianças kodas pode promover autoconhecimento, autoaceitação e permite que as mesmas sintam-se representadas em um personagem como ele/ela, em uma obra literária. Como afirma Saville (2008): “Literatura sobre desenvolvimento infantil apoia sem hesitação a ideia de que as experiências das crianças com sua família imediata em início da vida fornecem a base para o seu autoconceito.” (p.42)

Perante este questionamento, o objetivo geral desta pesquisa consiste em comprovar a importância da Literatura Coda para as crianças kodas. E os objetivos específicos são: Propor um novo campo de estudo, denominado como Literatura Coda; Demonstrar a sua importância através das reações das crianças kodas a partir da leitura do livro *Kodinha? Sim! Sim! Sim!*. E por fim, analisar através das

---

<sup>2</sup> Apesar de a pesquisa focar somente nos sujeitos Kodas, a proposta de criação da Literatura Coda, não irá focar apenas nas crianças, mas em todos os filhos ouvintes de pais surdos desde a tenra idade até a velhice. Por isso o uso de ambas terminologias.

entrevistas das mães, as suas influências em relação à leitura das crianças.

O trabalho está dividido em cinco capítulos, mais as considerações finais. O primeiro capítulo metaforiza com o baião de dois, contextualizando dois mundos diferentes, o mundo cultural dos surdos e o mundo cultural dos ouvintes. Logo depois, fala sobre a terceira cultura, a cultura coda/koda, que é a unificação de ambas, mencionadas anteriormente.

O segundo capítulo, descreve com a ajuda das autoras Sutton-Spence (2021) e Peixoto (2023), a atualização das teorias relacionadas ao mundo literário da comunidade surda. São teorias construídas e reconstruídas e até para a própria pesquisadora deste trabalho, escrever tal capítulo, foi uma reviravolta de conhecimentos.

Já o terceiro capítulo, retrata a nova proposta literária deste trabalho, ou seja, fala sobre a Literatura Coda. Foi o capítulo mais desafiador a ser escrito, pois, foram necessários muitos estudos e reflexões, até chegar a um consenso teórico e inédito para o campo acadêmico, para a comunidade surda e afins.

No quarto capítulo, será possível conhecer um pouco mais os caminhos metodológicos desta pesquisa, assim como o passo a passo da produção do primeiro livro infantil, que retrata as crianças kotas.

No capítulo cinco, o leitor poderá desfrutar de uma análise bem detalhada sobre os dados coletados das entrevistas das mães e das leituras individuais e coletivas dos kotas.

## 1. A METÁFORA DO BAIÃO DE DOIS

O principal foco desta pesquisa refere-se às crianças kotas, aquelas que possuem pai e/ou mãe surdos, que independente do contexto histórico, familiar, educacional, ou se usam ou não qualquer tipo de aparelho auditivo, se é oralizado ou não, se a audição é de nascença ou concebida, mas que utilizam a Libras como sua primeira língua e se aceitam como surdos, utilizando a cultura surda no seu cotidiano.

Para chegar aos kotas e codas, é necessário primeiro trilhar no mundo do povo surdo, conhecer a cultura surda, artefatos culturais e as identidades surdas e esse será representado pelo Feijão.

Para conhecer as perspectivas da comunidade surda sobre a cultura dos ouvintes, esse mundo será representado pelo Arroz.

Até chegar ao mundo dos kotas/codas, que será representado pelo Baião de dois, que é uma comida típica conhecida no Ceará (e alguns estados do Nordeste e Norte), é uma mistura de arroz com feijão. Podia ser chamada apenas de arroz e feijão, mas a sua junção criou uma nova comida, com novo sabor, diferente e não mais apenas uma misturinha.

**Figura 1:** Baião de dois



**Fonte:** Extraída no Google

O Baião de dois é uma perfeita metáfora para explicar sobre outra cultura, mencionada por Quadros (2017) como uma *terceira cultura*, que “Compartilha modos de vida e as línguas da comunidade surda e da comunidade ouvinte.” (Quadros, 2017, p. 218). Entendida como a cultura dos indivíduos kotas/codas, que surgem da mistura da cultura surda (Feijão) e da ouvinte (Arroz), na vida dos codas/kotas. Assim como o Baião de dois.

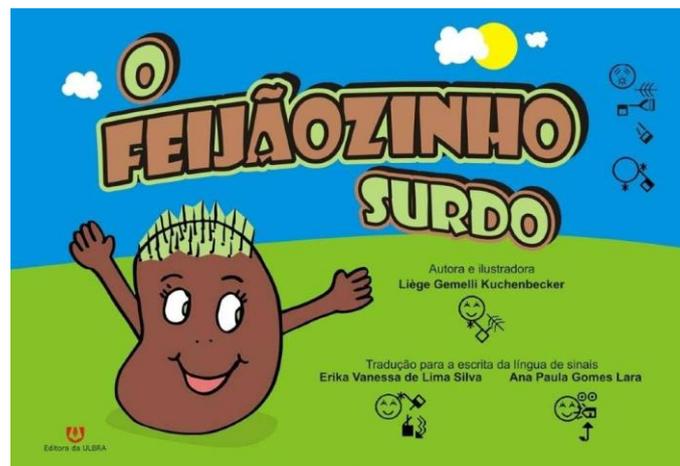
A partir daqui será dado início ao caminho para chegar às crianças kodas.

### 1.1. Feijão - O mundo visual dos surdos

A palavra feijão nos lembra da história do Feijãozinho Surdo<sup>3</sup>. Feijãozinho Surdo nasceu em uma família de ouvintes. A mamãe e o papai de feijãozinho não entendiam por que os braços de seu filho se mexiam muito. Inclusive o próprio Feijãozinho Surdo não entendia o que havia de errado com ele. Até que apareceu uma fada, que com sua varinha mágica, lançou uma magia e fez com que Feijãozinho Surdo começasse a falar com as mãos. E a fada ainda explicou que ele era surdo.

A fada também foi falar com o papai e a mamãe dele. Disse que o feijãozinho era surdo e falava com as mãos. Depois a fada apresentou dois tipos de escolas para o Feijãozinho Surdo e também para a mamãe e o papai. Uma escola é a escola bilíngue<sup>4</sup> para surdos e a outra é a escola inclusiva<sup>5</sup>, explicou cada uma e deixou a decisão com o papai e a mamãe do Feijãozinho Surdo.

**Figura 1:** Capa do Livro de “O Feijãozinho Surdo”



**Fonte:** O Feijãozinho Surdo (Kuchenbecker, 2011)

Por fim, a história acaba mostrando o Feijãozinho Surdo feliz!

<sup>3</sup> Obra literária infantil da autora Leigé Gemelli Kuchenbecker, publicada em 2011.

<sup>4</sup> Consoante o MEC (2021), escola bilíngue é uma modalidade de ensino independente, com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e o português escrito como segunda língua.

<sup>5</sup> De acordo com o MEC (2004, p. 7), escola inclusiva é “aquela escola que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades”.

Na história de Joãozinho pode ser encontrada a cultura surda, alguns artefatos culturais e possíveis identidades surdas. Esses pontos serão explicados de agora em diante.

### **1.1.1. A diversidade da cultura surda**

Historicamente, as pessoas surdas eram rotuladas por alguns estudiosos, devido à determinadas características de sua pessoa, história, língua, educação e interação social. Por outro lado, há autores também da comunidade surda, que defendem uma gama de diversidade de identidades surdas e mudanças de identidades.

Karin Strobel é doutora, autora surda e importante pesquisadora sobre a cultura surda e dos artefatos culturais da comunidade surda. Em seu livro “As imagens do Outro Sobre a Cultura Surda”, publicado pela primeira vez em 2008, e reeditado pela quarta vez em 2016, a mesma explana que não há apenas uma comunidade surda e sim uma diversidade de comunidades surdas. Realça ainda que cada grupo é organizado e agrupado de acordo com a religião, profissão, raça ou outras características. (Strobel, 2016, p. 32)

### **1.1.2. A cultura (surda)**

Cada ser humano tem cultura e identidade própria, que se constroem e reconstruem ao longo da sua vida. As pessoas surdas, portanto, também têm cultura própria, ou melhor, culturas próprias.

Para entender isso, é preciso mergulhar nas teorias de Stuart Hall (1997 e 2003), um dos principais autores dos Estudos Culturais<sup>6</sup> e com a ajuda de Vieira e Peixoto (2018). Não somente deles, contaremos igualmente com a ajuda de vários outros autores ativos na comunidade surda.

Dando início à conceituação da palavra cultura, segundo as autoras Vieira e Peixoto (2018, p.8), não foi criada de um dia para o outro, nem porventura teve um só significado<sup>7</sup> e permanente, tal palavra até hoje continua em discussão nos meios

---

<sup>6</sup> Segundo Culler (1999, p. 49), estuda compreender o funcionamento da cultura no mundo moderno de diversas e misturadas comunidades, como as produções culturais, as construções e organizações das identidades culturais.

<sup>7</sup> De acordo com Moles há mais de 250 definições para a palavra Cultura.

acadêmicos. Uma vez que o seu conceito acompanha a evolução e as mudanças do mundo.

Como ratifica a autora Strobel (2016, p. 22) ao “considerar a questão cultural no plural, admite a multiplicidade de manifestações de grupos culturais das mais diversas naturezas, tornando o conceito da cultura mais amplo”.

Neste sentido, o termo cultura é uma palavra extremamente importante para ser ignorada, já que ela é responsável pela construção do indivíduo em todos os eixos de sua vida. A cultura define quem são as pessoas ou o seu grupo. Segundo Strobel (2016):

A humanidade, ao longo do tempo, adquire conhecimento através da língua, crenças, hábitos, costumes, normas de comportamento, entre outras manifestações. Partindo do suposto que cultura é herança que o grupo social transmite a seus membros através de aprendizagem e convivência, percebe-se que a cada geração e sujeito também contribuem para ampliá-la e modificá-la. (p. 22)

Acredita-se que desde o princípio, existiram pessoas diferentes entre si. Conforme estudos de Vieira e Peixoto (2018), o que causa essas diferenças são os diversos fatores que influenciam as características das pessoas ou de um grupo, como as “Diferenças geográficas, econômica, política, entre outras...”. (p. 8) Além do mais, as autoras continuam afirmando que essas influências “fazem com que pequenos grupos de costumes e interesses semelhantes se unam”. (p.8)

Esses costumes e interesses semelhantes tornam-se um conjunto de valores ou significados partilhados (Hall, 1997), que pode ser visto como “os seus costumes, sua comida, seu modo de vestir e falar, suas crenças, ou seja, as suas práticas em sociedade”. (Vieira e Peixoto, 2018, p.10). É valioso observar que as autoras utilizaram a palavra “semelhante” em vez de “iguais”, para se referir aos costumes e interesses de cada ser humano.

Destarte, a construção da cultura é contínua, dado que depende da forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar, de compreender o mundo (Hall, 1997). Como notório, o mundo, ou melhor, o ser humano está em constantes mudanças e isso se deve a sua forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar, de compreender o mundo que está em incessante transformação.

A cultura não vem pronta; daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas. (Strobel, 2016, p. 24)

Nesta circunstância, o ser humano é herdeiro de um processo acumulativo, que envolve conhecimentos, costumes, práticas, crenças, entre outras experiências vivenciadas através dos tempos e no convívio coletivo. (Peixoto, 2020, p. 23). E nas palavras de Hall (2003, p.43): “Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. “Se tornar” e “Processo acumulativo” são palavras contrárias a “estabilidade”.

Hall (2003) também acredita que a cultura não surge repentinamente, ela é uma produção. O autor explica que a cultura tem sua matéria-prima, seus recursos, seu trabalho produtivo. Hall elucida que o conjunto de uma cultura não possui somente produções concretas, porém, também abstratas. Como a produção de crenças e valores, por exemplos.

O referenciado autor recorda que a produção acompanha a mutação da tradição de uma cultura. Isso é, capacitando os indivíduos de uma determinada cultura a produzir eles mesmos, de novo, como novos tipos de sujeitos. (Hall, 2003)

Deste modo, a cultura surda surgiu. Hoje em dia é possível encontrar inúmeras pesquisas e publicações sobre a referida. Vale enfatizar, que em muitas destas pesquisas, a cultura surda está relacionada em apenas um tipo de povo surdo.

A autora Strobel, estabelece em suas pesquisas “povo surdo” como um grupo de:

Sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução lingüística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. (Strobel, 2016, p. 38)

Então, o povo surdo poderia ser os surdos das zonas rurais, os surdos das zonas urbanas, os surdos índios, as mulheres surdas, os surdos sinalizadores, os surdos oralizados, os surdos com implante coclear, os surdos gays e outros. Estes surdos também se identificam com o povo surdo apesar de não pertencerem às mesmas comunidades surdas. (Strobel, 2016, p.39)

A origem do povo surdo, baseada nas citações acima, é a surdez. E não importa a diferença linguística, mas a experiência visual está presente por causa da condição de serem pessoas visuais e não auditivas.

Vale ressaltar também, que no parágrafo anterior, foi dito um grupo (e não “o” grupo”) de povo surdo. Neste enquadramento, é possível deduzir que não há apenas um tipo ou grupo de surdos. Outrossim, podem ser encontrados na internet, trabalhos publicados, redes sociais, representações das próprias pessoas surdas, várias nomenclaturas para se referir a uma pessoa surda como: surdo, pessoa surda, pessoa com deficiência auditiva, implantado, oralizado, usuário do implante coclear/AASI, falantes da língua de sinais, surdo falante da língua portuguesa, dentre outras que são referências mais utilizadas nas comunidades surdas do Brasil.

Para que um surdo seja identificado por uma dessas nomenclaturas acima expostas, vai depender da influência externa e do caminho que o levou a construir a sua identidade, que pode ter sido rotulada por terceiros ou autoidentificada. Mais adiante, no trecho de identidades surdas será possível conhecer um pouco de alguns tipos de surdos e o(s) porquê(s) de cada identificação(ões).

Entretanto, verifica-se que essas nomenclaturas todas são sem dúvidas referências às pessoas que possuem qualquer grau de surdez, desde leve a profunda. Como consta no Decreto n.º 5.626/05, parágrafo único, art. 2º: “Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz”.

Isso significa que: toda pessoa que possui um destes tipos de surdez, são consideradas surdas, independentemente de seu contexto histórico, linguístico, educacional e social.

Vale ressaltar que no contexto da comunidade surda, as pessoas surdas, “não diferenciam uma da outra, de acordo com o grau de surdez, mas o importante para eles é o pertencimento ao grupo, usando a língua de sinais e cultura surda” (Strobel, 2016, p. 29).

Voltando à cultura do povo surdo, sua definição pode ser encontrada através de uma citação famosa da autora Strobel (2016) e muito utilizada em várias pesquisas. A cultura surda é nada mais que:

[...] o jeito de o surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (Strobel, 2016, p. 29)

A palavra chave da cultura surda é *jeito*. O jeito de o surdo entender e se comportar neste mundo. Outra palavra chave: *percepções visuais*. Ela está relacionada à experiência visual das pessoas surdas. Contituindo-se, na base destas palavras chaves, a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (Strobel, 2016). Por conseguinte, a construção de seu conjunto de normas, valores e de comportamentos.

Strobel (2016) explica que há outro fato que influencia a cultura surda, é a ausência da audição e do som, que faz com que os surdos passem a enxergar o mundo através dos seus olhos, ou seja, são seres humanos que possuem um jeito de entender o mundo através das suas percepções visuais (Strobel, 2016).

No passado a cultura surda era transmitida dentro das “associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros” e muitas vezes também “pelos sujeitos surdos de geração passada ou de seus líderes surdos bem-sucedidos” (Strobel 2016, p. 32).

A autora narra que a criação da cultura surda, neste contexto, aparenta estar relacionada com a historicidade da opressão e preconceito, por parte dos ouvintes aos surdos. E que tem como intuito de mostrar à sociedade ouvinte que os surdos são um povo com uma cultura própria que merecem respeito.

A autora ainda explana que a cultura surda é aquilo que penetra na pele do povo surdo, especialmente daqueles que participam da comunidade surda. Entende-se o *sentir na pele*, o fato de que os surdos muitas vezes passam por experiências semelhantes, positivas e negativas. Experiências nunca vivenciadas por uma pessoa ouvinte.

Como qualquer cultura, a cultura surda também possui seus próprios produtos culturais ou traços culturais. E como já explicou Hall (1997), eles são construídos com o tempo, resultando na criação de um conjunto de valores ou significados partilhados. Tais produtos foram categorizados por Strobel (2016) e são conhecidos como artefatos culturais.

Os traços culturais do povo surdo foram produzidos, diferente do que muitos pensam. Na perspectiva de alguns, os produtos da cultura surda são adaptações de produtos da cultura ouvinte, entretanto, as produções são na verdade criadas pelo próprio povo surdo, como, por exemplo, a campanha luminosa, não é uma adaptação, como muitos pensam, mas uma produção do povo surdo. A Libras é uma língua produzida pelos surdos, e não uma adaptação, ou seja, não é uma língua criada para poder se comunicar com os ouvintes. Mas uma língua para que os surdos possam expressar os seus pensamentos e se comunicarem com quem quer que seja. O povo surdo tem sua própria matéria-prima, seus recursos, seu trabalho produtivo para implementar sua cultura.

Na parte dos artefatos culturais Strobel (2016), será aprofundado as categorizações das peculiaridades da cultura surda, ou seja, os artefatos culturais. Lembrando que, apesar destas características exemplificadas a seguir, não significa dizer que todos surdos as utilizem, mas a grande maioria, sim e nem que há apenas essas. Um detalhe importante antes de continuar, Strobel (2016), propôs oito tipos de artefatos culturais, mas a autora Peixoto (2018), propôs acrescentar mais um artefato cultural, o 9º, o religioso.

### **1.1.3. Artefatos culturais**

Artefatos culturais, como já dito antes, são as produções de uma cultura, no caso, a surda e não são apenas objetos ou materiais produzidos por grupos culturais. Nas palavras da autora Strobel, pode incluir também o que “se vê e sente quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, como materiais, vestuário, maneira pela qual um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc.” (Strobel, 2016, p.43,).

Em seu livro (As imagens do outro sobre a cultura surda), a autora apresenta oito artefatos culturais do povo surdo. São eles: artefato de experiência visual, artefato linguístico, artefato familiar, artefato da Literatura Surda, artefato da vida social e esportiva, artefato artes visuais, artefato de política e artefato de materiais. Como dito, sendo posteriormente complementado por Peixoto (2018), o artefato cultural religioso. Desta forma totalizando nove artefatos da cultura surda.

Adiante, será resumido cada um destes mencionados artefatos culturais da cultura surda, apontados pelas autoras Strobel e Peixoto. Conterá com exemplos de

artefatos culturais baseados nas pesquisas de Strobel (2016) e de vários autores que contribuíram com suas pesquisas no livro organizado por Peixoto e Vieira (2018).

### 1) Artefato cultural: experiência visual

O primeiro artefato da cultura surda é a experiência visual. É quando os surdos percebem o mundo através de seus olhos e tudo o que ocorre ao redor deles. Como afirma a autora Strobel: “[...] os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? E para onde queremos ir? Qual a nossa identidade?” (Strobel, 2016, p. 44).

Uma clara explicação sobre este artefato pode ser encontrado em Peixoto et Al. (2018), no qual os autores utilizam a palavra *substituição* para descrevê-lo. É quando um surdo tem a capacidade de substituir as informações sonoras para as informações visuais, com o objetivo de transformar o mundo ao seu favor.

Abaixo seguem alguns exemplos extraídos na publicação de Peixoto et Al., publicada em 2018.

**Quadro 1:** Diferença cultura ouvinte x cultura surda

<b>Cultura ouvinte – Experiências sonoras</b>	<b>Cultura surda – Experiências visuais</b>
Aplausos: Se satisfazem com barulhos das mãos	Aplausos: Se satisfazem com balanço das mãos, pois produzem uma beleza visual”
Nome: A pessoa é batizada com um nome. Por exemplo, <i>Luciano Huck</i> .	Sinal: na comunidade surda a pessoa é batizada com sinal. Sinal se refere a um “nome em Libras”, baseando na característica de uma pessoa. Por exemplo, o sinal de Luciano Huck “os dedos polegar e indicador no nariz, refêrencia ao nariz grande dele”
Recebe Informações/comunicados sonoros no aeroporto, hospital, etc.	Precisa de painéis visuais de informações: em algumas situações necessita ser informado pessoalmente.
Oração/reza com olhos fechados.	Oração/reza com olhos abertos: precisa acompanhar o sinalizante que está orando.
Falar com boca cheia, literalmente: além de não conseguirem, é falta de educação.	Falar com a boca cheia naturalmente: Já que a língua utilizada é a Língua de Sinais, uma língua gestuo-visual.
Casais sentam lado a lado	Ideal sentar frente a frente, para facilitar a comunicação na Língua de Sinais.
Geralmente o cachorro se comunica por meio de	Cachorro se comunica por meio de

latidos.	comportamentos. Por exemplo: quando quer comer, empurra o pratinho, chamar o dono surdo com um toque, etc.
----------	--

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora deste trabalho baseado em Peixoto et Al. (2018)

Como é possível perceber, os surdos vivem no meio de uma sociedade culturalmente baseada no som e não em uma sociedade completamente inclusiva para eles. Contudo, isso não faz com que eles se isolem em suas casas, pelo contrário, muitos deles vivem no meio do povo de experiências sonoras e para que consigam viver neste mundo, majoritariamente ouvinte, os surdos produzem artefatos baseados em sua experiência visual, como os exemplos acima extraídos.

É importante ressaltar que, de acordo com os mesmos autores, a experiência visual pode ser encontrada também nos outros artefatos culturais. Pois tudo que acontece e se relaciona a vida das pessoas surdas, são apoiadas nas Experiências Visuais. Este artefato é base da vivência de mundo do povo surdo, formado por pessoas visuais.

## **2) Artefato cultural: linguístico**

O segundo é o artefato cultural linguístico, de acordo com publicação de Paixão e Alves (2018), baseando em Strobel (2016), afirmam que este artefato tem a língua de sinais como principal característica linguística do povo surdo. Porém, incluem também os sinais emergentes e sinais caseiros. Segundo Almeida-Silva e Nevins (2020), explicam que sinais emergentes, são aqueles que surgem no contexto de uma comunidade surda que se encontra isolada e sem contato com a língua de sinais estável. E os sinais caseiros geralmente são aqueles sinais utilizados no seio de uma família e não é compartilhado com outras pessoas de fora.

Contudo a língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura surda. Este artefato pode ser entendido como o principal marco cultural do povo surdo que se identifica como Surdo, com “S” maiúsculo<sup>8</sup>.

Diferente do que muitos pensam, a língua de sinais não é universal. Por exemplo, a língua de sinais do povo surdo dos Estados Unidos se chama ASL (American Sign Language), a do povo surdo francês se chama LSF (Língua de

<sup>8</sup> Surdos com S maiúsculo é referência àquelas pessoas surdas que se aceitam como surdos, utilizam a Língua Brasileira de Sinais - Libras e a cultura surda.

Sinais Francesa), por aí vai. Cada país possui sua própria língua de sinais, com própria estrutura e regras gramaticais.

**Figura 3:** Sinal de MAMÃE de alguns países



Retirado e adaptado de Moore & Levitan (1993: 38).

**Fonte:** Retirado do “Livro Que língua é essa?”

No Brasil é conhecida como Língua de Sinais Brasileira ou Língua Brasileira de Sinais - Libras. A Libras é reconhecida como a língua das pessoas surdas, uma língua espaço visual que possui suas próprias estruturas e regras gramaticais.

A Libras foi reconhecida oficialmente no ano de 2002 através da Lei n.º 10.436/02. Nas palavras exatas do art.1º, da supracitada lei, sobre a Libras, ela: “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e os outros recursos de expressão a ela associados”.

A consideração da língua de sinais se deu graças à pesquisa do linguísta Stokoe em 1960. Ele “percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças”. (Quadros e Karnopp, 2004, p. 30).

Na figura (Figura 4) abaixo, é notável que a frase “O cachorro come carne” da língua portuguesa também pode ser transmitida em Libras. Ou seja, é possível compartilhar os pensamentos concretos ou abstratos de um enunciador surdo ou ouvinte ao enunciatário, tanto nas línguas orais, como nas línguas de sinais.

**Figura 4:** Frase em Libras**Figura 2:** CACHORRO COMER CARNE*O cachorro come carne.***Fonte:** Royer (2019, p. 26)

Além disso, foi comprovado também, que a língua de sinais passou a ser considerada por vários linguistas como Stokoe (1960), Quadros (2014), dentre outros, como uma língua natural<sup>9</sup> de pessoas surdas. Pois ela possui os critérios para alcançar o status de língua natural.

A Libras, como qualquer língua, possui a necessidade de escrita para registros. Paixão e Alves (2018) em sua pesquisa fala sobre dois tipos das escritas dos sinais, mais conhecidos pela comunidade surda do Brasil.

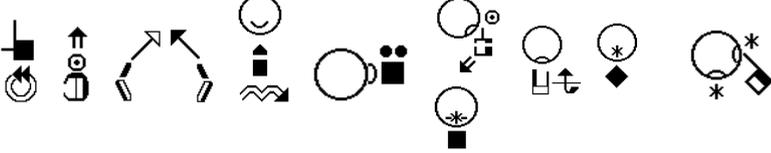
A primeira escrita é conhecida como glosa, muito utilizada nos cursos, aulas de Libras e em transcrições. Ela conta com o apoio da língua portuguesa para a escrita. Por exemplo, para representar os itens lexicais da Libras, são utilizados letras maiúsculas do alfabeto para representar nomes próprios através de datilografia e hifens para separar as letras, “^” para sinais compostos, “@” para marcador de ambos gêneros, para interrogação usa-se “?” no final da palavra, “Ñ” para palavra ou frase em negação, dentre outros (Paixão e Alves, 2018, p.53).

A mais conhecida pela comunidade surda do Brasil e defendida pelos autores Paixão e Alves (2018) é a *SignWriting* (SW), pois segundo eles, este sistema de escrita “melhor representa simbolicamente a Libras sinalizada (Paixão e Alves, 2018, p. 52). Como a Libras é uma língua produzida pelo corpo e percebida visualmente, a SignWriting possui um melhor sistema para esta finalidade de registro. De acordo os mesmos autores, ela tem uma “representação gráfica que

<sup>9</sup> Uma língua em que a pessoa adquire naturalmente sem um treinamento específico é considerada uma língua natural. No caso da maioria dos surdos, a língua de sinais é adquirida naturalmente durante contato com outros surdos ou ouvintes usuários da língua de sinais.

tem suas origens na lógica da visualidade da língua de sinais, registrando seus aspectos fonológicos de forma iconográfica” (p.53).

**Quadro 2:** Exemplos das escritas de sinais apontadas por Paixão e Alves (2018)

Tipos de Escrita de Sinais	Como escreve?
GLOSA	LITERATURA CODA FOCAR CRIANÇA OUVINTE MÃE PAI SURD@
Sign Writing (SW)	

**Fonte:** Elaborado pela autora desta pesquisa

São apenas dois exemplos da pesquisa de Paixão e Alves (2018), mas há vários tipos outros de escritas de sinais, como a EliS (Escrita de Língua de Sinais), VisoGrafia ( Escrita Visiogramada das Línguas) e Sinais, SEL (sistema de escrita da Libras), dentre outras ainda não tão conhecidas, que não serão explanadas aqui.

Em resumo, a língua de sinais, seja ela na modalidade sinalizada ou escrita, possibilita a comunicação entre as pessoas surdas. Não somente isso, mas promove também o desenvolvimento e aquisição dos bens culturais. (Paixão e Alves, 2018, p. 49 e 50). Estes autores ainda afirmam que ela é o instrumento central para todas as atividades humanas dos surdos. Por isso a língua de sinais é considerada um artefato cultural, que faz parte da cultura surda.

### 3) Artefato cultural: familiar

O terceiro artefato é a família, que é entendido como a produção cultural que surge da vivência no núcleo familiar onde existe uma ou mais pessoas surdas. Produção de hábitos, costumes, valores, tradições, crenças, discursos, linguagem específica do contexto.

Strobel (2016), como Francisco (2018) em suas pesquisas ilustram acontecimentos em famílias que possuem filho(s) surdo(s). Apesar de não focar, as

autoras em alguns momentos, relatam sobre experiências de família de codas e kudas<sup>10</sup>.

A autora Strobel (2016) compara algumas situações que acontecem com família de surdos onde todos são ouvintes e com as famílias onde todos são surdos. Mostra alguns contextos que acontecem dentro delas.

De acordo com a autora, quando uma família de ouvintes concebe um filho surdo, a tristeza, preocupações, sentimentos negativos tomam conta. Ao contrário da família de surdos (a maioria), quando um filho nasce surdo, é só alegria.

Isso normalmente acontece porque a família de ouvintes, sempre espera um filho ouvinte. E tem também a questão do desconhecimento da cultura surda. A autora explica que apenas em alguns casos, algum membro da família começa a pesquisar e se informar sobre a cultura surda. Se for este o caso, o filho surdo pode ter um bom vínculo e diálogos entre eles.

Naturalmente, muitas destas famílias, ligam a perda auditiva como problema de saúde, levando-as a procurarem orientações médicas. E quase sempre são levados a encaixarem seus filhos na cultura ouvinte (a chamada *cura*), através de aparelhos auditivos e fonoterapias, sendo orientadas por estes profissionais da saúde, à censura ao uso da língua de sinais como justificativa que esta prejudica o desenvolvimento da língua oral.

Nela, a surdez é vista como doença/déficit/deficiência que necessita ser tratada, visando a sua “cura”. A “cura”, nos casos de crianças que nascem surdas, está relacionada, na maioria das vezes, ao aprendizado da linguagem oral e ao uso de aparelho de amplificação sonora individual (AASI). (Francisco, 2018, p.62)

Strobel (2016, p.61) relata que durante sua pesquisa com os sujeitos surdos de famílias ouvintes, o maior problema encontrado foi a falta de diálogo. Por sua família não saber a Libras, nem ter a noção que esta é a língua ideal para o desenvolvimento de seu filho.

No contexto dos artefatos culturais da família toda surda, Strobel (2016, p.63), mostra que os membros surdos têm comportamentos próprios deles. Como assistir televisão no mudo, com medo de incomodar os vizinhos, usar a língua de sinais a todo o momento, fazer barulho alto ao lavar a louça sem terem a noção,

---

<sup>10</sup> Filhos surdos de pai e/ou mãe surdo.

dentre outros. Estes comportamentos são conhecidos no contexto da comunidade surda e naturalmente repassada dos pais para seus filhos surdos.

Francisco (2018, p.54) em sua publicação fala sobre um comentário muito importante de Strobel (2016), digno de reflexão.

A autora, em sua obra, se refere também à importância de se introduzir a criança surda o mais cedo possível na chamada “cultura surda” para seu pleno desenvolvimento. E também nos remete ao conceito de artefatos culturais, destacando a importância de um deles, o artefato cultural familiar que seria o grande diferencial para o sucesso da educação da criança surda. (p.54)

Concordando com a autora Strobel (2016), que mesmo não parecendo, este artefato familiar é extremamente importante na vida do filho surdo. Pois a construção de sua identidade surda e do seu futuro depende da decisão de seus familiares.

#### **4) Artefato cultural: Literatura Surda**

O quarto artefato é o da Literatura Surda, baseado nos autores Peixoto e Possebon (2018, p. 78) em resumo, afirmam que “Este artefato cultural, denominado de literatura, retrata e recria a realidade de um povo, através de textos literários que se originam das relações humanas”.

Ou seja, no contexto do povo surdo, as produções literárias traduzem as experiências pessoais do povo surdo. Desta maneira, a Literatura Surda “têm na língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presente na narrativa” (Karnopp, 2008, p. 15).

Á vista disso, a autora Strobel (2016) explica que a Literatura Surda é produzida através das:

[...] várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e/ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos, e sobre a valorização de suas identidades surdas. (Strobel, 2016, p. 68)

No próximo capítulo, será explanado detalhadamente sobre a Literatura Surda. Aqui, serão mostrados alguns exemplos de produções literárias da comunidade surda, que são consideradas como artefatos culturais do povo surdo.

Porém, pode-se basear em Strobel (2016, p. 68), alguns exemplos de gêneros da literatura, eles podem ser: poesias, histórias de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais literárias.

Atualmente, as pessoas vivem no mundo das redes sociais, e aparentemente na comunidade surda do Brasil, o *Instagram* é o mais utilizado por eles. Pode-se encontrar várias postagens em vídeos ou *reels* de produções literárias postadas e registradas nesta rede social, por vários autores surdos e ouvintes que fazem parte da comunidade surda. Algumas postagens de conhecimento da pesquisadora foram selecionadas por ela para exemplificar sobre produções da Literatura Surda nas redes sociais.

**Quadro 3:** Exemplos de Literatura Surda, encontradas nas redes sociais

 <p><b>Tipo:</b> Homenagem Poética  <b>Tema:</b> <i>Parabéns Dia dos surdos</i>. É uma homenagem em forma de poesia parabenizando o dia dos Surdos.  <b>Fonte:</b>  <a href="https://www.instagram.com/reel/Cxo_L1hO2Kk/?igsh=NzB2MG1rYWFvbTdo">https://www.instagram.com/reel/Cxo_L1hO2Kk/?igsh=NzB2MG1rYWFvbTdo</a></p>	 <p><b>Tipo:</b> Poesia  <b>Tema:</b> <i>Gaiola</i>. Foi postada no período da pandemia, e pelo interpretação da pesquisadora representa uma realidade da época. Onde muitas pessoas viam o “ficar em casa” como uma prisão.  <b>Fonte:</b> <a href="https://www.instagram.com/p/B-QBa6YJ8C-/?igsh=MW9kcWx0enR0Mzh6OQ==">https://www.instagram.com/p/B-QBa6YJ8C-/?igsh=MW9kcWx0enR0Mzh6OQ==</a></p>



**Tipo:** Humor

**Tema:** Retrato de um fato que acontece com alguns surdos. Através de dramatização em forma de humor, o autor conta sobre uma realidade que acontece com alguns surdos.

**Fonte:**

<https://www.instagram.com/reel/Ci1BbLRJVHk/?igsh=dzlxWd4Mzh6OGpr>



154 visualizações · Curtido por huagu1115  
mauricio.b.vv VV Visual Vernacular  
Mortal Kombat  
#visualvernacular #vv #mortalkombat  
@erwan.vv

**Tipo:** Narração usando Visual Vernacular<sup>11</sup>

**Tema:** *Mortal Kombat*. O autor conta uma cena do filme *Mortal Kombat* utilizando VV.

**Fonte:**

<https://www.instagram.com/p/CAWfNCJJRtj/?igsh=aTlnZTFwd3pycGtv>



3.449 visualizações · Curtido por josemar498  
itacir\_piada Falta acessibilidade tbm tratar cliente  
Q pensa?, vc já aconteceu??  
Ver todos os 71 comentários

**Tipo:** Narração

**Tema:** *Narrando uma realidade que aconteceu com ele*. Ele conta um fato que lhe aconteceu de forma humorada utilizando Classificadores

**Fonte:**

<https://www.instagram.com/tv/Cjk6IKGA0M9/?igsh=emt6ZGt6bGU5aWF4>



Curtido por estermilittao e outras 84 pessoas

**Tipo:** DRAMA<sup>12</sup>

**Tema:** *Viela Sem Via: A Solidão da MÃO Preta*.

**Fonte:**

<https://www.instagram.com/p/CvqhgSQuCib/?igsh=MTVhcmozczgyMzFoZw==>

**Fonte:** Elaborada pela autora, com base em vídeos extraídos do *Instagram*.

<sup>11</sup> É uma forma de contar usando formas de gestos para criar imagens visuais, como se fosse uma contação em 3D. Este tipo será estudado na seção da Literatura Visual.

<sup>12</sup> O gênero Drama é um texto literário para dramatizar, representar.

São apenas alguns exemplos, pesquisados e encontrados pela autora, para exemplificar ao leitor sobre este artefato cultural. Basicamente essas obras literárias do Quadro 3 foram produzidas em Libras e por pessoas surdas, com temas e gêneros diversificados. Isso comprova que, na Literatura Surda existe uma variedade, além destas, de produções literárias que possuem características da cultura surda. Sem falar que a Literatura Surda, tem produções em livros físicos ou digitais, quadrinhos, cordel, em grandes variedades.

### **5) Artefato cultural: vida social e esportiva**

O quinto artefato é sobre a vida social e esportiva. Consiste na vivência, enquanto comunidade, na sociabilização em eventos sociais e esportivos, em pontos de encontros específicos. Strobel (2016) cita alguns exemplos deste tipo de artefato cultural, “tais como casamentos entre os surdos, festas, lazeres e atividades nas associações de surdos, eventos esportivos e outros” (Strobel, 2016, p. 74).

Além disso, a autora Strobel (2016), esclarece que as pessoas surdas quando estão em apuros, em qualquer contexto social, os mesmos desenvolvem alguns estilos especiais para se sair bem dessas situações.

Por exemplo, no contexto social da atualidade, pode se entender que uma pessoa surda quando vai a um supermercado, se for pagar com o cartão, o surdo mostra o cartão ao caixa, comunicando que vai pagar com o mesmo. E para saber se vai pagar em crédito ou débito, o surdo olha para a tela e aponta o tipo de pagamento. Isso é uma maneira de um surdo sair de uma *situação em apuro*, já que a maioria dos caixas (ouvintes) não sabe a Libras, e muitas vezes nem estão preparados para interagirem com surdos sinalizantes.

Outra característica deste artefato cultural social, que merece consideração, versa sobre o padrão comportamental habitual do surdo, pois acontece até hoje. Strobel (2016, p. 75) afirma que a maioria dos surdos se casam com membros pertencentes à comunidade surda, seja ouvinte, intérprete da língua de sinais ou surdo.

Outros fatos importantes consistem em os surdos se preocuparem apenas se a pessoa é surda ou ouvinte, e não com o grau de surdez da mesma. Tem também a tradição de batizar os nomes de seus membros em língua de sinais, explica Strobel (2016).

Há também a situação dos surdos geralmente, serem os últimos a saírem do restaurante, encontro de surdos em um ponto habitual uma vez por semana, etc. São comportamentos culturais próprios do povo surdo.

A vida social do surdo está relacionada à sua participação em associações, festas, bailes de associações, misses surdas, e eventos esportivos.

Em relação aos eventos esportivos, hoje tem a CBDS – Confederação Brasileira de Desportos de Surdos<sup>13</sup>, que em parceria com as Federações de Desportos de Surdos de cada estado, e com as associações de surdos, trabalham para promover esportes para os surdos brasileiros.

Muitos eventos esportivos já foram promovidos durante anos, porém, no ano de 2021, a 3º Surdolimpíadas, marcou a história da comunidade surda brasileira. Se comparado a outros eventos anteriores, este teve mais surdoatletas<sup>14</sup> participantes, devido apoio do Governo Federal nas passagens e hospedagens. Foi considerado pela CBDS, como um mega evento nacional, com o objetivo de preparar as seleções brasileiras para a Deaflympics, agendado para Maio de 2022, também no Brasil, em Caxias do Sul, contudo desta vez, se tratando de um evento internacional.

**Figura 5:** Cartaz da Surdolimpíadas 2021



**Fonte:** <https://cbds.org.br/cbds/competicao/37-surdolimpiada-nacional-2021>

<sup>13</sup> Informações podem ser encontradas no site da CBDS: <https://cbds.org.br/cbds>.

<sup>14</sup> Termo designado aos atletas que são surdos.

Em 2023, aconteceu a 4ª Surdolímpiadas, porém, não marcou como a anterior, uma vez que para esse evento não houve verba do Governo Federal, inclusive, algumas modalidades esportivas foram canceladas por este motivo.

A Deaflympics é um evento mundial e foi outro mega-evento que também marcou a comunidade surda brasileira. Seu marco se deve ao fato de ter sido sediada pela primeira vez no Brasil e contou com a participação de muitos surdoatletas de vários países e várias modalidades esportivas. Aconteceu em Caxias do Sul/RS em maio de 2022, o evento durou 15 dias.

**Figura 6:** Logotipo da Deaflympics



**Fonte:** Imagem do Google

Estes são apenas exemplos de eventos esportivos que acontecem na comunidade surda. Vale ressaltar que inicialmente as associações de surdos tinham como objetivo, espaços de recreação e lazer, só posteriormente surgiu à necessidade de discursos políticos e de outras práticas esportivas. E que na época as competições focavam apenas no futebol (Strobel, 2016, p. 79).

## **6) Artefato cultural: artes visuais**

No sexto artefato tem as artes visuais, que busca focar nas criações artísticas que sintetizam as emoções, histórias, subjetividade e cultura do povo surdo. Com o objetivo de divulgar as crenças do povo surdo ao mundo através da arte.

Como explica Strobel (2018, p. 82): “O artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de “olhar” e interpretar a cultura surda”.

A autora Strobel (2018) afirma que há muitos artistas surdos que fazem desenhos, pinturas, esculturas e outras manifestações artísticas e que nas suas criações artísticas podem ser encontradas beleza, equilíbrio, harmonia e também revoltas com muitas discriminações sofridas pelo povo surdo, como cenas de opressões ouvintistas<sup>15</sup> e outras.

Lima e Peixoto (2018, p. 121), autoras de “A beleza de um mundo visual”, publicado em 2018, ressaltam que há vários sites para consulta sobre as produções artísticas de pessoas surdas e inumeros trabalhos culturais destas comunidades podem ser encontrados, principalmente, no famoso site [culturasurda.net](http://culturasurda.net), do criador Hugo Eijo.

Como já explicado, no início da pandemia, as redes sociais se fortaleceram muito no mundo todo, especialmente nas comunidades surdas. Muitos surdos talentosos começaram a se revelar e a ganhar seguidores na comunidade surda e afora.

No *Instagram*, a rede social mais utilizada pela comunidade surda, há muitos surdos que compartilham seus trabalhos de desenhos, pinturas, esculturas, dentre outras produções artísticas. A seguir seguem alguns exemplos de manifestações artísticas feitas por surdos:

#### Quadro 4: Exemplos de Artes Visuais

 <p>Instagram post by @kilma_coutinho showing a sculpture of a large ear with a branch-like structure extending from it. The post has 40 likes and a caption in Portuguese: "Minha expressão! Ver todos os 5 comentários".</p>	<p>Print de uma escultura feita pela artista nordestina Kilma Coutinho, extraído do intagram @kilma_coutinho</p>

<sup>15</sup> “O ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual ouvinte sempre está em posição de superioridade.” (Perlin, 2015, p. 59)

 <p>22 curtidas kilma_coutinho Marcador artístico sobre papel canvas 16x22cm 25 de setembro</p>	<p>Print de uma pintura feita pela mesma artista nordestina Kilma Coutinho, extraído do intagram @kilma_coutinho</p>
 <p>476 visualizações • Curtido por alliceane1_01s joaozinho.deaf Meu sinal é esse "B" Ver todos os 13 comentários</p>	<p>Desenho produzido por João Filho, um desenhista surdo, nordestino. Instagram: @joaozinho.deaf</p>
 <p>Curtido por netinhovy e outras 378 pessoas ramonlucas028 Tikinho fez (Sinal de Ucrânia) Nino fez (Sinal de Nino dele)</p> <p>Meu coração muito com pessoal de Ucrânia pra sempre! Eu sempre apoio por pessoas ucranianos são forças pra sempre..</p>	<p>Desenho produzido por Ramon Lucas, surdo de Belo Horizonte. Criador do Mascote da 24º Deaflympics</p>

**Fonte:** Elaborada pela autora com informações retiradas do *Instagram*.

São alguns exemplos de muitas artes feitas por diversos surdos. Observando essas imagens, podemos encontrar alguns detalhes que representam a pessoa surda ou a sua cultura. Por exemplo, nas artes de Kilma, se percebe que quase todas possuem um detalhe que representa a pessoa surda, como orelha ou mão. Já o desenho de João, mostra o sinal dele. Muitas pessoas da comunidade surdas, gostam de ter um desenho, representando o seu sinal. A arte de Lucas é de

um cartaz da 24<sup>o</sup> Deaflympics, mostrando o apoio da equipe do evento sobre a guerra que a Ucrânia estava sofrendo na época (2022). No desenho pode ser percebido detalhes que representam a cultura surda, como, por exemplo, o mascote da 24<sup>o</sup> Deaflympics está fazendo o sinal dele e ao lado o personagem é o próprio desenhista e ele esta sinalizando o sinal da Ucrânia.

Além, destas produções artísticas, há a música. As autoras Lima e Peixoto (2018) em sua publicação, falam sobre a música dentro do artefato cultural de artes. As autoras explicam que Strobel (2016), alega que a música não faz parte da cultura surda. E complementam ainda que a supracitada autora esclarece que a música pode não ser “originada na cultura surda, mas surge de uma relação intercultural com a comunidade ouvinte, nem todos os sujeitos surdos gostam de música e isto também deve ser respeitado” (Strobel, 2016, p. 88).

Além disso, conclui-se que apesar de nem todos os surdos gostarem de música, há surdos que gostam, que adaptam a música sonora, para música visual, com sinalizações, vibrações e efeitos visuais. Graças às redes sociais, é possível encontrar surdos que gostam de música. Tal como um influencer digital surdo, Gabriel.

**Figura 7:** Gabriel interpretando a música viral de Luiza Sonza, “Cachorrinhas” (2022)



**Instagram:** @Isflocos

Gabriel é surdo, filho de surdos, e é intérprete de músicas, além de compositor. Segundo Araújo (2020, p. 25), Gabriel “começou a se envolver no ramo de tradução musical, começando pela tradução de hits do Carnaval de 2019 até uma música, de autoria própria”. O seu desempenho é muito elogiado na comunidade surda. No seu *Instagram* ele publica interpretações de músicas recém-lançadas por famosos como Luiza Sonza e Anitta. Além dele, pode encontrar também surdos DJ profissionais.

## **7) Artefato cultural: político**

O sétimo artefato cultural apresentado pela autora é o político, a autora Strobel (2016) o define como um artefato “que consiste em diversos movimentos e lutas do povo surdo pelos seus direitos” (2016, p. 88).

Silva e Peixoto (2018, p. 144), explicam que a construção desta política começa quando as pessoas surdas se aceitam como Surdos, que possuem identidade surda e cultura surda, e são aceitos em sua comunidade linguística. Assim surge a coletividade, que milita por seus direitos.

Strobel (2016, p. 88) narra que ao longo dos anos, os surdos transmitiam suas tradições por associações, que inicialmente tinham como objetivo exclusivamente natureza social, como ajudar os outros em caso de doença, morte e desemprego, fornecer informações, incentivos através de conferências, etc.

Com os avanços de hoje, atualmente os surdos começaram a se juntar em “reuniões e assembleias para compartilhar dos interesses comuns, lutando pelos seus direitos judiciais e de cidadania, em uma determinada localidade, geralmente em uma sede própria, alugada, ou cedida pelo Governo” (Strobel, 2016, p. 89).

Essa mesma afirmação pode ser ratificada na pesquisa de Silva e Peixoto (2018):

é possível perceber que as associações de surdos são espaços organizados de iniciação e desenvolvimento político dos integrantes das comunidades surdas, visto que através de discussões e ações voltadas para esta parcela da sociedade suas especificidades são evidenciadas e a luta pela garantia dos direitos cresce e ganha aos poucos uma maior repercussão. (Silva e Peixoto, 2018, p. 154)

Todavia, a política do povo surdo pode ser encontrada também em outras organizações da comunidade surda, como ONGs, empresas, instituições voltadas para o público surdo, como explica Silva e Peixoto (2018). As autoras dão um exemplo da FENEIS – Federação Nacional de Educação de Surdos, essa instituição marcou muito o contexto político da comunidade surda. Em parceria com as associações, já foram adquiridas muitas lutas e vitórias ao longo dos anos, graças a incansável militância do povo surdo.

A marcante vitória foi conquistada em 2002, quando as referidas organizações lutaram pela legalização da Lei n.º 10.436/02 e do Decreto n.º 5.626/05. A partir dessas conquistas, foram abertas muitas portas, para que a libras fosse aceita em vários espaços e assim formar professores de Libras, Intérprete de Libras, acessibilidades em locais públicos, dentre outros.

Recentemente, a política surda aparentou ampliar seu conceito. Antes era vista apenas nos líderes e militantes surdos. Porém, com o passar dos anos, uma parcela de surdos começou a entrar na política como representantes políticos (candidatos, vereadores, deputados, etc.).

De acordo com a pesquisa realizada foi verificado que em reflexo do desenvolvimento político da comunidade Surda Brasileira em 2012 algo muito interessante e pioneiro aconteceu: o significativo número de representantes da comunidade surda que se candidataram em diversos estados do Brasil. (Silva e Peixoto, 2018, p. 146)

As autoras Silva e Peixoto (2018) ainda explicam que esses representantes políticos surdos representam “assim sua comunidade de origem em uma instância maior” (Silva e Peixoto, 2018, p. 146). Apesar de ter muitos candidatos surdos no Brasil todo, poucos são eleitos.

Contudo, com o passar dos anos, a representatividade surda nos governos de esfera municipal, estadual e federal tem aos poucos, conquistado seu espaço, seja na participação de comissões, ou desempenhando a função de assessoria, ou assumindo cargo de gestão.

## 8) Artefato cultural: materiais

O artefato cultural material é o último escrito pela autora Strobel (2016). São produções materiais que auxiliam a acessibilidade na vida cotidiana de sujeitos surdos. Para Saúde e Peixoto “tais artefatos beneficiam até mesmo as pessoas ouvintes, pois ao gerar acessibilidade todos são contemplados” (Saúde e Batista, 2018, p. 167).

Há muitos materiais úteis para o povo surdo, mas não dá para falar de todos aqui. Ainda segundo as autoras Saúde e Batista (2018, p. 177) também tem a questão dos avanços tecnológicos, disposições das Leis, de Libras, da acessibilidade, do decreto e outros que influenciam nas produções de materiais culturais para o povo surdo.

Apesar de não ser mais utilizado na atualidade, temos um exemplo de material muito famoso na comunidade surda do Brasil e do mundo todo, o TDD (*Telephone Device of the Deaf*). Pois ele foi feito especialmente para pessoas surdas. O Pager é outro exemplo de material não mais usado atualmente, nem foi criado por causa dos surdos, mas muito útil para eles na época.

Outros exemplos de materiais escritos tanto por Strobel (2016), como por Saúde e Batista (2018) que são antigos, mas continuam a utilizar até hoje: campanha luminosa (para casa ou escola).

Há também materiais práticos em desenvolvimento que beneficiam pessoas surdas, tal como “babá eletrônica que, na verdade é uma pulseira vibratória que capta, apenas, o choro do bebê para os pais surdos” (Saúde e Batista, 2018, p.174).

Vale salientar que os materiais não são apenas tecnológicos, de acordo com Saúde e Batista (2018), os didáticos também fazem parte, pois contribuem na vida do povo surdo. A produção de imagens, vídeos, recursos didáticos-metodológicos, dentre outros, são exemplos que o seu uso contribui muito na educação das pessoas surdas.

O celular, até o momento, demonstra ser uma das melhores tecnologias já criadas e que tem beneficiado imensamente as pessoas surdas, uma vez que tornou a comunicação entre surdos/surdos e surdos/ouvintes extremamente fácil e acessível, principalmente no mundo dos ouvintes. Em relação ao benefício da interação com os ouvintes, há vários aplicativos que permite essa comunicação. Por

exemplo, *Hand Talk*, *ProDeaf*, *VLibras*, dentre outros. Através de avatares ou escritas, esses aplicativos traduzem a Libras para o português ou vice-versa.

Além disso, há aplicativos que permitem que os surdos façam chamadas em vídeo, conhecido como videochamada, para conversar com outras pessoas em Libras. O atendimento virtual por meio de intérprete de Libras, como o ICOM<sup>16</sup>, também é um exemplo.

Saúde e Batista (2018) mostram que a legenda e janela em Libras também são consideradas como materiais que beneficiam o povo surdo, desde que o tamanho atenda a visualização ideal para os surdos.

Estes são apenas alguns exemplos de materiais tecnológicos ou não, que contribuem, facilitando a vida dos surdos. Independentemente a quem o material criado é destinado, desde que beneficie a vida do povo surdo, é considerado parte deste artefato cultural.

## **9) Artefato cultural: religioso**

O último artefato cultural é o religioso. A religião também pode ser encontrada no povo surdo. Peixoto e Possebon (2018, p. 193), explicam que as religiões do povo, não se resumem apenas em “disponibilizar um intérprete de Língua de Sinais, e reservar cadeiras preferenciais”.

Os autores narram que no início eram os ouvintes que ministravam as religiões ao povo surdo, mas atualmente, os ouvintes estão dando palco aos surdos, pois há surdos “pastores, padres, missionários, professores de ensino religioso e seminaristas, atuando efetivamente nas missas, cultos e encontros religiosos, escrevendo assim um novo cenário religioso com suas próprias mãos” (Peixoto e Possebon, 2018, p. 193).

A participação dos surdos difere da dos ouvintes. Os autores retratam alguns exemplos de rituais adaptados aos surdos nos cânticos, nas orações, rezas ou meditações. Os cânticos dos surdos são expressos “através das mãos, e de expressões corporais” (Peixoto e Possebon, 2018, p. 194). Afirmam também que os surdos compõem músicas baseadas na sua cultura e experiências visuais.

---

<sup>16</sup> É uma Central de Intermediação entre o surdo e ouvinte, um serviço de tradução em Libras/português para surdos em tempo real através de videochamada. É muito utilizado por muitos surdos do Brasil atualmente.

Em relação aos instrumentos, Peixoto e Possebon explicam que os surdos acompanham as vibrações e que há um instrumento muito utilizado pelos surdos em algumas religiões, o instrumento de percussão chamado de “surdo” devido a sua forte vibração.

No ritual meditação, reza ou de oração (coletiva), os autores mostram três versões diferentes que os surdos adotam ao orar em círculo:

No primeiro formato, quando estão em templos organizados em cadeiras ou bancos enfileirados e o condutor da reza ou oração solicita que todos fiquem de joelhos, na grande maioria dos templos cristãos, os ouvintes possuem o hábito de ajoelharem de costas para o altar e apoiar no acento da cadeira. Porém no caso de um sujeito surdo, para acompanhar a oração ele não poderá se posicionar de costas e nem fechar os olhos, como a maioria que está ouvindo mesmo estando nesta posição. O sujeito surdo deverá se posicionar de frente para visualizar a sinalização da oração e assim acompanhar este momento. Na formação em círculo o surdo que está direcionando este momento de oração fecha os olhos e fica com as mãos livres para se expressar em língua de sinais, os demais ficam de mãos dadas e olhos abertos para ver a sinalização. Os dois integrantes do círculo, que estão ao lado do sinalizador, colocam uma de suas mãos sobre o ombro dele, pois o mesmo não pode dar as mãos, por estar movimentando-as na sinalização. A última versão encontrada consiste na união dos pés ao invés das mãos, pois assim todos os surdos que estão no círculo poderão, por exemplo, em uníssono recitar a oração do pai nosso, ou simplesmente falar “amém” concordando com a pessoa que está conduzindo um momento de oração espontâneo. (Peixoto e Possebon, 2018, p. 195)

Há também as expressões artísticas no contexto religioso do povo surdo, como “músicas, danças, apresentações teatrais, produções filmicas, produções literárias (poesias, narrativas, traduções e produções de livros), dentre outras” (Peixoto e Possebon, 2018, p. 196).

Como é notória, a produção cultural religiosa do povo surdo, assim como todos os artefatos anteriormente citados são produzidos com base na experiência visual de mundo, primeiro artefato cultural deste povo.

Esses são os nove artefatos culturais pontuados pelas autoras Strobel e Peixoto. Porém, existe a possibilidade de surgir novos artefatos culturais não registrados ou descobertos, como foi o caso do artefato religioso. Os artefatos culturais possuem uma relação com as Identidades Surdas, (que serão explicadas a seguir), por conseguinte as identidades dos sujeitos da pesquisa dessa tese, os

kodas. Pois os artefatos culturais do povo surdo possuem uma influência na construção das identidades. Para melhor compreensão, é só seguir com a leitura.

#### **1.1.4. Identidades surdas (Diversidade surda)**

Fundamentado nas produções culturais do povo surdo, na seção anterior, pode-se afirmar porque os artefatos são tão importantes para eles, pois é através deles que as suas identidades surdas são construídas e, conseqüentemente, ou melhor, naturalmente, nessa mesma base, as diversas identidades dos kodas/codas.

Então, muitas vezes, a formação de identidades surdas é construída a partir de comportamentos transmitidos coletivamente pelo “povo surdo”, que ocorre espontaneamente quando os sujeitos surdos se encontram com os outros membros nas comunidades surdas. (Strobel, 2016, p. 40)

A partir de agora, será falado sobre as identidades surdas, para ter uma melhor ideia da diversidade de surdos, mesmo dentro das comunidades surdas. Inclusive para possibilitar o entendimento sobre a diversidade de identidades dos kodas/codas.

Apesar de vários codas serem identificados como pertencentes à comunidade de surdos, fica muito evidente que as experiências vivenciadas por estes filhos de pais surdos apresentam muita diversidade. Alguns filhos de pais surdos conversam com seus pais sem usar a língua de sinais, gesticulam a boca de forma a garantir uma maior visibilidade, misturam os sinais com a fala ou usam a língua de sinais. (Quadros, 2017, p. 67)

A princípio, as identidades, também chamada por Silva (1998) de identidade cultural ou social, se referem às características dos grupos sociais, “aquilo que eles são, entretanto, é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos” (Silva, 1998, p.58).

A pesquisa sobre identidades surdas foi primeiramente publicada no Brasil pela autora surda Gladis Perlin em 2002. Ela buscou basear as identidades surdas na teoria de Hall (1997). A mesma afirma que: apesar de Hall não dar um conceito a identidade, o autor cita três exemplos de identidades presentes na história: o

iluminista, o sociológico e o da modernidade<sup>17</sup>. Esse último é o que foi usado pela autora em sua pesquisa.

A intenção da autora ao publicar sobre as identidades surdas, se deve ao fato de que na época havia muitos estudos sobre “surdo tendo como ponto de partida a deficiência, propondo a correção da fala, a oralização” (Perlin, 2015, p. 52). Na época a autora tinha como objetivo quebrar as verdades prejudiciais publicadas (impostas) pelos ouvintes. Uma posição que a autora tomou para o bem de sua pesquisa, foi se “afastar do conceito de corpo danificado” imposto pelos ouvintes, visando chegar “a uma representação da alteridade cultural” (Perlin, 2015, p. 53).

Antes de continuar a leitura, é importante ter em mente que a identidade de um indivíduo é algo em movimento, como Perlin ratifica: “A identidade é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e empurrar o sujeito em diferentes posições” (Perlin, 2015, p. 52).

Abaixo seguem sete identidades surdas elaboradas e publicadas na Revista da Feneis por Gladis Perlin em 2002:

**Quadro 5 – Identidades Surdas de Gladis Perlin (2002)**

<b>Categorias de identidades surdas</b>	<b>Identificação</b>
<p>Identidades surdas (Identidade Política)</p>	<p>Os surdos que fazem o uso da experiência visual no seu dia a dia. <b>Características:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Surdo que se aceitam como surdo;</li> <li>• Usam a Língua de Sinais;</li> <li>• Participam de movimentos relacionados a lutas por direitos linguísticos, acessibilidades, dentre outros;</li> <li>• Tem o português como segunda língua;</li> <li>• Utilizam intérprete de Libras;</li> </ul>
<p>Identidades surdas híbridas</p>	<p>Surdos que nasceram ouvintes e com o tempo se tornaram surdos. (p.15) <b>Características:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Alguns continuam utilizando a língua oral, porém sempre preferindo a Libras;</li> <li>• Com o tempo passam a utilizar a Libras como</li> </ul>

<sup>17</sup> De acordo com Hall, é quando o sujeito possui diferentes identidades devido à influência das mudanças estruturais, institucionais e culturais.

	<p>sua primeira língua, deixando o português em segundo plano;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Passam a necessitar de intérprete de Libras, legendas, sinais na TV;</li> <li>• Começam a participar dos movimentos dos surdos;</li> <li>• Usam tecnologia de surdos.</li> </ul>
<p>Identidades surdas flutuantes</p>	<p>Surdos que podem flutuar nas duas comunidades linguísticas, porém sem construir um elo de pertencimento. “Não conseguiram identificar-se como Surdos, sentem-se sempre inferiores aos ouvintes; [...] há alguns que vivem no desejo contínuo de serem ouvintes” (p.16)</p> <p><b>Características:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não aceitam a Língua de Sinais;</li> <li>• Não aceitam intérprete de Libras;</li> <li>• Persistem em utilizar aparelhos auriculares;</li> <li>• Não participa de lutas e movimentos dos surdos.</li> </ul>
<p>Identidades Surdas Embaçadas</p>	<p>Surdo com representação estereotipada da surdez ou desconhecimento da surdez como questão cultural.</p> <p><b>Características:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvintes determinam seus comportamentos;</li> <li>• São vistos como incapazes;</li> <li>• Não sabe nem usar a língua de sinais, nem o português;</li> <li>• Não consegue captar representação da identidade ouvinte, ou compreender a fala;</li> <li>• Sua comunicação por sinais às vezes é incompreensível;</li> <li>• Não sabe nem dizer o básico: seu nome, onde mora, idade, etc.</li> </ul>
<p>Identidades Surdas de transição</p>	<p>Surdos que foram mantidos sob cativo da hegemônica experiência ouvinte que passam para a comunidade surda. (p.16) Em resumo, “des-ouvintização”.</p> <p><b>Características:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Primeira comunicação do surdo é a comunicação visual/oral;</li> <li>• Não tinham contato com a identidade surda, e vivem agora o momento de trânsito de uma identidade para outra;</li> <li>• Após o primeiro contato com a cultura surda, passa a rejeitar a identidade ouvintista;</li> <li>• Começa a adotar a comunicação</li> </ul>

	visual/sinalizada;
Identities Surdas de Diásporas	<p>Estão presentes entre os Surdos que passam de um país para outro, ou de um Estado brasileiro a outro.</p> <p><b>Características:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Surdo carioca, Surdo brasileiro, Surdo norte-americano, etc.</li> </ul>
Identities intermediárias	<p>Surdo que tem outra identidade, pois apresenta uma característica que não lhes permite a identidade Surda.</p> <p><b>Características:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Possui algum resíduo auditivo;</li> <li>• Os aparelhos auditivos são importantes para eles, como a oralização;</li> <li>• Não usam nada relacionado a Língua de sinais.</li> </ul>

Fonte: Revista da Feneis nº14

Como visto, não há uma homogeneidade de identidades das pessoas surdas, nem sequer essas identidades propostas pela autora são suficientes para identificar todos os sujeitos surdos.

as identidades surdas... podem estar em constante negociação, bem como, podem provocar outras identificações surdas. Tais identificações partem do contato com a diferença e a diversidade experiência em uma modalidade linguística comum à condição de ser surdo (Lopes, 2015, p. 114)

Embora a autora principal das identidades surdas retratar sobre sete identidades surdas, a mesma ainda assegura que “A Identidade Surda não é estável, está em contínua mudança” (Perlin, 2002, p. 16).

Os autores Lopes (2015), como Romário (2018), também concordam sobre a definição de identidade ao afirmarem que “Nenhuma identidade está pronta, acabada ou possui um grau de autenticidade e normatividade. Todas as identidades são negociadas, pois são frutos de discursos e da transitoriedade da linguagem” (Lopes, 2015, p. 114).

O autor Lucas Romário (2018) realizou estudos sobre a cultura, diferença e construção de identidades no contexto da pedagogia surda, comprovando mediante três professoras surdas, que têm a Libras como sua primeira língua, que independentemente disso, as mesmas possuem contexto histórico, educacional e social diferentes. E ainda afirma que: “Isto mostra que, dentre os seus múltiplos

traços identitários e as posições que ocupam socialmente, a diferença surda é um fator marcante naquilo que elas consideram ser pessoa” (Romário, 2018, p. 72).

O autor, em sua pesquisa, além de apontar a surdez como uma característica dos sujeitos pesquisados, afirmou que mulheres, usuárias da língua de sinais e professoras também, foram características em comum apontadas (Romário, 2018). Porém, essas características não determinam que elas sejam iguais, o motivo é o contexto histórico, familiar e educacional de cada uma, que pode causar estranhamento e também influência na construção de identidade das mesmas.

Diante disso, conclui-se que os surdos possuem características diversificadas. Ou seja, baseado em Scott (1999), Romário (2018) concorda que: ao pensar no povo surdo, que é uma “diferença” (diante dos olhos da sociedade ouvintista), é necessário pensar nas “diferenças dentro das diferenças.” Em consoante com Romário (2018), a cultura surda não pode ser interpretada como uma monocultura, mas como uma multiculturalidade.

É inegável que no início da publicação de Perlin (2002) sobre as identidades surdas, foi muito importante para a comunidade surda, tanto social como acadêmica, uma vez que, possibilitou muitas pessoas a entenderem que o povo surdo não é homogêneo, como também, contribuiu na construção de muitas novas identidades surdas, assim uma diversidade dentro da comunidade surda. Ou por outra, contribuiu para que a comunidade pudesse chegar na diferença, dentro das diferenças.

Diante desta perspectiva, ao longo deste texto, e do tempo moderno, em vez de utilizar a terminologia identidades surdas, o ideal seria utilizar o termo *diversidade surda*, devido à diversidade de identidades.

Vale reforçar que a teoria das identidades surdas, não deve ser descartada, a mesma continua ativa em muitos campos de estudos. Nesta pesquisa ela será utilizada como base, pois o seu uso ajudará a ter uma noção de qual grupo um surdo faz parte, principalmente, se do grupo de surdos sinalizantes ou surdos oralizados. Porém, sem generalizar as identidades e sempre considerar o contexto histórico, linguístico, familiar, educacional, cultural de cada surdo e possibilidades de mudanças de identidade.

Além disso, essa consideração ajudará em muitos sentidos, como, por exemplo, ao ter uma ideia de qual o contexto histórico e conhecimento linguístico de

uma pessoa surda, o profissional intérprete de Libras poderá trabalhar no nível de conhecimento desta pessoa surda, ou no caso de um professor, conhecendo um pouco do perfil (tipo de identidade) de um aluno surdo, ele terá uma ideia de qual metodologia adotar no seu processo educacional. Mas nunca será possível identificá-lo com exatidão.

Tem uma frase famosa do filósofo Heráclito de Éfeso: “Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou...” Essa citação se encaixa perfeitamente neste contexto. A identidade de um surdo hoje pode ser uma, amanhã pode estar modificada.

Entretanto, esta pesquisa será fundamentada, em especial, na teoria da Identidade Surda, que terá como principais características identitárias, a surdez e a Libras. Além de ter uma noção da diversidade surda, que será relevante no decorrer do trabalho, pois essa diversidade influencia na herança linguística e cultural das pessoas surdas aos seus filhos kotas, os sujeitos deste trabalho. Isso dá a entender, que o desenvolvimento linguístico e cultural das crianças kotas dependem da *identidade surda* de seus pais.

Além dos kotas adquirirem a cultura surda, utilizarem os artefatos culturais do povo surdo e terem sua identidade construída na mesma base dos seus pais surdos, o seu contato e convivência com o mundo dos ouvintes, também possui influência no desenvolvimento da sua construção identitária. Na seção abaixo será possível ter uma ideia de como o mundo ouvinte pode influenciar nesse contexto.

## **1.2. Arroz - o mundo sonoro dos ouvintes (e dos surdos que ouvem)<sup>18</sup>**

Aqui será falado sobre a referida cultura ouvinte. Até o momento não há estudos profundos sobre essa cultura. Talvez, por ser a cultura natural do mundo, do povo majoritário, considerado por muitos como o padrão do mundo, na perspectiva deles, as diferenças não são eles. Essa seção pode não fazer sentido para muitos leitores ouvintes como afirma Romário (2018):

---

<sup>18</sup> Nomenclatura dada por Paula Pfeife Moreira em 2017, de acordo com ela, um surdo que ouve é uma pessoa com algum grau de surdez, que pode ouvir através da tecnologia dos aparelhos auditivos, implantes cocleares e próteses auditivas implantáveis. A maioria dos surdos considerados surdos que ouvem opta viver no mundo dos ouvintes.

Difícilmente as pessoas ouvintes se constituíam assim, porque essa condição (ser ouvinte) faz parte do padrão societário, sendo assim de forma invisível. Talvez por isso seja difícil, para elas endenterem essa definição cultural das pessoas surdas. Somado ao fato de que na sua cultura isso é pouco evidenciado, embora tenha importância radical, as pessoas ouvintes não têm como se apropriar da experiência identitária das pessoas surdas. (Romário, 2018, p. 34 e 35)

Entretanto, há menções sobre a cultura ouvinte, em alguns artigos, quando esses estão relacionados como uma cultura dominante em relação à cultura surda, o que não é o caso dessa pesquisa.

Nessa ótica, fica estabelecida a distinção entre uma "cultura minoritária", a dos surdos, e uma "cultura majoritária", a dos ouvintes, ou seja, a grande distinção entre as culturas envolvendo indivíduos ouvintes e surdos reside na existência de "uma cultura ouvinte" de um lado, e de "uma cultura surda" de outro. (Bueno, 1998, p. 03)

A denominação cultura ouvinte é normalmente utilizada no contexto da comunidade surda. Ela pode ser entendida como o mundo dos ouvintes, é tudo o que acontece no mundo sonoro, o lado padrão da sociedade, onde o normal é ter audição e a modalidade de fala oral. Muitas coisas são criadas e produzidas pensando no povo ouvinte ou padrão.

Mesmo não fazendo sentido aos ouvintes, pelo menos ajudará a ter uma ideia de que na perspectiva do povo surdo, o povo ouvinte é outro mundo para eles, um povo diferente, que possui uma cultura própria, diferente da sua. E esse contexto, ajudará também a entender o porquê do koda ou coda viver em dois mundos e possuir duas culturas.

Por falta de publicações sobre esse contexto, o desenvolvimento do assunto foi feito em paralelo com os artefatos culturais apresentados anteriormente e podem ser encontradas as seguintes diferenças:

### **1) Experiência Sonora e Visual**

A experiência principal de vivência do mundo ouvinte é baseada no som. Como, por exemplo, ouvir a campainha, ouvir o apito do micro-ondas avisando que terminou, ouvir alguém buzinando, etc. Voltando ao início, no Quadro 1, a

pesquisadora mostra, com base em Peixoto et Al. (2018), alguns exemplos de comparações de experiências do mundo ouvinte e surdo.

Entretanto, isso não quer dizer que não há experiência visual no povo ouvinte. Eles também possuem as experiências visuais, além da sonora. Baseada na segunda coluna do Quadro 1, a pessoa ouvinte também pode se satisfazer com balanços de mãos, ter um nome em Libras, sentar frente a frente quando a comunicação for na língua de sinais, precisar de painéis visuais de informações, rezar com olhos abertos, por exemplo. Algumas dessas experiências a pessoa ouvinte só terá ao adentrar a comunidade surda.

Vale mencionar, que algumas pessoas surdas também podem usufruir das experiências sonoras, elas não são exclusivas de pessoas ouvintes. Principalmente aqueles surdos que se consideram como *surdos que ouvem*.

Explicando, algumas pessoas surdas que ouvem possuem memórias auditivas<sup>19</sup> adquiridas antes da surdez e isso permite que elas possam usufruir de alguns sons com ajuda de recursos como aparelho auditivo, implante coclear, dentre outros.

E a questão visual dessas pessoas, é quase o mesmo das pessoas ouvintes que não vivem na comunidade surda ou não convive com surdos sinalizantes. Utilizam painéis visuais, legendas, leitura labial, entre outras coisas. É importante citar, que muitos desses surdos não utilizam a Libras (uma língua visual) e têm a língua portuguesa como sua língua oficial.

## 2) Linguístico

Geralmente o povo ouvinte nasce com audição e na maioria das vezes a sua língua materna é adquirida na modalidade oral-auditiva. No contexto do Brasil, em consoante a Constituição Federal, art.º 13, o idioma oficial do país é a língua portuguesa, uma língua oral-auditiva, originária da língua portuguesa de Portugal. Assim como as línguas de sinais, as línguas orais também não são universais, inclusive as escritas podem se diferenciar em alguns países, como mostra no quadro abaixo.

---

<sup>19</sup> Antes de perder a audição, a pessoa armazena algumas informações auditivas, assim criando uma memória auditiva. Quando passa a utilizar algum tipo de aparelho auditivo, essas informações muitas vezes são reativadas quando escutam o mesmo som.

**Quadro 6:** Diferenças das línguas do povo ouvinte de cada país

Português	Inglês	Coreana	Russo
CASA	HOUSE	집	Дом

**Fonte:** Elaborada pela pesquisadora

A língua portuguesa não é a única língua oral-auditiva utilizada no Brasil. De acordo com dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, “Estima-se que mais de 250 línguas sejam faladas no Brasil entre indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileira, além do português e de suas variedades” (2024).

No caso da aquisição da linguagem, o processo da língua oral-auditiva do povo ouvinte é diferente da língua espaço-visual de uma pessoa surda. Grolla (2009) em seu texto relaciona a aquisição da linguagem das crianças ouvintes ao som e a fala. As pessoas ouvintes adquirem naturalmente a língua oral dentro de seu lar, desde que seus pais ou responsáveis sejam ouvintes e falantes da língua oral.

E no contexto das pessoas surdas que ouvem, há duas possibilidades delas adquirirem a língua oral. Algumas delas podem obter a surdez após já terem adquirido a língua oral-auditiva e só precisam de alguns recursos para continuar a oralização, eles são conhecidos como surdos pós-lingual. Já os surdos de nascença, ou adquiridos antes da aquisição da linguagem, conhecidos como pré-lingual, passam por um processo de aprendizagem linguística com ajuda de profissionais como fonoaudiólogos.

É importante lembrar que a língua do povo ouvinte também faz parte da vida de muitos surdos. Como demonstrado no ponto anterior, a maioria dos surdos que ouvem, opta pela língua portuguesa como sua primeira língua, na modalidade escrita e/ou oralizada. Já com os surdos falantes da Libras é relativo, todavia, é importante lembrar que na lei da Libras (Lei n.º 10.436/02), a Libras pode não substituir a modalidade escrita da língua portuguesa, por ser a língua oficial do país.

### 3) Familiar

Os ouvintes também possuem própria produção cultural de hábitos, costumes, valores, tradições, crenças, discursos e linguagem. Entretanto, a necessidade não é a mesma do povo surdo, em relação à existência de elementos visuais citados anteriormente quando falamos do povo surdo. Pois o mundo já está apto para atender as pessoas ouvintes.

Na maioria do núcleo familiar ouvinte, normalmente não possui uma ou mais pessoa surda dentro do ambiente familiar, portanto, quase sempre não tem nenhum conhecimento sobre pessoas surdas. Como já mostrado, a autora Strobel (2016) faz uma comparação entre as famílias surdas e ouvintes. De acordo com ela, as famílias ouvintes naturalmente esperam um filho ouvinte igual a eles e quando nasce um surdo eles se desesperam.

E quase sempre, quando concebem um filho surdo, vão atrás de informações e orientações médicas, na esperança da possibilidade de normalizar o seu filho. Ou seja, muitas famílias ouvintes quase sempre optam por transmitir a sua cultura ouvinte ao seu filho surdo. Ensinam a ouvir, a falar e se comportar como uma pessoa ouvinte.

Outro fato que faz parte do povo ouvinte é a língua falada dentro da família. Como já visto no ponto anterior, sobre o linguístico, a maioria dos ouvintes não passam por apuros para se comunicarem. Tanto o processo de aquisição, como no de comunicação familiar, eles utilizam a língua majoritária do seu país sem nenhuma dificuldade ou preocupação.

#### **4) Literatura**

A produção literária desse povo, em sua maioria, é escrita, ou seja, foca nas artes das palavras. Palavras que são entendidas como a escrita das letras da língua oral. A literatura do povo ouvinte também pode se expressar no ato de contar oralmente ou visualmente, porém, sempre relacionada ao seu contexto cultural.

As produções literárias do povo ouvinte, como, histórias, romances, poesias, dramas, piadas e mais outras, normalmente são todas produzidas culturalmente para ouvintes. Além de utilizar a língua do povo ouvinte, há os tons de vozes, as metáforas, rimas e contextos deles, que muitas vezes não produzem as mesmas emoções a muitos surdos. Como a exemplo da poesia abaixo, o segredo da beleza

dela é a combinação rítmica, ou seja, a repetição dos sons nos finais dos versos agrada o ler ou ouvir das pessoas ouvintes.

### **Desencanto**

*Eu faço versos como quem chora  
De desalento... de desencanto...  
Fecha o meu livro, se por agora  
Não tens motivo nenhum de pranto.*

(Manuel Bandeira)

Assim como as produções literárias do povo surdo, as do povo ouvinte também traduzem as experiências e conhecimentos dos autores ouvintes. São experiências diferentes das do povo surdo. Pois está ligada ao contexto histórico e vivência do povo ouvinte.

## **5) Vida Social e esportiva**

Na vida social e esportiva, os ouvintes não precisam de local específico, ou points de encontros para conseguir acessibilidade, pois toda sua sociabilização já está atendida em todos os espaços na sociedade. Uma vez que a comunidade ouvinte é a majoritária, tudo está previsto para atender aos ouvintes sem estar em uma *situação de apuro* e precisar desenvolver estratégias para se sair bem.

Quase<sup>20</sup> todos os ouvintes podem ir ao supermercado, shopping, escola/faculdade, eventos, etc. sem se preocuparem em como vão se comunicar ou ouvir outras pessoas ouvintes.

Em relação aos surdos que ouvem, falantes da língua portuguesa, não possuem a mesma facilidade das pessoas ouvintes. Muito deles podem participar de vários lugares “ouvintes”, se comunicar oralizando, ou escrevendo em português, poderá estar por dentro dos acontecimentos com a ajuda de aparelho auditivo ou implante coclear, acompanhar pelo telão ou painel de comunicações, mas ainda assim, poderá acontecer de passar por alguma *situação em apuro*. Como, por exemplo, a pilha do aparelho acabar, não haver nenhuma tela ou painel de comunicação, deparar com más comunicações, dentre outras dificuldades.

---

<sup>20</sup> Nem todas as pessoas que ouvem têm facilidade com a comunicação, pode haver pessoas que ouvem mudas, pessoas com algum problema de pronúncias, dentre outras dificuldades.

No contexto esportivo, historicamente, os esportes foram originários do povo ouvinte, pensados em estruturas e regras próprias para pessoas ouvintes. Por exemplo, o apito, foi criado devido aos gritos dos torcedores, que abafava os gritos do árbitro. Outro exemplo é o tiro de largada, que é um sinal sonoro que dá início a uma competição. São exemplos de regras que não se aplicam às pessoas surdas. Até para pessoas surdas que ouvem, muitas vezes para participar de esportes têm que tirar o aparelho auditivo ou implante coclear, por não ser à prova d'água ou por ter a possibilidade de quebrar durante a prática do esporte.

O povo ouvinte com e sem deficiência, possui eventos esportivos próprios. Como a Olimpíadas, que é um evento internacional de Jogos Olímpicos para atletas ouvintes sem deficiência, que acontece sempre a cada quatro anos. E a Paralimpíadas, um evento de Jogos Olímpicos internacionais, só que para pessoas com deficiências ouvintes, excluindo as pessoas surdas.

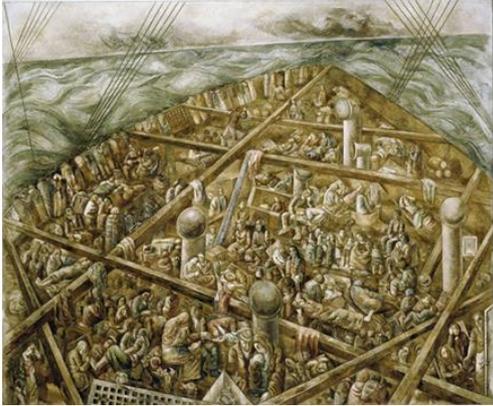
## 6) Artes

As produções artísticas do povo ouvinte possuem emoções, histórias, subjetividades e cultura. É importante lembrar, que o povo ouvinte tem uma diversidade cultural e histórica próprias, dependendo da cultura de cada um, como pessoas indígenas, quilombolas, afrodescendentes, imigrantes, dentre outros.

Dentro das artes visuais, pode-se incluir aquelas que possuem efeitos sonoros. A maior diferença entre as artes do povo surdo e do povo ouvinte é a ênfase temática das obras artísticas. Abaixo estão alguns exemplos de artes feitas por pessoas ouvintes, sendo assim, consideradas artes do povo ouvinte.

**Quadro 7:** Exemplos de artes do povo ouvinte



<p>Esse quadro representa o início da industrialização brasileira.</p>	<p>dos Jovens.</p>
 <p>O quadro Mona Lisa foi feito por Leonardo da Vinci. Esse quadro retratava a beleza da mulher na época.</p>	 <p>"Navio de Emigrantes" - Lasar Segall</p>
 <p>Artes produzidas por quilombolas.</p>	 <p>Artes indígenas</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora<sup>21</sup>

As artes, do quadro acima, foram produzidas por pessoas ouvintes. Os quadros de Mona Lisa, Operários e Navio de Emigrantes são baseados em histórias verdadeiras que aconteceram com o povo ouvinte. A arte do *Festival de Música e Arte dos Jovens* possuem detalhes que representam o som, como as notas musicais, ou seja, características das pessoas ouvintes. E as duas últimas artes foram feitas por pessoas ouvintes quilombolas e indígenas. Mesmo que tenham pessoas surdas nos quilombolas e indígenas, essas artes não contêm nenhuma relação com a cultura surda.

<sup>21</sup> Imagens extraídas do *Google*.

O teatro do povo ouvinte tem alguns detalhes inúteis para muitos surdos. Como o som, uso do microfone, posição ou impostação de fala e muitas das histórias teatrais estão relacionados à cultura ouvinte. Estes são alguns exemplos na perspectiva dos surdos que diferenciam teatro do povo ouvinte com o teatro do povo surdo.

Já a música, como mencionado Strobel (2016), normalmente é uma arte dos ouvintes, ligadas ao som. Não que os surdos não possam apreciar as músicas, mas não possuem o mesmo prazer dos ouvintes, além disso, historicamente a música teve origem no povo ouvinte.

## **7) Político**

Geralmente a maioria dos movimentos, lutas e as políticas públicas do povo ouvintes estão focados nos direitos das pessoas ouvintes.

Historicamente, a produção política do povo ouvinte é composta em sua maioria por pessoas ouvintes. Como já explicado, somente a partir de 2012 os surdos começaram a conquistar seu lugar nas eleições como candidatos em diversos estados do Brasil (Silva e Peixoto, 2018). Este é um dos motivos que diferencia o povo surdo do povo ouvinte, porque os surdos sempre precisam lutar por igualdade nos espaços que, socialmente, não são seus.

Alguns fatores marcaram a diferença cultural na política, por exemplo, aqui no Brasil, um destes fatores aconteceu no mandato do ex-presidente Bolsonaro, quando a primeira Dama Michele fez um discurso em Libras. Isso chocou a maioria da sociedade ouvinte, pois estão acostumados em ver a política baseada na cultura ouvinte, ou seja, discursos na língua oral-auditiva. Além disso, Bolsonaro foi o primeiro presidente que teve intérprete de Libras ao seu lado, na maior parte do seu tempo presidencial.

Foi uma atitude muito importante, pois está aos poucos mudando a exclusividade cultural política do povo ouvinte, como pode ser percebido no atual mandato do Presidente Lula. Ele também passou a adotar essa forma de acessibilidade para o povo surdo.

## 8) Materiais

Em relação às produções culturais materiais, podemos identificar alguns materiais que pertencem exclusivamente ao povo ouvinte e que não são úteis para os surdos sinalizantes e algumas vezes para os surdos que ouvem, como, por exemplo: interfone de prédio, microfone, ligação em viva voz, assistente virtual com comando de voz, aplicativos e aparelhos para ouvir música, entre outros materiais produzidos para atender a realidade de vivência de mundo sonora.

**Quadro 8:** Exemplos de materiais usados por pessoas ouvintes e inútil para a maioria dos surdos

 <p>Telefone usado até hoje</p>	 <p>Campainha sonora</p>
 <p>Walk Talk</p>	 <p>Fone de ouvido</p>

Fonte: Elaborado pela autora<sup>22</sup>

Diferente do povo surdo, o povo ouvinte normalmente quase não precisa de acessibilidade ou adaptação nos materiais, salvo aqueles produzidos em Libras, ou para as pessoas ouvintes com deficiências. Já que quase todos os produtos existentes atendem às pessoas ouvintes. Inclusive muitos dos materiais utilizados pelas pessoas surdas, os ouvintes usam numa boa.

<sup>22</sup> Imagens extraídas do *Google*.

Por exemplo, o TDD, como já exemplificado, é um recurso feito para pessoas surdas, porém, se uma pessoa ouvinte quiser utilizar, nada a impede. E a babá eletrônica, tanto uma pessoa surda quanto ouvinte pode fazer uso.

## 9) Religioso

O contexto religioso do povo ouvinte também tem sua própria história de origem e características que diferenciam do povo surdo. Normalmente, a maioria dos religiosos de qualquer religião, são pessoas ouvintes e a língua maior é a língua oral-auditiva. Quando um surdo vai visitar uma religião, eles precisam de acessibilidade ou então criar um espaço religioso para Surdos e utilizar a Libras como a língua principal, o que é raro.

Inclusive a questão do som, música, leitura em quase todas as igrejas contemplam os ouvintes. Como já exemplificado na seção dos artefatos culturais do povo surdo, os ouvintes podem fazer oração com os olhos fechados e segurando as mãos, podem fazer confissões no confessionário com o padre, dentre outros exemplos. Como vimos, são muitas produções culturais ou “artefatos culturais do povo ouvinte”, que se relacionam com os sons e o contexto de vida dos ouvintes. Muitas dessas produções não fazem sentidos para o povo surdo e nem são úteis para eles no seu cotidiano, o que faz existir a diferença cultural para o povo surdo.

Por ser a sociedade em sua maioria formada por ouvintes, a cultura desta comunidade linguística majoritária é vista como padrão, por isso não encontramos artigos, livros ou demais publicações com os seguintes títulos: "A cultura ouvinte", ou, "As produções culturais da comunidade ouvinte". Isto ocorre, pois quando se fala de forma generalizada, sem focar nas especificidades e na diversidade de um povo, gera a exclusão da minoria e apenas a maioria é contemplada. Por exemplo, de forma geral quando se fala de brasileiros para estrangeiros, geralmente o que pode vir a mente é o samba, o futebol, a política e a amazônia.

Mas a cultura brasileira é muito mais do que apenas isso, abrange uma imensa diversidade e riqueza. Assim, acontece também com as produções acadêmicas: quando um trabalho publicado aborda sobre música, de forma geral, se pensa na arte do som, produzida por ouvintes e raramente há uma citação ou explicação sobre a música sinalizada dos surdos; quando se fala de literatura, de forma geral, o receptor imediatamente, pensa na literatura escrita, publicada na

língua oral do país, e não na língua de sinais nacional, que produz uma literatura registrada em vídeo.

Por isso, este capítulo, não apresenta tantas citações ou referências. Abordar sobre a cultura ouvinte, pois, é falar do senso comum da sociedade majoritária, que se baseia, principalmente, em experiências auditivas.

### **1.3. Baião de dois - o mundo visual-sonoro dos filhos de surdos**

A construção de uma família surda, ao redor do mundo, têm histórias parecidas, onde todos se relacionam bem, pais e filhos. No cenário da comunidade surda brasileira e sua cultura, inevitavelmente os pais surdos estão inseridos numa sociedade majoritariamente ouvinte, falantes da língua portuguesa na modalidade oral-auditiva. Este pode não ser um mundo completamente acessível aos surdos, apesar de eles viverem neste meio, mas é o ambiente de seus filhos ouvintes, os quais necessitam viver neste espaço sonoro.

Filhos ouvintes de pais surdos, são considerados pelas comunidades surdas como codas. As autoras Streiechen e Krause-Lemke (2013), esclarecem que a palavra coda “é uma sigla na língua inglesa, que significa Children of Deaf Adults que pode ser traduzida para o português como: “filhos de pais surdos”, ou ainda, “filhos de surdos adultos”” (p. 05).

Gomes (2018, p. 43) narra que a denominação coda foi criada nos Estados Unidos, em 1983, por Millie Brother (uma coda), juntamente com a Fundação Children of Deaf Adults – CODA<sup>23</sup>, uma organização internacional de pessoas codas. De acordo com essa organização, esta fundação se dedicava a promoção de temas relacionados às experiências de filhos ouvintes de pais surdos em todo o mundo.

A autora Gomes (2018) ressalta que nos Estados Unidos, noventa por cento de filhos de pais surdos são ouvintes, um número importante, que motivou a criação da terminologia coda. Conta ainda que, nos depoimentos de vários codas, haviam afirmações que os mesmos “não se consideravam nem surdos e nem ouvintes, mas sim, Codas” (Gomes, 2018, p.43), outro fato importante que influenciou a criação do termo.

---

<sup>23</sup> [www.coda-international.org](http://www.coda-international.org).

Voltando ao surgimento da terminologia coda, o seu fortalecimento se deu ao longo dos anos, mundialmente, com as realizações de vários congressos, seminários e encontros dos codas, visando discutir todos os contextos e experiências dos mesmos.

Atualmente no Brasil, há o Encontro Nacional de Codas, onde são tratados assuntos diversos e a troca de experiências dos codas, de todo país. No blog<sup>24</sup> do referido encontro, os organizadores do evento deixam uma mensagem que pode ser acatada como o objetivo do evento: “Compartilhamos a experiência única de vivermos na fronteira linguística entre surdos e ouvintes... o que nos traz uma maneira peculiar de nos relacionarmos com o mundo ao nosso redor...”<sup>25</sup>

**Figura 8:** Cartaz do encontro de coda que aconteceu em 2023, em Caucaia/CE



Fonte: Instagram @codabrasil<sup>26</sup>

No Brasil, Ronice Quadros é uma coda referência no país. É também uma participante ativa dos encontros de codas realizados no Brasil. As suas participações nestes eventos, resultou na publicação do livro que aborda sobre pessoas codas. Língua de Herança – Língua brasileira de sinais, um livro rico em experiências de vários codas, incluindo a sua.

De acordo com a mesma, o tema do seu livro se deu porque, para ela, as línguas de heranças, podem ser vistas como “línguas que, em um contexto sociocultural, são dominantes, diferentes da usada na comunidade geral” (Quadros,

<sup>24</sup> <https://codabrasil.blogspot.com/>

<sup>25</sup> <http://codabrasil.blogspot.com/>, 2023

<sup>26</sup> Link do instagram: <https://www.instagram.com/p/CnALEdeJiYZ/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

2017, p. 7). Ou seja, neste contexto, a língua herdada dos pais para seus filhos e não a língua majoritária de seu país.

Além deste referido encontro nacional de codas, a Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul – SSRS também é uma referência no Brasil quando se trata de codas. Todo ano a SSRS realiza um encontro de CodaKids, o último aconteceu nos dias 19 e 20 de janeiro de 2024 em Capão da Canoa/RS.

**Figura 9:** Cartaz do 7º Encontro de CodaKids



**Fonte:** <https://www.instagram.com/p/CziXCBSOvU2/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Uma dúvida muito comum na comunidade surda, refere-se ao termo koda ou coda. Faz-se necessário que ambos os pais sejam surdos? A professora Janaína Peixoto, numa disciplina do doutorado da pesquisadora, deu um exemplo perfeito de resposta para essa pergunta. Imagina uma escola convidar para reunião de pais, como muitos sabem, isso não significa que ambos pais precisem comparecer. É o mesmo com pais de kodas/codas, não é necessário que ambos pais sejam surdos.

### **1.3.1. Além da terminologia coda – A terceira cultura**

Antes de prosseguir, é preciso lembrar que há uma diversidade de surdos e conseqüentemente de codas. Todavia esse trabalho focará naqueles codas que são bilíngues e biculturais, ou seja, que vivem simultaneamente no mundo dos ouvintes e dos surdos falantes da Libras.

A palavra coda vai além de rotular os filhos de pais surdos. Ela envolve as muitas experiências visuais de seus pais: língua, cultura, dentre outras. E, ao mesmo tempo, junta o conhecimento com a comunidade ouvinte. Por este motivo, os codas são os únicos que possuem essas experiências (surdas e ouvintes), como

afirma Quadros (2017, p. 66): “A geração dos filhos ouvintes de pais surdos é a única que tem a experiência de herdar a língua e a cultura surda e, ao mesmo tempo, herdar a língua e a cultura ouvinte”.

A respeito da existência da diversidade surda, é importante entender que a identidade de um indivíduo surdo é peculiar e a sua construção depende do seu contexto familiar, educacional, linguístico, etc. Pois a cultura (história) do pai ou da mãe surdos vai influenciar na construção da identidade (história) do seu filho coda. Ou seja, “As identidades dessas crianças desenvolvem-se em meio a surdos adultos...” (Skliar e Quadros, 2000, p. 44). Essa construção começa na infância e continua (ou não) na idade adulta.

Para ter uma ideia de como é a diversidade coda, Quadros (2017) ilustra perfeitamente essa cena:

Alguns filhos de pais surdos conversam com seus pais sem usar a língua de sinais, gesticulam a boca de forma a garantir uma maior visibilidade, misturam os sinais com a fala ou usam a língua de sinais. Essas diferentes formas de se comunicar com seus pais se instauram em cada família de acordo com a forma como os pais lidam com as línguas e estabelecem a relação com os filhos ouvintes. (Quadros, 2017, p. 67)

Essa citação de Quadros leva a dialogar e refletir sobre as identidades surdas apresentadas por Perlin (2002). Já que, a construção das identidades codas possuem origem nas de seus pais. Neste contexto é possível concluir que os sujeitos surdos de Identidade Surda, Identidade Híbrida e Identidade em Transição, são os que possuem maior chance de transferir a herança da Libras e a cultura surda para os filhos.

Enquanto os surdos com características das Identidades Embaraçadas, Flutuantes e Intermediárias, por rejeitarem a língua de sinais e cultura surda, e priorizarem o modelo ouvintista, a língua repassada por eles para seus filhos, na maioria das vezes, é a língua portuguesa e a cultura ouvinte.

Como visto, a diversidade coda não envolve apenas a maneira de comunicação, ela pode também conceber a cultura de seus pais. Quadros (2017) menciona que “Uma das coisas mais importantes na vida dos codas é o fato de herdarem a língua de sinais e fazerem parte de uma geração que herda também a cultura surda, mesmo sendo ouvinte.” (Quadros, 2017, p. 66)

Um exemplo de cultura surda, neste caso, adquirida por alguns codas, é a questão do olhar enquanto conversa com outra pessoa. É comum um surdo olhar um para o outro enquanto conversa, aliás, é fundamental. A autora Quadros (2017) explica que, alguns codas entrevistados por Preston (1994), relataram que tiveram que desaprender a prolongar o olhar durante uma conversa com outra pessoa ouvinte, por não ser apropriado na cultura ouvinte.

Outro exemplo de costume surdo é a preferência da língua de se comunicar dentro de sua casa. Uma coda dos relatos de Quadros (2017) narra que: “Apesar de ter uma irmã mais velha que falava português, nós usávamos praticamente apenas a Libras em casa” (Quadros, 2017, p. 152). A Libras é uma língua confortável para muitos surdos e possivelmente para as irmãs codas referidas acima.

São vários comportamentos, crenças, normas, que os codas adquirem na convivência com seus pais surdos. Basta dar uma conferida na seção dos artefatos culturais do povo surdo e nas identidades surdas para ter uma ideia aproximada das heranças culturais que os codas herdam. Como já dito, a construção da identidade dos codas é como a dos seus pais, relativas e dependendo da situação, também pode mudar. É importante ressaltar que Quadros (2017) explica que isso não os faz surdos como seus pais.

Até aqui foi apresentado um dos estilos de vida dos codas: o mundo dos seus pais. Como já dito, ser coda não significa apenas possuir pais surdos e herdar a sua cultura. Eles são codas porque além de experimentar a convivência com surdos, têm oportunidade de conviver normalmente com ouvintes, principalmente familiares. Gomes (2018), em sua pesquisa, ratifica que os codas, além de adquirirem naturalmente a cultura surda, interage com a ouvinte, quando lhe é dada a oportunidade.

A comunidade de Coda adquire tanto a cultura ouvinte quanto a dos surdos: normalmente frequentam espaços da comunidade surda, como associações, onde se comunicam fluentemente, podendo até serem confundidos com pessoas surdas, fato que também ocorre quando estão na comunidade ouvinte, ou seja, a comunidade Coda consegue emergir nos dois mundos. (Gomes, 2018, p. 46.)

Na seção do arroz (o mundo dos ouvintes), percebe-se o quanto é difícil definir com exatidão a sua cultura e também não há muitas publicações que tratam

sobre o tema. Mas, com os exemplos mostrados ali, é possível entender um pouco o que é a cultura ouvinte na perspectiva dos surdos e da comunidade surda.

A construção da identidade e cultura de um coda, não varia apenas na diversidade surda. Cada coda constrói seu lado ouvinte, dependendo dos estímulos dos seus pais surdos. Um coda pode ter seu primeiro contato com o mundo dos ouvintes deste o primeiro dia do nascimento, com seus familiares ouvintes, já outros codas podem ter o primeiro contato mais tardiamente, talvez por morar longe de algum familiar ouvinte, por ter apenas familiares surdos, são diversos fatores que podem influenciar no primeiro contato dos codas com o mundo ouvinte.

As autobiografias coletadas por Quadros (2017) podem comprovar que nem todos os primeiros contatos dos codas com o mundo dos ouvintes são iguais. Em um dos relatos, uma coda conta que: “Meu primeiro esposo foi quem me introduziu a uma família ouvinte. Aprendi com ele e com a família que passei a integrar...” (Quadros, 2017, p. 151). No caso dela, os seus familiares (tios, tias, primas, primos, mãe e pai), são todos surdos e conforme a mesma, a convivência com o mundo ouvinte era mais restrita, por escolha dos pais: “Além da família surda, todos os amigos de meus pais eram surdos. Os poucos amigos ouvintes eram parentes que tinham um convívio mais restrito” (Quadros, 2017, p. 146). Mas isso não impediu que ela adquirisse a cultura ouvinte, mesmo tardia.

Ainda sobre a referida coda, Quadros (2017) evidência que, independente do tempo em ela entrou em contato com o mundo ouvinte, a mesma possuía experiência da cultura deste mundo ao falar do som, comportamento e dos artefatos culturais do povo ouvinte.

Os sons estavam em todos os lugares para anunciar, para informar, para alertar sem serem traduzidos por meio de formas visuais, porque simplesmente as pessoas não tinham pensado nisso. As pessoas conversavam entre elas, riam, choravam na fala. (Quadros, 2017, p. 150)

Então, conclui-se que são dois mundos diferentes em que os codas têm que lidar. Estas duas aquisições culturais são conhecidas como biculturalidade, conseqüentemente os codas são pessoas biculturais. Grosjean (1996) explica que pessoas biculturais são aquelas que se adaptam a duas culturas diferentes nas quais convivem, criando sua própria cultura.

Além de serem biculturais, são bilíngues. Neste contexto, o coda ser bilíngue, é ter conhecimento simultâneo da língua de sinais e da língua oral de seu país. A maioria dos filhos de pais surdos falantes da língua de sinais tem a Libras como sua primeira língua, no caso do Brasil, a Libras.

Portanto, os filhos ouvintes de pais surdos adquirem a língua de sinais de forma natural e há muitos CODAs que consideram a língua de sinais como sua língua materna. Por isso, pode se tornar um ouvinte diferente dos outros por apresentar identidade “surda” e, ainda, diferente dos surdos por ter experiências auditivas. Muitas crianças ouvintes, quando em contato com a mãe surda, adquirem fluência na língua de sinais e, em alguns casos, a língua de sinais torna-se a primeira língua ou Língua 1 (L1) dessas crianças. (Streichen e Krause-Lemke, 2013, p. 05 e 06)

Dependendo dos fatores, já exemplificados anteriormente, o coda pode adquirir uma segunda língua desde o seu nascimento, a partir do primeiro contato e estímulo de um ouvinte. Isso quer dizer, que a família pode incentivar seus filhos a adquirirem uma segunda língua<sup>27</sup>, a majoritária de seu país, a partir do momento em que os leva a terem contato com seus familiares ouvintes, amigos, escola, cursos, etc. Porém, mesmo adquirindo tardiamente, se tornam igualmente bilíngues.

A decisão de herdar uma língua é dos pais e em alguns casos, do responsável pela criança. Quadros (2017) em seu livro elucida que a própria família tem o poder de determinar o bilinguismo<sup>28</sup> de seu filho. Vale dizer que não somente o bilinguismo, mas também têm o poder de incentivar os seus filhos a adquirirem os artefatos da cultura ouvinte, além da cultura surda.

Aqui será explicado um pouco de como acontece a aquisição linguística dos codas. Reforçando, socio-linguisticamente é impossível generalizar a aquisição linguística de todas as crianças codas. Isso se deve ao fato de que cada família tem um contexto histórico único.

Aprofundando um pouco mais o que já foi dito, há pais de codas fluentes em Libras, mas existem também pais surdos que não sabem a Libras, ou sabem muito pouco, assim passando o pouco que sabem da Libras ao seu filho. Têm pais que deixa seu filho coda na responsabilidade dos avós ouvintes, neste caso, a criança

---

<sup>27</sup> Segunda língua: muitos codas adquirem primeiro a Libras como sua primeira língua de contato com os pais, sendo assim, a língua portuguesa é considerada sua segunda língua, pois adquirem mais tarde.

<sup>28</sup> Bilinguismo neste contexto é entendido como aquisição de duas línguas diferentes, como a Libras (primeira língua dos pais) e a língua portuguesa (primeira língua do seu filho ouvinte)

coda cresce adquirindo a língua portuguesa como sua língua materna, desconhecendo, muitas vezes, a língua dos seus pais surdos. Estes contextos podem ser relacionados na teoria de Quadros, na qual a mesma define língua primária como a língua mais usada no cotidiano da criança, podendo ser a língua de herança ou a língua social (Quadros, 2017).

No caso de pais surdos não possuírem a língua portuguesa como sua primeira ou segunda língua para repassar a seu filho, fica por conta de terceiros, pessoas ouvintes, lhes ensinar. Como explica Quadros (2017):

Há a possibilidade de a criança ter acesso primeiramente à língua de herança, sendo esta a sua L1 (primeira língua) e, posteriormente, por exemplo, na escola, a outra língua, sua L2 (segunda língua). (Quadros, 2017, p. 48)

Isto ocorre, pois muitos surdos não tiveram oportunidade de aprender, de forma correta a língua portuguesa, para poder passar em herança aos seus filhos. Sendo assim, muitas vezes, a língua oral e oficial de seu país é deixada, sem querer, para a criança coda adquiri-la mais tarde. Por estes e outros motivos, a aquisição linguística dessas crianças são relativas.

Todavia, ser bilíngue não quer dizer que a pessoa deve ser fluente em ambas as línguas. Contudo, é preciso saber distinguir a língua de herança, da segunda língua.

os conceitos de língua de herança e de segunda língua, no entanto, não são idênticos: o primeiro envolve uma língua adquirida que, mesmo não sendo mais usada pelo falante, pode ser “acordada” a qualquer momento, se trata de uma aquisição natural ainda que incompleta (ou adormecida), como ocorre em muitos casos; já o segundo conceito, aprendizagem de uma segunda língua, requer um processo mais formal de ensino, neste caso, a língua é mais facilmente esquecida. (Quadros, 2017, p. 45)

É incrível e simples, a naturalidade de aquisição de muitas crianças codas, em relação à Libras e a língua portuguesa. É notável a importância do envolvimento dos pais surdos em todas as fases de aquisição dessas crianças. Porque o futuro linguístico da criança coda, depende da participação dos seus pais.

Outro fato sobre os codas que merece destaque são as suas experiências visuais, o que difere da criança ouvinte, a qual nasceu e cresce num ambiente familiar, onde todos são ouvintes. “O Coda, geralmente, cresce em meio a duas

culturas, duas línguas, e no contato com muitas experiências visuais, diferentemente de outras crianças que não são filhos de surdos” (Silva, 2019, p. 38).

Vale ressaltar que isso de tornar um coda diferente dos outros, é um dos motivos para a existência da terminologia coda, como um dos (e principal) motivos para o prosseguimento desta pesquisa.

São muitas situações e experiências difíceis pelas as quais as crianças codas passam. Como atuar no papel de intérprete de Libras dos seus pais, em hospitais, bancos, escola, assuntos familiares, etc. Um papel no qual as mesmas não estão preparadas e desconhecem muitas palavras, sinais ou contextos para traduzirem a seus pais. São vistas por muitos, como uma ponte entre seus pais e o mundo ouvinte. Há também narrativas de experiências de codas dizendo que já interpretaram jornais da TV ou novelas para seus pais.

Apesar de serem responsabilidades difíceis, principalmente para as crianças codas, Quadros (2017) em seu livro mostra que: “Alguns relatos focam as dificuldades envolvidas na realização destas mediações (interpretações), outros focam mais o valor atribuído como algo honroso de ser feito para os pais” (Quadros, 2017, p. 218). Nem sempre alguns papéis atribuídos aos codas devem ser vistos como forma negativa. Nos relatos dos codas, do livro de Quadros (2017), podem ser encontrados vários relatos de codas que nunca sentiram dificuldades, mas também há relatos de codas que já se afastaram de seus pais, ao passarem por experiências negativas, portanto, tudo é relativo.

São dois mundos diferentes, vividos por muitos codas. Porém, isso ainda parece não ter uma lógica, sobre como é possível um coda viver em dois lugares simultaneamente. Na verdade, eles vivem em um terceiro espaço (Quadros, 2017). A palavra usada por Quadros (2017), Grosjean (1989) e Bhabha (2003) para esclarecer esse terceiro espaço é “entrelugares”. De acordo com Quadros (2017) no entrelugares o coda não precisa ter que escolher um ou outro lugar, é possível viver em ambos ao mesmo tempo. E neste entrelugares resulta uma nova cultura, a cultura dos codas, denominada pela mesma autora de terceira cultura.

Para concluir este mundo:

“Os codas são como quaisquer outros filhos, que, independentemente de suas raízes, vão precisar lutar e conquistar seus espaços, com diferentes condições financeiras, com diferentes aspectos interpessoais, sociais e emocionais, com diferentes etnias e gêneros. A diferença é que eles

herdam a língua e a cultura surda como a língua e a cultura ouvinte na qual crescem.” (Quadros, 2017, p.69)

É perceptível que até aqui, a denominação mais usada para se referir aos filhos ouvintes de pais surdos, foi coda. Esta nomenclatura não está errada, na comunidade surda essa palavra é normalmente a mais usada até o momento. Porém, a pesquisadora, durante pesquisa, passou a adotar a palavra koda para se referir às crianças menores de idade, filhas ouvintes de pais surdos. Na seção seguinte a pesquisadora explica o porquê desta adoção.

### 1.3.2. Coda ou Koda?

Quando se fala em coda, normalmente a maioria das pessoas, que conhece a terminologia, pensa em pessoa adulta. E quando querem falar dos pequenos, complementam o termo “criança”, como crianças codas. Não que o seu uso esteja errado. Contudo, apesar de quase não ser usada aqui no Brasil, há uma terminologia própria para se referir às crianças codas.

No projeto deste trabalho, foi utilizado *crianças codas* como sujeito da pesquisa. Não obstante, durante o percurso da elaboração da tese, a palavra koda (re)apareceu e foi necessário realizar pesquisa mais profundas sobre este vocábulo. Ainda que não seja um termo criado recentemente, ele aparenta ser esquecido pela comunidade surda, não considerando o seu uso.

Até o presente momento, não há muitas publicações nas plataformas acadêmicas que utilizam a palavra koda. Gabriel defendeu sua dissertação de mestrado em 2020, ela utilizou em sua pesquisa a terminologia koda. Inclusive, a mesma pode comprovar que há poucas pesquisas sobre kotas.

Com relação à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, utilizamos a combinação dos termos: pais surdos AND filhos ouvintes e encontramos quarenta e oito produções que mencionam ambos os termos. Dentre elas, sete dialogam com o nosso objeto de estudo, sendo seis dissertações e uma tese[...] (Gabriel, 2020, p. 20)

Dos dados de Gabriel (2020), pesquisados por ela, todos os trabalhos utilizaram as terminologias *crianças ouvintes*, *filhos ouvintes*, *crianças bilíngues* para se referir aos kotas.

De acordo com um site muito utilizado pela comunidade surda no Brasil, o [culturasurda.net](http://culturasurda.net), Koda (Kid of Deaf Adult) é um termo dado às crianças filhas de pais surdos, ela é usada para crianças pequenas, ou menores de 18 anos. E para comprovar que esse termo é utilizado em algum site além deste, ou que é utilizado por algumas pessoas a mais, foi pesquisado “koda Libras” no *Google*, para buscar informações sobre esse termo no Brasil. O *Google* não encontrou nenhuma pesquisa sobre koda e automaticamente propôs “Codas Libras”, então apareceram várias pesquisas sobre codas. Como a palavra koda tem origem nos Estados Unidos e é uma palavra em inglês, foi jogado “Koda ASL” no *Google*, com a esperança de encontrar pesquisas relacionadas. Apareceu apenas dois sites que mencionam sobre koda. Porém, ao acessar o segundo site pesquisado, foi encontrado um tesouro. Uma lista com vários links de sites e *facebook* (Figura 10) em inglês que se relacionam com Koda.

**Figura 10:** Lista com sites relacionados a Kodas

Program	Location	Website	Duration
Camp Mark 7 KODA Camp	Old Forge, New York	<a href="http://campmark7.org/">http://campmark7.org/</a>	One and two week programs determined by age of camper.
CODA Camp d.a.ch	Germany	<a href="https://www.facebook.com/codadach/">https://www.facebook.com/codadach/</a>	
CODA UK & Ireland (K)	Varying locations in UK	<a href="https://www.codaukireland.co.uk/coda-camps">https://www.codaukireland.co.uk/coda-camps</a>	
FS/CSD KODA Camp	Oregonia, Ohio	<a href="https://www.facebook.com/csd.kodacamp">https://www.facebook.com/csd.kodacamp</a>	One- week summer camp
KODA Camp Ohio	Clarksville, Ohio	<a href="https://www.facebook.com/kodacampohio/">https://www.facebook.com/kodacampohio/</a>	One-week summer camp
KODA Midwest	Poynette, Wisconsin	<a href="http://www.kodamidwest.org/">http://www.kodamidwest.org/</a>	Two-week summer camp
KODA Norge	Varying locations in NO	<a href="http://www.coda-norge.no/">http://www.coda-norge.no/</a>	
KODA Sommercamp	Austria	<a href="https://www.facebook.com/KODASommercamp/">https://www.facebook.com/KODASommercamp/</a>	One-week summer camp
KODA West	Varying locations in California	<a href="http://www.kodawest.org/">http://www.kodawest.org/</a>	

**Fonte:** <http://kodaheart.com/resources/koda-organizations/>

Durante as pesquisas, houveram reflexões sobre o uso desta terminologia em relação ao trabalho. Como dito, o foco principal são as crianças codas. O uso da palavra koda fará um diferencial no resultado. Esta distinção está no quem fala por eles. No caso dos kodas, seus pais falam por eles, narram experiências vivenciadas com eles e as crianças. Falam de suas perspectivas. Já os codas, como definidos, são adultos maiores de 18 anos, emancipados. Têm opiniões próprias, narram as suas experiências vivenciadas com seus pais surdos. Falam de suas possibilidades.

Por este motivo, pressupõe-se que a difusão do termo *coda*, como do seu sinal, nas comunidades surdas do Brasil, foi fortalecido. Os adultos *codas*, independentemente de seus pais, são capazes de se posicionarem, darem opiniões e mostrarem por conta própria o orgulho de ser *coda*. Além disso, há muitas pesquisas sobre *codas* como intérpretes de Libras, fluentes da Libras, experiências com seus pais, experiências nas escolas, etc. Cabe aos pais surdos, de crianças ouvintes, difundirem a terminologia *koda*, compartilhando com a comunidade surda as suas experiências, suas opiniões, pensamentos, etc., em relação aos seus filhos pequenos.

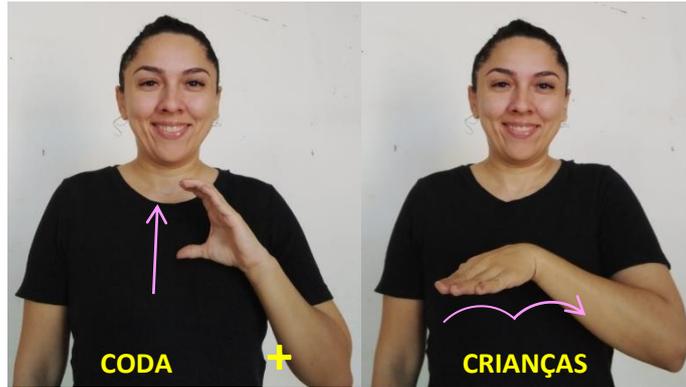
Sobre pesquisa acadêmica, como dissertação ou tese, que retrata a experiências de pais surdos em relação aos seus filhos ouvintes, até o momento foi encontrado apenas a tese de Pedro Luiz dos Santos Filho, intitulado de Experiências vividas por filhas ouvintes e pais surdos: uma família, duas línguas. Que procura “investigar a experiência vivida por uma família com *coda*, constituída por pais surdos e duas filhas ouvintes, nos processos de interação no cotidiano” (Santos Filho, 2020, p. 7).

Em relação ao sinal da palavra *koda*, após pesquisas em dicionários da Libras e em vídeos do *YouTube*, com título pesquisado “*koda* Libras”, não foi encontrado nada específico aqui no Brasil. Como a palavra teve origem nos Estados Unidos, talvez pudesse ter um sinal próprio.

Por este motivo, foram realizadas pesquisas em alguns vídeos que abordavam sobre *kodas*, produzidos pela comunidade surda dos Estados Unidos. Em todos os vídeos pesquisados, a palavra era representada por meio da datilologia. A existência de um sinal para se referir as crianças *kodas* é tão importante quanto à existência da palavra. Sendo assim, foi pensado em propor um sinal para se referir a estas crianças.

O sinal proposto em si, não é novo, já é usado pela comunidade surda, embora esporadicamente e muitas vezes inconscientemente, já que, normalmente a comunidade utiliza o sinal da palavra *coda* para se referir tanto aos adultos, quanto às crianças. Com o objetivo de fortalecer e difundir o termo *koda*, este trabalho propõe acrescentar à palavra *coda* o termo “criança”, como na figura seguinte:

**Figura 11:** Sinal de *kodas*



Fonte: Imagem própria da autora

À vista de tudo isso, este trabalho, a partir daqui, passou a adotar a terminologia koda para tratar seus sujeitos de pesquisa.

Conhecer a teoria da terceira cultura, permitirá entender o passo a passo para a construção da Literatura Coda. Pois essa fundamentação, juntamente com a Literatura da Comunidade Surda, que será estudada no capítulo seguinte, foram as bases fortes, que deram significado à Literatura Coda.

## 2. UM MERGULHO PROFUNDO NO MUNDO LITERÁRIO DA COMUNIDADE SURDA

Neste capítulo, será contextualizado sobre a fundamentação da literatura geral, que sustenta a existência da teoria da Literatura da Comunidade Surda. E após essa sustentação, o texto contará com referências importantes para explicar as categorizações que fazem parte da Literatura da Comunidade Surda. Entender essas teorias permitirá entender o desenvolvimento da Literatura Coda.

### 2.1. Conceituando a Literatura

De acordo com pesquisa de Morgado (2011, p.151), palavra Literatura tem origem no latim “litterae” que tem como significado “letras”. Explica que inicialmente literatura significava um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem, relacionado com as artes da gramática, da retórica e da poética. Resumindo, literatura era antigamente associada com “escrita” e a educação obtida por meio de leitura (Sutton-Spence, 2021, p. 28).

Entretanto, Sutton-Spence (2021) defende que atualmente a literatura não mais se relaciona apenas para estudos. Ela pode também ser popular e informal, como para entretenimento. Juntamente com Kaneko, Sutton-Spence (2016, p. 24) afirmam que: “a literatura é qualquer corpo de produções baseado na linguagem que é considerado social, histórica, religiosa, cultural ou linguisticamente importante para a comunidade”.

Não há apenas um conceito exato para o que é literatura. Mas, com uma explicação de Sutton-Spence (2021), é possível pressupor que todas as pessoas letradas e iletradas estão convidadas a produzirem obras literárias.

Uma vez que, apesar de não fazer parte da origem do conceito, a palavra “estética” descreve perfeitamente o significado de literatura na atualidade. Pois Sutton-Spence (2021, p. 25) afirma que, o que importa nas produções literárias é a beleza em formas da produção sendo emitida. Melhor dizendo, a beleza não surge apenas no escrever, a beleza literária pode ser compartilhada com outros, através da oralidade/sinalidade<sup>29</sup>, artes, teatros, dentre outras manifestações.

---

<sup>29</sup> Sinalidade, terminologia dada por Mourão (2011), para se referir à forma de contar uma obra literária com as mãos.

Mourão (2016), em sua tese, ratifica as palavras de Sutton-Spence: “Entre tantas definições, observa-se que “literatura” está relacionada à forma de arte, à manifestação estética” (Mourão, 2016, p. 33).

A pesquisadora portuguesa Morgado (2011) esclarece que a palavra Literatura, devido ao seu significado, não é muito indicada para se tratar das produções literárias em língua de sinais, em razão de a maioria destas produções serem produzidas por meio de *gestos*<sup>30</sup> e não palavras. Em vez de dizer *estética dos textos ou palavras*, poderia substituir por *enunciado gestual e palavras por gestos*. No caso do Brasil, gesto significa sinais.

A literatura é rica e importante para os seres humanos. Pois ela não apenas se manifesta artisticamente sobre qualquer assunto. Peixoto (2020, p. 49) em suas belas palavras, conta que a literatura “recria e reconta a realidade de um povo, gerando textos literários que emergem das relações humanas.” Além de que através dela é possível conhecer as experiências vividas pelas pessoas que viveram em uma determinada época e local.

No próximo capítulo, será tratado sobre um grupo de pessoas, que são integrantes da comunidade surda. A literatura também entrou no mundo dos surdos e da sua comunidade, que é composta também por familiares de surdos, filhos de surdos, intérpretes de surdos, dentre outras. Esse capítulo é muito importante, pois contém a explicação de algumas denominações relacionadas à Literatura da Comunidade Surda e foi a base para a construção da Literatura Coda.

## **2.2. A literatura no mundo dos surdos**

No mundo visual, onde as belezas das produções literárias são realizadas em línguas de sinais, possuem personagens surdos (e da comunidade surda), cultura surda, histórias de opressões, lutas e conquistas do povo surdo.

Os sujeitos surdos reconhecem modelos e valores históricos através de várias gerações de surdos, com artistas plásticos e outros artistas. Nas comunidades surdas existem piadas e anedotas, conhecimentos de fábulas ou contos de fadas através da família, até adaptações de vários gêneros, como romance, lendas e outras manifestações culturais, que constituem um conjunto de valores e ricas heranças culturais e linguísticas. (Mourão, 2011, p. 73)

---

<sup>30</sup> Gestos termo usado pela comunidade surda de Portugal para se referir aos “Sinais”

Mais adiante será aprofundado sobre a Literatura Surda, ou melhor, literatura da comunidade surda. Conhecer um pouco o contexto histórico que teve influência no surgimento da referida literatura é imprescindível. Este contexto histórico será contado com a ajuda de alguns autores importantes como Skliar (2015), Karnopp (2008) e Strobel (2009).

Durante décadas, as pessoas surdas foram estereotipadas com vários nomes. Uma das teorias mais chocantes, na antiguidade, pertenceu a alguns filósofos gregos, especialmente Aristóteles, onde os mesmos afirmavam que uma pessoa surda não era humana, devido a não escutar e não falar, uma vez que a oralização era fator determinante, naquela época, para o indivíduo ser aceito em sociedade, sendo assim o surdo vivia à margem, em isolamento absoluto.

Esta situação perdurou até final da idade média, quando uma equipe de educadores viu que o surdo tinha capacidade para ler, escrever e falar e resolveram se dedicar à educação dos mesmos, com métodos específicos.

Essa reviravolta foi dividida em duas principais metodologias de educação surda. A primeira metodologia se chamava sinais metódicos, onde um grupo de educadores utilizava a língua de sinais no ensino ao surdo e a outra se chamava oralismo, onde um grupo, que abominava o uso da língua de sinais, afirmava que este recurso atrapalhava o desenvolvimento da normalização dos surdos, utilizando somente a fala em todo o processo de ensino.

Skliar (2015) narra que, a disputa para saber qual a melhor metodologia de educação para surdos, foi decidida durante o Congresso de Milão, que aconteceu em 1880, diante de uma votação das mencionadas propostas de educação para surdos, a educação do oralismo foi aprovada. Um fato interessante é que os votantes eram ouvintes, os surdos estavam impedidos de votar.

O conflito de ambos os grupos, durou um bom tempo. As pessoas surdas, por muito tempo, não tiveram voz na educação, nem na sociedade, não podiam opinar, chegando a ficar cerca de 100 anos sem poder usar a sua liberdade.

Conseqüentemente, as perdas na construção histórica, cultural e identitária das pessoas surdas, foram imensas. Sendo a literatura do povo surdo (literatura Surda), parte da construção cultural, uma das mais afetadas.

Percebe-se que a construção da Literatura Surda se iniciou após o desenvolvimento da língua de sinais e que aparentemente ambas caminharam juntas.

Contudo, de acordo com Karnopp (2008), durante a época da censura do uso da língua de sinais na educação dos surdos, a construção da Literatura Surda foi sendo enfraquecida. E para manter viva a língua de sinais, foram surgindo junto aos alunos surdos, as produções literárias em sinais, os quais faziam “circular histórias sinalizadas, piadas, poemas, histórias de vida, mas em espaços que ficavam longe do controle daqueles que desprestigiavam a língua de sinais” (Karnopp, 2008, p. 3).

Vale destacar que inicialmente essas produções literárias eram contadas e transmitidas através da língua de sinais e repassadas de geração em geração, tendo como principal tipo de registro a memorização e que infelizmente por falta de registros tecnológicos, muitas vezes eram esquecidas posteriormente.

A literatura surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem suas histórias oral e presencialmente. Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. (Karnopp, 2008, p. 2)

Em 1960, um linguista chamado Stokoe, deu uma reviravolta na comunidade surda mundialmente. De acordo com Gesser (2009), ele foi responsável pelo reconhecimento linguístico da língua de sinais. Ou seja, ele comprovou que a língua de sinais era uma língua natural como qualquer outra língua oral e que possuía estruturas gramaticais.

Este reconhecimento linguístico de Stokoe foi a base para muitos outros novos estudos relacionados à língua de sinais do Brasil e de outros países. Com a volta e fortalecimento do uso da língua de sinais, automaticamente a cultura surda e identidade surda também foram fortalecidas e construídas aos poucos. De modo consequente a Literatura da comunidade surda.

### **2.3. Literatura da Comunidade Surda**

A autora Peixoto (2023) narra que no Brasil a Literatura Surda ganhou destaque no primeiro curso superior de Letras-Libras ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC em 2006. A primeira disciplina de Literatura Surda foi ministrada pela professora Lodenir Karnopp, além disso, segundo Peixoto

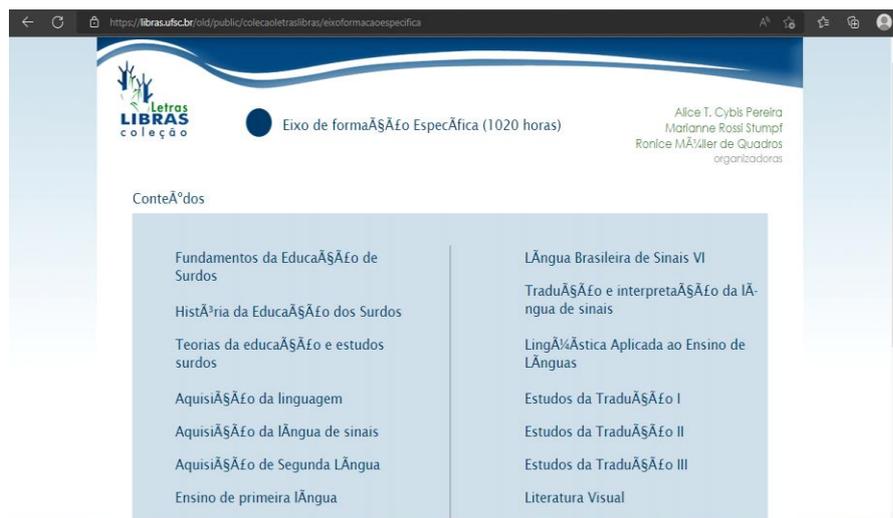
(2023), a professora “se tornou referência por suas relevantes publicações desbravadoras da temática” (p. 17).

Peixoto (2023) baseada em Sutton-Spence (2021) explica que Karnopp tinha recebido uma proposta da UFSC para ministrar uma disciplina denominada Literatura Visual, só que a mesma sugeriu outra nomeação para a disciplina e a proposta foi aceita.

Ao pesquisar os materiais do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, foi encontrado uma apostila de Lodenir Karnopp com o título de *Literatura Surda*, produzido em 2008, dois anos após o oferecimento do primeiro curso de Letras-Libras à distância.

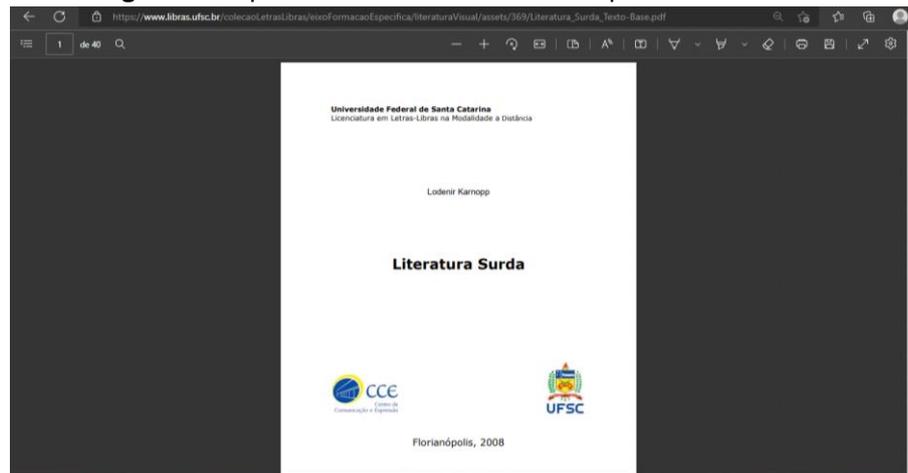
Ao acessar a apostila de Lodenir no site da UFSC do Curso de Letras Libras, na página “Eixo de formação específica” nota-se que o nome da disciplina está denominada como “Literatura Visual”, a proposta da UFSC. Porém, ao clicar nela, o que aparece mesmo é o título “Literatura Surda”, a sugestão da professora Lodenir. (Imagens 12 e 13)

**Figura 12:** Nomes das disciplinas do curso de Letras Libras da UFSC, na modalidade EAD



**Fonte:** site da UFSC - Letras Libras (2023)

**Figura 13:** Apostila de Literatura Surda da professora Lodenir



**Fonte:** site da [UFSC - Letras Libras](http://www.libras.ufsc.br)

Um caso parecido aconteceu com o curso de Letras-Libras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Peixoto (2023), conta que no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), a disciplina está intitulada como Literatura Visual. No caso deste curso, foram adotados ambos os termos: Literatura Surda e Literatura visual.

Talvez isso faça com que surjam muitas dúvidas como: qual seria a terminologia correta para se referir às produções literárias da comunidade surda? Seria Literatura Surda ou Literatura Visual? Será que ambos os termos possuem o mesmo conceito?

Não desvalorizando em nenhum momento as histórias que deram origem as terminologias relacionadas à Literatura Surda no Brasil, é inevitável haver sempre inovações e formulações de nomenclaturas, pois de acordo com Peixoto (2023) a ciência está sempre em movimento.

Não é definitivo ou absoluto, pois novas comprovações são capazes de revolucionar os conhecimentos e teorias anteriores, provocando assim, a transformação do conhecimento. Tudo isso ligado ao conhecimento dominante de cada época. (Peixoto, 2023, p.15)

Além da mencionada autora, Mourão em sua pesquisa publicada em 2016, ou seja, quase oito anos depois da disponibilidade da apostila de Karnopp, sobre Literatura Surda, ratifica que:

Estudos na área de Literatura Surda estão em desenvolvimento, e os pesquisadores buscam a articulação das características da Literatura Surda

com as práticas discursivas presentes na língua, na identidade e na cultura. (Mourão, 2016, p. 32)

Não somente as terminologias estavam e estão em desenvolvimento. A conceituação na época também estava em construção e continua até hoje. Inicialmente, a Literatura Surda, na época, preocupava-se apenas nos tipos de produções literárias da comunidade surda, se eram traduzidas, adaptadas ou criadas, com os tipos de registros dessas produções e os tipos de gêneros literários. Não considerando muito, a influência dos autores das obras. Esta teoria não era usada apenas nos cursos de Letras-Libras da UFSC.

Ao pesquisar sobre as teorias da Literatura Surda do curso de Letras-Libras da UFPB, nos materiais do curso, publicados no ano 2011 e reeditado no ano 2013, o livro volume três, onde consta a disciplina de Literatura Visual, as autoras Porto e Peixoto (2013) afirmam que a Literatura visual considera três tipos de produções literárias visuais. Isso é:

A primeira está relacionada a tradução para a língua de sinais dos textos literários escritos; a segunda é fruto de adaptações dos textos clássicos a realidade dos Surdos e por fim, o tipo que realmente representa o resgate da literatura Surda que é a produção de textos em prosa ou versos feitos por Surdos. (Porto e Peixoto, 2013, p. 168 e 169)

No início das formações acadêmicas de professores de Libras, estas terminologias não eram consideradas erradas, e nem é. Apenas com o passar do tempo, novas pesquisas e novos pesquisadores foram surgindo e dando outras perspectivas ao mundo literário da comunidade surda.

Ao falar de novas perspectivas, é necessário esclarecer que não significa dizer que as primeiras pesquisas devem ser apagadas, e dar lugar às novas.

Até o momento, no campo acadêmico, podem ser encontradas as terminologias em várias publicações: Literatura Surda, Literatura em Língua de Sinais, Literatura em Libras, Literatura visual, Literatura Surda Brasileira e Literatura produzida pela comunidade surda. A partir de agora, será explicado cada uma destas terminologias, fundamentada, principalmente, nas autoras Peixoto e Sutton-Spence. A pioneira autora da Literatura Surda no Brasil, Karnopp, também será mencionada. “Lembramos que não é fácil definir as categorias concretamente

porque não existe uma simples definição satisfatória, mas podemos delinear as áreas de interesse para nossa discussão” (Sutton-Spence, 2021, p. 39).

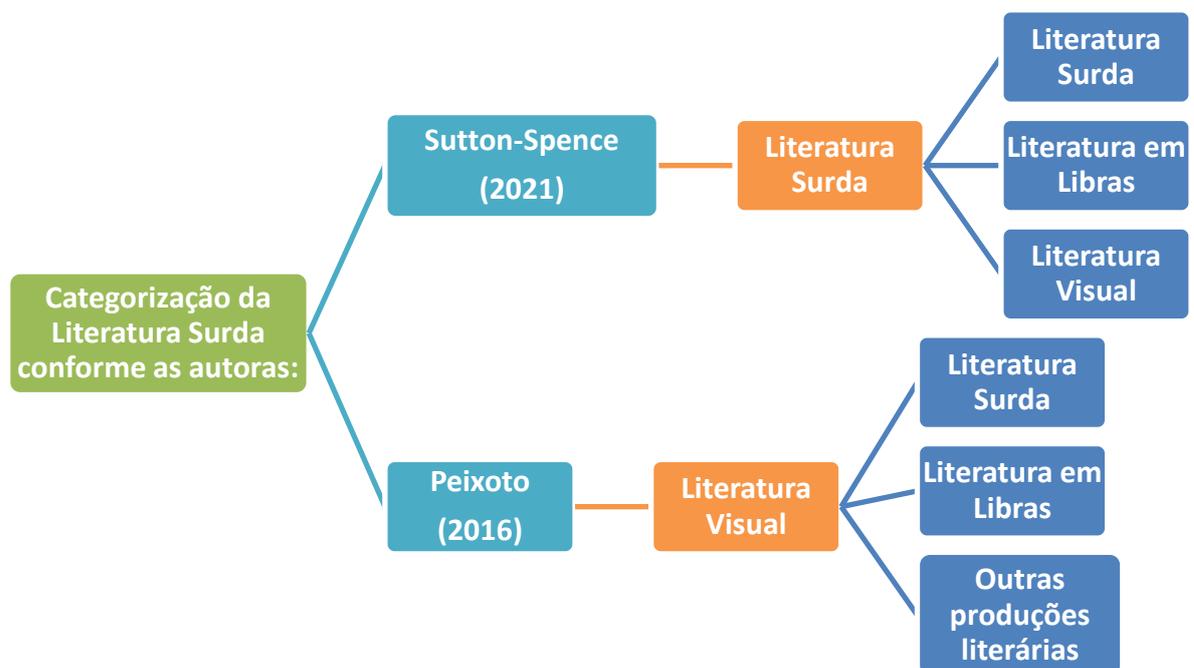
### 2.3.1. Literatura Produzida na Comunidade Surda

Essa denominação, Literatura Produzida na Comunidade Surda, começou a ser utilizada por Sutton-Spence no seu famoso livro *Literatura Surda* (2021), e utilizada por Peixoto em 2023. A respeito desta denominação: “ela abrange a forma ampla das obras literárias produzidas nesta comunidade linguística formada por integrantes surdos e ouvintes” (Peixoto, 2023, p. 21).

Peixoto (2023) lembra que a Literatura Surda já foi inovada, reformulada, desconstruída e reconstruída. Apesar de haver outros autores que pesquisaram sobre a Literatura Surda como Karnopp (2008), Mourão (2011), dentre outros, este trabalho será focado nas teorias de Sutton-Spence e Peixoto. Pois as publicações de ambas são as mais atuais.

A Literatura Surda era categorizada e sub-categorizada pelas mencionadas autoras, conforme o gráfico abaixo.

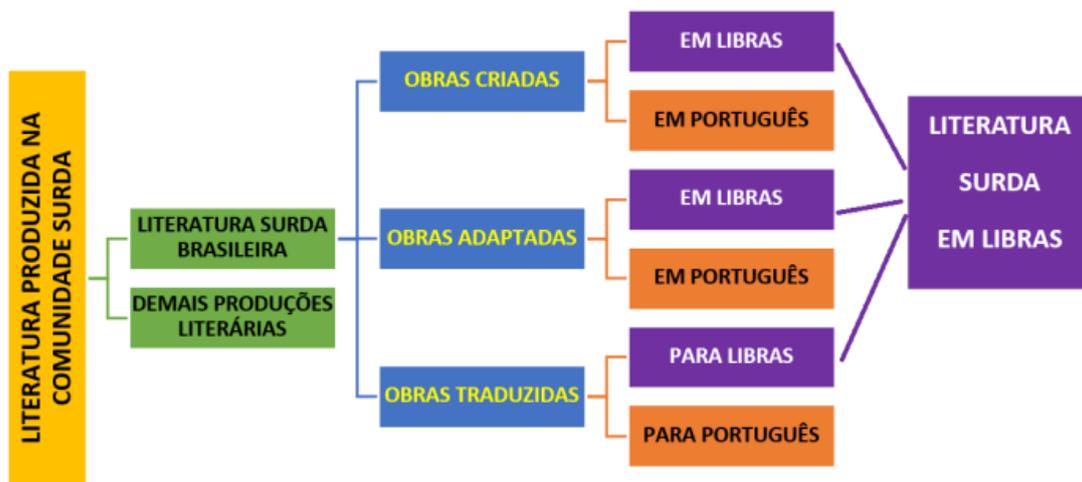
**Quadro 9:** Categorização da Literatura Surda baseado nas teorias de Sutton-Spence e Peixoto



**Fonte:** Elaborado pela autora

Sutton-Spence continua tendo esta mesma categorização, porém Peixoto reformulou a dela. A autora Peixoto (2023, p. 20) esclarece que a proposta de releitura da sua categorização não “se resume apenas a alteração da nomenclatura, mas na reformulação das definições, levando em consideração” alguns questionamentos levantados por Sutton-Spence (2021) em seu livro *Literatura em Libras*.

**Quadro 10:** Atualização da teoria de Peixoto (2023)



**Fonte:** Peixoto (2023, p. 20)

Esta estrutura reformulada por Peixoto (2023) permite uma boa compreensão das teorias de ambas as autoras. A maior mudança é a utilização da nomenclatura *Literatura Produzida na Comunidade Surda* para se referir a todas e quaisquer obra literária da comunidade surda.

Há também reformulação na conceituação de Literatura Surda e literatura em libras, que antes andavam separadas, cada uma possuindo seu próprio conceito e significado distintos. Agora esta última é vista como um tipo de produção literária da Literatura Surda, uma subcategoria da Literatura Produzida na Comunidade Surda.

Para entender melhor esta categorização de Peixoto, baseando em Sutton-Spence, abaixo será explicado a categorização da literatura surda.

### 2.3.2. Literatura Surda

Essa denominação é a original e a mais utilizada pela comunidade surda. Essa terminologia *Literatura Surda*, era inicialmente, usada para qualquer tipo de literatura que se relacionasse com a cultura surda, que possuísse Libras e personagens surdos. Como ratifica Karnopp (2008, p. 40), no seu texto-base publicado em 2008 e utilizado na primeira turma de Letras-Libras à distância da UFSC: “Neste sentido, utilizamos a expressão “literatura surda” para as produções literárias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes nos textos e/ou nas imagens.”

As produções da Literatura Surda continuam tendo estas mesmas características. Sutton-Spence (2021, p.39), em sua pesquisa, enumera quais são os itens para que uma produção literária faça parte da categoria literária surda e que é necessário possuir pelo menos um destes quatro critérios:

- ✓ Ser feita por surdo;
- ✓ Atingir público surdo;
- ✓ Tratar de assunto sobre a experiência de ser surdo;
- ✓ Ser apresentada em Libras.

Este trabalho não pretende analisar quais obras literárias faz parte da Literatura Surda. Mas foi elaborada uma tabela baseada em Sutton-Spence (2021), para entender melhor como funciona os critérios da Literatura Surda, abaixo será mostrado alguns exemplos de produções literárias que possuem alguns destes critérios, ou todos.

**Quadro 11:** Exemplos de produções literárias que fazem parte da Literatura Surda.

Literatura Surda Brasileira	Feita por surdo?	Destinada ao público surdo?	Trata sobre experiência de ser surdo e do conhecimento da cultura surda	Apresentada em Libras?

				
				
				
				
				
<p> Em Sign Writing isso significa “SIM”.</p> <p> Em Sign Writing isso significa “NÃO”.</p>				

Fonte: Baseada numa tabela de Sutton-Spence (2021)

Neste quadro, é possível constatar o fato de não ser obrigatório que todos os critérios sejam atendidos, para que a obra seja considerada Literatura Surda. A primeira obra apresentada, *Tibi e Joca*, não foi criada por autor surdo, não foi

apresentada em Libras, contudo, é destinada ao público surdo e trata da experiência de ser surdo, sendo assim, ela faz parte da Literatura Surda.

A segunda obra no quadro, *E não é que eu ouvi?* não foi produzida em Libras, mas de acordo com explicação das autoras Peixoto (2018) e Sutton-Spence (2021), ela faz parte da Literatura Surda, apesar de não ser apresentada em Libras, é uma obra produzida por uma autora surda, que é usuária de implante coclear e que tem a língua portuguesa como a sua primeira língua, além disso, a obra é destinada a crianças surdas, especificamente aquelas que possuem implante coclear (IC)<sup>31</sup> ou são candidatas ao IC. Além do mais, na narrativa existem experiências visuais, a experiência de ser surdo.

A terceira obra do quadro (fábula da Arca de Noé) e a quarta obra (Chapeuzinho Vermelho Surda) possuem todos os critérios propostos por Sutton-Spence (2021). Ou seja, elas foram produzidas por autores surdos, são destinadas principalmente ao público surdo, tratam sobre experiência de ser surdo e possuem conhecimento da cultura surda, inclusive elas são apresentadas em Libras, além de possuir texto em português.

Estas duas últimas obras acima mencionadas, são adaptadas, foram modificadas e possuem elementos histórico-culturais, acrescentados por autores especialmente surdos. Tais obras podem ser da Literatura Surda mesmo estando na língua portuguesa, desde que seja na modalidade escrita ou sinalizada (Peixoto, 2018).

Já a última obra do quadro *O sapo e a cobra*, é uma tradução para à Libras de um conto literário de autoria ouvinte. Ela faz parte da Literatura Surda, por possuir um dos critérios, ser apresentada em Libras.

Sobre o autor ser surdo, a autora, Sutton-Spence (2021) aponta que pode ser surdo ou “não-surdo”, porém destaca que geralmente os autores das obras da Literatura Surda, são surdos, além de membros da comunidade surda. E que autores surdos e públicos surdos, são fundamentais para a Literatura Surda. Em resumo, tudo depende da perspectiva dos autores e produtores da literatura, mas não existe Literatura Surda sem surdo, seja na autoria de um surdo, ou no público

---

<sup>31</sup> Implante Coclear (IC) é um tipo de aparelho auditivo para pessoas surdas, ou seja, um dispositivo eletrônico inserido por meio de cirurgia na cóclea. Muitas pessoas usuárias do IC e familiares são contra a Libras, afirmando que atrapalha o processo de aquisição da língua oral.

alvo surdo, ou tratar na obra sobre a temática experiência de ser surdo, ou ser apresentada na língua dos surdos, a língua de sinais.

Peixoto (2020) ressalta que quando se trata de obra autoral surda, está se referindo a essência da cultura surda, história e vivência de mundo, baseada em experiências visuais.

Quanto ao público surdo, a autora Peixoto (2020), acrescenta que este tipo de obra literária, apesar de ser destinada ao público surdo, os pais de crianças surdas ou professores que trabalham com surdos, também podem apreciá-las.

Ainda sobre os tipos de produções literárias, podem estar incluídas na Literatura Surda todas as obras traduzidas (como é o caso desta última produção apresentada no quadro, o Sapo e a Cobra) criadas (Tibi e Joca e E não é que eu ouvi?) e recriadas/adaptadas (Fábula da Arca de Noé e Chapeuzinho Vermelha Surda).

### **2.3.3. Literatura em Língua de Sinais**

Além da Literatura Surda, as comunidades surdas também já estudavam a Literatura em língua de sinais. Atualmente ela é entendida como qualquer poema, conto, piada e outras formas criativas feitas em qualquer língua de sinais do mundo (Sutton-Spence, 2021). É importante explicar que no Brasil, ela é chamada de Literatura em Libras (Língua brasileira de sinais), para se referir às produções da comunidade surda brasileira, feitas em Libras. Se for de outro país, apenas substitui a palavra *Libras* pela língua de sinais do país. Por exemplo: Literatura em ASL (*American Sign Language*), Literatura em DSG (*Deutsche Gebärdensprache*), Literatura em BSL (*British Sign Language*), por aí vai.

Anteriormente, nos estudos de Peixoto, a Literatura em Libras era considerada uma categoria de produções literárias, de autoria ouvinte, traduzidas para a língua de sinais sinalizada ou escrita, sem sofrer modificações no seu conteúdo (Peixoto, 2023), ou seja, era na origem da produção literária e não na língua, conforme explicado, por Sutton-Spence.

Com a nova publicação de Sutton-Spence, a Literatura em Libras passou a ganhar um novo conceito. Inclusive, Peixoto passou a adotar a mesma conceituação. Sutton-Spence (2021), aponta que o foco desta literatura é a língua, ou seja, neste contexto ela é caracterizada por ser produzida em língua de sinais. A

padronização ou concordância deste conceito por parte das duas referidas autoras vai muito além, pois, a Literatura em língua de sinais pode ter origem surda ou não, ser criada e apresentada por um surdo ou não.

Apesar de não ser de origem surda e de não tratar do assunto específico das vidas dos surdos, muitas vezes, essa literatura em Libras traduzida ou adaptada é apresentada por surdos, destinada a surdos, na língua gestual-visual-espacial dos surdos e faz parte da literatura surda. Há traduções feitas por ouvintes incluídas na literatura surda porque o que importa dentro dessa perspectiva é a língua de apresentação e o público-alvo. (Sutton-Spence, 2021, p.41)

O único critério para que uma produção da Literatura da Comunidade Surda faça parte desta sub categorização, é ser apresentada em Libras (sinalizada ou escrita). A produção pode ser de autoria surda ou ouvinte. Pode ser criada, adaptada ou traduzida. Voltando ao Quadro 8, pode-se perceber que apenas duas das produções da comunidade surda não fazem parte da Literatura em Libras, os livros *Tibi e Joca* e *E não é que eu ouvi?*, ambas não são apresentadas em Libras, apenas na escrita do português.

Antes da atualização do conceito, como dito, a Literatura em Libras e as produções literárias, eram consideradas as de autoria ouvinte e traduzida para a Libras, por tradutores surdos ou ouvintes. Como retrata Peixoto (2021), em uma de suas publicações (antes da atualização), a autora explica que essa tradução acontece de forma imparcial, os textos das obras originais têm que ser traduzidos sem modificações, de forma fiel. Como, por exemplo, a tradução da fábula *O Sapo e a Cobra*, de autoria ouvinte:

**Figura 14:** Tradução da Fábula “O sapo e a cobra”<sup>32</sup>



<sup>32</sup> Tradução feita para ser apresentada, como trabalho final da disciplina de Tradução Comentada do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB, em 2021.

**Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=oQz3DQz-698>

Vale ressaltar que aparentemente, por muitos anos, as traduções das obras literárias da língua portuguesa para a Libras, utilizavam os mesmos procedimentos e regras das traduções de palestras, congressos, seminários, etc. Aquela conhecida pela comunidade surda, como a tradução, utilizando roupa preta e de uma única postura, como se estivesse traduzindo uma palestra.

Contudo, os estudos da tradução têm evoluído consideravelmente e isto tem mudado. Sutton-Spence (2021), afirma que há normas literárias para a tradução destas duas línguas e que o profissional que irá interpretar, tem que entender bem as normas, antes de fazer as traduções, caso contrário, ele irá interpretar sem levar em conta a estética e a beleza de uma obra literária, como não atingir o principal objetivo de um texto literário, que é levar a emoção aos surdos.

Consoante, Sutton-Spence (2021), podem também ser consideradas parte da Literatura em Libras, as obras literárias adaptadas. Conforme autora, este tipo de conto “soa mais como um reconto... não precisa seguir um texto escrito, mas são baseadas nas histórias originais dos ouvintes” (p.41). Assim dizendo, nesse reconto, são acrescentados traços culturais da cultura surda, personagem surdo, muitas vezes o enredo é adaptado. (Mourão, 2011)

O livro conto de *Chapeuzinho vermelho surda* (Figura 15) é um exemplo de Literatura em Libras adaptada, pois ela é uma história adaptada da original e é recontada em Libras.

**Figura 15:** Conto de Chapeuzinho vermelho surda da autoria de João Filho (2020)



**Fonte:** Letraria

Sutton-Spence (2021), estabelece que essas traduções ou adaptações, podem ser traduzidas por textos escritos, filmes, peças de teatros, desenhos animados e cartuns. Além disso, alude a Literatura em Libras a “poemas, contos, piadas, jogos e outras formas de arte criativas feitas em Libras, que são culturalmente valorizadas” (Sutton-Spence, 2021, p. 26).

Noutra informação importante, a autora Sutton-Spence (2021), elucida que há registros de traduções feitas por surdos e por ouvintes, da língua portuguesa para a Libras na modalidade escrita (ELS ou *SignWriting*) ou para a modalidade sinalizada.

Vale enfatizar que faz parte desta subcategoria literária, além de utilizar na tradução a língua de sinais, o uso das “imagens visuais e a dança, sendo uma mistura de sinais e gestos, uma literatura do corpo e uma literatura de performance” (Sutton-Spence, 2021, p. 26).

#### **2.3.4. Literatura visual**

Este tipo de categoria/subcategoria da Literatura Surda sofreu várias desconstruções. Não há muitas pesquisas focadas na Literatura visual. Pois para alguns estudiosos a Literatura visual e a Literatura Surda eram consideradas as mesmas coisas, sendo assim, tendo os mesmos conceitos. Como podemos lembrar, a UFSC e UFPB utilizaram a terminologia Literatura visual para nomear a disciplina de Literatura Surda.

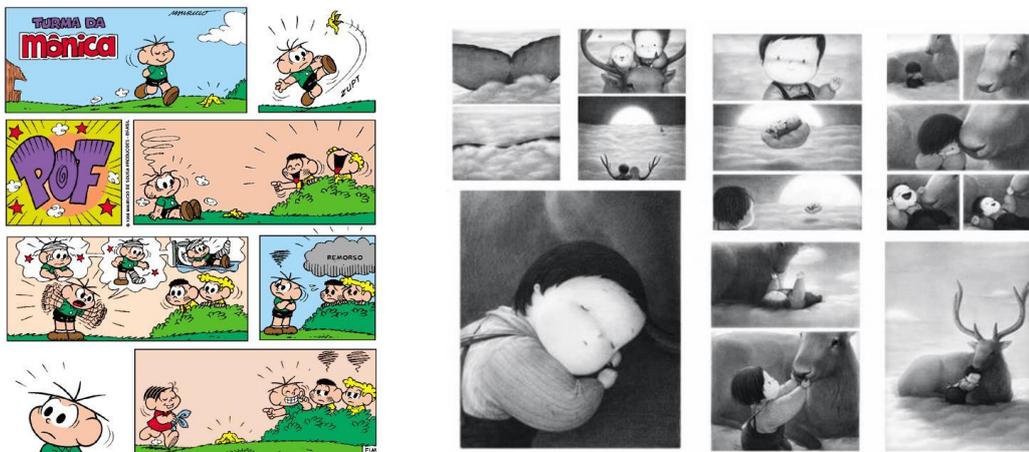
Possivelmente esta terminologia foi baseada no pensamento, o qual as pessoas surdas, são prioritariamente visuais, além do mais alguns afirmam que a língua de sinais é uma língua de modalidade gestual-visual, sendo assim, a Literatura visual é produzida na língua de sinais, uma língua gestual-visual e contém narrativas das experiências visuais do povo surdo.

A Literatura visual pode ser encontrada nas pesquisas publicadas pelas autoras Sutton-Spence (2021) e Peixoto (2018). Primeiramente, Sutton-Spence (2021) afirma que na comunidade surda há produções literárias na língua de sinais, e na língua portuguesa e há também as produções literárias na modalidade visual, na qual ela chama de literatura visual.

A Literatura visual é uma categoria de literatura que dá prioridade às imagens visuais, especialmente às produções não verbais. Assim, os teatros sem palavras e a mímica, os livros de imagem, os gibis e as histórias em quadrinhos fazem parte também da literatura visual. (Sutton-Spence, 2021, p. 43)

Sutton-Spence (2021), explica que muitas produções literárias da Literatura visual, feitas pelos ouvintes realmente são acessíveis aos surdos, mas não podem fazer parte da Literatura Surda, pois não atende aos critérios de Literatura Surda. Abaixo seguem dois exemplos de Literatura visual, que podem ser acessíveis tanto para pessoas ouvintes, como para pessoas surdas e que não possui nenhum dos critérios para compor a Literatura Surda:

**Figura 16:** Exemplos de literatura isual produzida por ouvintes: Quadrinho da turma da Mônica e o livro “Uma criança única” de Guojing



Fonte: Google

No entanto, acrescenta ainda que há produções da Literatura visual não-verbal (que não utiliza a Libras), mas faz parte da Literatura Surda, por conter os outros critérios da Literatura Surda, como, ser feita por surdo, possui experiência visual e ser destinada ao público surdo. Como, por exemplo, a poesia *A dor do silêncio*:

**Figura 17:** Poesia *A dor do silêncio*, de Renata Freitas



**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=y\\_4sEh9PixE](https://www.youtube.com/watch?v=y_4sEh9PixE)

Essa poesia (Figura 17) pode ser considerada parte da Literatura visual, pois não é narrada exatamente na língua de sinais, foram usados gestos e há possibilidade de pessoas que não sabem a Libras captarem através do visual o significado da mensagem.

Em resumo, Sutton-Spence (2021), explica que essa categoria da literatura em geral é sobre as produções literárias não verbais, literatura sem o uso da língua oral, nem da língua de sinais, apenas priorizando as imagens visuais, tanto ilustração, como corporal. A referida autora, ainda, alerta em seu texto, que a Libras é verbal.

Por estes motivos explicados, a mesma desconsidera que a Literatura visual tenha o mesmo significado da Literatura Surda, embora dependendo dos critérios, venha a fazer parte da Literatura da Comunidade Surda.

Há uma nova técnica (pouco estudada), de expressar uma produção literária utilizada pela comunidade surda chamada de vernáculo visual, conhecida também como VV, ou Libras em 3D. Ela não usa exatamente a língua de sinais, segundo Sutton-Spence (2021), ela visa criar imagens visuais em forma de gestos. É uma possibilidade do VV fazer parte da Literatura visual, porém, a autora afirma que ainda precisa estudá-la e descobrir o seu lugar na Literatura Surda.

Aqui no Brasil, os surdos Fábio de Sá (São Paulo), Cristiano Monteiro (Recife) e Tamara Silva (João Pessoa) são alguns pesquisadores e produtores que utilizam o VV em suas produções literárias.

Em relação à autora Peixoto (2020) a mesma havia publicado sobre a Literatura visual:

[...] é o termo mais amplo, que abrange todas as produções da comunidade linguística que se comunica através da língua visual-gestual. Consiste no todo, composto pela: Literatura em LIBRAS e pela Literatura Surda. Isto quer dizer que, engloba também as produções literárias de ouvintes integrantes desta comunidade linguística. (Peixoto, 2020, p. 44)

A Literatura visual no contexto da comunidade surda (e não somente povo surdo) era composto por *Literatura em Libras e pela Literatura Surda*. Esclarece ainda que sobre a comunidade surda, a qual “engloba também as produções literárias de ouvintes integrantes desta comunidade linguística” (Peixoto, 2020, p. 44). Isso significava, conforme Peixoto, que a Literatura em Libras e todas as demais relacionadas à comunidade surda (incluía além de surdos, família, professores, intérpretes, etc.) também pertenciam à Literatura visual.

Com o novo estudo e nova publicação de Peixoto (2023), a autora compreende e elucida que a Literatura visual não é uma terminologia exclusiva da comunidade surda. Ela é utilizada prioritariamente no contexto dos ouvintes para se referir às produções não-verbais. Por isso, Peixoto (2023, p. 18) busca evitar “equivoco de entendimento, e prejudicar uma luta antiga por reconhecimento linguístico literário. É notoriamente necessário apontar para uma padronização do termo que representa a Literatura produzida na comunidade surda brasileira...”.

### **2.3.5. Demais produções literárias**

Este tipo de Literatura da comunidade surda foi proposto primeira vez pela autora Peixoto em 2020, no seu livro *A tradição literária no mundo visual da comunidade surda*. Neste capítulo, ela é definida pela autora (2020, p. 94) como: “outras produções adaptadas e criadas, sobre o contexto da cultura surda, por ouvintes bilíngues, integrantes desta comunidade linguística, [...] não é uma autêntica literatura surda”.

Peixoto (2023) explica que as produções literárias desta categoria são aquelas adaptadas e criadas, que surgiram no contexto da Literatura Surda por pessoas ouvintes bilíngues, que fazem parte da comunidade linguística. Acrescenta ainda que apesar de fazer parte da denominação atualizada “Literatura produzida na comunidade surda”, não pertence à Literatura Surda por não ter nenhum dos critérios indicados por Sutton-Spence. Exemplos de produções deste tipo estão

no livro *Coda o menino astronauta*, da autoria de Messias Belém, lançado no dia 28 de julho de 2023 e na poesia de um intérprete de Libras chamado Reginaldo Aparecido Silva.

**Quadro 12:** Exemplos de Demais produções literárias

<b>Análise dos critérios de Sutton-Spence</b>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <b>Não foi</b> feita por surdo;</li> <li>✓ <b>Não tem</b> Experiência de ser surdo e do conhecimento da cultura surda;</li> <li>✓ <b>Não tem</b> como foco atingir um público surdo;</li> <li>✓ <b>Não</b> é apresentada em Libras;</li> </ul> <p>➤ Mas foi feita por uma pessoa que faz parte da Comunidade Surda. No caso um Coda.</p> <p><b>Fonte:</b> Coda o menino astronauta (Belém, 2023)</p>
<p>Ser um tradutor intérprete de língua de sinais é mais do que apenas gostar do sujeito Surdo. É (re) conhecer o seu mundo e viver e estar inserido nele constantemente, num contínuo e eterno processo de aprendizagem!</p> <p style="text-align: center;">Reginaldo Aparecido Silva</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <b>Não</b> é feita por surdo;</li> <li>✓ <b>Não tem</b> Experiência de ser surdo e do conhecimento da cultura surda;</li> <li>✓ <b>Não tem</b> como foco atingir um público surdo;</li> <li>✓ <b>Não</b> é apresentada em Libras;</li> </ul> <p>➤ Mas foi feita por uma pessoa que faz parte da Comunidade Surda. No caso um Intérprete de Libras.</p> <p><b>Fonte:</b> <a href="https://www.pensador.com/frase/MjA0OTY3Nw/">https://www.pensador.com/frase/MjA0OTY3Nw/</a></p>

**Fonte:** Analisado pela pesquisadora

Como visto, essas produções literárias não contêm nenhum dos critérios apresentados por Sutton-Spence (2021), para poder fazer parte da Literatura Surda. Mas são um livro e uma poesia que emergem da comunidade surda, foi produzida por pessoas que fazem parte da comunidade surda.

É importante ressaltar que, no momento, não há muitos dados coletados sobre esse tipo de produção literária. Contudo, não deixa de ser importante que futuramente haja pesquisas para coletar esses dados.

Antes de ir direto à proposta da criação de uma literatura específica para as crianças kotas, conhecer um pouco o conceito da Literatura infantil é essencial. Além disso, é necessário ter uma noção do que significa minorias, pois este termo

está ligado aos kodas, eles não são apenas crianças, mas são também uma minoria dentro da sociedade. Ambos serão explicitados abaixo.

#### **2.4. A Literatura infantil**

Para começar, pode-se afirmar que: semelhantemente à literatura, a Leitura infantil também é dificilmente definida com exatidão. (Coelho, 2000). Entretanto, segundo a autora, a respeito da Literatura infantil em relação à literatura: “E, essência, sua natureza é a mesma da que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança” (p. 29).

Isto é, a Literatura infantil pode ser entendida basicamente como uma das categorias que podem ser encontradas, no meio da literatura. E que as produções literárias que fazem parte da Literatura infantil, são aquelas feitas especificamente para às crianças leitoras. Geralmente os livros (vídeos, *e-book*, sinalizações, etc.) são coloridos, adequados à compreensão e ao interesse da criança (Coelho, 2000). Essa fundamentação foi a base para afirmar que o livro, o produto utilizado nessa pesquisa, se encaixa na Literatura infantil. É um livro colorido, está na linguagem e interesse da criança.

Outro detalhe importante relacionado à Literatura infantil é que ela é defendida pela autora Coelho (2000), como um agente formador. Ou seja, ela é responsável pela transformação, pela formação de uma nova mentalidade nas crianças. Outro fato que levou à criação do livro foi o desejo de transformar a mentalidade das crianças kotas, as levar a valorizar a sua história e sua identidade kotas.

Todavia, não é qualquer obra literária que transforma a mentalidade de uma determinada criança. Cada livro infantil (ou outras modalidades de leitura) possui características específicas para cada criança, independentemente da idade.

Na pesquisa de Coelho (2000), pode ser encontrada uma abordagem sobre os estágios psicológicos da criança, relacionados à leitura, divididos por faixas etárias. A autora utiliza esta teoria para categorizar a “adequação de textos às diversas etapas do desenvolvimento infanto-juvenil” (p. 32). Ou seja, cada livro possui características próprias (podem ser encontradas no quadro a seguir), feitas para cada “faixas etárias”.

As entre aspas utilizadas nas palavras “faixa etária,” estão relacionadas à pesquisa da autora Coelho. A mesma afirma que a inclusão de um leitor em uma das categorias não deve seguir à risca idade por idade, mas que sejam aproximativas. Pois, de acordo com a autora:

Assim, a inclusão do leitor em determinadas “categorias” depende não apenas de sua faixa etária, mas principalmente da inter-relação entre sua idade cronológica, nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo da leitura. Daí que as indicações de livros para determinadas “faixas etárias” sejam sempre *aproximativas*. (p. 32)

Isso é, ao indicar um livro a uma criança, antes de saber a idade (focar nas faixas etárias), o ideal é conhecer um pouco o seu perfil de conhecimento, domínio e amadurecimento sobre a leitura.

O quadro abaixo foi estruturado, baseado no texto de Coelho (2000), onde podem ser encontradas algumas orientações sobre as indicações de livros de acordo com cada “faixas etárias”, divididas em pré-leitor e leitor. As fases de desenvolvimento também ajudam a ter uma ideia de características de livros que sejam adequadas para uma criança. Lembrando que o desenvolvimento das crianças depende de muitos fatores e que nem sempre será possível seguir o quadro, mas que sejam sempre aproximativas.

**Quadro 13:** Indicação de livros para cada “faixa etária” baseado em Coelho (2000)

	<b>Princípios orientadores</b>		
	<b>“Faixas etárias”</b>	<b>Fase</b>	<b>Características de leituras e livros adequados a cada faixa etária</b>
Pré-leitor	Primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos)	Fase da “invenção da mão”, a criança inicia o reconhecimento da realidade que a rodeia, principalmente pelos contatos afetivos e pelo tato.	-Brinquedos, gravuras -Atuação de um adulto manipulando e atuando nomeando os brinquedos ou desenhos; -Inventar situações bem simples que se relacione com a criança.
	Segunda infância (a partir dos 2/3 anos)	Fase em que começam a predominar os valores vitais (saúde) e sensoriais (prazer ou carências físicas e afetivas), e quando se dá a passagem da indiferenciação psíquica	-Orientação de um adulto para a brincadeira com um livro; -Atividades lúcidas; -Os livros devem propor vivências radicadas no cotidiano familiar à criança; -Imagens, sem textos escritos ou com textos brevíssimos que podem

		para a percepção do próprio ser.	ser lidos ou dramatizados pelo adulto; -Fazer a criança entender a inter-relação entre o mundo real e o mundo das palavras; -Possuir graça, humor, expectativa ou mistério.
Leitor	Leitor iniciante (a partir dos 6/7 anos)	Fase da aprendizagem da leitura	-Adulto como “agente estimulador”, para estimulá-la a decodificar os sinais gráficos; -Processo de socialização e de racionalização da realidade; -Imagem com texto; -Possuir humor, graça, comicidade; -Narrativa com situação simples que tenha princípio, meio e fim; -Personagens podem ser reais (humanas) ou simbólicos (animais, objetos, plantas), com traços e comportamentos bem nítidos. (bons e maus, fortes e fracos, etc.) -Texto com palavras de sílabas simples e curtas; -Os argumentos devem estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o querer, o sentir...
	Leitor-em-processo (a partir dos 8/9 anos)	Fase em que a criança já domina com facilidade a leitura.	Presença de um adulto estimulador, como aplainador de possíveis dificuldades ou provocador de atividades pós-leitura; -Imagens em diálogos com texto; -Textos escritos em frases simples e comunicação imediata e objetiva; -Narrativa com uma situação central que tem conflito a ser resolvido até o final; -Possuir princípio, meio e fim; -Pode ter humor, situações inesperadas, realismo, imaginário, fantasia.
	Leitor fluente (a partir dos 10/11 anos)	Fase de consolidação do domínio do mecanismo da leitura e da compreensão do mundo.	-A presença do adulto já não se faz necessária; -As imagens são dispensáveis, mas uma ilustração ainda pode ser atraente; - Personagens atraentes: Heróis ou heroínas humanos, que lutam por um ideal humanitário e justo; -A linguagem pode ser no nível

			coloquial ou no nível culto; -Gêneros interessantes: contos, crônicas ou novelas; -Temas: mitos, lendas, ficção científica, policiais, universos diferentes do nosso mundo.
	Leitor crítico (a partir dos 12/13 anos)	Fase de total domínio da leitura, da linguagem escrita, capacidade de reflexão em maior profundidade.	-

Fonte: Baseado em Coelho (2000), págs. 33 a 40

Essas faixas etárias propostas pela autora serão essenciais para a pesquisa dessa tese. Com essa base, será possível realizar o encaixe dos sujeitos da pesquisa em cada categoria, como dar uma justificativa para o comportamento leitor de cada criança no resultado e discussão.

## 2.5. Representatividade de minorias na Literatura

Coelho (2000) narra que a princípio a Literatura infantil era escrita somente por uma pessoa adulta, falava sobre herói, tinha padrões sociais, obediências às autoridades, superioridade do homem, dentre outros, sempre relacionado à conduta certa ou errada na concepção da sociedade da época, ou nas palavras da autora a criança em outra época era vista como um “adulto em miniatura”.

Já no mundo contemporâneo a Literatura infantil passou a ter novos valores, mas ainda deformados. Como, por exemplo, em vez de só herói, começou a ter meninos e meninas normais, repúdio ao autoritarismo, consciência da relatividade, em vez de casal (homem e mulher), passou a usar núcleo familiar, (avós, pais, filhos, etc.), entre outros.

A pesquisa não pretende aprofundar a contextualização da transição da literatura tradicional para a nova, até porque este não é o objetivo. Mas para corroborar com a ideia de que a Literatura infantil passou por mudanças e continuará passando, de acordo com o desenvolvimento social, econômico, linguístico e intelectual. E estas mudanças possuem relações com o assunto que será explicado a seguir.

Representatividade nos livros infantis é o assunto de interesse neste trabalho. Em um mundo cheio de pessoas diferentes, culturas, raças, línguas,

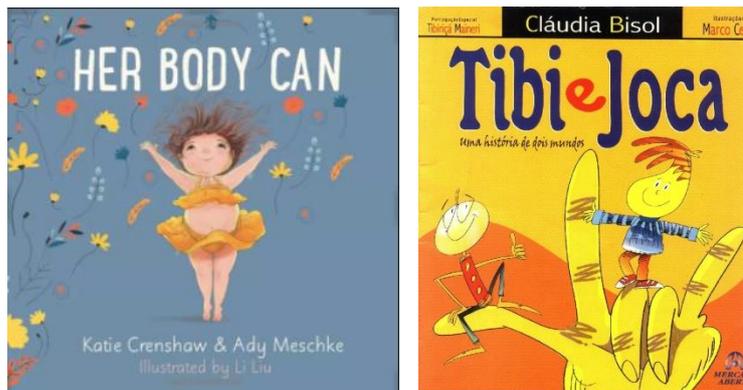
características físicas, todas iguais nas diferenças. Padrão de pessoa não se encaixa mais nesta era. Aparentemente a necessidade de representatividade nos livros infantis só existe devido à ignorância, preconceito e discriminação por parte de algumas pessoas. Se não fosse por isso, todos os diferentes personagens dos livros seriam normais, não seriam vistos como diferentes do padrão social.

A representatividade pode manifestar por meio de elementos culturais de cada minoria. No contexto negro, Silva et Al. (2020) dão exemplos de elementos como: “cabelo crespo e dar cor pretinha da menina bonita” (p. 181). São apenas dois exemplos de muitos elementos da cultura negra. A existência da representatividade não foca a autoidentificação das crianças ou adultos negros apenas nos elementos culturais, mas também “poderá nos pôr em contato com a história, memória e herança cultural africana presente na formação cultural afro brasileira” (Gomes, 2003, p.180).

As outras minorias também possuem elementos próprios, além das próprias histórias. Algumas minorias não possuem heranças culturais como do povo negro, por não terem pessoas da família com a mesma diferença para herdar. Mas mesmo assim, continua sendo importante possuir elementos culturais para a autoidentificação de cada criança. Abaixo há alguns exemplos de livros infantis que retrata sobre as minorias e a posterior, uma pequena análise da pesquisadora sobre a importância de cada livro para as minorias.

**Figura 19:** Exemplos de livros para minorias





Fonte: Google

*O cabelo de Lelê* conta sobre uma menina que buscava valorizar os traços da cultura negra que foram e são discriminados pelo racismo. A história de Lelê é diferente das outras três, no quesito de sua família também fazer parte da minoria negra. Sua mãe é negra e foi uma personagem importante na história para dar apoio à Lelê e continuar com a transmissão da sua cultura.

*Júlia e seus amigos*, é um livro que narra sobre uma menina que sofreu um acidente, e estudava numa escola especial, mas depois da mudança de casa, ela começa a estudar em uma escola regular. A história de Júlia, também é muito importante. Pois existem crianças que após um acidente ou doença passam a fazer parte de um grupo de minoria, como ela. A história mostra uma nova vida em adaptação, não somente para ela, mas também para os seus pais e muitas outras pessoas que convivem com ela. Mas continua sendo uma vida para ser vivida.

*Her body can* (Traduzido para o português: *O corpo dela pode*), conta a história de uma menina que sofria bullying por ser gorda, mas nunca se deixou ser derrotada. O bullying é um conjunto de violências sofrido por muitas pessoas, incluindo crianças. É quando é “praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima” (Lei n.º 13.185/2015). No contexto da história, a menina ensina a não se intimidar com que os outros falem do seu corpo, nada disso vai impedir que a mesma realize muitas coisas e viva uma vida normal.

*Tibi e Joca*, esse livro é sobre um menino surdo que nasceu em uma família com pais ouvintes, onde todos passam por dificuldades até aprender a língua de sinais. Essa história é semelhante a de Ana Júlia, onde os pais não esperam ter um(a) filho(a) com deficiência. Essa surpresa representa a realidade de muitas

famílias que passam por dificuldades, por falta de conhecimento sobre pessoas surdas. Porém, também mostra uma possibilidade de facilitar a vida de todos ao aprender a língua de sinais. Muitas crianças surdas precisam apenas de empatia.

São alguns exemplos de produções literárias que retratam algumas (infelizes) situações atuais. Estes grupos de pessoas que necessitam de representatividade nos livros são conhecidos como minorias<sup>33</sup>. É necessário falar sobre este assunto para chegar ao objetivo da tese. Pois, como já mencionado um pouco no texto, as crianças kotas também são consideradas uma minoria.

Segundo o dicionário online Michaelis da UOL (2024), antropológica e sociologicamente, minoria significa um:

Subgrupo de uma sociedade que se considera ou é considerado diferente do grupo dominante, em face das características religiosas, étnicas, políticas, de nacionalidade, língua, etc. e, em decorrência dessas diferenças, não tem a mesma participação na sociedade como um todo nem as mesmas oportunidades, sofrendo, muitas vezes, discriminação e preconceito.

Pode-se também dialogar com Dalcastagné (2012) sobre o conceito de minoria, onde para a autora, este termo significa “todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebem valoração negativa da cultura dominante” (p. 17).

Historicamente, esta denominação era utilizada apenas para se referir a alguns grupos de minorias sociais, contudo, o seu conceito precisou ser ampliado.

No Brasil, os afrodescendentes, indígenas e imigrantes. Entretanto, surgiu a necessidade de ampliação do conceito de minorias para outros grupos em situação de vulnerabilidade nas sociedades modernas, tais como: crianças e adolescentes, idosos, mulheres, deficientes, população LGBTQI+, moradores em situação de rua, entre outros. (Ramacciotti e Calgaro, 2022, p. 03)

Apoiando nesta citação e na contextualização, pode-se afirmar que os kotas fazem parte de um tipo de minoria social, por serem crianças que vivenciam a mesma valoração negativa da cultura dominante, assim como sua mãe e/ou pai.

Alguns elementos da cultura coda, com análise realizada no livro de Quadros (2017), podem ser apontados (sempre, sem generalizar) como, ter mãe e/ou pai surdos, falar com as mãos, aquisição oral tardia, falar palavras ou frases

---

<sup>33</sup> Embora seja usado o nome minoria não significa que sejam poucos.

erradas, ter um jeito de se comportar parecido com os surdos, dentre outros. Na perspectiva do povo padrão da sociedade, esses elementos são vistos como negativos, diferentes do padrão social, enquanto, na perspectiva do povo surdo são vistos como contexto histórico e herança cultural familiar, e podem auxiliar os kotas na sua autoaceitação e orgulho koda.

Apesar dos codas ou kotas possuírem duas culturas, o seu lado da cultura surda é a mais vista de forma negativa pela sociedade. Em contrapartida, a sua cultura ouvinte é elogiada. Por isso os elementos que mais se destacam, são vistos negativamente pelo povo padrão.

Toda explicação na tese, até aqui, permite e sustenta a construção da Literatura Coda, proposta neste trabalho. Para acompanhar o desenvolvimento deste trabalho e entender o seu objetivo, é só seguir para o próximo capítulo.

### 3. UMA PROPOSTA DE CRIAÇÃO DA LITERATURA CODA

#### 3.1. Literatura Coda

Não há nenhuma base teórica no Brasil, que retrate especificamente sobre a Literatura Coda. Porém, fundamentado nas teorias de Peixoto (2020) e Sutton-Spence (2021), é possível realizar uma aplicação e se relacionar com cada tipo de literatura publicada pelas autoras.

Antes de continuar, é importante explicar o motivo da escolha em utilizar a denominação *Literatura Coda*, em vez de utilizar *Literatura Koda*. Como lido ao longo do texto, as denominações coda e koda realmente possuem uma pequena diferença, que é a faixa etária distinta, antes e depois da emancipação. Porém, ambas são do mesmo grupo. Sendo assim, a Literatura Coda pode muito bem representar todas as produções literárias relacionadas tanto aos kodas, como aos codas, sem ter a necessidade de excluir um ou outro.

Voltando à teoria, Peixoto (2020) elaborou um esquema (atualizado em 2023, para combinar com sua nova publicação), comparando as tradições literárias da comunidade ouvinte, em relação à comunidade surda. Um esquema bastante interessante, pois permite realmente ter uma ideia de forma simples e clara das diferenças literárias, entre essas duas mencionadas comunidades.

**Figura 19:** Tabela das tradições literárias brasileiras



Fonte: Peixoto (2023)

A maioria dos estudos relacionados às comunidades surdas são normalmente baseados, adaptados e/ou comparados aos já existentes no mundo ouvinte. Como na pesquisa de Peixoto (2020/2023), a autora faz uma comparação com a literatura ouvinte, embora seja relevante destacar que ambas as comunidades (ouvintes e surdas) compõem a nação brasileira, portanto produzem uma literatura brasileira.

Ao pensar no encaixamento da Literatura Coda neste esquema, houve um quebra-cabeça, pois como lido anteriormente, os kotas e os codas não se consideram nem surdos, nem ouvintes, mas kotas/codas. Não poderia inserir a Literatura Coda na coluna da tradição surda, nem na do ouvinte separadamente. Seria como se eles estivessem vivendo em tempo e espaço diferentes, quando na realidade eles vivem e transitam simultaneamente, no chamado mundo koda/coda.

Após estudos, foi pensado na possibilidade de unificar ambas as tradições literárias, organizada pela autora.

**Quadro 14:** Esquema adaptado pela autora, baseado no esquema comparativo das tradições da autora Peixoto



Fonte: Peixoto (2023, p. 22)

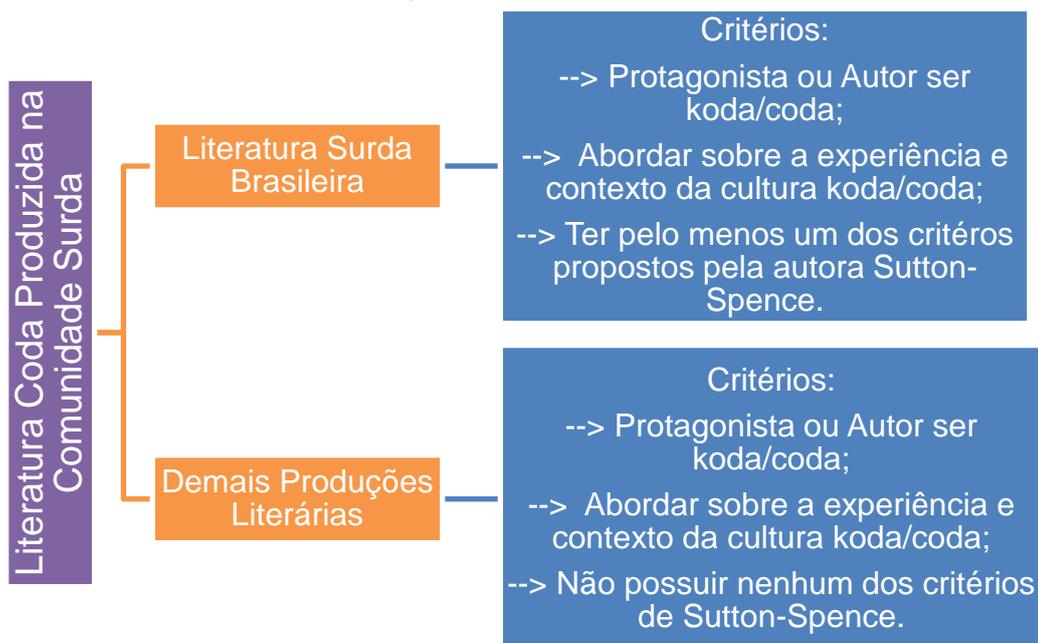
O esquema adaptado, (Quadro 11), mostra o mundo literário dos kotas e codas. A junção da literatura de ambas as comunidades, permite lembrar que os kotas e codas, na maioria das vezes, são indivíduos bilíngues, que utilizam Libras e/ou português, possuem biculturalidade. Nota-se que foi utilizada a conjunção gramatical *e/ou*. Essa conjunção se dá, porque nem todos os kotas e codas possuem o mesmo contexto histórico, familiar, linguístico, educacional e social. Então, eles podem optar por ler ou alguém ler para eles a literatura em libras ou em português, na modalidade oral-auditiva ou visual-sinalizada, vai depender do seu contexto de vida.

Como visto, os kotas e codas merecem abrir um mundo literário próprio. Apesar de Strobel (2016) não direcionar em sua pesquisa o significado da Literatura Surda para os kotas e codas, baseada nela, pode-se afirmar que os kotas e codas possuem experiências pessoais, passam por dificuldades e/ou vitórias, experimentam situações inesperadas, testemunha ações de grandes líderes e militantes surdos ou kotas e codas, como de ações de seus pais e necessitam de valorização de suas identidades. Tudo isso são motivos para que os mesmos possam expô-las por meio de produções literárias. Como afirma Morgado (2011, p. 160): “As histórias possuem uma grande carga cultural. Contar histórias serve assim para transmitir uma herança e uma identidade culturais e uma língua ao longo das gerações, em todos os povos do mundo”.

Por este motivo, este trabalho requer propor a criação da Literatura Coda. Foi necessário um estudo baseado em Sutton e Peixoto, na tentativa de encaixar mais um tipo de literatura da comunidade surda, a Literatura Coda.

É certeza que a Literatura Coda pode ser categorizada na Literatura Produzida na Comunidade Surda. Pois, os kotas e codas são integrantes da comunidade linguística e esse fato se interliga com o conceito de Comunidade Surda de Strobel (2016). Além disso, é proposto neste trabalho, apenas dois critérios para que uma obra literária faça parte da Literatura Coda: Protagonista ou autor da história, poesia, narrativa, etc. ser koda e/ou coda e/ou falar sobre a experiência e contexto da cultura coda.

Contudo, conforme quadro abaixo, dependendo dos critérios da produção literária de/sobre koda e/ou coda, com uma análise detalhada, poderá dizer se tal obra se encaixa na *Literatura Surda* ou nas *Demais produções literárias*.

**Quadro 15:** Proposta dos critérios da Literatura Coda

**Fonte:** Elaborado pela autora

No contexto de uma obra literária Coda, que faz parte da Literatura Surda, pode-se citar o livro *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!* da pesquisadora deste trabalho. Conforme exemplifica Peixoto em sua publicação:

Este exemplo citado, é diferente da proposta de produção da autora surda Gisele Pereira Gama Garcia com pesquisa de doutorado em andamento, onde propõe a criação de uma obra literária para CODAs, neste caso, a autora é surda mãe de CODAs, irá apresentar a obra em Libras e em português, então, atendendo a dois dos quatro critérios, se enquadra na literatura surda brasileira. (Peixoto, 2023, p. 25)

Para entender melhor, como funciona o encaixe das produções literárias codas e kotas na Literatura Surda e Demais Produções Literárias, seguem alguns exemplos no quadro abaixo:

**Quadro 16:** Exemplos de análise dos critérios de livros para fazer parte da Literatura Surda

Obra literária	Faz parte da Literatura Surda por que...
	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Protagonistas são kotas;</li> <li>✓ Abordar sobre a experiência e contexto da Cultura koda/coda;</li> <li>✓ Tem dois critérios propostos pela autora Sutton-Spence:</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Autora é surda;</li> <li>➤ É produzida em Libras;</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Autor é koda;</li> <li>✓ Possui somente um critério propostos pela autora Sutton-Spence: <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Isso é ela foi produzida em Libras;</li> </ul> </li> </ul>

**Fonte:** Analisado pela pesquisadora

Qualquer obra literária coda para fazer parte da literatura surda, é necessário apenas possuir um ou mais dos critérios propostos pela Sutton-Spence. Já uma produção literária Coda, que faz parte da categoria *Demais produções literárias*, pode utilizar como exemplo a poesia feita por um coda publicada no Jornal Voz Ativa em 2022:

**Quadro 17:** Exemplos de análise dos critérios de livros para fazer parte das Demais Produções Literárias

<b>Faz parte das Demais Produções Literárias por que...</b>	
<p><b>Poesia Coda</b></p> <p><i>“Sou muitas mãos E muitas vozes Também sou muitos ouvidos E tantas outras expressões Sou telejornal e novela das 8 Encarte de mercado Promoção de biscoito Sou a pausa – do sinal afoito Astronauta em dois mundos Indo e vindo neles... amiúde Alguém que se reinventa Sou um poema de Nelson Pimenta* Sendo assim, deixa-me suspenso Entre configurações de mãos e grunhidos de meus pais Sinto deles o cheiro (até hoje) Quando falo em sinais”</i></p> <p>(Autor Márcio Messias Belém, 2022)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Abordar sobre a experiência e contexto da Cultura koda/coda;</li> <li>✓ Não possuir nenhum dos critérios de Sutton-Spence, ou seja, o autor não é surdo, não aborda sobre experiência de surdo, não é produzido em Libras, nem o público alvo principal é pessoa surda.</li> </ul>

**Fonte:** Analisado pela pesquisadora

Esta poesia foi feita por um coda e fala sobre a experiência do próprio, não tem como objetivo principal atingir o público alvo, pessoas surdas (lembrando que pessoa surda, intérprete, ou outros públicos podem ler, mas geralmente não são os públicos alvos principais) e nem foi produzida em Libras. Resumindo, não possui nem um dos critérios para ser incluída na Literatura Surda. Entretanto, ela ainda poderá ser encaixada na Literatura produzida pela comunidade surda, já que emerge deste contexto de vivência e o autor é um integrante desta comunidade. E desta forma, está incluída na categoria das Demais produções literárias.

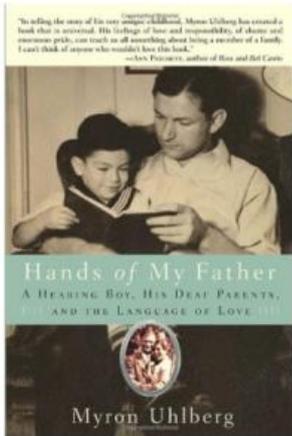
Como essa categoria é nova na Literatura da comunidade surda, ainda não há muitas obras classificadas nela. Foi realizada uma pesquisa, coletando obras literárias codas e será mostrada na seção abaixo. No Brasil, a maioria das obras literárias codas, encontradas durante essa pesquisa, são produzidas em Libras, portanto, essas fazendo parte da Literatura Surda.

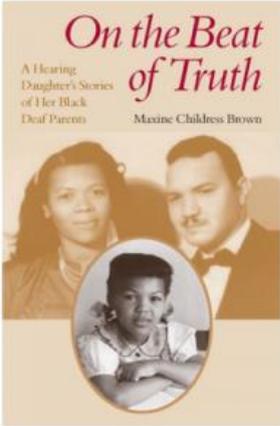
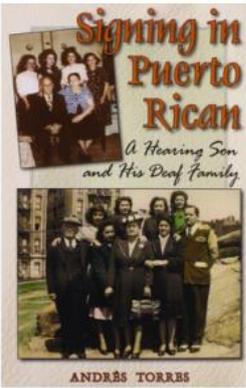
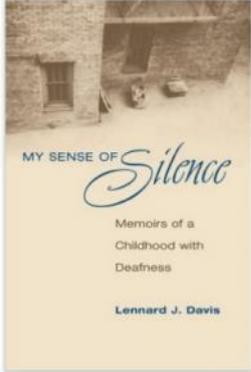
Já com as obras encontradas fora do país, existe a possibilidade de algumas delas estarem nas Demais produções literárias. Não é possível afirmar no momento, pois requer uma análise detalhada das obras, como saber quem é o(a) autor(a), se é surdo ou coda/koda, se é produzida na língua de sinais, para quem é destinada, se fala sobre a experiência surda. Essas produções encontradas foram coletadas e tabeladas na seção seguinte.

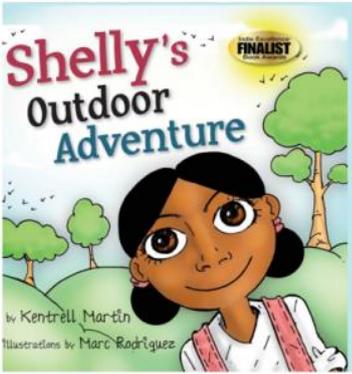
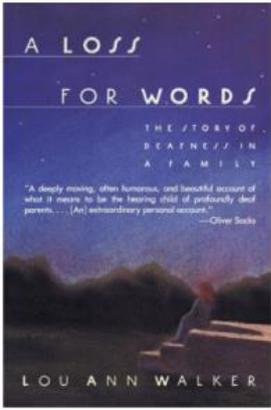
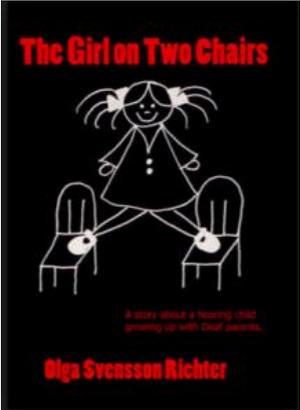
### 3.2. Obras literárias codas

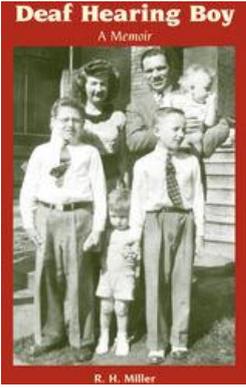
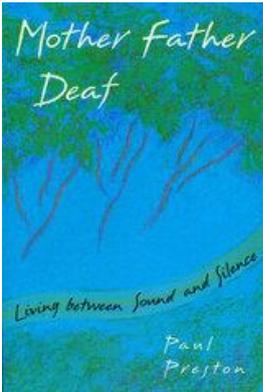
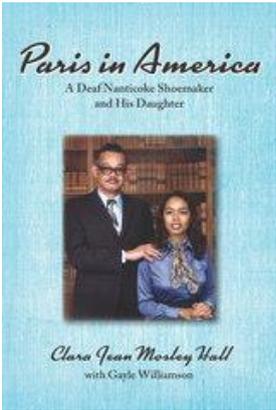
Como dito anteriormente, foi pesquisado obras literárias codas e muitas dessas obras foram encontradas em dois sites americanos. Algumas produções literárias kodas/codas encontradas são em livros e vídeos infantil e adulto. E estas produções foram colocadas no quadro abaixo para fins de registro.

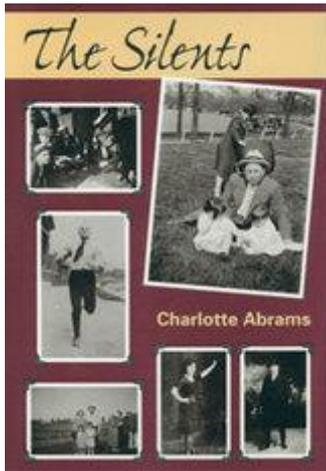
**Quadro 18:** Literatura Coda em Livros

	<p><b>Título original:</b> <i>Hands of My Father</i>  <b>Título traduzido para o português:</b> Mãos de Meu Pai  <b>Autor:</b> Myron Uhlberg  <b>Tipo de Literatura:</b> Autobiografia  <b>Sinopse:</b> História sobre sua vivência com seus pais surdos e seu irmão durante a Grande Guerra.  <b>Idade sugerida:</b> a partir dos 13 anos</p>
	<p><b>Título original:</b> <i>Sometimes I Talk, Sometimes I Sign</i>  <b>Título traduzido para o português:</b> Às vezes eu falo, às vezes eu sinalizo  <b>Autora:</b> Anne McIntosh  <b>Tipo de Literatura:</b> História infantil  <b>Sinopse:</b> Conta a história da koda Sara Ana se preparando para uma festa de aniversário. O pai dela é surdo e a mãe ouvinte.  <b>Idade sugerida:</b> a partir dos 3 anos.</p>
	<p><b>Título original:</b> <i>On The Beat of Truth</i>  <b>Título traduzido par ao português:</b> Na batida da verdade</p>

 <p><b>On the Beat of Truth</b> A Hearing Daughter's Stories of Her Black Deaf Parents Maxine Childress Brown</p>	<p><b>Autora: Maxine Childress Brown</b> <b>Tipo:</b> Autobiografia <b>Sinopse:</b> Narra a história vivida por Brown uma koda e afro-americana em relação a sua participação no contexto das lutas da comunidade surda afro-americana. <b>Idade sugerida:</b> a partir dos 13 anos</p>
	<p><b>Título original:</b> <i>What It's Like Growing Up in a Deaf Family</i> <b>Título traduzido para o português:</b> <i>Como é crescer em uma família surda</i> <b>Autora:</b> Lilit Marcus <b>Tipo Literatura:</b> História Infantil <b>Sinopse:</b> A coda Lilit Marcus responde umas perguntas feitas por pessoas de fora da comunidade surda, sobre seus pais <b>Idade sugerida:</b> a partir de 8 anos</p>
 <p><b>Signing in Puerto Rican</b> A Hearing Son and His Deaf Family ANDRÉS TORRES</p>	<p><b>Título original:</b> <i>Signing in Puerto Rican</i> <b>Título traduzido para o português:</b> <i>Sinalizando em porto-riquenho</i> <b>Autor:</b> Andrés Torres <b>Tipo de literatura:</b> Autobiografia <b>Sinopse:</b> Narra a experiência de Andrés Torres como filho único de migrantes surdos porto-riquenhos vivenciadas nas décadas 50 e 60. <b>Idade sugerida:</b> a partir de 13 anos</p>
 <p><b>MY SENSE OF Silence</b> Memoirs of a Childhood with Deafness Lennard J. Davis</p>	<p><b>Título original:</b> <i>My Sense of Silence</i> <b>Título traduzido para o português:</b> <i>Meu Sentido de Silêncio</i> <b>Autor:</b> Lennard Davis <b>Tipo de Literatura:</b> Autobiografia <b>Sinopse:</b> Narra a vida de Davis durante os anos 50 e 60 em relação aos seus pais, irmão e comunidade surda e o conflito cultural e linguístico. <b>Idade sugerida:</b> a partir de 13 anos</p>

	<p><b>Título original:</b> <i>Shelly's Outdoor Adventure</i>  <b>Título traduzido para o português:</b> A aventura ao ar livre de Shelly  <b>Autora:</b> Kentrell Martin  <b>Tipo:</b> História infantil  <b>Sinopse:</b> A koda Shelly durante uma aventura ensina seus amigos a língua de sinais.  <b>Idade sugerida:</b> a partir de 3 anos.</p>
	<p><b>Título original:</b> <i>A Loss for Words</i>  <b>Título traduzido para o português:</b> Uma perda de palavras  <b>Autor:</b> Lou Ann Walker  <b>Tipo:</b> Autobiografia  <b>Sinopse:</b> Narra uma visão de um koda em relação ao envolvimento de seus pais e irmãos nos movimentos surdos das décadas 50 e 60 e as lutas dos kodas e codas sobre sua posição no mundo.  <b>Idade sugerida:</b> a partir de 13 anos.</p>
	<p><b>Título original:</b> <i>Dad, Jackie, &amp; Me</i>  <b>Título traduzido para o português:</b> Papai, Jackie e eu  <b>Autor:</b> Myron Uhlberg  <b>Tipo:</b> Semiautobiografia  <b>Sinopse:</b> Conta a história e experiência de um koda e seu pai na temporada de estreia do primeiro jogador de beisebol afro-americano, Jackie Robinson, nos anos 1947.  <b>Idade sugerida:</b> a partir de 5</p>
	<p><b>Título original:</b> <i>The Girl on Two Chairs</i>  <b>Título traduzido para o português:</b> A garota em duas cadeiras  <b>Autora:</b> Olga Svensson Richter  <b>Tipo:</b> Autobiografia  <b>Sinopse:</b> Narra a história e experiência de uma koda sueca nas décadas 50 e 60. A mesma conta como é crescer em uma família com surdos-ouvintes e as lutas da comunidade surda sueca.  <b>Idade sugerida:</b> a partir de 13 anos</p>

	<p><b>original:</b> <i>Between Two Worlds My Life as a Child of Deaf Adults</i></p> <p><b>Título traduzido para o português:</b> Entre dois mundos Minha vida como filho de adultos surdos</p> <p><b>Autor:</b> David Sorensen</p> <p><b>Tipo:</b> Autobiografia</p> <p><b>Sinopse:</b> Narra suas experiências como coda quando jovem como a sua aceitação e pertencimento com os dois mundos.</p>
	<p><b>Título original:</b> <i>Deaf Hearing Boy A memoir</i></p> <p><b>Título traduzido para o português:</b> Menino surdo-ouvinte Um livro de memórias</p> <p><b>Autor:</b> RH Miller</p> <p><b>Tipo:</b> Autobiografia (relato)</p> <p><b>Sinopse:</b> Narra a sua experiência como coda mais velho da família.</p>
	<p><b>Título original:</b> <i>Mother Father Deaf</i></p> <p><b>Título traduzido para o português:</b> Mãe Pai Surdo</p> <p><b>Autor:</b> Paul Preston</p> <p><b>Tipo:</b> Autobiografia</p> <p><b>Sinopse:</b> Preston no seu livro fala sobre a cultura surda e auditivas e as suas duas visões de mundo.</p>
	<p><b>Título original:</b> <i>Paris in America A Deaf Naticoke Shoemaker and His Daughter</i></p> <p><b>Título traduzido para o português:</b> Paris na América Um sapateiro surdo de Naticoke e sua filha</p> <p><b>Autor:</b> Clara Jean Mosley Hall</p> <p><b>Tipo:</b> Autobiografia</p> <p><b>Sinopse:</b> A coda Clara têm experiência com nativos-americanos, afro-americanos, surdos e ouvintes. Fala sobre suas experiências com seu pai e sobre as suas lutas e sucessos nas décadas 1950 e 1960.</p>

	<p><b>Título original:</b> <i>The silentes</i>  <b>Título traduzido para o português:</b> Os silêncios  <b>Autora:</b> Charlotte Abrams  <b>Tipo:</b> Autobiografia  <b>Sinopse:</b> Fala sobre as memórias de Charlotte sobre sua vida em Chicago com sua irmã e seus pais surdos durante a Segunda Guerra Mundial. Aborda também a sua depressão e dificuldades de comunicação de sua mãe e seu pai.</p>
---	--

Fontes: Kodaheart's<sup>34</sup> e BiblioVault<sup>35</sup>

Observando o quadro acima, percebe-se que a maioria dos livros trata-se de autobiografia. Os codas das autobiografias contam suas experiências tais como: ser filhos ouvintes de pais surdos, suas participações nas comunidades surdas e movimentos, aceitação e pertencimento com os dois mundos.

E nem todas as autobiografias falam apenas das vivências e experiências (positivas) em relação aos seus pais surdos. Por exemplo, o livro *The silentes* também fala da depressão e dificuldades de comunicação entre uma coda e seus pais surdos.

Algumas dessas biografias, falam sobre a interseccionalidade. Como, por exemplo, em *On The Beat of Truth*, além da autora ser coda, é também uma afro-americana.

Apenas quatro podem ser indicadas aos kodas. A *Sometimes I Talk, Sometimes I Sign*, *What It's Like Growing Up in a Deaf Family*, *a Shelly's Outdoor Adventure* e *Dad, Jackie, & Me*. Nem todas elas são autobiografias como as outras, mas, baseada em algumas realidades sobre relação de filhos pequenos com seus pais surdos e com seus amigos sociais. O livro *Dad, Jackie e Me*, é uma semi autobiográfica, pois uma realidade é contada via ilustração e texto na linguagem infantil.

<sup>34</sup> Fonte: <http://kodaheart.com/10-things-9/>

<sup>35</sup> Fonte: <https://www.bibliovault.org/BV.titles.epl?tquery=Children%2520of%2520deaf%2520parents>

O livro *Mother Father Deaf*, é um livro diferente dos outros, apesar de ser escrito por um coda, chamado Preston, fala sobre a cultura surda e auditiva na visão do autor.

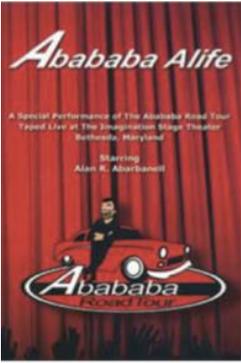
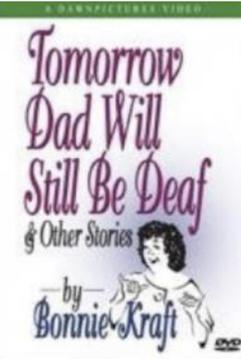
É interessante mencionar que, a maioria dos livros acima listada é de relatos vividos pelos codas e comprovar que registro literário sobre essas pessoas já existia há muito tempo.

Outro detalhe importante que merece destaque são as idades indicadas nas autobiografias. Segundo sugestão encontrada nos sites<sup>36</sup> para a autobiografia, treze anos, é a idade sugerida. Analisando as autobiografias mostradas na tabela acima, a maioria não possui as características indicadas para as crianças que ainda estão em fase de aprendizagem de leitura ou que ainda não chegaram na fase de crítica. Portanto, indicada para adolescente de 13 anos por já possuir “uma capacidade de reflexão em maior profundidade, podendo ir mais fundo no texto e atingir a visão de mundo ali presente...” (Coelho, 2000, p. 39).

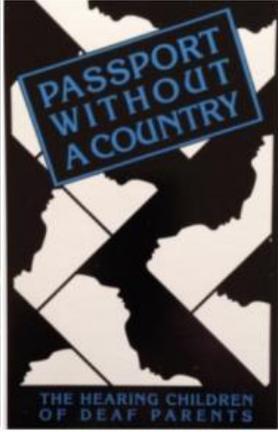
Todos os livros apresentados acima, fazem parte da Literatura Coda, por dois motivos: primeiro ou foram escritos por pessoas codas ou o protagonista do livro é coda ou koda e segundo porque aborda sobre codas ou kotas. Porém, não foi possível dizer quais destes livros fazem parte da Literatura Surda ou das Demais produções literárias, a autora não conseguiu acesso completo a todos esses livros e para classifica-los, é preciso realizar uma análise mais profunda, como saber se algum destes foi produzido por uma pessoa surda, se é escrito em Libras, se aborda sobre a experiência do surdo e se o público-alvo principal são pessoas surdas.

Sabendo que as obras literárias não se concentram apenas em livros, sejam eles, físicos ou digitais, foi realizado também a coleta de outros tipos de modalidades de produções literárias feitas ou que falam sobre codas/kotas, como obras em vídeos e quadrinhos. Como mostra nos quadros abaixo e Figura 20:

Quadro 19: Literaturas Cotas em Vídeos

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alan Abarbanell – <i>Abababa ALife</i></li> <li>• Link: <a href="https://www.youtube.com/@AbabaTube">https://www.youtube.com/@AbabaTube</a></li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bonnie Kraft – <i>Amanhã papai ainda será surdo e outras histórias</i></li> <li>• Em DVD</li> </ul>
	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Coda Brothers – <i>Ria, Aprenda, Assine (Volume 1)</i></li> <li>2. Link do youtube: <a href="https://www.youtube.com/user/Olsonterp">https://www.youtube.com/user/Olsonterp</a></li> </ol>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Keith Wann – <i>Minha experiência diferente</i></li> <li>• Em DVD</li> </ul>

<sup>36</sup> Disponível no rodapé da página 115..

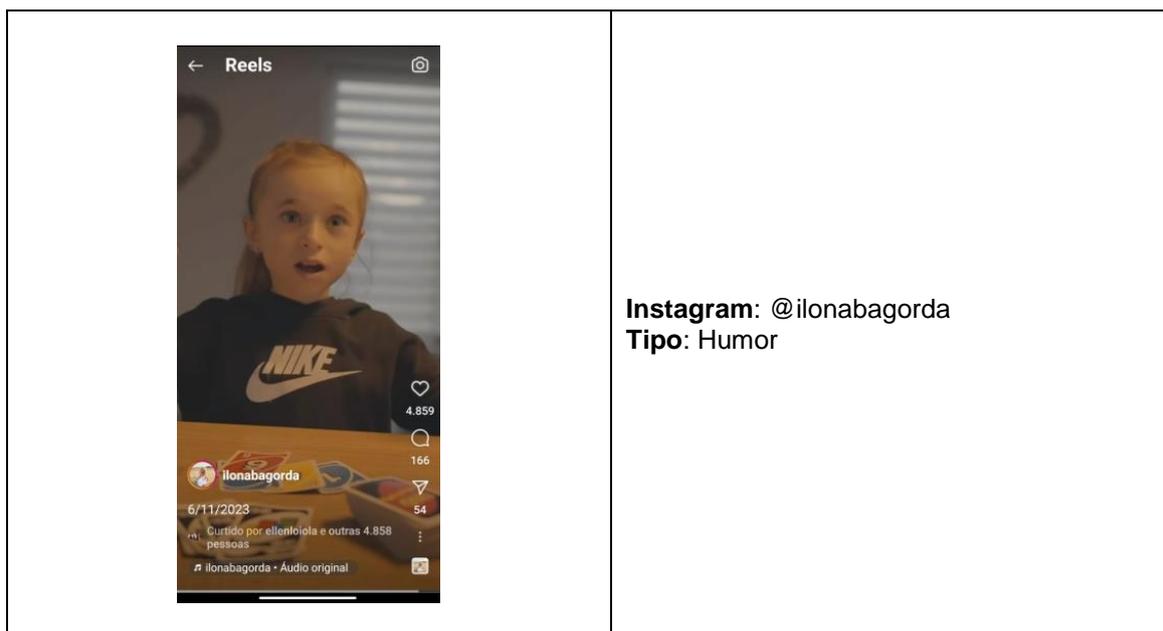
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cameron Davie – passaporte sem país</li> <li>• Link do vimeo: <a href="https://vimeo.com/224250559">https://vimeo.com/224250559</a></li> </ul>
---	---

Fontes: Kodaheart's e BiblioVault

Com o propósito de explorar mais produções literárias de/para coda/koda foram utilizadas as redes sociais (*Instagram* e *TikTok*) e plataforma de vídeo online (YouTube) e encontradas algumas (de muitas) espalhadas neste universo da internet.

**Quadro 20:** Produções literárias nas redes sociais e plataforma de Youtube

	<p><b>Título:</b> CODA  <b>Poetisa:</b> Irina Drytchak  <b>Link do youtube:</b> <a href="#">CODA (Child of a Deaf Adult) by Irina Drytchak</a> - YouTube</p>
	<p><b>Título:</b> My Deaf dad loves being Deaf  <b>Comediante:</b> Andrew J Barlow  <b>Instagram:</b> @sirbizlow  <b>Tipo:</b> Comédia standup  <b>Link do reels:</b> <a href="https://www.instagram.com/reel/Cvw-vh2AkZP/?igshid=MzRIODBiNWFIZA">https://www.instagram.com/reel/Cvw-vh2AkZP/?igshid=MzRIODBiNWFIZA</a></p>



**Fontes:** *Instagram*

O principal critério para as três obras literárias encontradas no quadro acima fazerem parte da Literatura Coda, é o fato de os autores ou protagonistas serem coda e koda, independente do conteúdo. Ao analisar, os três exemplos de produções literárias de codas, apenas *My Deaf dad loves being Deaf*, faz parte das demais produções literárias. Pois ele é narrado na língua oral, conta a sua experiência como coda e nesse contexto, o público alvo são pessoas ouvintes, ou seja, não possui nenhum dos critérios propostos por Sutton-Spencer.

Já as outras duas obras literárias codas fazem parte da Literatura Surda, pois são produzidas na língua de sinais, isso é, tem um dos critérios para fazer parte dessa categoria.

São três produções diferentes. A produção literária de Irina Drythcak, retrata a sua experiência como filha de pais surdos, em forma poética. Já a obra de Andrew J Barlow, apesar de também contar a sua experiência como coda, ele retrata de forma humorada em Standup. Ilona é uma menina koda, protagonista dos vídeos em humor no seu *Instagram*, o tema é variado, não fala apenas da sua experiência com seus pais.

O quadrinho abaixo é outro tipo de obra literária, que pode fazer parte da Literatura Coda.

Figura 21: Produção literária em quadrinho



Fonte: <https://ensino.digital/blog/a-importancia-da-cultura-surda>

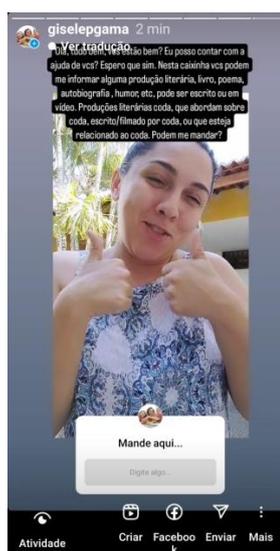
Os quadrinhos de *That Deaf Guy* não abordam somente sobre a experiência de um koda. Fala sobre o dia a dia de uma família de pai surdo e mãe ouvinte e filho ouvinte. Apesar do menino ter apenas o pai como surdo, ele ainda é considerado como koda, pois também adquire a cultura de seu pai.

Por ele ser um menino koda e o gênero literário ser em quadrinho, já são motivos suficientes para se encaixar na Literatura Coda.

Além dessas obras literárias, foi realizado uma pesquisa de produções literárias codas produzidas no Brasil para colecionar e deixar registrado. Primeiro foi pesquisado no *Google*, no *YouTube* e nas redes sociais<sup>37</sup>, pois até o momento não foi achado algum site ou plataforma, específicos, que possuam registros de obras literárias coda no Brasil e nenhuma publicação acadêmica. Durante essa pesquisa, foi possível utilizar como ferramentas os *Instagram* @codabrasil e o *Instagram* de @giselepgama<sup>38</sup> para encontrar produções literárias codas. No *Instagram* de Gisele Pereira há muitos seguidores que são codas ou possuem alguma relação com codas e kotas, que podem ajudar com isso.

<sup>37</sup> Instagram, TikTok e no X (Antigo Twitter).

**Figura 22:** Print do storie do pedido de ajuda de Gisele Pereira



Fonte: Própria

Assim foi sendo coletadas algumas produções de/para Codas, sendo a maioria delas encontradas registradas no *Instagram*, como consta no quadro abaixo.

**Quadro 21:** Produções literárias de/para codas no Brasil

	<p><b>Título:</b> Memória de Pais Surdos  <b>Poeta:</b> Ademar Alves Jr  <b>Link do instagram:</b>  <a href="https://www.instagram.com/reel/Crjjo0sA54x/?igshid=MzRIODBiNWFIZ">https://www.instagram.com/reel/Crjjo0sA54x/?igshid=MzRIODBiNWFIZ</a>  <b>A==</b></p> <p><b>Texto/Tradução do Poema:</b>  <b>MEMÓRIA DE PAIS SURDOS</b></p> <p>Pais surdos se conhecem, casam-se...  Nasce o filho mais lindo!</p> <p>Pais surdos e filho trocam olhares...  conversam pelo olhar...  Pais surdos sinalizam, ensinam o filho a língua de sinais... os sinais ficam na memória</p> <p>Ficam na memória  A expressão facial, os movimentos, o som das mãos, o olhar...</p> <p>Os pais surdos envelhecem, o filho cresce</p> <p>Velhos surdos, o filho cresce, o som, as vozes, o falar... falar...  O som, os pais surdos, o olhar, o ouvir...</p> <p>Ficam na memória  A expressão facial, os movimentos, o som das mãos, o olhar...  O coração... o amor... a língua... o CODA</p>
--	--

<sup>38</sup> É o *Instagram* pessoal da pesquisadora da tese, nele é mostrado diversos assuntos, especialmente com suas duas filhas kodas. Ela possui alguns seguidores que são kodas/codas e seguidores que têm algum relacionamento com os kodas/codas.

	<p>A memória volta, vem... vem... traz meus pais surdos para mim...</p> <p>Um abraço, o olhar, a conversa, o amor! Filho CODA, Pais Surdos</p> <p><i>Ademar Alves Jr.</i></p>
 <p>← Publicações</p> <p>codabrasil</p> <p>223 visualizações • Curtido por dea_byna codabrasil "Já estava pronta para vir ao mundo no dia 31 de Outubro de 1987, no decorrer da gravidez da minha mãe eu não escutava a voz dela, nem do meu pai, mas podia sentir a cada momento seu carinho e amor. Você deve está perguntando, como assim não escutava a voz, sim, meus pais são Surdos e posso dizer com muito ORGULHO que eu sou CODA, que é uma sigla em inglês que significa filhos de pais Surdos." @nandamartins31 @surdoparasurdo Ver 1 comentário 19 de junho de 2017 • Ver tradução</p>	<p><b>Título:</b> -</p> <p><b>Autora:</b> Fernanda Martins</p> <p><b>Link da postagem:</b> <a href="https://www.instagram.com/p/BVhsqemBGfe/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==">https://www.instagram.com/p/BVhsqemBGfe/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==</a></p> <p><b>Texto/Tradução do Poema:</b></p> <p>"Já estava pronta para vir ao mundo no dia 31 de Outubro de 1987, no decorrer da gravidez da minha mãe eu não escutava a voz dela, nem do meu pai, mas podia sentir a cada momento seu carinho e amor. Você deve está perguntando, como assim não escutava a voz, sim, meus pais são Surdos e posso dizer com muito ORGULHO que sou CODA, que é uma sigla em inglês que significa filhos de pais Surdos."</p> <p><i>Fernanda Martins</i></p>
 <p>codabrasil</p> <p>1.744 visualizações • Curtido por maitetils codabrasil O que eh ser Coda?? Por Maitê Maus</p>	<p><b>Título:</b> O que eh ser Coda??</p> <p><b>Autora:</b> Maitê Maus</p> <p><b>Link da postagem/poesia:</b> <a href="https://www.instagram.com/tv/CT5KMZ2pidV/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==">https://www.instagram.com/tv/CT5KMZ2pidV/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==</a></p>

	<p><b>Título:</b> Lei da Libras  <b>Tipo:</b> Duetto  <b>Link:</b>  <a href="https://www.instagram.com/reel/CrbxYH7Jm8v/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==">https://www.instagram.com/reel/CrbxYH7Jm8v/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==</a>  <b>Autores:</b> Cristiano Monteiro e Caio Monteiro</p>
	<p><b>Título:</b> Feliz Pascoa!  <b>Narrador:</b> Caio Monteiro  <b>Tipo:</b> Contaçon de história  <b>Link:</b>  <a href="https://www.instagram.com/tv/CNKXBERJdW8/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==">https://www.instagram.com/tv/CNKXBERJdW8/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==</a></p>
<p><i>“Minha vida com a comunidade surda se reestabeleceu entre os surdos, onde todos começaram a saber que existia um bartender, na Lapa (RJ) que era coda.”</i></p>	<p><i>Coda, Marcelo Messias Belém</i></p>

Analisando o quadro acima, pode-se afirmar que, Ademar Alves, Fernanda Martins e Maitê Martins são codas e cada um produziu uma poesia sobre a experiência em ser coda e sua relação com seus pais.

Já a poesia em forma de Dueto, produzida por Cristiano Monteiro e Caio Monteiro, trata da lei da Libras, conteúdo nada relacionado ao coda ou koda. Mas o que permite que essa obra faça parte da Literatura Coda, é o menino, protagonista da poesia ser koda. E ela é categorizada também na Literatura Surda por ser produzida em Libras e o autor ser surdo.

A poesia “Feliz Páscoa”, é outra poesia produzida pelo mesmo koda, Caio Monteiro. Ela faz parte da Literatura Coda, pelo mesmo motivo anterior, protagonista sinalizante. E esse tipo de obra literária coda está categorizada na Literatura Surda, já que ela também é produzida em Libras.

Outra poesia encontrada é a de Marcelo Messias. É uma poesia escrita na língua portuguesa, o autor é coda, o conteúdo trata de sua vivência e inclusive pelo conteúdo da poesia, a probabilidade do público alvo serem outras pessoas ouvintes é grande. Sendo assim, a obra de Marcelo Messias faz parte da Literatura Coda, por ser uma pessoa coda, mas esse tipo de produção literária não tem os critérios para fazer parte da Literatura Surda, encaixando assim nas Demais produções literárias.

Como perceptível, durante essa coleta, foram encontradas apenas o gênero de poesias.

Com base em toda essa fundamentação teórica explicitada até aqui, é possível agora avançar para o próximo capítulo. A partir daqui será apresentado todo o percurso metodológico trilhado durante a realização da pesquisa.

## 4. PROCESSO METODOLÓGICO: CONTO INFANTIL COM REPRESENTATIVIDADE DE KODAS

### 4.1. Metodologia

Para começar, faz-se necessário relembrar a pergunta que deu início a essa tese: *Como pode acontecer o desenvolvimento de uma Literatura Coda?* Essa foi a pergunta que permitiu a criação do livro *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!*, realizar a tradução da história, entrevistar as mães, coletar as reações das crianças e analisá-las. Enfim, ela sustentou o caminho metodológico dessa tese até chegar a resposta.

Essa pesquisa é classificada em abordagem qualitativa, onde, foi realizada “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados” (Prodanov e Freitas, 2013, p. 70). Não foi focada em quantidade numérica no seu desenvolvimento e sim em fenômenos que permitiram explicar teoricamente os resultados.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em comprovar a importância da Literatura Coda para as crianças kudas. E os objetivos específicos são: propor um novo campo de estudo denominado como Literatura Coda; demonstrar a sua importância através das reações das crianças kudas a partir da leitura do livro *Kodinha? Sim! Sim! Sim!*, e por fim, analisar através das entrevistas das mães, as suas influências em relação à leitura das crianças.

A pesquisa bibliográfica também foi utilizada para o alcance do objetivo deste trabalho. Uma vez que mediante referências teóricas e produções culturais publicadas, foi possível justificar o problema. “Busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema” (Cervo e Bervian, 1983, p. 55). Referências como Sutton-Spence (2021), Peixoto (2020/2023), Quadros (2017), Coelho (2000), Nascimento (2021) e mais outras também consideradas importantes, foram utilizadas na construção da Literatura Coda.

Além dessas referências bibliográficas, foi realizado um levantamento de obras literárias produzidas por codas, esta busca foi feita em sites. A lista com as obras encontradas durante esta pesquisa bibliográfica foi apresentada no capítulo três do presente texto.

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas as entrevistas semi-estruturadas, entendida como semi-directiva ou semi-aberta, que possuem

perguntas pré-estruturadas mas, que podem ser acrescentadas ou modificadas durante a entrevista (Manzini, 2024) e também conta como coleta de dados,

Houve a pesquisa participante, na qual a pesquisadora se envolveu na referida, com a criação do livro infantil com narração e ilustrações sobre a vida dos kodas, baseada na vivência das duas filhas da autora deste trabalho, que são kodas e mediando a roda de leituras. Como definem os autores Prodanov e Freitas (2013, p. 67), pesquisa participante é “quando se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”.

Quanto aos procedimentos, foi dividido em quatro etapas:

- a) A primeira: foi produzido um livro infantil ilustrado nomeado *de Kodinhas? Sim! Sim! Sim!*, que retrata a vida dos kodas;
- b) A segunda: foi realizada entrevistas semi-estruturadas com as mães dos kodas da pesquisa, com o objetivo de conhecer o perfil das crianças e o envolvimento das mães quanto a leitura dos seus filhos.
- c) A terceira: foi realizada a coleta das reações dos kodas (individuais) durante a leitura do mencionado livro e das reações (coletiva) durante a roda de leitura.
- d) E por último, na quarta etapa, foi realizada a análise dos dados coletados e registrados em vídeos e desenhos.

O livro publicado foi distribuído aos kodas, que fizeram parte da pesquisa. Após a distribuição, as crianças tiveram oportunidade de conhecer a história narrada através do livro, tanto por meio da leitura escrita, narração em áudio, como pela leitura das ilustrações e pela contação da história em Libras, executada pela pesquisadora, em um processo, portanto, intersemiótico. As diferentes modalidades de acesso à leitura são devido à diversidade de aquisição linguística de kodas. Todo esse processo foi filmado, para gravar as suas reações e, posteriormente, analisá-las.

Depois desse momento, era para acontecer a reprodução da história do livro por parte dos sujeitos da pesquisa individuais, porém, no percurso, foi necessário modificar essa metodologia para uma roda de leitura, onde a pesquisadora atuou como mediadora. Na análise, será explicado mais detalhadamente, sobre a motivação desta mudança, o caminho metodológico e o seu conceito de roda de leitura.

Entretanto, para deixar registrado e para o conhecimento dos leitores de

como ia ser a reprodução da leitura, ela podia ser sinalizada, em português ou por meio de ilustrações. Essas modalidades iriam ser oferecidas para a escolha deles, porque não são todos os kotas que sabem a Libras, nem todos escrevem. Estas etapas também iriam ser gravadas, para facilitar a análise posterior.

Quanto aos dados, foram analisados e organizados com a ajuda de tabelas sistemáticas, que se são mostradas nos quadros, nas quais serão explicados os fatos ocorridos nas gravações, como as reações e o entendimento da história através da sua leitura. Além das gravações, as produções escritas (em português ou por meio de ilustrações) dos kotas também fizeram parte do corpus de análise. As análises foram relacionadas com referências importantes que fundamentam os dados empíricos.

As reações e os diálogos dos dados foram transcritos para a Libras e para a glosa e *SignWriting*, esses podem ser encontrados no apêndice. É necessário esclarecer que, inicialmente, a proposta era utilizar apenas a glosa, mas havia alguns sinais produzidos pelas crianças e pela mediadora que precisava ser descritos e diferenciados. E o SW pode ajudar nesse caso, deixando mais claro a produção de alguns sinais e contextos. Por exemplo, a glosa “SIM” foi produzida em Libras pelas crianças de duas formas e a ideia da diferenciação pode ser percebida

com a ajuda SW, como, por exemplo:  e .

É importante mencionar que, ao ser relatado os casos de cada koda, o nome de cada um foi substituído por nomes fictícios, para preservar imagens.

O primeiro passo, para poder oficialmente dar início a pesquisa, foi conceber a autorização do Comitê de Ética para poder pesquisar os sujeitos sem prejuízo a cada um, como será detalhado na seção seguinte e após isso a pesquisa avançou em segurança.

#### 4.1.1. Os sujeitos

Como dito, a pesquisa se iniciou após a submissão e a autorização do comitê de ética, protocolado através do número do CAAE 72488723.0.0000.5188. E foram utilizados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os pais e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para Menores, para realizar toda e qualquer pesquisa; sem prejuízos aos sujeitos pesquisados.

Ambos os termos foram traduzidos para Libras, respeitando a primeira língua dos pais das crianças kodas. E para os kodas, foi explicado em Libras pela pesquisadora como funcionava a pesquisa e que, se porventura precisasse, iriam contar com a ajuda de um intérprete de Libras voluntário, com o propósito de esclarecer a pesquisa à(s) criança(s) na língua portuguesa, caso essa seja sua língua de conforto. Contudo, não foi necessário.

Como explicado, este projeto focou em kodas, que são crianças bilíngues bimodais e biculturais. Em relação à faixa etária, a pesquisa priorizou crianças até os 12 anos, fundamentando-se no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), no Art. 2º, na qual considera esta idade como criança, após 12 anos são consideradas adolescentes, além disso, a faixa etária que a autora Coelho utilizou em sua pesquisa, foi até a idade de 12 anos. O objetivo era convidar uma criança koda de cada faixa etária proposta por Coelho (2000), totalizando 5 crianças, porém, não foi encontrada criança com 12 anos, sendo essa substituída por uma criança da primeira faixa etária. A criança selecionada para a faixa de 6/7 anos aniversariou no dia da pesquisa e foi necessário mudar a mesma para a faixa de 8/9 anos, conforme quadro abaixo:

**Quadro 22:** Informações sobre os sujeitos da pesquisa<sup>39</sup>

<b>Faixas etárias</b>	<b>Nome Fictício e Idade da criança escolhida:</b>
A partir de 2/3 anos	Raí, 4 anos Ronice, 5 anos
6/7 anos	-----
8/9 anos	Maitê, 8 anos (Fez aniversário no primeiro dia da pesquisa) Valdir, 9 anos
10/11 anos	Francisco, 11 anos
12 anos	-----

**Fonte:** Elaborada pela pesquisadora

A escolha dessas crianças teve relação com o livro *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!* e com a teoria de Coelho (2000). Primeiro: o livro é infantil, e foi feito especialmente para agradar às crianças. E em relação à teoria da autora, foi escolhida faixas etárias que possuíam características mais ideias para poder

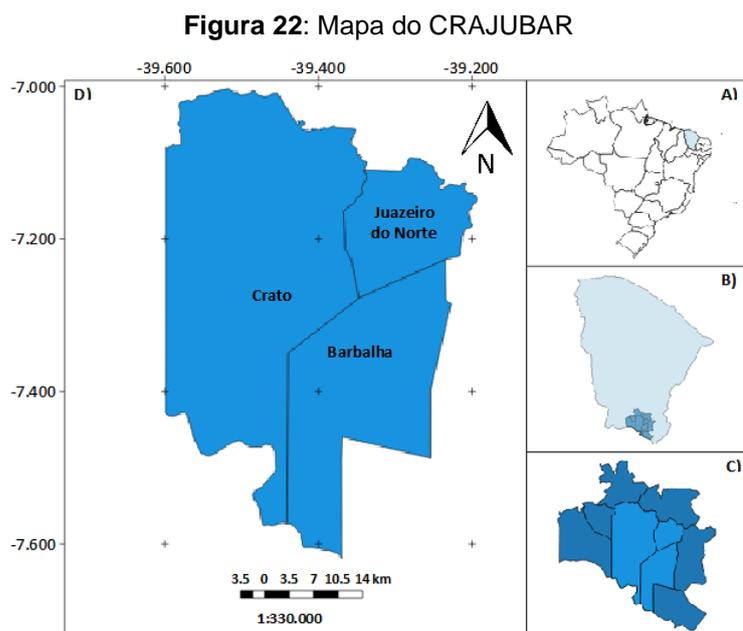
<sup>39</sup> Os nomes fictícios das crianças são homenagens de nomes de codas conhecidos pela pesquisadora.

responder à pergunta da tese, no caso, estar apta a *ler* livro. Apenas a primeira infância ficou de fora, por não estar na fase de ter contato com o livro.

Para aprimorar a pesquisa, foi realizada uma entrevista semi-estruturada (Âpendice 01), com as mães das crianças, inicialmente para entender um pouco o nível linguístico de ambos, bem como algumas características das crianças para poder prosseguir com a análise e as seus estímulos na leitura das crianças. Mas durante o percurso, esses dados se tornaram ricos e indispensáveis para o desenvolvimento da Literatura Coda.

#### 4.1.2. Local de pesquisa

CRAJUBAR foi a localização escolhida para o projeto de pesquisa em ação. Ela é a ligação de três famosas cidades (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha), as quais ficam localizadas no sul do Ceará, conhecida como Região Metropolitana do Cariri. A escolha se deu devido a Juazeiro do Norte-CE, ser o local de residência da autora do projeto e por esta cidade sempre estar envolvida com as duas outras.



**Fonte:** [https://www.researchgate.net/figure/FIGURA-1-Area-de-estudo-Barbalha-Crato-e-Juazeiro-do-Norte-Em-A-o-mapa-do-Brasil\\_fig1\\_324223934](https://www.researchgate.net/figure/FIGURA-1-Area-de-estudo-Barbalha-Crato-e-Juazeiro-do-Norte-Em-A-o-mapa-do-Brasil_fig1_324223934)

Consoante a Secretaria das Cidades do Estado do Ceará (2023), o “Cariri se constitui como região metropolitana em virtude de ser a segunda região urbana mais expressiva do estado, dada com a conurbação formada pelos municípios de

Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, denominada CRAJUBAR”.

O Instituto Transformar (INTRA) foi a instituição escolhida para realizar a pesquisa. É um espaço educacional e social que atende a comunidade surda, em geral, desde 2001 e é muito importante na Comunidade Surda do Cariri. Além disso, a pesquisadora possui uma história de desenvolvimento linguístico com o INTRA, sem falar que a mesma, atualmente, é vice-presidente.

Foi indispensável, para que este projeto de pesquisa pudesse encontrar kotas, a parceria com mais duas principais instituições relacionadas à comunidade surda do CRAJUBAR: a Associação de Surdos de Juazeiro do Norte-CE (ASJUÁ) e a Associação Cratense de Defesa da Pessoa Surda – ACDPS, pois ambas trabalham com surdos e muitos membros deles têm filhos kotas/codas.

#### **4.1.3. Os registros**

Para coletar dados da pesquisa e permitir a realização da análise, foram utilizadas filmagens. Este tipo de registro é prioritário nas pesquisas relacionadas a Libras, por ela ser uma língua espaço visual e por haver o uso da Libras na interação com os kotas. Além disso, este projeto também captou as reações dos kotas diante do contato com a história narrada no livro.

Foi solicitado que os kotas apresentasse seu entendimento da história por meio de escrita do português, ilustração ou sinalização, estes também foram considerados como outro tipo de registro para análise.

É importante ressaltar que, no caso em que a criança recusasse a ser filmada, seria utilizado como forma de registro para a análise do diário de bordo. Este instrumento “tem como objetivo facilitar o registro das atividades, permitindo ao articulador refletir sobre a sua prática e procedimento de sua tarefa” (Oliveira e Strofschoen, 2023, p. 1). Neste contexto, iria observar e descrever por escrito as reações da criança, as falas, expressões faciais e corporais e tudo que for essencial para a pesquisa. Porém, não foi necessário utilizar este instrumento de registro, todas as crianças aceitaram ser filmadas.

## 4.2. A criação do Livro: *Kodinha? Sim! Sim! Sim!*

### 4.2.1. Proposta do Conto infantil

A autora do presente trabalho é professora universitária e atua na área da Literatura Surda. Além disso, vivencia a experiência de ter filhas kotas, inspiração da ideia e do desejo de buscar algum conto literário que retratasse a vida dessas crianças kotas, para que as mesmas pudessem experimentar a mesma alegria e felicidade das crianças surdas, ao se identificarem com personagens literários.

Após experiências vividas com surdos, especialmente crianças surdas e ter constatado a alegria e empolgação das mesmas, esta pesquisa está em concordância com a autora Sutton-Spence a respeito da importância e do envolvimento das crianças surdas quando se deparam com um personagem nos contos literários iguais a si mesmas, pois isto gera um sentimento de pertencimento.

Adaptações de histórias tradicionais e lendas podem deixar os alunos mais envolvidos se houver características que se aproximem mais da sua experiência. [...]Frequentemente, as histórias ajudam os alunos a aprenderem sobre o orgulho de ser surdo, as vitórias e os sucessos ou soluções de problemas por ser uma pessoa surda vivendo numa sociedade onde a maioria das pessoas é de ouvintes. Além disso, literatura serve para aculturar. Um aluno surdo vai se aculturar como uma pessoa surda brasileira através da literatura em Libras, adquirindo o conhecimento da comunidade surda e suas regras de comportamento (Sutton-Spence, 2021, p. 240, 241).

Dialogando com isto, Morgado (2011, p. 160) acrescenta que “Exatamente por isso as crianças surdas necessitam que lhes contem histórias para acreditarem que podem vir a ter uma vida *boa e compensadora* e que devem lutar por isso”. Pensando nesta citação de Morgado, pode-se reafirmar que os kotas também necessitam que contem histórias, pelos mesmos motivos das crianças surdas.

Com base nesta realidade, após o insucesso em busca por literatura infantil, com retrato da vida dos kotas no Brasil, foi criado à expectativa pela autora em ser possivelmente a primeira a criar uma obra infantil desse tema.

O seu desejo era publicar um conto infantil que retratasse a vida cotidiana das suas duas filhas kotas. Apesar de ter a noção que nem todos os kotas possuem o mesmo contexto histórico, cultural e educacional, tornando assim impossível generalizar e que o conto infantil não fará os mesmos efeitos a todos eles.

O roteiro do livro foi elaborado a partir de algumas de situações que aconteceram com a autora em relação as suas filhas e com muitas outras crianças kotas da sua região, mediante trocas de experiências com pai ou mãe de codas/kodas. Inclusive fundamentou-se nos codas dos relatos do livro *Línguas de Heranças*, de Quadros (2017).

Além de mostrar situações realísticas na vida de alguns kodas/codas, este livro também é um livro informativo. Pois informa sobre a vida das kodas, que pode se assemelhar com muitos outros kodas/codas e sobre as pessoas surdas.

“A Literatura infantil é essencial para o crescimento da criança, faz parte das nossas heranças tradicionais contar histórias às crianças, quer seja em casa, na escola ou nos espaços sociais” (Morgado, 2011, p. 159).

#### 4.2.2. O processo de produção do livro *Kodinha? Sim! Sim! Sim!*

O livro *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!* foi lançado no dia 02 de fevereiro de 2024 pela autora Gisele Gama. Ele foi inspirado em suas duas filhas, narra um pouco sobre a vivência das duas em relação aos seus pais, aquisição da Libras e sua experiência como kodas.

**Figura 23:** Capa do Livro *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!*



**Fonte:** Capa do livro *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!*

É necessário deixar claro alguns detalhes importantes do livro, o qual são as razões para chegar ao objetivo.

Foi pensado em algumas experiências em relação à biculturalidade dos kodas durante a construção do livro. Antes de tudo, o mais importante a ser pensado

foi em qual língua a história seria contada. Já que, como lido no texto, nem todas as crianças kotas falam a(s) mesma(s) língua(s), mesmo que seus pais possuam a cultura surda.

Devido ao diverso contexto histórico linguístico dos kotas, foi decidido que o livro seria contado em ambas as línguas, ou seja, em português e em Libras, já que são modalidades diferentes. A primeira é uma língua oral-auditiva, já a segunda é da modalidade espaço-visual.

Além destas línguas, foram utilizadas várias maneiras de comunicação. A escrita do português para aqueles kotas que sabem ler e optam por isso. E para aqueles kotas que ainda não sabem ler, mas adquiriram a Libras, foi feito a tradução da história para à Libras, que pode ser encontrada através do *QR Code* no *YouTube*. Com a narração em Libras, vem também a narração em áudio, português, para aqueles kotas que não sabem ler, nem sinalizar.

Percebe-se que neste, que as três modalidades têm o mesmo valor. Apesar de o livro aparentar ser o principal (ou texto principal), esse não foi o propósito da pesquisadora, para ela o livro é apenas uma opção de leitura. E a tradução, não procura apenas usar a Libras, mas oferecer outra modalidade de leitura para que as crianças façam a sua opção, o mesmo serve para o áudio em português. Esse propósito da pesquisadora pode ser dialogado com a autora Hutcheon (2013):

Há ainda outro problema com o modelo do estudo de caso em relação ao objetivo que aqui estabeleci: na prática, ele tende a privilegiar ou dar prioridade (e assim, de modo implícito, valor) ao que é sempre chamado de “texto-fonte” ou “original”. Conforme examino no primeiro capítulo, a ideia de “fidelidade” ao texto anterior é o que geralmente conduz qualquer método de estudo diretamente comparativo. (Hutcheon, p.13, 2013)

Para entender melhor, a história do livro físico é a mesma da tradução para a Libras e áudio em português do vídeo, nenhuma mudança foi feita, a não ser fazer uma adaptação com o objetivo de ofertar outras de opções de leituras. Qualquer uma dessas três modalidades podem proporcionar a mesma fidelidade da história. Na figura abaixo, pode ser percebida que, no fundo continua a mesma imagem do livro e apenas foi acrescentado crianças realizando a tradução da história e áudio em português.

**Figura 24:** Tradução do livro para a Libras em vídeo<sup>40</sup>



**Fonte:** Própria

Em relação às crianças que fizeram a tradução da história, é importante ressaltar que a escolha foi inspirada numa das experiências vivenciadas pela família 4F<sup>41</sup>. O pai das meninas, Fabiano Souto Rosa<sup>42</sup>, relatou em seu *Instagram* pessoal, que a sua filha mais velha ficou encantada ao assistir a um desenho animado produzido pelas Testemunhas de Jeová. O que impressionou a ela, além do desenho, foram as crianças interpretando a história do desenho, ela se sentiu representada.

Das três crianças convidadas para realizar a tradução, as duas meninas são kotas, inspiração das personagens kodinhas da história. E o menino é surdo implantado e utiliza a Libras como sua L1. O critério para escolha do menino foi saber a Libras e ter uma aparência parecida com a do menino da história do livro, no caso ser um menino e negro. Podia ser surdo ou ouvinte, porque iria fazer a tradução e não dramatizar a história. Outro detalhe importante, são os nomes das kodinhas mencionados no livro, Isinha e Fofinha são apelidos das personagens na vida real.

O primeiro passo para a tradução foi pensar em como reproduzir a fala da história do português para a Libras, sem perder o sentido das frases, já que ambas são línguas com estruturas diferentes. Também para facilitar a tradução, ou melhor, sinalização das meninas e do menino. Para a tradução, antes foi realizada a versão

<sup>40</sup> Imagens das crianças autorizadas pelos pais para a publicação da obra literária.

<sup>41</sup> Apelido de uma família surda que pode ser encontrada no *Instagram*: @odiariodafiorella. O “4F” é referência à primeira letra dos nomes de cada um. Francielle (mãe), Fabiano (pai), Fiorella (primogênita) e Florence (caçula).

<sup>42</sup> Influencer digital da comunidade surda, uma pessoa pública.

do português para a Libras escrita utilizando glosas<sup>43</sup> (Quadro 18), para usar como base para a tradução sinalizada.

**Quadro 23:** Exemplo de diálogos da história adaptado para glosas

<b>Diálogos da história em português</b>	<b>Adaptação dos diálogos em glosas para traduzir para a Libras</b>
Sim, Somos Kodinhas!	SIM NÓS-DUAS KODAS
Sim. É como são chamados todos os filhos pequenos ouvintes de pai e mãe surdos.	SIM TOD@ FILH@ PEQUEN@ PAI MAE SURD@ SINAL KODA
O papai e a mamãe não são silenciosos.	PAPAI MAMÃE ELES-DOIS NÃO SILÊNCIO

**Fonte:** Elaborado pela autora e exemplos de diálogos extraídos do livro *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!*

Antes de começar a gravação, a autora do livro treinou primeiramente com Isinha (a menina koda uma das personagens principais do livro) a sinalização dos diálogos adaptados em glosas. Vale ressaltar que do livro todo, Fofinha (a irmã de Isinha do livro e da vida real) tem apenas uma fala, portanto, poucos comentários a respeito dela.

Alguns diálogos eram pequenos e de fácil memorização. Como: “Sim, Somos Kodinhas.” Entretanto, havia algumas frases um pouco mais longas para memorização. Primeiro foi pensado em dividir as frases, para Isinha memorizar e sinalizar uma parte e em seguida a outra.

Durante o procedimento de gravação foi descoberto uma melhor estratégia para ajudar na tradução (sinalização) de Isinha. Precisou adaptar e contar com a ajuda de um dos alunos ouvinte, do curso de Letras-Libras da UFCA (Universidade Federal do Cariri) presente na filmagem. O aluno ajudante fazia a leitura em voz alta dos diálogos em glosas e Isinha realizava a sinalização de palavra por palavra. Depois na edição do vídeo a voz do aluno foi tirada.

**Quadro 24:** Resumo do que aconteceu e precisou adaptar e soluções durante a tradução

<b>O que aconteceu durante o procedimento?</b>	<b>Exemplos</b>	<b>O que fizemos?</b>
Alguns sinais não foram bem produzidos.	No sinal de <b>kodas</b> , Isinha sinalizava a direção contrária. E nos sinais de <b>família</b> e <b>todos</b> , o movimento circular	Foi explicado a ela qual a direção do movimento correto do sinal de coda e crianças, ou seja, do sinal de koda.

<sup>43</sup> A glosa é um texto escrito utilizando léxicos da língua portuguesa, porém, na estrutura frasal e gramatical da Língua de Sinais.

	estava exagerado ou ultrapassando a tela.	Isinha teve dificuldade em produzir a direção correta. Foi deixado assim mesmo. E no sinal de Família e Todos, o movimento circular foi diminuído só um pouquinho. Também foi deixado do jeito que ela conseguiu sinalizar.
Isinha produziu o sinal de “Pai” utilizado apenas com sua família e não utilizado pela comunidade surda local.	Sinal de <b>Pai</b>	Foi pedido para usar o sinal mais utilizado na região do Cariri. Ela se adaptou bem.
Teve sinal que Isinha não conhecia.	<b>Contato-Eles</b>	Foi ensinado o sinal de <i>Contato</i> . Isinha adquiriu na hora.
Num diálogo tem a frase: “Por isso, aprendemos cedo a ouvir e falar.” Inicialmente Isinha utilizou o sinal de “Ouvir” no substantivo. Ou seja, em vez de “ouvir”, fez “ouvinte”.	<b>Ouvir</b>	A equipe estudou qual o melhor sinal para <i>ouvir</i> nesta contextualização. Havia dois possíveis sinais.
Isinha sinalizava todo o diálogo com apenas uma expressão facial, no começo com a cara séria. Depois de um pedido, começou a usar um sorriso no rosto.	Isinha no começo ficava com a cara séria durante toda a sinalização,	Foi corrigida a expressão facial. Foi orientada a sorrir. Então, ela ficou com um sorriso largo no diálogo todo, foi deixado assim mesmo. Quando ela esquecia de sorrir, voltava a sorrir rápido. Não conseguia variar as expressões faciais conforme o contexto da sinalização.
Isinha às vezes esquecia de olhar para a câmera.	Teve vez que olhava para o aluno que estava lendo o diálogo para ela sinalizar. E como tinha outros ouvintes, às vezes Isinha sentia vontade de olhar para eles.	Foi orientada a olhar para a câmera
Isinha e Fofinha não conseguiram mais ficar paradas, nem em suas posições	Elas saíam de suas posições, ficavam com posturas inadequadas e sentavam no chão. Como Fofinha não tinha muito o que sinalizar, apenas acompanhar Isinha, ela ficava entediada e rodando durante a filmagem, não segurando direito o ursinho.	A equipe tentou conversar com as meninas, e prometendo um picolé depois da filmagem caso elas se comportassem e ajudassem a terminar a filmagem.

**Fonte:** Elaborado pela autora

Isinha começou bem, porém, como o passar do tempo ficou perceptível o seu cansaço, pois além de só sinalizar, a sinalização (tradução) também exigia dela uma atenção na qual ela não está acostumada. E foi notado nela certa agitação e vontade de terminar logo. A mesma já não conseguia mais ficar parada em sua posição e começou a não sinalizar direito.

No processo de tradução do livro, foi planejado que Fofinha também aparecesse ao lado de Isinha durante as falas dela, para que combinasse com a história do livro. Então toda essa agitação que Isinha passou durante a filmagem, Fofinha também passou. Em se tratando de crianças, foi necessário ter muita paciência, o que demandou mais tempo de gravação e compreensão do que estava causando esta agitação.

No caso do menino surdo, o processo de tradução do português para a Libras aconteceu semelhante ao das meninas kotas. Também foi realizado a tradução para a glosas e depois foi utilizado a tradução espelhamento da Libras para a Libras, onde uma pessoa adulta sinalizava o texto e o menino surdo repetia a sinalização. No caso dele foi realizado uma interpretação em espelhamento, que é: "quando um intérprete, ao invés de interpretar, copia a sinalização de outro intérprete" (Pereira, 2011, p.75).

É importante mencionar que o menino, primeiro, tentou memorizar e treinar a sinalização das falas, porém, na hora da sinalização esquecia o que ia falar.

Voltando ao livro, este narra sobre as duas irmãs kotas, Isinha e Fofinha interagindo com uma criança ouvinte, curiosa para conhecer o mundo dos surdos. O objetivo disso é mostrar a cultura surda impregnada na vida de muitos kotas/codas.

**Figura 25:** O uso da bimodalidade



**Fonte:** Livro *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!*

Em algumas cenas há o uso da bimodalidade das kodinhas, entendido como o uso das duas línguas de diferentes modalidades ao mesmo tempo, isso é, a Libras e o português. Acontecimento como esse pode ser apoiado no livro de Quadros (p. 66, 2017): “A língua de sinais pode ser passada em si ou ser misturada com a língua falada”. A inclusão da bimodalidade nesta cena é motivada na importância de incluir alguns detalhes linguísticos da cultura coda (terceira cultura). Como ilustra na Figura 23, Isinha respondeu ao amiguinho “Sim” em Libras e em português falado simultaneamente. Isso mostra que o uso das modalidades neste contexto pode se dar por dois motivos. O primeiro, é a naturalidade do seu uso, por viver culturalmente em dois mundos diferentes, o segundo pode ser entendido nas próximas cenas da história, é a presença de seus pais perto e Isinha talvez queira deixar a conversa acessível aos mesmos, para que eles saibam o assunto da conversa.

A leitura da história não deve ser focada apenas nas duas línguas encontradas na narrativa (português e Libras), ou seja, apenas na parte verbal do livro. Durante a leitura é essencial *ler* também parte não-verbal da história, ou de acordo com Oliveira-Filho (2021), a parte visual, neste contexto, as imagens da história.

Dentro da diversidade de produção literária da sociedade há a produção verbal e visual que já está no imaginário das pessoas. Porém, a junção da linguagem verbal e visual nos dá outro significado, o que Brait chama de verbo-visual. O texto verbo-visual se constitui da união entre o texto verbal e o visual de forma que se torna um, isso considerando que a imagem também é um texto. (Oliveira-Filho, p. 50, 2021)

A imagem é a arte da história, responsável também por dar um sentido completo a ela. Há muitas coisas que não foram ditas por meio das palavras/sinais, no entanto, as gravuras dizem muito. Como, por exemplo na Figura 26 , o pai usando aparelho auditivo e a mãe não, reforça a diversidade surda, que nem todos os surdos usam aparelho.

**Figura 26:** O pai usando aparelho auditivo e a mãe não



**Fonte:** Kodinhas? Sim! Sim! Sim!

O livro mostra a diversidade surda nos encontros de surdos, como criança surda usuária do implante coclear, o vestuário também faz parte da cultura surda, como as roupas das protagonistas da história e de seus pais, que é parte da cultura surda. Nas camisas das meninas possui estampado o sinal de “*I Love You*”, na *American Sign Language* (Língua de Sinais Americana), ele tem um significado, além de ser só amor. Como um amigo ouvinte da Comunidade Surda do Cariri um dia mencionou em uma conversa com a autora, o referido sinal é conhecido internacionalmente pelas comunidades surdas e utilizado por elas para afirmar: *eu sou da comunidade surda*.

O azul das roupas do pai e da mãe possui um significado profundo na história da comunidade surda mundialmente. Historicamente, na época do Nazismo, as pessoas com deficiência, eram marcadas por faixas azuis em seus braços e separadas para serem exterminadas por causa de suas necessidades especiais. Para mostrar a superação e lutas, os surdos passaram a adotar a cor azul-turquesa para representá-los.

Outro fator importante, pensado durante a formação da história, foi a presença de uma criança ouvinte, que não conhece nada da cultura surda, fazendo perguntas curiosas. E as meninas sem nenhum problema, explicando as dúvidas da mesma.

Os detalhes da construção deste livro, trará grande contribuirão às crianças kudas na sua leitura. Ajudará as mesmas a entender que a cultura surda em que elas estão vivendo é a coisa mais normal do mundo, que não é motivo de vergonha

e que há muitas outras crianças iguais a elas, passando pelos mesmos questionamentos.

Torna-se de suma importância, ensiná-las que no mundo sempre haverá pessoas que desconhecem a cultura surda. E que elas podem, quando for necessário, compartilhar com os outros o conhecimento da sua cultura. Abaixo será explicado a origem e referência de cada cena do livro.

### 4.2.3. Cenas

Toda a construção da história do livro foi inspirada na vida das filhas da pesquisadora e de outros kotas e também foi baseado nos relatos dos codas do livro *Língua de Herança Língua Brasileira de Sinais*, de Ronice Quadros (2017).

**Quadro 25:** Resumo das cenas do livro

Cenas	História	De onde veio a cena?
1° Cena Págs. 06 e 07	Foi pensado em começar apresentando duas crianças pequenas, irmãs sendo apenas crianças, brincando, conversando e pulando na calçada da rua.	A construção desta cena veio da ideia de mostrar que as duas irmãs são crianças que possuem uma infância e agem (devem agir) como uma criança.  “Os codas são como quaisquer outros filhos...” (Quadros, p. 69, 2017).
2° Cena Págs. 08 e 09	Nesta cena, continua a apresentação, onde mostra duas crianças tranquilas e felizes, e por fim afirmando que ambas são Kotas.	Essa cena é a continuação da anterior, o seu objetivo é mostrar ao leitor que antes delas serem chamadas de kotas, são crianças como qualquer uma.
3° Cena Págs. 10 e 11	Nesta cena aparece um menino, interrogando sobre a palavra “Kotas” e as meninas afirmando.	A participação deste menino, ouvinte, mostra uma realidade, que existem muitas pessoas ouvintes, como ele, que não têm conhecimento sobre koda/coda, mas curiosidade para conhecer sobre o assunto.
4° Cena Págs. 12 e 13	A koda mais velha começa a explicar que seus papais são surdos e elas ouvintes.	Esta cena pretende apontar importância da criança koda em ter um conhecimento a respeito do significado da denominação koda.
5° Cena Págs. 14 e 15	Surge outra interrogação por parte do menino sobre a palavra “surdos”.	As dúvidas não param por ali, muitas vezes na realidade vão surgir dúvidas a respeito de assuntos relacionados

		<p>aos surdos como acontece nesta cena.</p> <p>“ Que pena que eles não podem ouvir esta música”, “Nossa, mas são surdos, como eles fazem para se comunicar?”, “Como você aprendeu a falar?” e “Mas que pena”, são recorrentes na vida dos filhos de pais surdos” (Quadros, p. 69, 2017).</p>
6° Cena Págs. 16 e 17	A Kodinha mais velha responde à interrogação do menino.	A kodinha continua explicando a dúvida do menino.
7° Cena Págs. 18 e 19	Aqui o menino continua fazendo perguntas, sobre como as meninas fazem tudo, se seu papai e mamãe vivem no silêncio.	Uma realidade que acontece com muitos kotas/codas, são perguntas feitas por muitos que acreditam(acreditavam) que as pessoas surdas vivem no silêncio, são mudos, não falam, dentre outras, devido à surdez, como mostra nesta cena.
8° Cena Págs. 20 e 21	A menina discorda dizendo que seus pais não são silenciosos, porque falam com suas mãos e ensinaram para elas também.	Muitas vezes vai ser necessário esclarecer (ou consertar) o pensamento dos outros a respeito da surdez. É muito comum as pessoas pensarem que os pais surdos não têm condição de criar seus filhos ouvintes.
9° Cena Págs. 22 e 23	A menina continua explicando que seus papais sempre vivem com pessoas surdas e ouvintes.	O objetivo desta cena é continuar mostrando/incentivando a importância dos kotas terem a noção da sua realidade para poder explicar para outras pessoas.
10° Cena Págs. 24 e 25	Por fim, nesta cena o menino se interessa por aprender libras com as meninas.	Mostra uma possibilidade da consequência da interação com as meninas kotas. Ou seja, a interação e as informações repassadas pelas meninas kotas despertou o interesse do menino em aprender a Libras.
11° Cena Págs. 26 e 27	Mostra as meninas ensinando a Libras para o menino e outras crianças.	A última cena representa o sonho da comunidade surda que é que todos aprendam a língua de sinais para poder se comunicar com as pessoas surdas, quebrar as barreiras comunicacionais.

**Fonte:** Elaborada pela pesquisadora

Para dar vida a essas cenas da história do livro, a parte da ilustração também teve um papel fundamental para ser pensado com detalhes para dar sentido a história e o objetivo a ser alcançado dessa pesquisa. Nas duas partes a seguir abaixo, é apresentado o ilustrador que deu vida e cores a história e a editora que materializou.

#### 4.2.4. Ilustração

A ilustração ficou por conta de um amigo da autora, o artista e também autor e escritor da área da Literatura Surda João Batista Alves Filho, ele é surdo e natural de Fortaleza/Ce. Ele também é mestre em Letras da UFPB, fazendo atualmente doutorado na mesma área e programa.

Segundo ele, desde criança, sempre gostou de desenhar animes como os Cavaleiros do Zodíaco, Sailor moon e YuYu. Com o passar dos anos o mesmo foi se aperfeiçoando em seus desenhos, tornando-se um profissional ilustrador e de animações.

Em 2020, João lançou *Mãos que contam histórias*, que traz uma coleção de Contos em Libras, começando com *Chapeuzinho Vermelho Surda*, já publicada. Esta obra é voltada ao público surdo, infantil e infanto-juvenil, mas poderá ser útil também para pais e professores. A parte interessante deste livro é que ela é contada através da língua portuguesa, escrita de sinais e através do QR Code a história pôde ser traduzida para a língua de sinais.

**Figura 27:** Chapeuzinho Vermelha Surda de João Batista



**Fonte:** <https://loja.letraria.net/produto/chapeuzinho-vermelho-surda-libras/>

A ilustração feita por ele neste conto é de se admirar e bem elaborada. Por estes e outros motivos, João Batista foi convidado a ser o ilustrador do conto infantil

*Kodinhas? Sim! Sim! Sim!*. Além de ilustrar, o mesmo, juntamente com Francisco Raimundo Holanda Vasconcelos, se encarregou da edição do vídeo da tradução do livro.

#### 4.2.5. Editora

A primeira tentativa foi procurar uma editora na cidade de Juazeiro do Norte/Ce. A única encontrada foi a Perin Editora da Dra. Paula Perin. É uma editora nova aqui na região.

**Figura 28:** Logomarca da editora



**Fonte:** @editoraperin

Paula Perin é doutora em linguística, formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e além de ser a dona desta editora é também escritora de livros infantis e organizadora da coletânea *Escrita que Transforma*. A mesma já lançou alguns livros infantis como: *O sapato de Ditinho*, *O Drone de Tonico*, *Era uma vez* e mais alguns livros literários.

**Figura 29:** Livros publicados por Paula Perin



**Fonte:** ERA UMA VEZ 13 | A memória na literatura infantil da escritora Paula Perin (sermulherarte.com)

A Perin editora fica localizada à Rua Augusto Dias de Oliveria, 1554 – Novo Juazeiro, na cidade de Juazeiro do Norte-CE.

Todos esses passos para a criação do livro, como tradução para a Libras com as crianças, foram bastante desafiadores. Pois é o primeiro livro que foi produzido pela pesquisadora, é uma nova experiência, mas muito importante para futuras novas produções de livros e ser compartilhada com outras pessoas. Sem falar que o apoio de todos que fizeram parte do processo de produção foram muito importantes.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo serão apresentados os resultados encontrados durante a pesquisa, acompanhados das reflexões e discussões, baseados na fundamentação teórica, vista no início deste trabalho.

Portanto, com acesso aos dados coletados, foram dialogados com os pilares teóricos que ancoram esta pesquisa: os estudos culturais e os estudos sobre a Literatura Coda.

Os pontos importantes que foram observados durante a análise são:

- O livro trouxe alguma reação positiva às kotas?
- As diferentes modalidades de leitura do livro foram úteis às crianças kotas?
- Qual foi a modalidade de leitura mais utilizada?
- As crianças conseguiram entender e reproduzir a história?
- Surgiram pontos negativos, observados, que precisam de mudanças ou adaptação para uma próxima obra da Literatura Coda?
- Quais traços culturais foram identificados nessa obra, pelas crianças?
- Durante a pesquisa participação, que comportamentos ou elementos da terceira cultura foram identificados nos encontros com os kotas?

Essas perguntas acima pontuadas serviram como guias para a análise dos dados e para construção de discussões e reflexões fundamentadas.

### 5.1. Análise dos dados

Antes de começar, é importante mencionar que a coleta de dados do primeiro dia, responde a muitos questionamentos desta tese. É possível encontrar alguns problemas já mencionados ao longo do texto, como as leituras das mães, comprovar os benefícios do livro para as crianças kotas, identificar os pontos positivos e negativos do livro, interpretar as reações, comportamentos e entendimentos das crianças.

Já no segundo dia, a metodologia precisou ser adaptada, pois o procedimento metodológico deste dia não saiu conforme planejado. Era de se

esperar que a interação entre crianças de diferentes faixas etárias não ia ser fácil, uma vez que as mesmas necessitaram de tratamentos de leituras e reproduções de leituras diferentes. A maioria das crianças, principalmente as consideradas pré-leitoras, não conseguiram participar muito da interação devido à reação de timidez, talvez por estar no mesmo ambiente que outras crianças de diferentes idades ou por não possuir muita intimidade.

A nova estratégia adotada, foi realizar uma roda de leitura, pode-se afirmar que esse procedimento não foi uma perda de tempo, na seção mais abaixo do segundo dia será possível entender mais sobre essa adaptação. Com esse novo planejamento, foi possível analisar os comportamentos e entendimentos sobre a história das kodinhas, de quase todas as crianças da pesquisa e interligar a história com a vida de cada uma.

Ao final, as crianças mostram seus pontos de vista, por meio de desenhos feitos por eles mesmos, ou seja, fortalece a resposta da pergunta principal dessa tese.

#### **5.1.1. Parte 1 - 1º Dia da pesquisa: Entrevistando as mães**

No primeiro dia (quinta-feira, 01/02/2024) da pesquisa, foram realizadas as entrevistas semi-estruturadas (Apêndice 01) com as mães de cada criança koda. Lembrando que metodologicamente podia participar das entrevistas as mães ou os pais e por algum motivo, apenas as mães participaram.

As entrevistas das mães foram gravadas e traduzidas da Libras para o português pela própria pesquisadora e podem ser encontradas no Apêndice 06. A ordem dos quadros das entrevistas seguem a ordem das entrevistas marcadas no horário que foi combinado, com as mães em um grupo no *WhatsApp*, criado pela pesquisadora.

Todas as informações coletadas nas entrevistas são importantes, para deixar registrada, pois qualquer mínimo detalhe poderá ajudar a entender mais sobre a reação dos koda ou também poderá ser utilizadas em futuras novas pesquisas. Todavia, como verá na seção a seguir, só algumas respostas foram utilizadas para análise e principalmente aquelas que ajudaram a entender o problema desta pesquisa.

### 5.1.1.1. Análise das entrevistas das mães:

Uma das preocupações dessa tese com os kotas, era saber se eles eram estimulados em sua casa a lerem livros infantis, como contos, quadrinhos e alguma história infantil, visando estimular a imaginação e a leitura das crianças. Durante a análise completa das entrevistas das mães, foi possível evidenciar que nenhuma das mães (ou pais) entrevistadas leu/lê algum livro literário para seus filhos com o objetivo acima explicitado.

O crescimento imaginário e leitor da criança através da leitura infantil, não deve ser exclusivamente responsabilidade das escolas. A autora Morgado explica que a leitura deve acontecer também em casa, além da escola e de espaços sociais, como cita em sua pesquisa: “A Literatura Infantil é essencial para o crescimento da criança, faz parte das nossas heranças tradicionais contar histórias às crianças, quer seja em **casa**, na escola ou nos espaços sociais”<sup>44</sup> (Morgado, 2011, p. 159).

Inicialmente, essa inexistência de estímulo literário dentro de casa foi interpretada pela pesquisadora como atribuição de responsabilidade somente da escola no pensamento das mães. Entretanto, ao analisar mais profundo, percebe-se que alguns fatores influenciaram a falta de estímulo, esses problemas serão revelados mais adiante.

A questão anterior era sobre leituras no contexto da literatura. Nas entrevistas, havia respostas de algumas mães afirmando que leem para seus filhos. Era uma resposta positiva para o objetivo da tese, porém, ao analisar as respostas completas, dá a entender que o que elas liam, na verdade eram atividades escolares. Como relatam duas mães:

**Quadro 26:** Corte das falas das mães sobre atividades escolares como forma de leitura

<b>Mãe de Francisco:</b>	“A escola mandava ele ler.”
<b>Mãe de Valdir:</b>	“eu tentava ler com ele livros da escola, atividades escolares.”

**Fonte:** Dados da pesquisadora

Não há nada de errado em ler livros escolares, inclusive é muito necessário e importante para fortalecer o vínculo entre a mãe e os filhos, como cumprir os

deveres escolares. Mas o que esse trabalho busca é uma leitura que se encaixe na teoria de Sutton-Spencer (2021), em que “a contação pode estimular a imaginação” (p. 240). Além disso, Ribeiro (2018, p. 22) lembra que, nos estudos de Coelho (2000), a literatura é:

Mais do que a formação do leitor, a literatura infantil assume função estética e apresenta-se como elemento cultural fundante no processo de emancipação do sujeito, pois além de propiciar a fruição do texto e o prazer pela leitura, amplia as possibilidades de experimentação, enriquecendo as vivências infantis.

Os livros e atividades escolares têm um objetivo de estímulo diferente, que é de aprendizagem de conteúdos. Como afirma Saviani:

“A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem se organizar a partir dessa questão.” (Saviani, 1995, p. 19)

Outro fato sobre as afirmações das mães a respeito da sua leitura com seus filhos, em casa, tinha como objetivo ensinar os sinais da Libras utilizando as imagens:

**Quadro 27:** Corte das falas das mães sobre leitura com o objetivo de ensinar os sinais

<b>Mãe de Raí:</b>	“Ensino os sinais com os livros.”
<b>Mãe de Ronice:</b>	“Aqueles livros básicos, de almofadinha. Ensino também os sinais.”
<b>Mãe de Maitê:</b>	Eu adapto, uso as mais imagens [para ler]. Imagens de “árvore”, “ovelha”.

**Fonte:** Elaborada pela autora

É verdade que também é possível ler por meio da ilustração, quem afirma isso é a autora Coelho (2000). Inclusive, ler com o propósito de ensinar os sinais da Libras é uma estratégia inteligente de estimular a aprendizagem e aquisição linguística dos seus filhos.

Todavia, pelas entrevistas, elas ensinavam sinais da Libras e não a Libras em si (gramática) e a sua cultura surda. Sobre aprender a Libras, Locatelli (2018)

<sup>44</sup> Palavra “casa” destacada pela pesquisadora desta tese.

em seu artigo afirma: “No entanto, aprender Libras não é apenas reproduzir sinais ou gestos, há inúmeros parâmetros que devem ser observados para que estes sejam realizados corretamente”. Além disso, autores como Quadros (2017) e Streichen e Krause-Lemke (2013) já explicaram que as crianças kotas podem adquirir a Libras naturalmente quando a sinalização de um adulto lhe é exposta.

Pensando na transmissão da Libras, a mãe ou o pai em vez de ensinar sinal por sinal, por que não contar a história, mesmo utilizando a Libras (sinalização) e imagens e deixar que as crianças mesmas adquiram naturalmente essa língua? Há melhores estratégias de ensinar as crianças kotas a Libras, através da literatura. No texto base da UFSC, “Metodologia de Ensino de Libras – L1” da autoria de Basso, Strobel e Massutti produzido em 2009, há algumas estratégias de ensinar a Libras como L1 por meio da Literatura, como também no livro de Sutton-Spence (2021).

Diante desse cenário, conclui-se que o foco principal de leitura das mães entrevistadas é o aprendizado dos sinais de libras, tanto em livros literários disponíveis que as mesmas tinham em suas casas ou utilizando as atividades escolares e não a leitura como forma de entretenimento e diversão.

Não obstante, havia também relatos de mães a respeito das dificuldades em ler para seus filhos, segundo elas, devido à língua portuguesa, a segunda língua delas. Algumas delas até pedia ajuda aos seus outros filhos mais velhos para ler para os mais novos. Esse é um dos problemas que mais impactou a pesquisa.

**Quadro 28:** Cortes das falas das mães sobre a dificuldade com a língua portuguesa na leitura.

<b>Mãe de Francisco:</b>	“Eu, por ser surda, não me sinto a vontade de ensinar o português a ele...”
<b>Mãe de Valdir:</b>	“É porque meu português não é perfeito, não conheço todas as palavras, só algumas.”
<b>Mãe de Ronice:</b>	“Já a filha mais velha às vezes lê em voz alta [para ela], depois ela sinaliza para mim, quando peço. É porque Ronice precisa entender o texto em português.”

**Fonte:** Dados da pesquisadora

Na realidade, a maioria dos livros literários é escritos com palavras da língua oficial do país. No caso do Brasil, são escritos na língua portuguesa. Coelho (2000) explica que os textos nos livros são de certa forma, importantes para dar sentido completo às histórias.

Produto da imaginação criadora do homem, o fenômeno literário se caracteriza por uma duplicidade intrínseca: é simultaneamente *abstrato* e *concreto*. Abstrato, porque é gerado por idéias, sentimentos, emoções, experiências e várias naturezas... Concreto, porque tais experiências só *têm realidade efetiva* quando nomeadas, isso é, transformadas em *linguagens* ou em *palavras*. Estas, por sua vez, precisam ser registradas em algo que lhes dê o indispensável *suporte físico*, para elas existirem como fenômeno, ou seja, para se comunicarem com seu destinatário e também para pendurarem no tempo. (Coelho, 2000, p. 64 e 65)

Mas não é uma exigência para que a leitura aconteça, lembrando que há livros visuais que contam histórias mesmo sem palavras. Refletindo os cortes dos relatos do Quadro 28 de algumas mães, é possível sentir a insegurança a respeito à língua portuguesa. O português é uma língua vista por muitos surdos, não só pelas mães da pesquisa, como uma língua difícil para eles. Avela e Freitas (2016) apontam alguns motivos que levam os surdos a terem dificuldades na língua portuguesa:

No entanto, entre as dificuldades dos Surdos com a Língua Portuguesa, está o fato de muitos dos alunos Surdos não se interessarem em escrever em Português. Esse desinteresse, por si mesmo, levanta questões sobre o ensino-aprendizagem desses alunos, sua relação com a família e com a escola, e também as suas dificuldades de comunicação com ouvintes, que em sua maioria não utilizam a Língua de Sinais e não entendem o que os Surdos escrevem. A escrita em Português é muito difícil para os Surdos, pois não compreendem o significado das palavras que utilizam na leitura e na escrita de textos, na escola regular inclusiva. (Avela e Freitas, 2016, p. 14)

E algumas dessas mães, mais especificamente, duas delas, sabendo da importância da leitura e da língua portuguesa para os seus filhos, geralmente, por exigência escolar, elas encontraram uma solução nos seus filhos mais velhos. Atribuíram a responsabilidade da leitura de textos e da aquisição da língua portuguesa dos seus filhos mais novos aos mais velhos.

Este fato lembra um trecho do artigo das autoras Avela e Freitas (2016), ao narrarem um fato que muitos alunos surdos têm vergonha de usar a língua portuguesa e quando querem falar com os professores, eles falam diretamente com os intérpretes de Libras.

Na aquisição da L2, os Surdos precisam, muitas vezes, recorrer aos intérpretes de Libras, pois se sentem envergonhados de falar diretamente

com os professores. Talvez isso aconteça porque a surdez seja vista pela ciência como deficiência, como doença que precisa ser curada. No entanto, tratar o sujeito Surdo como um ser social, independentemente de suas limitações e dificuldades, é tratá-lo com dignidade, respeitando o fato de o Surdo ter identidade, cultura e língua diferentes, mesmo habitando o mesmo espaço social. (Avelar e Freitas, p. 16, 2016)

Nesse trecho é possível comparar as mães com os alunos surdos, as mães surdas também recorreram aos seus filhos mais velhos por não conseguirem (ou sentirem vergonha) fazer a leitura através da língua portuguesa.

Diante disso, é muito importante que as mães ou pais tenham o conhecimento de que há várias possibilidades deles lerem aos/com seus filhos, até mesmo utilizando a língua portuguesa escrita ou oral. Para isso é importante reconhecer, entender e aceitar primeiro a sua identidade surda (Diversidade surda).

Voltando um pouco ao assunto já explicado no percurso do texto, sabe-se que a língua portuguesa é a segunda língua (L2) de muitos surdos (lembrando que alguns surdos possuem a língua portuguesa como L1) e é natural que muitos deles possuam dificuldades nas estruturas gramaticais do português escrito ou oral, pelos motivos já apontados por Avelar e Freitas (2016). Note que são dificuldades e não impossibilidades. Pois há surdos que possuem um bom conhecimento da língua portuguesa por diversos motivos, como apoio da família, boa escola e professores, determinação, ficaram surdos após terem adquirido a língua portuguesa, dentre outros motivos.

Além disso, há surdos que possuem algum nível de oralização e uma voz “diferente”, às vezes, incompreensível para alguns e muitas vezes compreensível para seus filhos kotas/codas. A voz do surdo, ou melhor, utilizado por alguns, como sotaque surdo, é um assunto muito pouco abordado nos estudos culturais e da saúde. Porém, é inegável que a oralização é um detalhe que pode ser atribuído a alguns surdos que fazem parte da diversidade surda, inclusive, a oralização pode ser encontrada na pesquisa de Perlin (2002), na parte dos surdos identificados pela autora, como tendo Identidades surdas híbridas e Identidades Surdas de Transição. A oralização não faz com que seja menos surdo, nem deve ser motivo de desvalorização da Libras.

Baseado nesse pensamento, essa pesquisa busca oferecer algumas sugestões para que as mães ou pais surdos possam, sem problemas, usar o seu

conhecimento linguístico da língua portuguesa para narrar uma história aos seus filhos, sem se preocupar. Abaixo estão listadas algumas formas de leitura:

- Qualquer surdo pode ler o texto e o que entender sinalizar ao seu filho;
- Para surdo que tem compreensão na leitura do português, pode ler o texto e simultaneamente sinalizar ao seu filho;
- Para o surdo oralizado, pode ler o texto com sua própria voz, a história para seu filho, já que a maioria conhece e entende a voz de sua mãe e de seu pai;
- Para surdo oralizado, pode ler o texto com seu filho na modalidade bimodal (Sinalizar e falar).

Essa lista é apenas sugestão, mas há muitos jeitos e estratégias de leituras, só deixar fluir o texto, brincar de leitura com seus filhos e compartilhar com eles a sua cultura surda, que também faz parte da vida deles. Em outro momento, o pai e a mãe podem tentar ensinar a língua portuguesa, mas escola e a convivência de seus filhos com outras pessoas ouvintes vão aperfeiçoar a língua portuguesa deles.

Para aqueles surdos que possuem dificuldade ou nenhum conhecimento da língua portuguesa, também há maneiras de ler para os seus filhos. Narrar com as mãos utilizando as ilustrações dos livros sem se preocupar com o que está escrito nos textos dos livros como ilustrado na Figura 31. O que as crianças kotas, principalmente as pequenas, precisam nessa fase pré-leitoras “é essencialmente a atuação do adulto, manipulando e nomeando os brinquedos ou desenhos; inventando situações bem simples que os relacionem afetivamente com a criança, etc.” (Coelho, 2000, p. 33)

**Figura 30:** Mãe surda lendo uma historia infantil para sua filha surda em Libras.



**Fonte:** Print de um vídeo do Diário de Fiorella, <https://www.instagram.com/reel/CecljK-DXuuj/?igsh=MTk5czE2NnQ1cWxsbw==>

A Figura 30 representa uma mãe surda e uma filha surda, porém, essa mesma estratégia pode ser aplicada com um koda, pois ela foca no uso da Libras e imagens, independente da pessoa ser surda ou ouvinte.

Por último, ainda através das entrevistas, pode-se reafirmar a importância do livro da pesquisa conter as diversas opções de leitura, imagens, textos, tradução para a Libras e áudio em português, por causa da diversidade dos kods que participaram da pesquisa. Seguindo as respostas das mães, apenas dois kods estavam aptos à leitura em texto. Quatro que sabiam a Libras fluente e um ainda em fase inicial de aquisição da Libras. E quanto à fala, três eram fluentes, um em fase de aquisição e um possuía dificuldade.

As opções de leituras disponibilizadas vão beneficiar muitos kods. Como evidenciado nestes dados coletados, nem todos os pais e/ou mães vão ler um livro para os seus filhos. Por vários motivos, dificuldade de leitura, achar que não é sua responsabilidade, ou até mesmo, por conta do trabalho, estudo, não ter tempo, etc. Por isso as diversas modalidades de leituras em um livro, pode dar independência aos kods para lerem sozinhos. Se não souberem ler as palavras, podem recorrer à tradução para a Libras ou áudio em português do vídeo.

Entrevistar as mães foi fundamental para avançar na construção da Literatura Coda. A partir do parágrafo abaixo será possível comprovar essa afirmação.

### **5.1.2. Parte 2 - 1º Dia da pesquisa: Leitura do Livro *Kodinha? Sim! Sim! Sim!***

Após as entrevistas, ainda no primeiro dia da pesquisa, foi realizado o primeiro contato das crianças com o livro, individualmente, conforme mencionado na metodologia. Primeiro foi explicado pela pesquisadora, à cada criança, individualmente, que elas iriam receber um presente, que é o livro *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!*. Como forma de dar os primeiros passos para interação. Que criança não gosta de ganhar presente?

Em resumo, a coleta de dados com as crianças neste dia, aconteceu com elas realizando a leitura do livro nas três opções de leituras. Essa coleta foi gravada para a análise posterior das suas reações e entendimentos.

Antes de continuar, é importante ressaltar que, com a ajuda dos estudos de Coelho (2000) e das entrevistas realizadas com as mães, foi possível identificar quais as crianças possuíam competências de leituras das palavras. Como pode ser visto no quadro abaixo, Raí e Ronice, que são crianças menores (4 e 5 anos), naturalmente não tinham conhecimentos de leituras, pois ainda estavam em pré-alfabetização, portanto, na fase de pré-leitor da autora Coelho (2000). Porém, duas crianças, Francisco e Valdir, devido suas idades, já estão em fase de leitor, também pela capacidade de leitura. Já Maitê, que deveria estar também estar nessa última fase, foi classificada no Pré-Leitor por não estar apta a ler as palavras nesse momento.

**Quadro 29:** Classificação dos kotas nas categorias de Coelho (2000)

<b>Categoria</b>	<b>Crianças</b>
<b>Pré-Leitor</b>	Raí, Ronice e Maitê.
<b>Leitor</b>	Francisco e Valdir.

**Fonte:** Classificação baseada nos dados da pesquisadora

E com base na entrevista da mãe desta criança e da autora que categorizou as idades, foi necessário tratá-la como criança da pré-leitura. Vale reforçar que Coelho (2000) já nos explica que não há idade exata para uma criança saber ler, há diversos fatores que influenciam na sua (in)competência leitora. Por isso, é muito importante não seguir à risca as idades das crianças ao classificá-las nas categorias elaborada por Coelho (2000) ou qualquer outro autor. Deve também buscar conhecer o contexto histórico, linguístico e familiar de cada criança. Assim, evitando maior constrangimento e trauma na criança por não saber ler, e buscar maneiras adequadas de leitura para ela.

O tratamento mencionado no parágrafo anterior se refere à oferta de leitura. Por exemplo, ao entregar o livro, foi explicado à todas as crianças que podiam ficar à vontade com o livro. Para àquelas crianças que sabiam ler, a primeira atitude da pesquisadora foi deixá-las ler primeiro, no caso, ler o texto. E depois da leitura, a pesquisadora mostrou as outras opções de leituras. Mostrou *QR Code*, encontrado no livro e explicou que nele havia um vídeo no *YouTube* com a tradução para a Libras e áudio em português. A pesquisadora ofereceu o celular para as crianças (individualmente) acessarem o vídeo. As crianças ficaram à vontade para assistir.

Já com as crianças consideradas nesta pesquisa como pré-leitoras, o procedimento foi semelhante. A pesquisadora entregou o livro e deixou as à vontade para darem uma olhada. E as crianças passaram páginas por páginas, sem ler os textos como esperado. E depois, com a ajuda da pesquisadora, acessaram através do *QR Code* o vídeo da tradução e o áudio do livro, com o celular, deixando elas também à vontade.

A pesquisadora teve um papel muito importante nesse procedimento ao atuar como mediadora. Na seção seguinte, será descrita mais algumas ações da mediadora que fez muita diferença nessa coleta de dados.

O que se pode dizer sobre isso é que as reações das crianças não foram iguais. A análise e interpretação dessas reações foram descritas em cinco quadros separados, um para cada criança, como serão mostrados na parte a seguir, das leituras das crianças.

#### **5.1.2.1. As leituras das crianças**

Vale ressaltar que inicialmente o primeiro passo era oferecer a opção da língua portuguesa escrita para todas as crianças, igualmente, e caso algumas delas tivessem dificuldades na leitura de texto, as outras opções lhes seriam oferecidas, com o propósito de identificar qual é a melhor modalidade de leitura.

Porém, após estudos e durante a coleta de dados, percebeu-se que seria impossível seguir com este plano. Pois já foram coletadas as informações de quem sabia ler e de quem não sabia. Ou seja, já era sabido as opções ideais de leitura de cada uma. E a preocupação que antes era saber qual melhor modalidade de leitura para os kotas, tornou-se uma preocupação em saber se os kotas conseguiam ter acesso à história, independente da opção de leitura.

Além do mais, foram detectados dois pequenos problemas durante essa coleta de dados. Primeiro: houve uma falha mínima do vídeo da tradução do *YouTube*, possivelmente pode ter sido por causa da internet móvel que foi usada no momento. Esse problema aconteceu com todas as crianças pesquisadas. Mas, depois o vídeo foi testado novamente com o *Wifi* e funcionou normalmente, sem falhas.

Segundo: três crianças não quiseram ficar sozinhas com a pesquisadora, foi preciso liberar a presença da mãe de cada uma para lhes fazer companhia. Apesar

de ser visto como um problema (pequeno), não atrapalhou muito, só em alguns momentos as crianças davam uma olhada à sua mãe, nada que atrapalhasse a coleta de dados.

Nos quadros abaixo contém o resumo do perfil das crianças e suas reações durante a leitura do livro e após cada quadro uma análise da pesquisadora. Para começar a coleta de dados, Francisco foi o primeiro a ser pesquisado, ele é o mais velho de todos.

### A) A leitura de Francisco:

**Quadro 30: Perfil de Francisco**

<b>Perfil da 1ª Criança</b>	
Perfil da Criança baseada na entrevista semi-estruturada com os pais	Nome fictício: Francisco Idade: 11 anos Conhecimento Libras: Bom. Conhecimento do Português: Muito bom.
Primeiras reações da criança ao chegar	Abriu um sorriso e ficou com ele até o fim da leitura.
Reações da criança ao ter contato com o Livro	Ele continuou com o sorriso ao abrir o livro, e ver as imagens. Apenas não olhava para mediadora, só quando a mesma falava com ele e respondia numa boa as perguntas feitas.
Opção(ões) de leitura que gostou	Primeiro leu o livro todo, depois assistiu o vídeo todo.
Reações durante a leitura	Livro físico: Ele lia rápido, passava as páginas rápido, teve imagens que ele ria, tipo achando engraçadas. Vídeo: Ele não tirava os olhos do vídeo, também riu em algumas partes do vídeo.
Reações ao finalizar a leitura	Estava com um sorriso.
O que ele achou?	<i>Muito legal, bom ensinar as crianças algumas curiosidades, como é ser filho de pai e mãe surdos. Comigo também aconteceu na escola, as pessoas me perguntavam como é ter pai e mãe surdos. Eu estranhava, pra quê me perguntavam isso. Perguntavam se na minha casa era silenciosa. Eu explicava que não eram silenciosos, que a gente conversava, na hora do almoço a gente conversa. A gente fazia várias coisas legais. Não ficava no</i>

	<i>silencio, não. Ai as pessoas entendiam, achavam legal. Me pediam para ensinar Libras. (resposta dele em Libras)</i>
--	--

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora

Não houve nenhum problema ou dificuldade em interagir com Francisco. Deve ser devido a sua idade e o histórico com sua família, coletado na entrevista com sua mãe.

Francisco leu sozinho, rápido e com autonomia. Pelo jeito de leitura, pode-se afirmar que ele estava capacitado para ler sozinho, ou seja, nas palavras de Coelho (2000, p. 37), ele tinha “domínio do mecanismo da leitura e da compreensão do mundo expresso no livro”. Houve momento que o mesmo até corrigiu a pesquisadora, como quando a mesma soletrou errado a palavra *QR Code*.

Ao dialogar com as faixas etárias, características, da autora Coelho (2000), o livro *“Kodinha? Sim! Sim! Sim!”*, realmente não está adequado a Francisco. Pois a competência leitora dele está bastante avançada. A linguagem textual do livro foi feita especificamente pensando em crianças kotas em anos iniciais ou que não tiveram estímulos de leitura em casa ou na escola, o que não é o caso de Francisco.

Mas, através do sorriso dele, foi inegável que o livro lhe trouxe uma boa sensação de leitura desta história, principalmente ao se deparar com as personagens do livro, que ele as conhecia. Como ele mesmo afirma sobre o que achou do livro: *“Muito legal, bom ensinar as crianças algumas curiosidades”*.

Vale ressaltar que Francisco não precisou do apoio ou intervenção da pesquisadora no momento da leitura. A não ser para explicar o passo a passo das leituras e devido a sua timidez, ele ficava com um sorriso o tempo todo e quase não olhava nos olhos da pesquisadora. Apoiado em Coelho (2000), isso pode ter relação com a pré-adolescência, onde o mesmo rejeita apoio do adulto. Apesar de Francisco não rejeitar diretamente o apoio da pesquisadora (adulta), em nenhum momento pediu ajuda, explicação, ou tirou dúvidas, dentre outras.

Pode-se concluir com comentário de Francisco, no final do quadro, que o mesmo entendeu perfeitamente a história das kodinhas. Além disso, resultou um desabafo sobre a vida dele, que acontecia igual à história das kodinhas.

A maturidade leitora do koda Valdir é semelhante a de Francisco. Ele também faz parte da categoria de leitor, por causa da sua idade e competência leitora, como será visto a partir daqui.

**B) A leitura de Valdir:****Quadro 31:** Perfil de Valdir

<b>Perfil da 2ª Criança</b>	
Perfil da Criança baseada na entrevista com os pais	Nome fictício: Valdir Idade: 8 anos Conhecimento Libras: Normal [básico], mistura Libras e gestos. Conhecimento do Português: Bom, entende o português oral, aprendendo a ler.
Primeiras reações da criança ao chegar	Ele estava caladinho, parecia ser tímido. Mas respondia as minhas perguntas normalmente.
Reações da criança ao ter contato com o Livro	A primeira coisa que ele fez ao receber, foi ler o título do livro com curiosidade.
Opção(ões) de leitura oferecida	Ele escolheu ler primeiro o texto do livro e depois o vídeo. Ele respondeu empolgado que gostou mais do vídeo, porque havia as duas meninas que ele conhecia sinalizando.
Reações durante a leitura	Livro físico: Lia palavra por palavra atentamente, às vezes os lábios mexiam um pouquinho a cada palavra lida. Ele também observava as imagens após a leitura. Algumas imagens chamava a atenção dele, que ele demorava um pouco a passar. Como por exemplo a página que tem a família junta. Também havia páginas que ele não observava as imagens, apenas as falas nos balões. Vídeo: Ele não teve muita reação ao assistir o vídeo, mas estava bem atento.
Reações ao finalizar a leitura	Livro físico: Como ele não teve nenhuma expressão facial ou corporal no fim da leitura, tive que perguntar se ele tinha gostado. Ele afirmou com a cabeça e um leve sorriso. Vídeo: Como no livro físico, também perguntei se tinha gostado. E ele novamente afirmou com a cabeça e um leve sorriso.
O que ele achou do livro	Muito bom.
O que entendeu da história?	É [sobre] ter um pai e mãe surdos e filhos ouvintes.

**Fonte:** Elaborada pela pesquisadora

Com base na entrevista da mãe de Valdir e da sua leitura, ele se encaixa perfeitamente na fase de leitor-em-processo. Pois além da idade, ele possuía uma característica muito importante desta fase, o interesse pelo conhecimento das coisas. E ele lia curiosamente a história.

Diferente com Francisco, com Valdir, a sinalização da pesquisadora foi um pouco mais devagar e pausadamente, com o objetivo de se adequar ao conhecimento linguístico dele que foi coletado durante a entrevista com a mãe. Houve um momento em que a pesquisadora fez o sinal de *YouTube* e parou para perguntar a ele conhecia esse. Diante dessa confirmação a mediadora começou a sinalizar normal, sem pausas e devagar.

Essa atitude da pesquisadora teve influência na entrevista da mãe de Valdir, onde a mesma afirmava a respeito do conhecimento da Libras de seu filho: “*Mais ou menos, ele não é fluente*”. Na interação com Valdir, o que se pode afirmar, é que o conhecimento da Libras dele, é suficiente para uma boa comunicação. Não deu para procurar saber o que motivou a mãe à essa afirmação, pois na roda de leitura, como irão ver em uma outra seção, ela realmente se surpreendeu com a participação e comunicação do seu filho. Esse contexto merece uma futura investigação e estudo, pois o comportamento ou palavras dos pais possuem uma influência no desenvolvimento da criança.

Com ele não foi possível notar alguma reação física durante a sua leitura, como expressar ter gostado ou não. Por este motivo, a pesquisadora resolveu mediar fazendo algumas perguntas com a intenção de entender a *reação oculta* do mesmo a respeito do livro.

Apesar da autora Nascimento (2021) focar sua tese na mediação da roda de leitura em grupo, o papel da mediadora tanto nesse tipo de roda de leitura, como em leitura com um leitor individual, possui a mesma função, que é “assumir a tarefa de “cuidar” do pensamento reflexivo das crianças e, simultaneamente, ensinar os pequenos a fazer o mesmo” (Nascimento, 2021, p. 102).

Então, com a mediação, foi obtida a resposta de Valdir: “*É [sobre] ter um pai e mãe surdos e filhos ouvintes*” (Quadro 30). Isso é uma evidência para a resposta da pergunta desta tese. O livro realmente fala sobre isso, ou seja, Valdir conseguiu acessar história, conseguiu ler sem o apoio da pesquisadora. Isso mostra que há possibilidade de criança que esteja na fase de leitor, mais especificamente, da fase leitor-em-processo, em que ele está classificado, acompanhar um livro de história

que possui as características de livro ideais para esta fase e que fala sobre personagens como ele.

Mais uma pergunta foi feita a ele com o propósito de saber se o mesmo havia se identificado com as personagens do livro e conseguia ligar a palavra koda com o seu significado. A pergunta feita foi: “*Seu pai e sua mãe são surdos, então você é o que?*”? A resposta esperada era: “*Eu sou koda*”, porém, não foi isso que aconteceu, mas a resposta não foi muito distante do seu significado. O que ele respondeu foi: “*Eu falo Libras com eles.*” Foi preciso mediar (dar um apoio) na resposta, explicar que ele era uma pessoa koda.

Mesmo ele não repondendo que era koda, a resposta dele não deixa de ser certa. Ele tem consciência, que é uma pessoa que fala a própria língua de seus pais surdos e que segundo Quadros (2017) naturalmente é sua língua também. É uma característica que marca a diversidade de crianças kodas.

A próxima criança foi o Raí, é a mais nova da pesquisa e uma das que faz parte do pré-leitor. No primeiro dia da pesquisa ele ficou bastante curioso com o livro, como será visto abaixo.

### C) A leitura de Raí:

**Quadro 32:** Perfil de Raí

<b>Perfil da 3ª Criança</b>	
Perfil da Criança baseada na entrevista com os pais	Nome fictício: Raí Idade: 4 anos Conhecimento Libras: Sabe um pouquinho Conhecimento do Português: Entende o básico, dificuldade na fala, nenhum conhecimento de leitura.
Primeiras reações da criança ao chegar	Ele estava bem atento ao que acontecia ao seu redor.
Reações da criança ao ter contato com o Livro	Tanto o livro como o vídeo, chamaram a atenção dele, ele ficou bem curioso.
Opção(ões) de leitura oferecida	Imagens e Vídeo.
Reações durante a leitura	Livro físico: Inicialmente parecia estar um pouco perdido, não

	sabia o que fazer com o livro. Mas após minha orientação, ficou super atento ao livro. Vídeo: Teve mais interação, do que curiosidade.
Reações ao finalizar a leitura	Ele deu um sorriso, mostrando que gostou.

**Fonte:** Elaborada pela Autora

Pela análise, o Raí nesta pesquisa é considerado um pré-leitor da segunda infância devido a sua idade e seu comportamento durante a leitura. É importante apontar que o mesmo está em fase de adaptação “ao meio físico e crescente interesse pela comunicação verbal” (Coelho, 2000, p. 33).

A princípio ele resistiu em participar sozinho e foi necessário convidar a mãe para acompanhá-lo, que ficou sentada atrás sem interferir. É uma atitude que pode ocorrer com qualquer criança diante de uma pessoa desconhecida, naquele momento a pesquisadora era uma pessoa estranha para Raí, nunca tiveram nenhum contato ou amizade. A mãe acompanhá-lo dentro da sala não era problema para a pesquisa, deste que não interferisse.

Com Raí a interação começou brincando com o objetivo de conquistar a confiança dele e deu super certo. A importância da brincadeira neste contexto pode ser apoiada na citação de Coelho: “A presença do adulto é fundamental quanto à sua orientação para a brincadeira com o livro” (Coelho, 2000, p. 33). Além disso, foi utilizada na comunicação uma linguagem bastante simples, como utilizados sinais ou frases básicas, como: ESSE PAPAI, ESSA MÃE, GOSTAR?, KODA, VOCÊ O-QUÊ?, dentre outras.

Como parte da brincadeira, foi pedido para o Raí fechar os olhos para receber o presentinho (o livro). Ele colocou as mãos nos olhos, interessado. Ao receber o livro em suas mãos, ele parecia meio perdido, esperando alguma orientação da pesquisadora sobre o que fazer com o livro, pois ele estava apenas segurando e nenhuma ação a mais. A pesquisadora o orientou a dar uma olhada à vontade no livro, então ele começou a abrir o livro e a passar as páginas. E a cada página passada ele dava uma olhada na mediadora, esperando a próxima orientação, isso é, se já podia começar ler (as imagens) ou passar de página, por exemplo.

Como já mostrado no Quadro 32 e falado, o Raí está categorizado na fase de pré-leitor, e uma das características que ele e as outras duas crianças (próximas a serem analisadas) dessa mesma fase tiveram, baseado na teoria de Coelho (2000), é a leitura das imagens, sem se preocuparem com os textos. A referida autora explica que na verdade o que as crianças nessa fase precisam são as imagens ou textos brevíssimos sendo narrados por um adulto. O livro *Kodinhas? Sim!Sim!Sim!* possui essas características. A mediadora acompanhando a leitura e um adulto narrando o áudio do vídeo. E em relação a tradução para a Libras, apesar de não ser traduzida por adultos, foram traduzidas por pessoas, mesmo sendo crianças.

Após dar uma olhada (ler) no livro inteiro, ele começou a assistir o vídeo, esteve bem atento. É possível perceber durante a análise dos dados, que no começo o Raí parecia não entender que era a mesma história do livro. Pois ele havia falado que não queria assistir. A pesquisadora precisou ir mais profundo no papel de mediadora definido por Nascimento (2021), começou a ensinar o Raí a ler em vídeo. Explicou que era a mesma história do livro e como estratégia foi colocado o livro perto do celular e juntos ficaram passando as páginas de acordo com o vídeo, conforme ilustra a Figura 32. Ele começou a ficar interessado e ficava comparando cada cena do livro com o vídeo.

**Figura 31:** Ilustração da estratégia do livro e celular acoplado



**Fonte:** Própria

Essa decisão da pesquisadora foi muito importante neste momento para que a coleta desse dado não fosse interrompida. A reação dele sobre o vídeo da

tradução e áudio era muito importante para obter as respostas desejadas dessa tese.

Algumas imagens da história, no livro, chamaram a atenção de Raí, as quais ele fez o sinal de cada uma, como o símbolo da camisa das kodinhas, que é o sinal de “*I Love You*” em ASL, o pirulito que uma delas estava segurando. O primeiro sinal é muito utilizado pela comunidade Surda, portanto, com base na teoria de Strobel (2016), pode ser considerado um traço cultural dessa comunidade. E o pirulito apenas uma gulosemia que atrai muitas crianças. Esses sinais ele sinalizou por conta própria.

Contudo, foi com o vídeo que ele mais interagiu, fazia repetidas vezes o sinal da mamãe e do papai, de surdos<sup>45</sup> apontando os personagens no vídeo. É importante ressaltar, que durante a leitura do livro físico, a pesquisadora leu junto, mostrando (ou nomeando) em Libras a mamãe, papai, surdo, dentre outros. Essa ação da pesquisadora pode ter motivado Raí a repetir os sinais várias vezes. Esse fato lembra uma citação da autora Coelho: “É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a realidade circundante” (Coelho, 2000, p. 34). Inclusive, tem também como objetivo incentivar para que as crianças de idades iniciais possam sinalizá-las (nomeá-las) e relacioná-las com a realidade do mundo.

A próxima criança também faz parte da pré-leitura como Raí, o processo de leitura de ambos são semelhantes, diferenciando apenas no conhecimento linguístico. Ronice era mais fluente na Libras.

#### D) A leitura de Ronice:

**Quadro 33:** Perfil de Ronice

<b>Perfil da 4ª Criança</b>	
Perfil da Criança baseada na entrevista com os pais	Nome fictício: Ronice Idade: 5 anos Conhecimento Libras: Fluente Conhecimento do Português: Ainda em fase de aquisição da leitura e escrita
Primeiras reações da criança ao chegar	Já começou interagindo, parecia sentir-se bem à vontade.

<sup>45</sup> Ele produzia o sinal de surdo diferente. Começava pela boca e subia pelo ouvido, no lado contrário da mão, isso é, usou a mão esquerda e a localização a lateral do rosto direito.

Reações da criança ao ter contato com o Livro	Começou com um sorriso por ter ganhado um livro.
Opção(ões) de leitura oferecida	Imagens e Vídeo
Reações durante a leitura	Livro físico: Estava curiosa, passando rápido as páginas. Vídeo: Assistia atentamente, às vezes dava um sorrisinho em algumas partes do vídeo.
Reações ao finalizar a leitura	Deu um sorriso enorme e abraçou o livro.
O que achou da história	Gostou mais do livro.

**Fonte:** Elaborada pela pesquisadora

Ronice está na mesma fase que Raí, por causa da sua idade e também pelo “impulso crescente de adaptação ao meio físico e crescente interesse pela comunicação verbal” (Coelho, 2000, p. 33).

Ronice também não se sentiu à vontade de participar sozinha da pesquisa, devido a isso, foi preciso liberar a mãe para acompanhá-la e a mesma ficou num cantinho, sem atrapalhar.

Durante a análise dessa coleta de dados, foi notado que Ronice é uma menina que gosta de interagir e responder às perguntas normalmente. O conhecimento da Libras dela é impressionante, a mãe já havia afirmado na entrevista que ela era fluente. Ainda não sabia ler, mas sabia soletrar em Libras o seu nome perfeitamente. Com base na análise, a ilustração do livro, tradução da Libras e o áudio da narração eram as opções de leituras ideais para ela neste momento.

Como o Raí, o livro ela apenas acompanhou a ilustração, passando as páginas. Na vez do vídeo, foi utilizada com ela a mesma tática do Raí, isto é, o livro e vídeo acoplados. Ela segurava o celular e a pesquisadora o livro, foi passando as páginas conforme o vídeo avançava.

Não é possível realizar os mesmos procedimentos com todas as crianças igualmente. Mas adequar ao perfil de cada uma. A diferença entre Ronice e Raí era o conhecimento linguístico e a maneira de conversação. Raí apenas apontava e fazia os sinais, e a pesquisadora fez o mesmo. Ronice apontava, fazia os sinais, se surpreendia com algumas cenas e perguntava por que isso e aquilo, era uma interação de conversa sobre a história com a pesquisadora. A adequação é relativa e cabe a cada um decidir como proceder, é necessário primeiro avaliar a criança para uma melhor maneira de interação de leitura.

Ronice se surpreendeu quando viu que as meninas que estavam sinalizando no vídeo eram amigas dela e fez o sinal de cada uma. É um fato interessante que ela e outras crianças da pesquisa tenham percebido, tanto no livro quanto no vídeo, que uma pessoa conhecida por elas, esteja numa história infantil e/ou traduzindo. Talvez seja uma coisa emocionante e que nunca passou pela cabeça delas essa possibilidade. Esse fato possivelmente acendeu uma esperança e confiança que ela também é capaz de fazer essas coisas e muito mais. Esse contexto pode ser interpretado, que as crianças se identificaram ou se sentiram representadas com a presença das kodinhas.

Para finalizar a coleta de dado de Ronice, ao terminar a leitura do livro e vídeo, a pesquisadora questionou se a mesma era koda, ela parou por um momento para pensar e respondeu que esqueceu. Então foi necessário que a pesquisadora explicasse, apontando a mãe dela que estava no cantinho da sala, dizendo que a mãe era surda e ela uma filha ouvinte, por isso era koda.

Essa circunstância, não significa que Ronice não entendeu a história, pois como dito houve interação e conversação sobre a história. O *esqueceu* pode ser apenas dito num momento de vergonha de responder a uma pergunta feita diretamente e não natural. Na roda de leitura que será lido mais adiante, há mais comprovações de que Ronice entendeu a história das kodinhas.

A partir de agora será a análise da última criança coletada, que foi a Maitê, a menina que devia estar na categoria de Leitor por causa de sua idade, mas o seu contexto vivido influenciou a sua condição leitora. Sua situação é bastante delicada, se comparada aos outros quatro.

### E) A leitura de Maitê:

**Quadro 34:** Perfil de Maitê

Perfil da 5ª Criança	
Perfil da Criança baseada na entrevista com os pais	Nome fictício: Maitê Idade: 8 anos Conhecimento Libras: Fluente Conhecimento do Português: Bem pouquinho, dificuldade em fala e leitura.
Primeiras reações da criança ao chegar	Estava bem quietinha e observando cada passo da pesquisadora.
Reações da criança ao ter contato com o Livro	Ela não mostrou muita reação.
Opção(ões) de leitura	Ler as imagens e Vídeo
Reações durante a leitura	Livro físico: Ela observava cada página do livro, sem muita reação, apenas suas pernas se mexiam muito. Vídeo: Mesma reação do livro físico.
Reações ao finalizar a leitura	Livro físico: Quando terminou, ela olhou para mim com um sorriso quase imperceptível.
O que achou da história?	Gostou.

**Fonte:** Elaborada pela pesquisadora

De acordo com as características de Maitê, ela é encaixada na categoria de pré-leitor na segunda infância. E pode dizer atenciosa e repetidamente que o único motivo é ainda não “reconhecer, com facilidade, os signos do alfabeto e reconhecer a formação das sílabas simples e complexas.” (Coelho, 2000, p. 34).

Como pode ser lido na entrevista (desabafo) com a mãe e na transcrição da gravação da leitura dela (Apêndices 06, Entrevista com a mãe de Maitê) a sua situação é bastante delicada. No contexto dela, é importante lembrar, que Coelho (2000) já afirma que as categorias de competências leitoras não dependem apenas da faixa etária. Mas da “inter-relação entre sua idade cronológica, nível de

amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo de leitura” (p. 32).

Em nenhum momento essa pesquisa pretende diagnosticar a situação de Maitê, nem mesmo recebeu um diagnóstico sobre ela, da mãe. Essa tese apenas busca mostrar uma análise da leitura de Maitê, como das outras crianças, independente da situação. Pois o objetivo do livro não é buscar beneficiar somente aqueles que sabem ler, mas a todos os kotas, independente da idade e da sua condição leitora.

Maitê foi outra criança que não quis participar sozinha e sua mãe teve que acompanhá-la na sala. Vale relatar que antes de dar o livro às crianças, cada uma apresentava seu nome, sinal e sinal da sua mãe no vídeo, apenas para registro, o Raí foi o único dispensado pela pesquisadora de se apresentar, por saber pouco a Libras. Mas Francisco, Valdir e Ronice se apresentaram, soletraram seu nome e sinal. Maitê não sabia soletrar seu nome, apenas fazer seu sinal. Esse cenário pode reafirmar que Maitê realmente não sabe *ler* palavras. Pois saber soletrar (escrever) o nome próprio, mostra que a criança tem uma afinidade em escrever ou ler as outras palavras, como afirmam as autoras Beluzo e Farago (2016, p. 107): “o nome próprio se configura como primeiro repertório de letras que a criança possui”.

Este caso merece ser pesquisado e analisado mais profundo por pesquisadores que tenham mais afinidades e conhecimento com a aquisição linguística oral ou escrita das crianças, em especial, das crianças kotas, para o bem de muitos kotas que passam pelas mesmas dificuldades.

Seria compreensível se a mãe tivesse algum diagnóstico da causa, mas pela entrevista com a mãe de Maitê, ela apenas passou por situações complicadas, que influenciou na sua dificuldade de aprendizagem (e leitura).

Percebe-se que Maitê, mesmo interagindo, tinha dificuldades em responder as perguntas feitas a ela, tanto na leitura do livro como na roda de leitura (que será analisado mais para frente do texto), ela apenas respondia com um aceno de cabeça, com um *sim* ou *não*. Um motivo que fez com que a pesquisadora mediasse, com a intenção de incentivá-la a acompanhar a leitura da história.

Voltando ao livro, primeiro ela deu uma olhada e depois assistiu ao vídeo. Com ela não precisou utilizar a acoplação do vídeo e livro, pois ela leu ambos sem problemas. Isso pode ser devido a sua maturidade, ela pode não saber ler as palavras, mas tem um conhecimento de como funcionam muitas coisas.

No final das leituras ela, por iniciativa própria, fez apenas uma pergunta. Perguntou sobre a sinalização das meninas do livro, na parte do *QR Code*. E isso foi visto pela mediadora como uma oportunidade para interagir e incentivá-la ainda mais. A partir disso, começou a interação em conversação com ela apontando e perguntando sobre as outras sinalizações encontradas no livro (sim, água, querer, passear, gostar, etc.) e naturalmente começou uma terceira leitura. A presença de um(a) mediador(a) realmente faz muita diferença para as crianças pré-leitoras, como constata a autora Coelho (2000). Com a mediação e incentivo, Maitê começou a se sentir à vontade para mergulhar na história, ela apenas precisava mesmo de um incentivo.

Ainda sobre a importância da mediação, quando Maitê via os personagens do livro fazendo os sinais, ela olhava para a pesquisadora, esperando a mesma reproduzir esses sinais. Havia uma parte interessante, é quando ela apontava também para o menino ouvinte (que não sabia a Libras), perguntando o que ele estava *sinalizando*, foi explicado que o menino não sabia a Libras e estava apenas fazendo gestos de *não entender*, *dúvida*, dentre outros. Lembrando que a autora Nascimento (2021) explica, que o papel do(a) mediador(a) não é somente incentivá-los na leitura, mas também, ensiná-los.

Outro detalhe do livro que chamou atenção dela, foi uma menina negra no livro, ela parecia se interessar, se identificar, já que ela era também uma menina negra. Maitê apontou para a menina e perguntou quem era e a pesquisadora explicou que era uma menina surda, igual a ela, no sentido de ser negra. O papel da pesquisadora/mediadora nesta leitura foi fundamental neste contexto. Pois não estava apenas incentivando-a na autoaceitação da sua identidade koda, mas também da sua identidade negra.

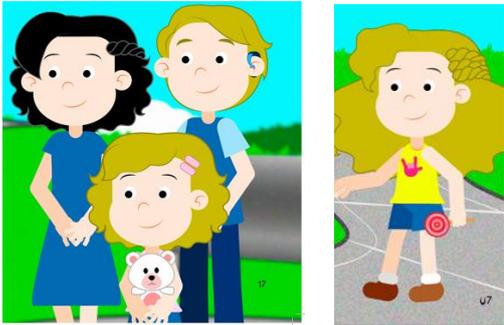
Além dessas análises, outros detalhes nos dados coletados mereceram atenção durante a leitura, referente comportamentos leitores dos koda em relação aos detalhes ilustrativos. E esses detalhes serão mostrados e explicitados melhor na parte de baixo.

#### **5.1.2.2. Observações e Análise dos detalhes do livro que chamaram a atenção das crianças**

Como explicado por Coelho (2000) ao longo da referência teórica, comprovadamente a ilustração na história foi indispensável para os kotas, especialmente, para os pré-leitores, chamaram bastante a atenção deles durante a leitura.

O quadro abaixo mostra os cortes das ilustrações e descrição da pesquisadora que mais chamaram atenção de cada criança, na sua perspectiva.

**Quadro 35:** Detalhes do livro ou vídeo que chamaram atenção de cada criança durante a leitura individual

Crianças	O que chamaram atenção deles do livro?	
Francisco	-	6. Ele não apresentou gostar de algum detalhe em específico.
Valdir		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Se surpreendeu quando viu que as meninas que ele conhecia estavam sinalizando no vídeo.</li> </ul>
Raí		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazia o sinal de Pai e Mãe em todas as cenas que eles apareciam;</li> <li>• Apontou a estampa da camisa das meninas e fez o sinal de "I Love You";</li> <li>• Apontou o pirulito e fez o gesto dele.</li> </ul>
Ronice		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Se surpreendeu quando viu que as meninas que ele conhecia estavam sinalizando no vídeo;</li> <li>• Apontou duas vezes para as crianças que estava nas conversas dos surdos.</li> </ul>

		
<p>Maitê</p>	   	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perguntou quem era essa menina;</li> <li>• Perguntou o que era cada sinal;</li> <li>• Perguntava sempre sobre o que esse menino estava “sinalizando”;</li> <li>• Apontou para uma mulher (branca) e uma mulher (negra) perguntando quem eram.</li> </ul>



Fonte: Elaborada pela autora

Analisando o quadro acima, pode-se concluir que:

- A) Pessoas conhecidas aparecendo em alguma produção literária, neste caso, na história das kodinhas (livro físico e vídeo), especialmente crianças, as deixam interessadas;
- B) Alguns traços da Cultura Surda foram percebidas como o sinal de “*I love you*” nas camisas, aparelho auditivo e sinais da Libras;
- C) Identificação com os personagens da história, como a menina negra, e as outras crianças no grupo de adultos.

Analisando mais profundamente, com base em Coelho (2000), Francisco comprovadamente é um leitor fluente, não somente por causa da idade dele (11 anos), também pelo seu “domínio do mecanismo da leitura e da compreensão do mundo expresso no livro” (p. 37). Como consta no Quadro 35 (e também na transcrição do vídeo da leitura do livro físico e do vídeo de Francisco), possivelmente por causa desse domínio dele, não havia nenhum detalhe que mais lhe chamasse a atenção, ou pelo menos não mostrou reação a alguma imagem específica.

Coelho (2000) explica que as imagens dos livros, nesta fase, podem ser dispensáveis, mas não nega que uma ilustração também pode ser atraente.

A única imagem que surpreendeu Valdir foi a das kodinhas que são amigas dele fazendo parte do livro. Lembrando que de acordo com a autora Coelho (2000), a criança na idade dele geralmente já está na fase de leitura-em-processo, como o nome já diz, ele já entrou para o processo de leitura, já está tendo facilidade em ler os textos. Talvez por isso ele se atentou mais aos textos do que nas imagens,

resultando assim a ausência ou inexpressão de reações em relação ao resto da ilustração.

Tanto Raí, como Ronice, estão na mesma fase, ou seja, pré-leitores da segunda infância. Coelho (2000) afirma que nesta fase, os livros adequados para eles, são aqueles que proporcionam vivências radicadas no cotidiano familiar à criança. Exatamente o que o livro *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!* oferece. Por este motivo, ambos se sentiram atraídos pelos detalhes ilustrativos do livro e a sua história. Como mostrado no quadro acima, foram a muitos detalhes da ilustração aos quais eles reagiram. Além do mais, a comunicação verbal em sinais de Libras como *Papai, Mamãe, I Love You, Surdo e Ouvinte* também chamaram a sua atenção.

Por fim, no caso de Maitê, apesar da sua situação leitora, pode-se afirmar que mesmo não lendo, ela entendeu a história. A teoria de Coelho foca em leitura de livros físicos, principalmente através das palavras e indica quais livros ideais (não obriga) para cada “faixas etárias”. Maitê pode ainda não estar apta a ler os signos das palavras de português. Porém, ela *leu* através da ilustração, tradução para a Libras (uma língua que ela tem mais domínio) e do áudio em português, pois no final da leitura ela mostrou ter um bom entendimento da história, conforme os dados. Maitê foi a que mais reagiu a muitos detalhes da história. O que mais impactou a pesquisadora neste contexto, foi ela se encantar com a menina negra, igual a ela.

Diante das reações e comportamentos leitores das crianças, pode-se concluir que as opções de leituras do livro foram muito úteis para a diversidade dessas cinco crianças kotas, nenhuma teve dificuldade em acessar a história. Inclusive a ilustração, os traços culturais e a diversidade de pessoas na história prenderam a atenção da crianças, uma estratégia muito importante para atrair leitores mirins.

Para concluir a pesquisa deste dia, o que se pode dizer da melhor modalidade de leitura para as crianças, é que varia de criança para criança, dependendo do seu contexto histórico e conhecimento linguístico. Mas a categorização da autora Coelho (2000), ajuda muito a ter uma ideia aproximada das características de livros ideais para cada crianças.

### 5.1.3. 2º Dia

No segundo dia (sexta-feira, 02/02/2024), como descrito na metodologia, aconteceu um encontro coletivo com as crianças pesquisadas. Foi realizada uma roda de leitura com as crianças kotas.

Inicialmente o objetivo do segundo dia de pesquisa era para acontecer em grupo e que cada criança reproduzisse, individualmente, utilizando qualquer modalidade de expressão (libras, desenho, gesto, tradução, etc.) a história do livro, conforme entenderam. A figura abaixo representa o primeiro roteiro elaborado, que iria guiar a análise dos dados deste dia.

**Figura 32:** Primeira tabela elaborada para a análise da reprodução da história

<b>Reprodução da história da Criança 1</b>	
Desenho da Criança	
Modalidade(s) de reprodução da história	
Reação da criança durante a reprodução da história	
Reprodução de acordo com a história	
Opinião das crianças sobre o livro	

**Fonte:** Tabela elaborada pela pesquisadora

Contudo, esse método não deu muito certo por dois motivos: primeiro, a criança mais nova, não parava sentada para participar da reprodução da história e é compreensível devido à sua idade. Segundo, duas delas estavam com vergonha de interagir.

Diante desses motivos, foi necessário mudar a reprodução da história para uma roda de leitura (entendido também como clube de leitura), onde de acordo com Bortolin e Santos (2014, p. 148)<sup>46</sup>:

a proposta da criação e gestão de um clube de leitura, com a presença do mediador, é uma iniciativa que poderá contribuir tanto para a iniciação e formação de leitores, quanto alargar o contato desses alunos com o livro e a leitura.

<sup>46</sup> As autoras utilizaram a terminologia “Clube de Leitura”, porém, possui o mesmo significado da roda de leitura.

Além disso, foi elaborado um novo roteiro de análise (Quadro 36), já que o roteiro anterior não se encaixou na roda de leitura. Com ajuda do quadro abaixo, foi possível coletar e analisar os pontos importantes que estão relacionados ao objetivo da tese.

**Quadro 36:** Roteiro para análise do 2º dia

<b>Analisar:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Comportamento durante a interação (participativo, tímido, etc.);</li> <li>○ Compreensão das crianças sobre a história e do significado da palavra koda;</li> <li>○ Identificação com das crianças nas cenas da história;</li> <li>○ Conscientização sobre a identidade koda e outra se tiver, como identidade negra;</li> <li>○ A percepção deles sobre a cultura surda.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora

Foi uma boa escolha fazer a roda de leitura, pois possível fazer com que as crianças reproduzissem, em conjunto, a história e ainda contar com a participação (incentivo) da pesquisadora, na qual ela passou a atuar como mediadora (no conceito de Nascimento, 2021).

Haviam outras crianças koda presentes neste dia. Apesar destas crianças, não fazerem parte dos sujeitos da pesquisa, são familiares dos participantes e elas mostraram o desejo de participar, tiveram a oportunidade de ler o livro *Kodinhas? Sim!Sim!Sim!*, e foram convidadas a participar da pesquisa. Ambas foram denominadas de Convidada 1 (5 anos) e Convidada 2 (10 anos). A participação delas enriqueceu os resultados deste trabalho.

Vale ressaltar, que por questões de ética da presente pesquisa, foram providenciada as assinaturas dos pais destas duas crianças convidadas para a participação, com a devida justificativa (Apêndice 05).

A reprodução coletiva aconteceu com a mediadora segurando o livro na frente das crianças (conforme ilustra a segunda imagem do Quadro 37), mostrando cada página do livro e pedindo as crianças que espontaneamente narrassem tais cenas. Esse é um bom ato de contar história infantil (ou adulta) em Libras, pois permite que a criança acompanhe as imagens e as sinalizações, simultaneamente.

Após a roda de leitura, as crianças fizeram um desenho do que mais gostaram ou entenderam da história e depois explicaram o seu desenho. Natividade

et Al. (2008, p. 10) entendem que o desenho “atribui ao próprio processo de desenhar e sobre o que é possível compreender da realidade a partir da imagem produzida.”. Isso é, o objetivo do desenhar desta pesquisa é explorar mais do entendimento das crianças sobre a história.

Para a roda de leitura, foi organizado uma mesa grande (primeira imagem do Quadro 37), onde todas as crianças convidadas se sentaram em um lado e nas laterais, deixando um lado livre para a apresentação da mediadora. As mães das crianças ficaram sentadas atrás, observando, sem nenhuma interferência.

A gravação aconteceu através de dois celulares, um para pegar sinalização da pesquisadora e outra para pegar as crianças, conforme quadro abaixo. Os celulares foram os únicos recursos de gravação que a autora conseguiu naquele momento.

**Quadro 37:** Ângulos das câmeras

Câmera focando nas crianças	Câmera focando na pesquisadora
	

Fonte: Própria

Sobre as filmagens com os celulares, houveram algumas experiências negativas. Apesar do primeiro ângulo pegar todas as crianças e a lateral da pesquisadora enquanto a mesma interagia, no momento da análise, foi necessário um esforço para captar as sinalizações das crianças que estavam mais distantes no vídeo, além da iluminação estar um pouco desfavorável. E no ângulo da pesquisadora, pegou apenas a sinalização da mesma.

A descrição do que aconteceu durante a roda de leitura e a análise estão na seção seguinte.

### 5.1.3.1. Dando início a roda de leitura

Antes de prosseguir, para entender melhor a análise do que aconteceu durante a roda de interação, é importante ter uma pré-noção das reações e comportamentos das crianças durante essa coleta de dados. Pois tudo que aconteceu neste momento teve influência no percurso da roda de leitura. No Quadro 38 está a análise comportamental de cada criança, feita pela pesquisadora durante a roda.

**Quadro 38:** Reações e Comportamentos das crianças no 2º dia de pesquisa

<b>Criança</b>	<b>Reações e Comportamentos</b>
Francisco	Atento a interação toda. Explicou apenas algumas cenas.
Valdir	O mais participativo, explicava cada cena da história.
Raí	Não parava sentado, passou quase a interação toda brincando de corre-corre.
Ronice	Ficou calada e tímida durante a interação toda. Respondia a algumas perguntas quando a pesquisadora perguntava diretamente.
Maitê	No começo estava desconcentrada. Mas depois começou a prestar atenção na interação. Porém, não explicou nenhuma cena. Ela apenas respondia perguntas com SIM e NÃO.

**Fonte:** Elaborada pela autora

Para começar, na roda de leitura, pode se afirmar que quase todos estavam bem atentos à sinalização da pesquisadora e como já dito no quadro acima, apenas o Raí não conseguiu ficar sentado. Este fato lembra uma citação de Coelho (2000), ao afirmar que “A *técnica da repetição* ou *reintegração* de elementos é das mais favoráveis para manter a atenção e o interesse desse difícil leitor a ser conquistado.” (p. 34) Ou seja, Raí e Ronice estão em uma fase que exige mais atenção e repetição, método que não daria certo aplicar nesta roda de leitura, devido as diferentes faixas etárias envolvidas, que também pede outros métodos diferentes. Esse possivelmente é um motivo de Raí não conseguir ficar parado e participar da roda de leitura. Mas Ronice acompanhava na maior parte do tempo a interação da roda de leitura.

E Maitê no começo parecia bem distraída, não prestava atenção na sinalização da pesquisadora e a sua mediação foi fundamental nesta roda de leitura. Com o incentivo da mediadora através de perguntas à Maitê, feitas no percurso da reprodução coletiva, ela começou a fixar a atenção. É necessário que o(a) mediador(a) esteja preparado(a) para atender uma diversidade de crianças. Relembrando a teoria de Coelho (2000), mesmo que as crianças estejam dentro da mesma faixa etária, a diversidade ainda pode ser encontrada nela.

No dia anterior, a pesquisadora havia pedido para as crianças trazerem o livro, Francisco foi o único que esqueceu, entretanto, a situação foi contornada, com o empréstimo de um dos livros extras, os quais já tinham sido levados, para ajudar em situação como essa. Isso é um exemplo de preparação do(a) mediador(a), sempre estar prevenido e pensar em possibilidades que podem acontecer, principalmente com crianças, que ainda estão em processo de aprendizado das responsabilidades.

Os diálogos entre a mediadora e os kotas da roda de leitura podem ser encontrados no Apêndice 07. Ele foi transcrito para o português em glosas e posteriormente traduzido para a *SignWriting*, para aqueles leitores que desejem entender melhor a produção da sinalização das crianças e da mediadora. Na seção abaixo, constam a análise dos diálogos e comportamentos das crianças.

### **5.1.3.2. Análise do percurso da roda de leitura**

A interação começou com perguntas básicas. A primeira pergunta feita a eles foi se leram em casa. Essa pergunta foi feita para dar uma ideia aos participantes de que essa roda de leitura é a continuação da utilização do mesmo livro do dia anterior. A pergunta foi feita para todos os presentes no momento, porém, Ronice foi a única que respondeu que não leu e só respondeu quando foi perguntada (de novo) pela pesquisadora, diretamente a ela.

A segunda e a terceira perguntas buscavam concentrar a atenção deles no tema da roda de leitura. Sobre a segunda, a pesquisadora mostrou a capa do livro (Figura 33) na frente deles e apontou apenas para a primeira palavra do título do livro “Kodinha?” e perguntou o que era.

**Figura 33:** Capa do Livro para leitura do título



**Fonte:** Livro Kodinha? Sim! Sim! Sim! (2024)

As respostas podem ser lidas no quadro abaixo. Alguns fizeram o sinal de coda e outras de koda (coda+criança).

**Quadro 39:** Título do livro em Libras sinalizado pelas crianças

<b>Pergunta a eles: Como sinaliza o título do Livro?</b>	
<b>Criança</b>	<b>Resposta</b>
Valdir	<p>CODA SIM SIM SIM</p>
Criança convidada 1	<p>KODA SIM SIM SIM</p>

**Fonte:** Elaborada pela autora

Para ser mais específica, apenas duas crianças responderam. Para o começo da interação foi considerado bom, pois a iniciativa dessas duas crianças pode estimular as outras a responderem também mais para frente, o que aconteceu mesmo.

Observa-se que mesmo depois das crianças assistirem à tradução em Libras do livro no dia anterior, onde tem o sinal de koda (Coda+Criança) proposto nesta tese, Valdir continuou usando o sinal de coda. E a criança convidada 1, que também assistiu ao vídeo da tradução, começou a utilizar o sinal proposto. Normalmente, a maioria dos pais surdos, utilizam o sinal de coda, referindo-se aos seus filhos pequenos ou adultos e por isso repassam este sinal à eles. Já o sinal de koda foi proposto e apresentado às crianças no dia anterior, algumas delas adquiriram, outras continuaram com coda.

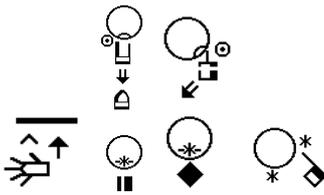
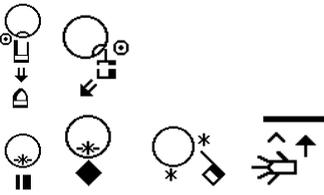
Em nenhum momento essa tese obriga a aceitar o sinal de koda, até porque o sinal de coda é bem utilizado pela maioria das pessoas que fazem parte das comunidades surdas do Brasil e do mundo para se referir a todos os filhos ouvintes de pais surdos.

Entretanto, apesar de propor um sinal específico para se referir a palavra koda e estar de acordo com seu conceito, esta tese não pretende validar esse sinal, por respeito à comunidade surda do Brasil, quem valida é a sociedade surda, quando essa aceita e passa a utilizar de forma naturalmente.

Após as respostas destes dois kodas, a pesquisadora sinalizou o título para os demais presentes não responderam à pergunta.

Terceira pergunta: *O que é koda?* As respostas (Quadro 40) deles foram interessantes. Todos responderam em diferentes ordens frasais, mas mesmo significado, como mostrado no quadro abaixo:

**Quadro 40:** Ordens frasais das crianças sobre o que é koda

Criança	Resposta em Glosas	Transcrição da resposta para SW
Criança convidada 1	FILHO PAI MÃE SURDO	
Francisco	PAI MÃE SURDO FILHO	

Valdir	PAI MÃE SURDO FILHO OUVINTE	<p>The signs for 'PAI MÃE SURDO FILHO OUVINTE' are arranged in two rows. The top row contains: a circle with a square below it and a downward arrow; a circle with a square to its right and an arrow pointing from the circle to the square; a circle with a square to its right and an asterisk below the circle; a horizontal line with an upward arrow below it; and a circle with a square to its right. The bottom row contains: a circle with a square below it and a downward arrow; a circle with a square to its right and an asterisk below the circle; a circle with a square to its right and an asterisk below the circle; a circle with a square to its right and an asterisk below the circle; a circle with a square to its right and an asterisk below the circle; and a circle with a square to its right.</p>
Maitê	PAI SURDO	<p>The signs for 'PAI SURDO' are arranged in two rows. The top row contains: a circle with a square below it and a downward arrow; and a circle with a square to its right and an asterisk below the circle. The bottom row contains: a circle with a square below it and a downward arrow; and a circle with a square to its right and an asterisk below the circle.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

PAI, MÃE, FILHO, OUVINTE foram as quatro palavras mais usadas por eles para definir o significado de koda. Na Libras não há uma só estrutura de frase para explicar o significado de uma palavra. Quadros e Karnopp (2004) em seus estudos afirmam que, apesar de haver estudos linguísticos das ordens das frases da Libras, estas podem variar.

Em resumo geral, o propósito destas perguntas, foi para ter uma noção do conhecimento e entendimento das crianças a respeito da leitura do livro, feita no dia anterior ou em sua casa. Além disso, prepará-los para mergulhar na história mais uma vez, só que coletivamente.

Vale complementar que nessa roda de leitura não foi utilizado somente a sinalização da Libras. Algumas estratégias foram usadas para uma melhor reprodução coletiva da história do livro, como: utilizar recursos visuais para a releitura, mostrar cenas do livro, o livro físico, além da mediadora, que usou os apontamentos de forma demonstrativa não gramaticalizada<sup>47</sup>, conforme mostra a Figura 34, para fazer perguntas aos kotas sobre a história do livro e relacioná-la com a vida de cada criança koda ali presente. A decisão de utilizar outras estratégias pode ser apoiada, conforme Nascimento (2021):

<sup>47</sup> A grande distinção deste tipo de apontação para as outras é que ela necessariamente aponta para objetos presentes no contexto de fala ou objetos ancorados no espaço em frente ao sinalizador, ou

A seleção e utilização dessas estratégias é que possibilitam, inclusive, o “estado de consciência do leitor”, ou seja, a capacidade de monitorar o que está lendo, tomar decisões diante das dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar as suposições feitas no texto e conversar com outros leitores sobre o texto, entre tantas outras ações que caracterizam o leitor experiente. (Nascimento, 2021, p. 74)

A figura abaixo é um retrato de dois exemplos citados de estratégias utilizadas nesta roda de leitura, o recurso visual (livro) e a apontação.

**Figura 34:** Ilustração de Apontação demonstrativa não gramaticalizada



**Fonte:** Própria

Sobre as estratégias da Figura 34, o livro, neste momento, serviu como recurso visual para as crianças kotas e ajudou muito as na imaginação e no acompanhamento visual da história. Além desta estratégia, a apontação foi é o outro método da imagem acima que também ajudou muito na contação e reprodução coletiva da história do livro. Estas estratégias também podem ajudar na contação de histórias para crianças surdas. Pois o foco não é a pessoa, mas na maneira de contação.

Outro detalhe importante que merece destaque está na tradução e transcrição dos diálogos no Apêndice 07. Nas partes do texto da tradução do diálogo do vídeo para o português em glosa, pode ser encontrado esses colchetes

---

seja, nesta ocorrência de apontação, os objetos devem estar ao alcance real (7a) ou mental (7b) do sinalizador. (Silva, 2021, p. 27)

“[APONTA LIVRO]” e na transcrição de SW “  ”, ambos significam que mediadora/pesquisadora está apontando ao livro, ou seja, a representação da apontação demonstrativa não gramaticalizada.

Na seção seguinte será possível acompanhar a análise dos diálogos, da mediadora com os participantes kotas, que aconteceu durante a roda de leitura.

### 5.1.3.3. Análise dos diálogos

Foram selecionadas e analisadas algumas partes dos diálogos que possuem relação com o objetivo desta pesquisa. Algumas interações foram analisadas de forma individual e em alguns momentos, coletivamente. Com essa coleta de dados, a pesquisadora analisou a leitura e comportamento de cada koda na roda de leitura, e o entendimento de cada um sobre a história das kodinhas. E com isso estudou algumas melhorias, para futuras rodas de leituras.

A análise dessa roda de leitura não pretende focar nas estruturas sintáticas dos kotas, no entanto é muito importante estudá-las no futuro, por algum linguísta ou a quem interessar. Há muitos detalhes interessantes a serem estudados, como entender o porquê do uso do *é* repetidas vezes, a aquisição de um sinal novo, estrutura gramatical da Libras, etc.

No entanto, essa tese requer destacar e analisar alguns pontos importantes, que aconteceram no desenvolvimento da leitura coletiva dos kotas juntamente com a pesquisadora/mediadora.

Considerando os diálogos da roda de leitura, disponível no Apêndice 07, Valdir foi o único que interagiu e explicou todas as cenas, em segundo lugar ficou o Francisco. Tanto na leitura individual como na coletiva, ambos estão na fase de leitor em processo e fluente, da autora Coelho (2000).

A presença dos dois, foi muito importante na roda de leitura, pois, além da mediadora, eles foram referência para as outras crianças kotas que ali estavam e foram responsáveis por estimulá-las a participarem. Como aponta Nascimento sobre uma das potencialidades deste exercício:

As crianças aprendem umas com as outras e, especialmente, com um modelo de leitor mais experiente (a professora), ao captar sua entonação

durante a leitura, as pausas que dá, como se posiciona durante a leitura, os comentários que faz, entre outros aspectos; (Nascimento, 2021, p. 86)

Outro benefício que a roda de leitura ofereceu, tem haver com a aprendizagem de novos sinais. Algumas crianças não conheciam ou não lembravam de sinais menos usuais como: *Sapeca* e *Loiro*, então a mediadora aproveitava e ensinava estes e outros sinais que iam aparecendo. Apesar de não ser o foco, apoiado na teoria de Sutton-Spencer (2021), a leitura também pode proporcionar aprendizagem de novos sinais (e palavras). Vale ressaltar que o foco da leitura nesta tese não está relacionado ao ensino de um sinal, mas inevitavelmente, em algum momento, será necessário ensinar um sinal para que a história possa continuar.

Segundo Quadros (2000), normalmente a aquisição de um sinal ou frase em Libras, pode acontecer naturalmente durante o contar da história. Mas neste caso, a questão era a reprodução da história em conjunto, ou seja, a mediadora não narrou a história para eles. Eles davam a partida e a mediadora apenas os guiava, fazia perguntas para eles narrarem, incentivava a contarem, provocava a reflexão e ensinava algum sinal quando necessário, para que eles pudessem continuar suas narrativas.

Nas primeiras páginas da história, não bastava apenas ler e reproduzir, a mediadora aproveitou para brincar um pouco. A mesma perguntou a eles sobre o símbolo estampado nas blusas das meninas do livro. Todos reproduziram o sinal de *I Love You* em ASL. Até o seu significado eles sabiam dizer: *Eu amo você*. Brincou perguntando se eles já sinalizaram *I Love You* para a sua mãe, e falou para fazerem naquele instante, todos viraram para suas mães que estavam sentadas atrás e o fizeram. Como já mencionado, com base em Sutton-Spencer (2021), a literatura não é só ler, brincar com as palavras/sinais da história também pode fazer parte. Neste contexto as crianças brincaram no meio da reprodução da história. Essa brincadeira pode ajudar as crianças a relacionarem a história com a realidade, em especial os pré-leitores (Coelho 2000).

Outro detalhe importante que merece destaque e que motivou a pesquisadora a fazer uma roda de leitura foi o fato de que, após primeiras páginas, a mediadora convidou-os para virem na frente narrar as páginas seguintes, e ninguém quis vir. E perguntou se era vergonha, todos afirmaram com as cabeças.

Sinais de incentivos não faltou como: “CORAGEM TODOS AMIGOS” (Traduzido para o português: Coragem, todos aqui são amigos), com a esperança de encorajá-los, não adiantou, então voltou ao método que estava usando com as primeiras páginas.

A importância da característica de incentivo da mediadora, descrita no parágrafo anterior, lembra uma afirmação de Nascimento (2021) em sua tese, na qual a mesma afirma que as professoras-colaboradoras da sua pesquisa, possuíam umas características que “revelavam aspectos positivos para o estilo de uma boa mediadora de leitura” (p. 152). A Liderança e autoridade é uma delas: “Liderança e autoridade. As professoras, diante do grupo, tinham capacidade para coordenar/liderar e atrair a atenção das crianças que demonstravam confiança, empatia, engajamento e respeito por elas” (Nascimento, 2021, p. 152).

Continuando a roda de leitura, a mediadora fazia perguntas com a pretensão de provocar (nas crianças) a autoidentificação, além de, prender a atenção deles na interação da história. Como por exemplo, nas páginas que falam sobre as kodinhas serem alegres, a mediadora aproveitou para perguntar aos sujeitos da pesquisa, se eles também eram alegres. Como não foram todos que responderam por vontade própria, a mediadora perguntou de um por um, assim obteve a resposta de todos à sua pergunta.

Mais uma vez, a importância do papel da mediadora, pode ser vista nessa atividade e pode-se relacionar com Nascimento (2021). A autora afirma que as professoras-colaboradoras da sua pesquisa também adotaram este método.

Em contrapartida, percebeu que, na escola, essas mesmas crianças exerciam um papel menos ativo nos diálogos com os adultos, com poucas oportunidades para explorar suas experiências e desenvolver sua compreensão de modo a fazer perguntas, avaliar e investigar as respostas que recebiam. De acordo com os dados da pesquisa, fazer perguntas era uma iniciativa mais das professoras que, inclusive, apresentavam os turnos de fala mais longos e, conseqüentemente, falavam mais que as crianças. (Nascimento, 2021, p. 38)

Essas e outras atitudes da mediadora, foram fundamentais para que os kotas não ficassem acomodados e interagissem, fazendo e respondendo perguntas, como mostrado. Esses cenários só reforçam a teoria de Coelho (2000) sobre a necessidade da presença e estímulo de um adulto em rodas de leituras, tanto com crianças pré-leitoras e leitoras.

Outro questionamento feito aos participantes (kodas), após um koda presente ter dito que o menino, amigo das kodinhas da história era surdo e a mediadora explicar a esse koda, que o menino da história era ouvinte, falava com a boca e não conhecia o significado de kotas. Preocupada, que os outros kotas estivessem com esta mesma dúvida, a mediadora resolveu questionar cada um sobre este fato, perguntou a eles: *Ele é surdo ou ouvinte?* Quase todos responderam que era ouvinte.

A preocupação não era só se eles tinham entendido ou não a história e os personagens e caso todos ou a maioria tivessem respondido que o menino era surdo, o livro, a tradução ou a mediação precisariam ser investigados e melhorados. Mas, como a maioria identificou o menino como ouvinte, por enquanto, tudo certo com o livro, tradução e mediação. Neste caso foi preciso a mediadora agir e solucionar este problema antes de continuar com a reprodução coletiva da história. Além de corrigir a resposta do koda, ela precisou garantir o entendimento de todas as crianças.

Para isso a mediadora fez uma “(re)narração”, que pode ser encontrada no Apêndice 07, na parte das páginas 12 e 13 do livro: “MENINO ESSE BOCA-FALA KODA INTERROGATIVA. [APONTA-LIVRO] ELE CONHECE-NÃO. [APONTA-LIVRO] ELAS-DUAS EXPLICAR-ELE SIM EU KODA”. Ou seja, na estrutura de português: *Esse menino está falando com a boca. Perguntado sobre Koda?, ele não conhece sobre koda e as duas meninas estão afirmando a ele que são kotas.* Pois para entender a história completa, é preciso que as crianças entendam as características dos personagens para ter coêrencia da história.

Lembrando, como já explicado ao longo do texto e por Nascimento (2021), a responsabilidade da mediadora não é apenas “ler” a história, é também incentivá-los a pensar além da história. Como neste contexto, ensinar a ler as imagens da história e a se identificar em algumas cenas da história, inclusive corrigir-os.

Outro detalhe importante que pode ser observado. Em quase todos os diálogos do Apêndice 07 é possível perceber que a mediadora começa com “O-QUE ESSA?” (Quer dizer: o que está acontecendo nessa cena?), isso pode ser considerado outra estratégia (em relação ao recurso visual), utilizada na intenção de deixar que os kotas mesmos leiam as imagens, narrem a história e mostrem o que entenderam, já que este é o objetivo da roda de leitura.

Após a reprodução de cada koda, sinais/palavras da mediadora, de aprovação, como: isso mesmo, muito bem, acertou, dentre outras, foram muito importantes para que eles se sentissem seguros e continuassem participando. Para a criança ganhar esses sinais/palavras de aprovação em suas narrativas/reproduções tem grande importância. Sobre isso, a autora Nascimento (2021) relata que as crianças de sua pesquisa também esperavam aprovação:

Ou seja, davam mostras de que sabiam a resposta que a professora gostaria de ouvir, aguardando sua aprovação e elogio, além de utilizarem o silêncio diante de certas perguntas feitas pela professora como forma de não se opor a ela de maneira explícita. (Nascimento, 2021, p. 36 e 37)

É comprovado por Quadros (2017) que as crianças kotas adquirem a Libras naturalmente, como também a língua portuguesa, quando essas a ela são expostas. Ou seja, muitas delas se tornam bilíngues ao logo do tempo. Contudo, há alguns fatos que as crianças não tinham noção ou percepção que isso acontecia e acontece com elas. Como o uso da bimodalidade, isso é, sinalizar e falar simultaneamente.

Nas páginas 10 e 11 do livro, a personagem Isinha usa a bimodalidade para falar com o menino. Partindo desta cena, foi perguntado aos participantes se eles sabiam o porquê de a menina estar falando e sinalizando ao mesmo tempo. Não souberam responder, nem Valdir e nem Francisco. Valdir tentou responder dizendo: “PORQUE MÃE ENSINAR LIBRAS” (Traduzindo: Porque a mãe delas ensinou a Libras). Ou seja, interpretando a resposta dele, a menina fala porque é ouvinte e é natural, e fala Libras porque a mãe ensinou.

Todos os kotas/codas não são obrigados a terem consciência de tudo que se relaciona com povo surdo (sua mãe e/ou pai) e a cultura surda, até porque essas coisas se adquirem naturalmente. Como a bimodalidade, essas crianças podem ter usado inconscientemente em algum momento ou irão usar um dia no futuro. Mas com alguns recursos, neste caso o livro, o que se pode fazer é ensinar e conscientizar eles destes temas e da sua identidade. Lembrando que eles estão constantemente em fase de construção de sua identidade koda/coda. A conscientização pode também levar ao orgulho de serem filhos de pai e/ou mãe surdos, inclusive a conscientização também pode acontecer por meio da Literatura Surda e da Literatura Coda. Cosson (2006) é um autor que afirma que a literatura pode levar ao autoconhecimento, ou seja, pode conscientizar o indivíduo sobre si.

As páginas 20 e 21 (vê no Apêndice 07, na parte destas páginas, a ilustração para entender) não apenas respondem à pergunta do amigo das kodinhas, como também explica e ilustra a aquisição da linguagem dos kotas. Foi uma das ilustrações que chamou a atenção das crianças, devido aos sinais da Libras da página 21 e rendeu até a participação de todos em ler os sinais. Esta cena foi feita pensando principalmente nos ouvintes que não conhecem a cultura surda e muitas vezes não têm nem ideia de como é o processo de aquisição das crianças kotas e dos codas. Baseado nisso ela pode ser vista como cenas informativas para o conhecimento dos outros sobre a aquisição dos kotas, além de encantar as crianças kotas da pesquisa.

As cenas das páginas 22 e 23 acontecem com muitas famílias de surdos que possuem filhos ouvintes. Durante a interação com os participantes, a pesquisadora se surpreendeu com as respostas de (quase) todos. Baseada na amizade das kodinhas com o menino, foi perguntado a eles se tinham muitos amigos surdos ou ouvintes: “VOCÊS MAIS QUAL AMIG@ SURD@ OU OUVINTE?” e as respostas deles foram:

**Quadro 41:** Respostas da pergunta “VOCÊS MAIS QUAL AMIG@ SURD@ OU OUVINTE?”

- Francisco: OUVINTE
- Valdir: OUVINTE
- Convidada 1: OUVINTE
- Ronice: OUVINTE

**Fonte:** Dados da pesquisadora

Após essas respostas, Valdir corrigiu a resposta dele dizendo que tinha apenas um amigo surdo: “EU UM AMIG@ SURD@”. A pesquisadora esperava que eles dissessem que tinham mais amigos surdos, por causa de seus pais, já que a quase todos os lugares que seus pais vão, levam eles e os lugares geralmente são cercados de surdos, como podem ser vistos nos relatos dos codas do livro de Ronice Quadros (2017). É preciso realizar uma futura pesquisa com esse dado, saber o que os motivou responderem que têm mais (ou somente, segundo eles) amigos ouvintes.

As últimas páginas têm como objetivo incentivá-los a não terem vergonha da Libras, como difundir essa língua e a cultura surda aos seus amigos ou pessoas curiosas. Com a leitura e reprodução dessas páginas, os participantes afirmaram que também já ensinaram a Libras aos seus amigos, ou seja, se identificaram nesta cena. Essa parte foi muito bem respondida por eles, que pareciam ter orgulho de saber a Libras e ensinar a outras pessoas.

A roda de leitura foi um sucesso, apesar da timidez de alguns kotas presentes. Houve boas interações, mesmo com a mediação da pesquisadora. É possível afirmar, com base nessa análise e na do primeiro dia, que todas as crianças kotas participantes conseguiram acompanhar e entender a história das kodinhas. Inclusive conseguiram se identificar com as meninas kodinhas e reconhecer alguns traços e comportamentos culturais do povo surdo e do povo coda.

Porém, as características do livro fez mais efeito nas crianças pré-leitoras, do que nas leitoras. No entanto, não deixa de ser importante para todos os kotas, a sua leitura, pois além de ser uma história, é um livro informativo que irá ajudar na construção das suas identidades.

#### **5.1.3.4. Desenho**

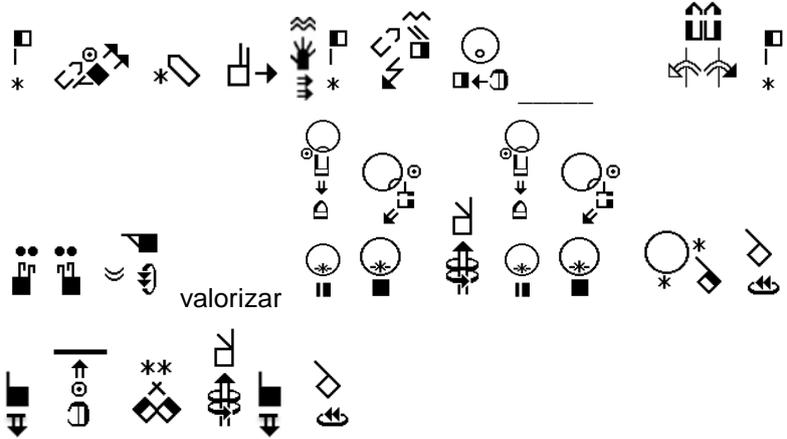
A última coleta de dados refere-se aos desenhos dos kotas. Como explicado na metodologia, o objetivo das gravuras é fundamental para que eles possam expressar por meio de suas imagens, o que entenderam da história. A respeito do desenho Nascimento (2021, p. 25) explica que:

Há uma frequência significativa de propostas de atividades de extensão da leitura, tais como: a recontação oral da história lida para as crianças, a dramatização ou produção de desenhos sobre eventos vivenciados por personagens, entre outras.

As crianças desenharam e no final explicaram à pesquisadora o seu desenho. Dentro dos quadros abaixo, encontrarão os desenhos de cada criança, as transcrições (glosa e SW) das explicações deles e a análise e interpretação da pesquisadora a respeito dos desenhos, em relação aos dois dias de leituras.

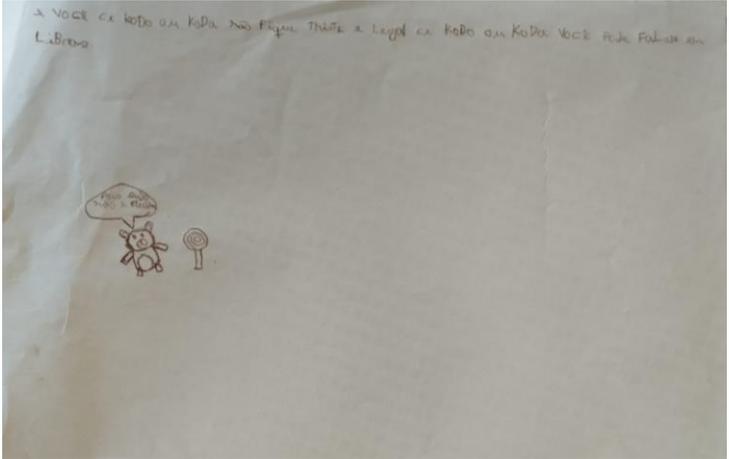
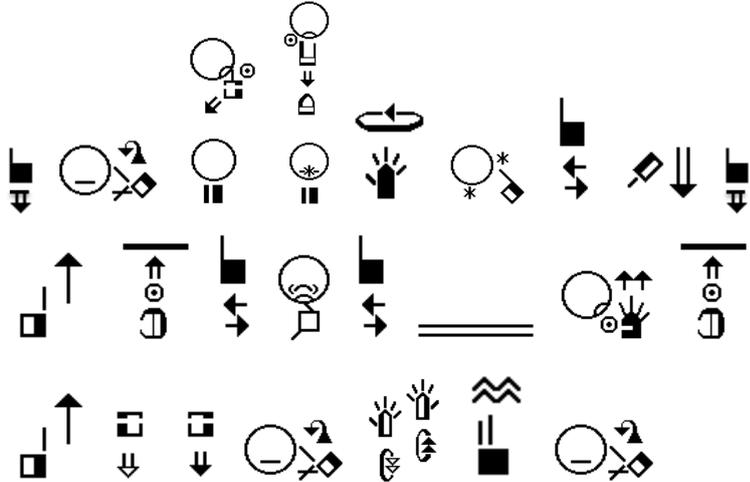
Antes de prosseguir, é preciso deixar os leitores cientes que, para explicar aos kotas o que deveriam fazer, foi necessário usar recursos visuais e uma comunicação em linguagem simples, para que todos eles pudessem entender. Isso é, pegou o livro e uma folha de papel. Usando o livro, explicou em libras: “VOCÊS LER LIVRO, ENTENDER O-QUE...”, depois pegou o papel, e apoiando nele, falou: “VOCÊS PODER DESENHAR, ESCREVER OU QUALQUER COISA QUISER.”

**Quadro 42:** O desenho de Francisco

<b>Desenho de Francisco</b>	
	
Explicação dele transcrito para glosas	EU ESCREVER MEU NOME “X” EU DESENHAR RÁPIDO [APONTA LIVRO] LIVRO EU TEMA O QUE V-A-L-O-R-I-Z-A-R PAI MÃE VALORIZAR PAI MÃE SURD@S NÓS É CODA PORQUE VALORIZAR É-NOS
Explicação dele transcrito para SW	
Observações sobre o desenho	O ursinho parece ser um detalhe da história, bastante interessante. Pois ele e Valdir desenharam isso. No balão do ursinho de Francisco ele escreveu: “Os kodingas são especiais.”. Na explicação dele, ele não fala apenas sobre kotas, mas também de valorizar o pai e a mãe surdos.

**Fonte:** Elaborada pela pesquisadora

**Quadro 43: O desenho de Valdir**

<b>Desenho de Valdir</b>	
<p>Desenho da Criança</p>	
<p>Explicação dele transcrito para glosas</p>	<p>É FALAR MÃE PAI TUDO SURDO NAO RUIM É [APONTAR DESENHO] É TU É CODA NÃO É TRISTE NÃO. É LEGAL É CODA VOCÊ PODE FALAR LIBRAS IGUAL FALAR+VOZ</p>
<p>Explicação dele transcrito para SW</p>	
<p>Observações sobre o desenho</p>	<p>Duas coisas interessantes no desenho que merecem destaques. O primeiro é a fala que Valdir escreveu no balão do ursinho. Uma frase que não foi dita em nenhum momento nestes dois dias de coleta de dados. “Pais surdo não é ruim.” É um pensamento interessante dito por uma criança koda.</p> <p>O outro detalhe é na terminologia koda, para ele essa palavra é referência a menina, por este motivo ele colocou “kodo e koda”, para se referir a menino e menina separadamente.</p>

**Fonte:** Elaborada pela pesquisadora

**Quadro 44: O desenho de Raí**

<b>Desenho de Raí</b>	
Desenho	
Explicação dele transcrito para glosas	OUVINTE, SURD@, CODA
Explicação dele transcrito para SW	
Observações sobre o desenho	<p>Desenho bem bonitinho, mas o irmão dele mais velho, que estava presente, ajudou no desenho. Inclusive orientou-o a explicar o desenho dizendo que é: ouvinte, surdo, coda, conforme transcrição acima.</p> <p>Porém, isso não deixa de ser importante. É um detalhe da cultura surda, onde o irmão ou irmã mais velha se sente responsabilizado em “ensinar” aos mais novos.</p>

**Fonte:** Elaborada pela autora

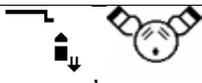
**Quadro 45: O desenho de Ronice**

<b>Desenho de Ronice</b>	
Desenho	
Explicação dela transcrito para glosas	[FEZ O SINAL DA IRMÃ DELA] [FEZ O SINAL DELA], OUVINTES
Explicação dela transcrito para SW	
Observações sobre o desenho	Ronice foi além. Não desenhou as personagens do livro, nem o amigo das kodinhas, nem o ursinho como os outros. Ela

	desenhou ela e a irmã mais velha . Ela se inspirou nas kodinhas, reconheceu que ela e a irmã também são kodas.
--	--

**Fonte:** Elaborada pela pesquisadora

**Quadro 46:** O desenho de Maitê

<b>Desenho de Maitê</b>	
Desenho da Criança	
Explicação dela transcrito para glosas	PEQUENA, URSO
Explicação dela transcrito para SW	
Observações sobre o desenho	<p>Até no desenho, Maitê não conseguiu se expressar muito. Mas o que ela desenhou foi uma das meninas do livro. A pesquisadora perguntou quem era a menina do desenho. Ela falou “pequena/menina”. Como tinham duas, perguntou, qual? A resposta dela foi “urso”. Ainda não entendendo, a pesquisadora pegou o livro, perguntou qual das duas? Ela apontou para a menina que estava segurando o ursinho.</p> <p>Ainda não se sabe, porque ela escolheu desenhar essa menina, mas mesmo assim continua sendo importante. E ainda mostra que ela conseguiu acompanhar a história através dos personagens.</p>

**Fonte:** Elaborada pela autora

Para esta pesquisa, o desenho também se mostrou muito significativo e útil. Como lido nas observações feitas pela pesquisadora, Francisco e Valdir conseguiram ir além, falaram sobre o bom de ser filho de pais surdos e valorizar eles e a Libras. Esse contexto já foi falado em alguns momentos durante a leitura e reprodução e pode ter incentivado a ambos a terem estas falas.

Ronice foi muito coerente, como visto na observação dela, desenhou a si mesma e sua irmã e não as kodinhas da história. Isso dá a entender, que ela se identificou com as meninas do livro, reconheceu que ela e sua irmã eram kodas

como elas. Este é um dos propósitos da pesquisa, que as crianças se identifiquem e se reconheçam kodas.

Por último, o desenho de Maitê é baseado no livro, a menina segurando o ursinho, porém, não conseguiu se expressar além. O desenho não define a característica das pessoas, mas há algum motivo que fez com que ela não conseguisse se expressar e não cabe à pesquisadora responder a esse questionamento. Isso não significa que ela não conseguiu acompanhar a história, pois o seu desenho pode ser considerado uma evidência de que a mesma entendeu a explicação da pesquisadora sobre a elaboração das imagens e história, apenas não conseguir se expressar direito.

Para concluir, os resultados e análises destes dois dias, trouxeram muitas respostas às perguntas desta tese. As entrevistas com as mães, as leituras individuais, reprodução coletiva e os desenhos, sem dúvidas, puderam comprovar que a criação da Literatura Coda é extremamente necessária e urgente para o desenvolvimento intelectual e construção da identidade koda.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar até aqui não foi fácil, pelo fato de não ter referências no Brasil que retrate sobre a Literatura Coda para servir de fundamento à pesquisa. Contudo, não foi impedimento para o desenvolvimento da tese com base na Literatura Coda. A leitura do livro *Kodinhas! Sim! Sim! Sim!* fez uma diferença enorme na vida das crianças kotas desta pesquisa e com as evidências coletadas neste trabalho, a probabilidade de beneficiar também outras crianças kotas se torna evidente .

Embora, apenas cinco crianças tenham sido pesquisadas, não restou dúvidas sobre a importância deste trabalho, para a comunidade surda, assim como para os coda/koda, por necessitarem de apoio e esclarecimento, os quais podem vir através de uma boa literatura, entre outros.

As crianças não são iguais, cada uma tem as suas peculiaridades. Coelho (2000) já menciona que cada criança possui um contexto histórico familiar, conhecimento linguístico, educacional diferente e único. Foi desafiador, porém, muito interessante, pesquisar sobre essas diversidades, principalmente devido às idades sem quetão, mas não foi impossível.

Em nenhum momento busco generalizar os problemas entre todos os kotas, ou compará-los. Sabemos que teoricamente e antropologicamente, isso é impossível, mas baseado nestas cinco crianças pesquisadas, pude comprovar a existência de crianças kotas que necessitam urgentemente de estímulo literários, tanto para entretenimento, como para a construção de sua identidade.

*Como pode acontecer o desenvolvimento de uma Literatura koda?* Essa foi a pergunta que deu origem a essa tese. Buscar responder a essa pergunta sem uma referência específica sobre o tema foi desafiador. Mas, com determinação e pesquisa consegui responder à essa pergunta através de evidências coletadas e com as teorias de Sutton-Spencer (2021), Peixoto (2020/2023) e Quadros (2017) que serviram como bases para a construção. Além da ajuda destas autoras, também envolveu muita reflexão, logística e orientações de professores experientes na área da Literatura Surda e Coda.

Sem falar que foi necessário atualizar meus conhecimentos sobre a Literatura Surda, Literatura em Libras, Literatura visual e complementar um novo tipo de Literatura proposta pela autora Peixoto (2020), que abre as portas para as produções literárias da comunidade surda em geral, que não possui os critérios para

fazer parte da Literatura Surda, mas que são tão importantes quanto as outras, feitas pela comunidade surda. Neste contexto Peixoto (2023), lembra que conforme o mundo vai avançando, as teorias caminham juntas em suas mudanças.

Os objetivos desta pesquisa foram alcançados. Consegui comprovar a importância da Literatura Coda para as crianças kudas. Como também, foi possível, mesmo diante da escassez de referências específicas, propor um novo campo de estudo, denominado como Literatura Coda, comprovar a sua importância através das reações das crianças kudas a partir da leitura do livro *Kodinha? Sim! Sim! Sim!* e analisar por meio das entrevistas das mães as suas influências em relação a leitura das crianças.

A primeira evidência da coleta de dados, que mostra a importância da urgência da criação da Literatura Coda, é a ausência de estímulos literários por parte dos pais aos seus filhos kudas. Morgado (2011) lembra-nos que o contar de histórias às crianças, dentro de casa, também é essencial. Contudo, o que causou a ausência, de acordo com as mães, foi o fato de não conseguirem ler, por se sentirem envergonhadas, da sua dificuldade com o português. Este motivo não deveria impedir o incentivo à leitura, já que dito, há várias estratégias de leituras, talvez os pais apenas não saibam como guiá-las e desconhecem maneiras de incentivar os seus filhos.

Os relatos das mães me emocionaram tanto, que eu só queria abraçá-las e dizer: *Eu te entendo*. É cada história, cada acontecimento que lembra-nos de uma citação de Coelho (2000), onde a mesma explica que a capacidade de leitura das crianças também dependem da “inter-relação entre sua idade cronológica, nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo da leitura” (p. 32). Ou seja, o apoio da família é tão importante quanto o da escola, para que a criança consiga chegar à capacidade de leitura. Os relatos das mães me permitiram entender os motivos que levaram as crianças a não lerem livros infantis e a continuar defendendo a Literatura Coda.

E as outras evidências podem ser encontradas nas crianças kudas, nos interesses demonstrados por elas pela história e pelos detalhes do livro *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!* que retrata sobre outras crianças iguais a si mesmas. Dentre essas demonstrações, notei que o que mais chamou a atenção delas foram os traços culturais do povo surdo e a diversidade de personagens. As particularidades da

cultura surda não são novidades para elas, nem a diversidade de crianças. Porém, mesmo assim, se surpreenderam quando perceberam estes detalhes, neste momento elas foram conscientizadas das suas existências.

Pela importância de conscientizar as crianças kotas, esses detalhes foram pensados durante o processo de produção do referido livro e foram muito importantes para obter também uma resposta para a pergunta da tese: como produzir um livro acessível à maioria dos kotas? Os resultados foram as diferentes modalidades de leituras oferecidas no livro, como leitura de texto, de Libras e áudio em português. Conforme análise, essas três modalidades foram úteis para a diversidade de conhecimento linguístico das crianças kotas. E com a pesquisa realizada, posso afirmar que as cinco crianças retratadas neste trabalho, conseguiram acessar a história das kodinhas. O que nos mostra a probabilidade de outras crianças kotas lerem este livro acessível é grande.

Mesmo o livro tendo esta facilidade, não fez com que as crianças da pesquisa, em especial as pré-leitoras, dispensassem a ajuda de um adulto. Como Coelho (2000) comprova, a maioria delas precisou de um adulto para guiar a história, no caso, a pesquisadora/mediadora, tanto na leitura individual, como na leitura coletiva. A ajuda serviu principalmente para guiar a criança à leitura. Mais uma prova da importância do apoio da família, além da escola, em também guiá-las à leitura, mesmo o livro sendo acessível. Colocar o livro nas mãos das crianças e não apenas ler, mas também ensinar a ler.

O processo de construção da Literatura Coda, como a criação do livro, foi um desafio bem difícil, exigiu muito do meu físico, emocional e psicológico. Porém, não se compara ao que eu vivenciei nos dois dias de pesquisa, com as mães e os kodinhas. Principalmente no momento da análise, o lado emocional mexeu comigo. Pois eu tinha certeza que a Literatura Coda iria mudar o conhecimento e pensamento de muitas pessoas sobre a importância da leitura na vida das crianças kotas.

Posso afirmar que, nestes dois dias de pesquisa, pude perceber que todas as crianças gostaram do livro e que baseada nas respostas deles, houve o entendimento do que é ser koda/coda. O livro não conta apenas uma história, é informativo e pode também ajudar à muitas mães e pais surdos na construção das identidades koda de seus filhos.

Como esperado, a Literatura Coda se mostrou muito necessária na vida das crianças kudas desta pesquisa. Entretanto, surpreendi-me em muitos momentos, os quais foram além das minhas expectativas, ou seja, das minhas hipóteses. Como não escrever esse texto chorando?

Não poderia ter escolhido um melhor caminho metodológico para coletar informações importantes para responder aos questionamentos desta pesquisa. Não nego, foi preciso adaptar alguns métodos de pesquisa, como aconteceu no segundo dia, por comportamentos inesperados dos kudas da pesquisa, pela pesquisadora, como timidez. Porém, nada que afetasse significativamente a coleta de dados para chegar ao objetivo desta tese.

As escolhas dos instrumentos de coleta de dados, usados nesta pesquisa, contribuíram para uma boa coleta. O primeiro instrumento utilizado foi a entrevista semi-estruturada. Com ele, tivemos a flexibilidade para obter respostas não planejadas, mas que também foram fundamentais para entender o que estava por trás das competências e incompetências leitoras das crianças.

E o segundo instrumento foi o livro produzido durante a pesquisa. Era preciso obter as reações das crianças ao ler um livro infantil que retratasse os kudas. A produção do livro se deu por causa da inexistência de livro físico, que retratasse a vida de kudas aqui no país e para chegar ao objetivo deste trabalho, tomei a iniciativa de trilhar um caminho nunca experimentado por mim, a criação de um livro sobre o tema. A estrada foi longa, contei com a ajuda de várias pessoas maravilhosas, porque realmente sem elas, eu não teria conseguido publicar o meu primeiro livro de conto infantil.

A maior dificuldade que tive com a publicação do livro físico foi o investimento, haja bolso pra isso. Sendo o meu primeiro livro, queria que fosse físico para deixar o registro e fiz todo o possível para alcançar esse sonho.

Por último, muito importante como os outros instrumentos, que permitiu que a gente pudesse realizar as análises com mais calma e em outro momento, foram os celulares. A gravação das entrevistas com as mães, as reações das leituras individuais e coletivas e os diálogos foram analisados detalhadamente, graças a esses instrumentos de coletas. Na verdade a primeira escolha de um recurso de gravação era uma câmera filmadora ou fotográfica, por causa da qualidade de gravação. Porém, os celulares também foram úteis no momento da coleta de dados.

Essa pesquisa é apenas uma porta, para um mundo novo, com uma imensidão literária dos kodas/codas. Ainda há muito que pesquisar e descobrir sobre a Literatura Coda. Que este trabalho incentive muitas pessoas a produzirem novas obras literárias de/para kodas e codas, que fale sobre um ou ambos pais surdos, mostre a vivência com um irmão(ã) ouvinte ou surdo, com familiares ouvintes, etc. Não só em livros físicos, mas em e-book, nas redes sociais, *YouTube*, em alguns sites. E não somente histórias para crianças kodas, mas igualmente para jovens e adultos codas, como poesias, cordéis, romances, quadrinhos, mangás, etc.

É um sonho meu produzir futuramente mais livros infantis para crianças kodas e surdas. Porém, com essa experiência que adquiri com meu primeiro livro, talvez eu faria um e-book, que o custo provavelmente seria menor, comparado com a produção de livro físico, além disso, mais crianças poderão ter acessos à leitura com este tipo de material.

O objetivo da produção do livro *Kodinhas? Sim! Sim! Sim!* nunca foi o lucro, pelo contrário, sempre foi querer comprovar a necessidade de existir livros que retratasse sobre a vida dos kodas para a autoaceitação e autoidentificação deles. Com essa comprovação, a vontade de continuar produzindo tem como propósito de estimular e oferecer oportunidade de leitura, novos conhecimentos e uma infinita imaginação.

Além do mais, essa tese pode abrir uma gama de novos estudos, em várias outras áreas, igualmente importantes para trabalhar com a Literatura Coda, pois todas estão interligadas. Como a área da psicologia para entender os comportamentos das crianças, das mães e dos pais. Área linguística, para estudar o conhecimento linguístico dos kodas. Sociolinguística para responder as influências sociais na vida delas.

Finalizando, espero que toda a comunidade surda, assim como ouvintes façam um bom uso desta pesquisa. Pois as crianças kodas são tratadas como as crianças ouvintes, apenas por elas serem ouvintes. Muitas esquecem que a outra metade dela é surda e que também precisa de uma atenção especial, neste mundo, cheio de pessoas leigas da cultura surda e da terceira cultura.

## REFERENCIAS

ALMEIDA- Silva, Anderson. Nevins, Andrew Ira. **Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da Várzea Queimada (Piauí, Brasil)**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Pelotas/RS, 2020.

ANDRADE, F. C. B. (Org.). **Pelas frestas: pesquisas em estudos culturais da educação**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2019, p. 31-50.

ARAÚJO, Emilyn Roque. **A tradução de música e seus aspectos tradutórios: do português para a libras por surdos e ouvintes**. 2020. João Pessoa/ PB.

BAJARD, Elie. **Ler e dizer, Compreensão e comunicação do texto escrito**. São Paulo: Cortez, 1994.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. p.46-74: A conversa literária como situação de ensino.

BELUZO, Amanda Ferreira. FARAGO, Alessandra Corrêa. **O trabalho com o nome próprio na Educação Infantil. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouto-SP, 3 (1): 100-118, 2016.

BORTOLIN, Sueli e SANTOS, Zineide Pereira dos. **Clube de leitura na biblioteca escolar manual de instruções**. Revista Inf. Prof. v. 3, n. 1/2, p. 147 – 172. Londrina/PR, 2014.

BUENO, José Geraldo Silveira. **Surdez, linguagem e cultura**. Cadernos CEDES. Campinas - SP, n. 46, p. 41-54, 1998.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)>. Acesso em: 26 out. 2018.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 16 dez. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**.

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. **Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro**. Educar em Revista, Curitiba, Edição Especial n. 2, p. 71-92, 2014.

CAPOVILLA, Fernando César. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira, Volume I: sinais de A a L**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CAPOVILLA, Fernando César. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira, Volume II: sinais de M a Z**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CERVO, Amado L. e BERVIAN, Pedro A. (1983) **Metodologia Científica : para uso dos estudantes universitários**. 3.ed. São Paulo : McGraw-Hill do Brasil.

CHAMBERS, Aidan. **Dime – los niños, la lectura y la conversación**. Mexico: Fondo de Cultura. Económica, 2007a.

CHIELLA, V. E. **Marcas surdas: escola, família, associação, universidade constituindo cultura e diferença surda**. Dissertação de Mestrado. Universidade Vale do Rio dos Sinos, 2007. Disponível em: [www.faders.rs.gov.br/uploads/1207159863Tese\\_Vania\\_Chiella.pdf](http://www.faders.rs.gov.br/uploads/1207159863Tese_Vania_Chiella.pdf).

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R. (2006). **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto.

CROMACK, E. M. P. C. **Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais**. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2004, vol. 24, n. 4, p. 68-77.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcellos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo/Rio de Janeiro: Editora Horizonte/Editora da UERJ, 2012.

DORZIAT, A.; MORAIS, M. M.; CARVALHO, L. S. M.; ROMÁRIO, L. **Estudos culturais e estudos surdos: aproximações conceituais**. In: GONÇALVES, C. C.; Educação bilíngue de surdos se torna modalidade de ensino independente. **MEC, 2021**. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2021/08/educacao-bilingue-de-surdos-se-torna-modalidade-de-ensino-independente>. Acessado em: 17/10/2023

FENEIS. Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. **A educação que nós surdos queremos**. Documento elaborado pela comunidade surda a partir do précongresso ao V Congresso latino-americano de Educação Bilíngue para Surdos, realizado em Porto Alegre/RS, no salão de atos da reitoria da UFRGS, nos dias 20 a 24 de abril de 1999. Disponível em: <http://www.feneis.org.br/arquivos/A%20EDUCA%C7%C3O%20QUE%20N%D3S%20SURDOS%20QUEREMOS.doc>.

FILHO, Pedro Luiz dos Santos. **EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR FILHAS OUVINTES E PAIS SURDOS: UMA FAMÍLIA, DUAS LÍNGUAS.** Tese de Doutorado. UFRN, 2020. Natal/RN

FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes. **UMA DINÂMICA FAMILIAR DIFERENCIADA.** P. 61-76. In: PEIXOTO, J. A; VIEIRA, M. R. Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

GABRIEL, Rocenice de Lima. **O BILINGUISMO BIMODAL EM DUAS CRIANÇAS KODAS: UMA ANÁLISE DA LIBRAS EM AMBIENTE FAMILIAR E DO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM AMBIENTE ESCOLAR.** Dissertação de Mestrado. UFPB, 2020. João Pessoa/PB

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** Parábola Editorial. São Paulo/SP. 2009

GOMES. Bianca Sena. **Aquisição da linguagem de uma criança coda: produções, tipos de sobreposições e influência dos interlocutores neste processo.** Dissertação de Mestrado. UFSC. Florianópolis/SC. 2018

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educ. Pesqui. [online]. 2003, vol.29, n.1, pp.167-182. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000100012&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000100012&script=sci_abstract&tlng=pt), acesso em: 15 de ago. 2020.

GROSJEAN, François. **Cultural and Language Diversity and the Deaf Experience.** In: PARASNIS, Ila. Living with two languages and two cultures. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 20-37.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade,** DP&A. 2011

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo.** In: Revista Educação e Realidade: Cultura, Mídia e educação v. 22 n 3 jul.-dez.1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora Identidade e Mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

HOFFMEISTER, R. J. **Famílias, crianças surdas, o mundo dos surdos e os profissionais da audiologia.** In: SKLIAR, C. (Org.). Atualidade da educação bilíngue para surdos. v. 2, Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 113-130

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação.** Tradução André Cechinel. 2ª edição. Editora ufsc. Florianópolis/SC, 2013.

**ICOM.** Disponível em: O que é o ICOM ? A Central de Intermediação entre o surdo e ouvinte - (icom-libras.com.br). Acessado em: 05/10/2023

KARNOPP, Lodenir. HESSEL, Carolina. **Metodologia da Literatura Surda.** Disponível em: [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLiteraturaVisual/assets/622/TextoBase\\_MLS\\_2011.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLiteraturaVisual/assets/622/TextoBase_MLS_2011.pdf). Acessado em: 15/10/2020

KARNOPP, Lodennir Becker. **Literatura surda.** Florianópolis, 2008. UFSC. Disponível em: [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/literaturaVisual/assets/369/Literatura\\_Surda\\_Texto-Base.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf). Acessado em: 15/10/2020.

KUCHENBECKER, Liège Gemelli. **O feijãozinho surdo.** Canoas: Editora da ULBRA, 2009.

LIMA, Alessandra Almeida Lima; PEIXOTO, Janaína Aguiar. **A beleza de um mundo visual.** P. 116-129. In: PEIXOTO, J. A.; VIEIRA, M. R. Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

LOCATELLI, tamiris. **Libras: aspectos, desafios e possibilidades proporcionadas pela tecnologia.** Revista científica multidisciplinar núcleo do conhecimento. Ano 03, ed. 08, vol. 05, pp. 05- 21, agosto de 2018. ISSN:2448-0959

MANZINI, Eduardo José. **ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: ANÁLISE DE OBJETIVOS E DE ROTEIROS.** Disponível em: [Entrevista semi estruturada estudo UNESP Marília.pdf \(usp.br\)](#) . Acessado em: 18/05/2024.

**MEC.** Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade. **V. 3. Brasília, 2004.**

MOREIRA, Paula Pfeifer. **Surdos que ouvem: a maioria dos surdos não usa Libras.** Disponível em: <https://cronicasdasurdez.com/surdos-que-ouvem/>. Acessado em: 16/05/2024

MORGADO, Marta. **Literatura em língua gestual.** In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. (org.). Cultura Surda na contemporaneidade. Canoas RS: Editora ULBRA, 2011. P. 151-172.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. **LITERATURA SURDA: experiência das mãos literárias.** Tese de doutorado. UFRS. 2016.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. **Literatura surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais.** Dissertação de mestrado. UFRS. 2011. Porto Alegre/RS

NASCIMENTO, Bárbara Elyzabeth Souza. **Educar para o pensar nas rodas de leitura : as interações dialógicas entre crianças e professoras da educação infantil.** Tese de doutorado. UFPE. 2021.

NATIVIDADE, Michelle Regina de. Et al. **Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural.** Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v1n1/v1n1a02.pdf>. Acessado em 11/05/2024

OLIVEIRA FILHO, João Batista Alves De. **Análise Verbo-Visual De Textos Literários Adaptados Para A Comunidade Surda.** Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/21269/1/Jo%C3%A3oBatistaAlvesDeOliveiraFilho\\_Dissert.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/21269/1/Jo%C3%A3oBatistaAlvesDeOliveiraFilho_Dissert.pdf) . Acessado em: 05/10/2022

OLIVEIRA, Aldeni Melo de. STROHSCHOEN, Andreia Aparecida Guimarães. **Diário de bordo: Uma ferramenta para o registro da alfabetização científica..** UNIVATES, Lajeado/RS/ Disponível em: [aldeni\\_melo\\_de\\_oliveira.pdf](#) (univates.br). Extraído em: 04/11/2023

PAIXÃO, Ezequiel Adney Lima da. ALVES, Edneia de Oliveira. **LIBRAS EM SUAS MODALIDADES: ARTEFATO LINGUÍSTICO DA COMUNIDADE SURDA .** P. 47-57. In: PEIXOTO, J. A; VIEIRA, M. R. Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

PEIXOTO, J. A. **O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil.** João Pessoa: UFPB, 2016.

PEIXOTO, J. A; VIEIRA, M. R. **Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões.** João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

PEIXOTO, Janaína Aguiar Peixoto; POSSEBON, Fabrício. **A HETEROGENEIDADE NAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA.** P. 77-88. In: PEIXOTO, J. A; VIEIRA, M. R. Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

PEIXOTO, Janaína Aguiar Peixoto; POSSEBON, Fabrício. **O 9º ARTEFATO CULTURAL: RELIGIOSO.** P. 190-205. In: PEIXOTO, J. A; VIEIRA, M. R. Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

PEIXOTO, Janaina Aguiar. **A tradição literária no mundo visual da comunidade surda brasileira.** Vol. 02. Coleção Pós Letras. 2020. João Pessoa

PEIXOTO, Janaína Aguiar. **Percurso histórico dos estudos literários na comunidade Surda brasileira**. P. 15-26. In: Júnior, Glaucio Castro. Et al. Saberes e reflexões interdisciplinares: prática e pesquisa. Editora Schreiben. Itapiranga/SC. 2023.

PEIXOTO, Janaína Aguiar. **Travessias do sentido: figurações semióticas na literatura surda**. Revista Graphos, vol. 19, nº 2, 2017 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536.

PEREIRA, Maria Cristina Pires, **Teorias da Tradução I**. In FARIA, Evangelina Maria Brito. Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas. Vol. 4. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

PERIN, Paula. <http://lattes.cnpq.br/2688769552299435>

PERLIN, Gladis. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 51-73.

PERLIN, Gladis. **As Diferentes Identidades Surdas**. Feneis. Ano IV. Número 14. p. 15 e 16. Abril/Junho 2002.

**Poesia Coda**. Jornal Voz Ativa. Disponível em: <https://jornalvozativa.com/colunas/inclusao-poesia-coda-por-marcio-messias-belem/> extraída em: 20/07/2023.

PORTO, Shirley. PEIXOTO, Janaína Aguiar. **Literatura Visual**. UFPB. João Pessoa. 2013.

PRODNOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2º edição. Universidade Feevale. Rio Grande do Sul. 2013.

QUADROS, Ronice Muller. **Alfabetização e o ensino de língua de sinais**. Mimeo (s/d)

QUADROS, Ronice Müller de & KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller. **Língua de Herança Língua Brasileira de Sinais**. Penso. 2017. Porto Alegre.

RAMACCIOTTI, Barbara Lucchesi e CALGARO, Gerson Amauri. **Construção do conceito de minorias e o debate teórico no campo do Direito**. SEQÜÊNCIA, VOL. 42, N. 89, Florianópolis/SC, 2021

RASTIER, François. **Da semântica estrutural à semiótica das culturas**. Galaxia (São Paulo, online), Vol. Especial 2 - Algirdas J. Greimas, dez. 2019, p. 15-40.

RASTIER, François. **Greimas e a Linguística**. Tradução para Língua Brasileira de Sinais. Sandra Maria Diniz Oliveira Revista Acta Semiótica et Lingvistica, Vol 25, ano 44, nº 4, 2021.

ROMÁRIO, Lucas. **Pedagogia surda: cultura, diferença e construção de identidades**. Editora CRV LTDA ME. 2018. Curitiba/PR

ROYER, Miriam. **Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do Corpus da Grande Florianópolis**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 30ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995. (Coleção polêmicas do nosso tempo)

SAVILLE, Edith Esther. **A study of self-concept issues in hearing children of deaf adults (codas)**. Dissertação. Andrews University. 2008.

SAÚDE, Conceição de Maria; BATISTA, Marie Gorett Dantas de Assis e M.. **O desenvolvimento de produtos que geram acessibilidade para surdos: artefatos**

**culturais materiais.** P. 167-178. In: PEIXOTO, J. A; VIEIRA, M. R. Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

SILVA, Erica Basto da. **Protagonistas negros na literatura infantil brasileira: breve histórico e perspectivas contemporâneas.** Revista Humanidades e Inovação v.7, n.22 - 2020

SILVA, Larissa Domingues da; PEIXOTO, Janaina Aguiar. **O desenvolvimento de políticos na comunidade surda.** P. 144-154. In: PEIXOTO, J. A; VIEIRA, M. R. Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

SILVA, Maitê Maus da. **O CODA, filhos ouvintes de pais surdos, e a tradução e interpretação de libras: o que encontramos?** Belas Infiéis, v. 8, n. 1, p. 37-53, 2019. DOI: 10.26512/belasinfiéis.v8.n1.2019.22611

SILVA, T.T. **Contrabando, incidentes de fronteiras: ensaios de estudos culturais da educação.** Porto Alegre/RS, 1998.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

SOUZA, Renata Junqueira de; et. Al. **Ler e ensinar: Contar e dizer histórias.** Editora Educação Literária.

STREIECHEN, E. M; KRAUSE-LEMKE, C. **A Aquisição da Libras por Crianças Ouvintes Filhas de Mãe Surdas em Contexto Multilíngue.** Universidade Estadual de Maringá, 2013. Disponível em: [http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2013/trabalhos/co\\_04/130.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2013/trabalhos/co_04/130.pdf), acessado em: 16/08/2023

STRÖBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Ed. UFSC, 2016.

STRÖBEL, K. L. **História da educação de surdos**. Ed. UFSC. Florianópolis. 2009.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Arara Azul. 2021.

SUTTON-SPENCE, Rachel; KANEKO, Michiko. **Introducing Sign Language Literature: Creativity and Folklore**. Basingstoke: Palgrave Press, 2016

# APÊNDICES

## Apêndice 01

### Entrevista semi-estruturada para o Pai e Mãe da criança Coda

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Você é oralizado?  
 Não       Sim →  Pouco     Muito

Nível de conhecimento da Libras:  
 Pouco     Fluente     Acadêmico/Profissional

Você conversa com se@(s) filh@(s) como?  
 Em Libras     Em Português oralizado     Bimodalidade     Outro: \_\_\_\_\_

Você lê livro infantil para se@(s) filh@(s):  
 Não       Sim →  Pouco     Muito

Fale um pouco d@(s) se@(s) filh@  
 (s):

NOME	IDADE	SABE LIBRAS? (POUCO OU MUITO?)	SABE FALAR PORTUGUÊS? (POUCO OU MUITO)	SABE LER? (POUCO OU MUITO)	CONVIVE COM FAMILIAR OUVINTE? (POUCO OU MUITO)

## Apêndice 02

### TALE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A CRIANÇA CODA

Dados de identificação

Título do Projeto: **LITERATURA SURDA E LITERATURA CODA: PRODUÇÕES VISUAIS QUE RETRATAM REALIDADES CULTURAIS SINGULARES**

Pesquisador Responsável: Gisele Pereira Gama Garcia

Rua José Soares Filho, 106 – Bairro Santo Antônio – Juazeiro do Norte/CE

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Telefones para contato: (88) 9.9993-0935

Orientadora da pesquisa: Dra. Janaina Aguiar Peixoto

Nome do voluntário: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos R.G. \_\_\_\_\_

Responsável legal (quando for o caso): \_\_\_\_\_

R.G. Responsável legal: \_\_\_\_\_

Seu(ua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar voluntariamente do projeto de pesquisa “**LITERATURA SURDA E LITERATURA CODA: PRODUÇÕES VISUAIS QUE RETRATAM REALIDADES CULTURAIS SINGULARES**”, de responsabilidade da pesquisadora Gisele Pereira Gama Garcia.

### Justificativa

As crianças filhas de pais surdos, conhecidas como Cudas são minoria, por crescerem em uma cultura diferente, bicultural, isto é, crescem na cultura Surda e ouvinte simultaneamente. Elas podem estar no mundo dos ouvintes, mas a cultura surda está internalizada e as acompanhará ao longo de suas trajetórias de vida.

Por estes motivos, acredita-se que é muito importante haver algum conto na Literatura Surda que retrate a vida bilíngue e bicultural de crianças Cotas. Elas precisam de autoconhecimento, autoaceitação e do mesmo entusiasmo das crianças surdas quando veem um seu igual numa história. Além do mais, consideramos importante a participação das mesmas no universo da Literatura Surda, por fazerem parte da comunidade surda, conviverem com pessoas surdas e principalmente por constituírem sua identidade Cotas.

Além do mais, este trabalho será de fundamental importância no ambiente tema pouco conhecido da classe, assim como da sociedade externa, a qual poderá ter meios de conhecer a cultura Coda , assim como os próprios Cotas , para que conheçam e se insiram na sociedade como um todo.

### **Objetivo**

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a reação e a releitura das crianças Cotas a partir da leitura de um livro direcionada a este público que será produzido no percurso da pesquisa.

### **Procedimentos**

A pesquisa quanto aos procedimentos metodológicos será dividida em quatro etapas:

- A primeira, apenas a pesquisadora participará. Será a produção de um livro infantil ilustrado que retrate a vida das crianças Cotas.
- A segunda será a caracterização do perfil do público-alvo (crianças Cotas) através da realização de uma entrevista semi-estruturada com os pais ou responsáveis pela(s) criança(s).
- A terceira etapa consiste na coleta de dados. Será distribuído às crianças o livro e as mesmas terão oportunidade de conhecer a história narrada através dele, tanto por meio da leitura escrita, como pela leitura das ilustrações, e pela contação da história em Libras executada pela pesquisadora, em um processo, portanto, intersemiótico. As diferentes modalidades de acesso à leitura são devido à diversidade de aquisição linguística de crianças Cotas.

Depois desse momento, pedirei aos sujeitos da pesquisa (às crianças Cotas) que reproduzam a história do livro, deixando as crianças Cotas livres para retratarem tanto a história original como criar novas situações a partir das suas

experiências culturais. A reprodução pode ser sinalizada, em português ou por meio de ilustrações. Essas modalidades serão oferecidas para a escolha deles, porque não são todas as crianças Cotas que sabem a Libras, nem todas escrevem. Estas etapas também serão gravadas, para facilitar a análise posterior.

Todo esse processo será filmado, para gravar as suas reações e, posteriormente, analisá-las.

E por último, na quarta etapa será realizada pela pesquisadora a análise dos dados colhidos e registrados em vídeos e anotações por escrito. Os dados serão analisados com a ajuda de tabelas sistemáticas, nas quais serão explicados os fatos ocorridos nas gravações, como as reações e o entendimento da história através da sua produção. Além disso, as produções escritas (em português ou por meio de ilustrações) também farão parte do corpus de análise. As análises estarão baseadas em referências importantes que fundamentem os dados empíricos.

É importante mencionar que, ao ser relatado os casos de cada criança Coda, o nome de cada uma será substituído por nomes fictícios, para preservar imagens.

### **Risco e desconforto**

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à dignidade da criança.

### **Confidencialidade**

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.

### **Benefícios**

Ao participar voluntariamente desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a Literatura Coda de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ampliar muitas outras produções literárias de/sobre Cotas, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_,  
 \_\_\_\_\_, responsável legal por  
 \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_

declaro ter sido informado e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa acima descrito.

Juazeiro do Norte/CE, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Nome e assinatura do paciente ou  
 seu responsável legal

\_\_\_\_\_  
 Nome e assinatura do responsável  
 por obter o consentimento

\_\_\_\_\_  
 Testemunha

\_\_\_\_\_  
 Testemunha

### Apêndice 03

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O PAI/MÃE DA CRIANÇA CODA

Dados de identificação

Título do Projeto: **LITERATURA SURDA E LITERATURA CODA:  
PRODUÇÕES VISUAIS QUE RETRATAM REALIDADES CULTURAIS  
SINGULARES**

Pesquisador Responsável: Gisele Pereira Gama Garcia

Rua José Soares Filho, 106 – Bairro Santo Antônio – Juazeiro do Norte/CE

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal  
da Paraíba - UFPB

Telefones para contato: (88) 9.9993-0935

Orientadora da pesquisa: Dra. Janaina Aguiar Peixoto

Nome do voluntário: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos R.G. \_\_\_\_\_

Responsável legal (quando for o caso): \_\_\_\_\_

R.G. Responsável legal: \_\_\_\_\_

Seu(ua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar voluntariamente do projeto de pesquisa “**LITERATURA SURDA E LITERATURA CODA: PRODUÇÕES VISUAIS QUE RETRATAM REALIDADES CULTURAIS SINGULARES**”, de responsabilidade da pesquisadora Gisele Pereira Gama Garcia.

#### Justificativa

As crianças filhas de pais surdos, conhecidas como Cotas são minoria, por crescerem em uma cultura diferente, bicultural, isto é, crescem na cultura

Surda e ouvinte simultaneamente. Elas podem estar no mundo dos ouvintes, mas a cultura surda está internalizada e as acompanhará ao longo de suas trajetórias de vida.

Por estes motivos, acredita-se que é muito importante haver algum conto na Literatura Surda que retrate a vida bilíngue e bicultural de crianças Cudas. Elas precisam de autoconhecimento, autoaceitação e do mesmo entusiasmo das crianças surdas quando veem um seu igual numa história. Além do mais, consideramos importante a participação das mesmas no universo da Literatura Surda, por fazerem parte da comunidade surda, conviverem com pessoas surdas e principalmente por constituírem sua identidade Cudas.

Além do mais, este trabalho será de fundamental importância no ambiente tema pouco conhecido da classe, assim como da sociedade externa, a qual poderá ter meios de conhecer a cultura Coda , assim como os próprios Cudas , para que conheçam e se insiram na sociedade como um todo.

### **Objetivo**

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a reação e a releitura das crianças Cudas a partir da leitura de um livro direcionada a este público que será produzido no percurso da pesquisa.

### **Procedimentos**

A pesquisa quanto aos procedimentos metodológicos será dividida em quatro etapas:

- A primeira, apenas a pesquisadora participará. Será a produção de um livro infantil ilustrado que retrate a vida das crianças Cudas.
- A segunda será a caracterização do perfil do público-alvo (crianças Cudas) através da realização de uma entrevista semi-estruturada com os pais ou responsáveis pela(s) criança(s).
- A terceira etapa consiste na coleta de dados. Será distribuído às crianças o livro e as mesmas terão oportunidade de conhecer a história narrada através dele, tanto por meio da leitura escrita, como pela leitura das ilustrações, e pela contação da história em Libras executada pela pesquisadora, em um processo, portanto, intersemiótico. As diferentes

modalidades de acesso à leitura são devido à diversidade de aquisição linguística de crianças Cudas.

Depois desse momento, pedirei aos sujeitos da pesquisa (às crianças Cudas) que reproduzam a história do livro, deixando as crianças Cudas livres para retratarem tanto a história original como criar novas situações a partir das suas experiências culturais. A reprodução pode ser sinalizada, em português ou por meio de ilustrações. Essas modalidades serão oferecidas para a escolha deles, porque não são todas as crianças Cudas que sabem a Libras, nem todas escrevem. Estas etapas também serão gravadas, para facilitar a análise posterior.

Todo esse processo será filmado, para gravar as suas reações e, posteriormente, analisá-las.

E por último, na quarta etapa será realizada pela pesquisadora a análise dos dados colhidos e registrados em vídeos e anotações por escrito. Os dados serão analisados com a ajuda de tabelas sistemáticas, nas quais serão explicados os fatos ocorridos nas gravações, como as reações e o entendimento da história através da sua produção. Além disso, as produções escritas (em português ou por meio de ilustrações) também farão parte do corpus de análise. As análises estarão baseadas em referências importantes que fundamentem os dados empíricos.

É importante mencionar que, ao ser relatado os casos de cada criança Coda, o nome de cada uma será substituído por nomes fictícios, para preservar imagens.

### **Risco e desconforto**

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à dignidade da criança.

### **Confidencialidade**

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.

### **Benefícios**

Ao participar voluntariamente desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a Literatura Coda de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ampliar muitas outras produções literárias de/sobre Codas, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_,  
 \_\_\_\_\_, responsável legal por  
 \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_

declaro ter sido informado e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa acima descrito.

Juazeiro do Norte/CE, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do Pai/Mãe ou seu  
 responsável legal

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do responsável por obter  
 o consentimento

## Apêndice 04

TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A ENTREVISTA-SEMIESTRUTURADA COM O PAI/MÃE OU RESPONSÁVEL DA CRIANÇA CODA

Dados de identificação

Título do Projeto: **LITERATURA SURDA E LITERATURA CODA: PRODUÇÕES VISUAIS QUE RETRATAM REALIDADES CULTURAIS SINGULARES**

Pesquisador Responsável: Gisele Pereira Gama Garcia

Rua José Soares Filho, 106 – Bairro Santo Antônio – Juazeiro do Norte/CE

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Telefones para contato: (88) 9.9993-0935

Orientadora da pesquisa: Dra. Janaina Aguiar Peixoto

Nome do voluntário: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos R.G. \_\_\_\_\_

Responsável legal (quando for o caso): \_\_\_\_\_

R.G. Responsável legal: \_\_\_\_\_

Você está sendo convidado(a) a participar voluntariamente do projeto de pesquisa **“LITERATURA SURDA E LITERATURA CODA: PRODUÇÕES VISUAIS QUE RETRATAM REALIDADES CULTURAIS SINGULARES**, de responsabilidade da pesquisadora Gisele Pereira Gama Garcia.

### Justificativa

As crianças filhas de pais surdos, conhecidas como Cudas são minoria, por

crecerem em uma cultura diferente, bicultural, isto é, crescem na cultura Surda e ouvinte simultaneamente. Elas podem estar no mundo dos ouvintes, mas a cultura surda está internalizada e as acompanhará ao longo de suas trajetórias de vida.

Por estes motivos, acredita-se que é muito importante haver algum conto na Literatura Surda que retrate a vida bilíngue e bicultural de crianças Cudas. Elas precisam de autoconhecimento, autoaceitação e do mesmo entusiasmo das crianças surdas quando veem um seu igual numa história. Além do mais, consideramos importante a participação das mesmas no universo da Literatura Surda, por fazerem parte da comunidade surda, conviverem com pessoas surdas e principalmente por constituírem sua identidade Cudas.

Para que a pesquisa obtenha melhores resultados, é necessário colher algumas informações com os pais das crianças Cudas. Para fins de investigação, esta pesquisa utilizará como um dos procedimentos metodológicos a entrevista semi-estruturada. Com o objetivo de coletar algumas informações básicas a respeito do conhecimento linguístico do(a) seu(ua) filho(a).

Além do mais, este trabalho será de fundamental importância no ambiente tema pouco conhecido da classe, assim como da sociedade externa, a qual poderá ter meios de conhecer a cultura Coda , assim como os próprios Cudas , para que conheçam e se insiram na sociedade como um todo.

### **Objetivo**

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a reação e a releitura das crianças Cudas a partir da leitura de um livro direcionada a este público que será produzido no percurso da pesquisa.

### **Procedimentos**

A pesquisa, quanto aos procedimentos metodológicos será dividida em quatro etapas:

- A primeira, apenas a pesquisadora participará. Será a produção de um livro infantil ilustrado que retrate a vida das crianças Cudas.

- A segunda será a caracterização do perfil do público-alvo (crianças Cotas) através da realização de uma entrevista semi-estruturada com os pais ou responsáveis pela(s) criança(s).
- A terceira etapa consiste na coleta de dados. Será distribuído às crianças o livro e as mesmas terão oportunidade de conhecer a história narrada através dele, tanto por meio da leitura escrita, como pela leitura das ilustrações, e pela contação da história em Libras executada pela pesquisadora, em um processo, portanto, intersemiótico. As diferentes modalidades de acesso à leitura são devido à diversidade de aquisição linguística de crianças Cotas.

Depois desse momento, pedirei aos sujeitos da pesquisa (às crianças Cotas) que reproduzam a história do livro, deixando as crianças Cotas livres para retratarem tanto a história original como criar novas situações a partir das suas experiências culturais. A reprodução pode ser sinalizada, em português ou por meio de ilustrações. Essas modalidades serão oferecidas para a escolha deles, porque não são todas as crianças Cotas que sabem a Libras, nem todas escrevem. Estas etapas também serão gravadas, para facilitar a análise posterior.

Todo esse processo será filmado, para gravar as suas reações e, posteriormente, analisá-las.

E por último, na quarta etapa será realizada pela pesquisadora a análise dos dados colhidos e registrados em vídeos e anotações por escrito. Os dados serão analisados com a ajuda de tabelas sistemáticas, nas quais serão explicados os fatos ocorridos nas gravações, como as reações e o entendimento da história através da sua produção. Além disso, as produções escritas (em português ou por meio de ilustrações) também farão parte do corpus de análise. As análises estarão baseadas em referências importantes que fundamentem os dados empíricos.

É importante mencionar que, ao ser relatado os casos de cada criança Coda, o nome de cada uma será substituído por nomes fictícios, para preservar imagens.

### **Risco e desconforto**

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à dignidade da criança.

### **Confidencialidade**

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.

### **Benefícios**

Ao participar voluntariamente desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a Literatura Coda de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ampliar muitas outras produções literárias de/sobre Codas, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_, declaro ter sido informado e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa acima descrito.

Juazeiro do Norte/CE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura Pai/Mãe ou Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável por obter o  
consentimento

## Apêndice 05

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O PAI/MÃE DA CRIANÇA CODA - CONVIDADA

Dados de identificação

Título do Projeto: **LITERATURA SURDA E LITERATURA CODA: PRODUÇÕES VISUAIS QUE RETRATAM REALIDADES CULTURAIS SINGULARES**

Pesquisador Responsável: Gisele Pereira Gama Garcia

Rua José Soares Filho, 106 – Bairro Santo Antônio – Juazeiro do Norte/CE

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Telefones para contato: (88) 9.9993-0935

Orientadora da pesquisa: Dra. Janaina Aguiar Peixoto

Nome do voluntário: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos R.G. \_\_\_\_\_

Responsável legal (quando for o caso): \_\_\_\_\_

R.G. Responsável legal: \_\_\_\_\_

Seu(ua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar voluntariamente do projeto de pesquisa “**LITERATURA SURDA E LITERATURA CODA: PRODUÇÕES VISUAIS QUE RETRATAM REALIDADES CULTURAIS SINGULARES**”, de responsabilidade da pesquisadora Gisele Pereira Gama Garcia.

### Justificativa

As crianças filhas de pais surdos, conhecidas como Cotas são minoria, por crescerem em uma cultura diferente, bicultural, isto é, crescem na cultura Surda e ouvinte simultaneamente. Elas podem estar no mundo dos ouvintes, mas a cultura surda está internalizada e as acompanhará ao longo de suas trajetórias de vida.

Por estes motivos, acredita-se que é muito importante haver algum conto na Literatura Surda que retrate a vida bilíngue e bicultural de crianças Cotas. Elas precisam de autoconhecimento, autoaceitação e do mesmo entusiasmo das crianças surdas quando veem um seu igual numa história. Além do mais, consideramos importante a participação das mesmas no universo da Literatura Surda, por fazerem parte da comunidade surda, conviverem com pessoas surdas e principalmente por constituírem sua identidade Cotas.

Além do mais, este trabalho será de fundamental importância no ambiente tema pouco conhecido da classe, assim como da sociedade externa, a qual poderá ter meios de conhecer a cultura Coda , assim como os próprios Cotas , para que conheçam e se insiram na sociedade como um todo.

### **Objetivo**

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a reação e a releitura das crianças Cotas a partir da leitura de um livro direcionada a este público que será produzido no percurso da pesquisa.

### **Procedimentos**

Será pedido às crianças Cotas convidadas da pesquisa que reproduzam a história do livro, deixando as crianças Cotas livres para retratarem tanto a história original como criar novas situações a partir das suas experiências culturais. A reprodução pode ser sinalizada, em português ou por meio de ilustrações. Essas modalidades serão oferecidas para a escolha deles, porque não são todas as crianças Cotas que sabem a Libras, nem todas escrevem. Estas etapas também serão gravadas, para facilitar a análise posterior.

Todo esse processo será filmado, para gravar as suas reações e, posteriormente, analisá-las.

Após essa coleta de dado será realizada pela pesquisadora a análise dos dados colhidos e registrados em vídeos e anotações por escrito. Os dados serão analisados com a ajuda de tabelas sistemáticas, nas quais serão explicados os fatos ocorridos nas gravações, como as reações e o entendimento da história através da sua produção. Além disso, as produções escritas (em português ou por meio de ilustrações) também farão parte do corpus de análise. As análises estarão baseadas em referências importantes que fundamentem os dados empíricos.

É importante mencionar que, ao ser relatado os casos de cada criança Coda, o nome de cada uma será substituído por nomes fictícios, para preservar imagens. No caso das crianças convidadas será referidas como “Criança Convidada X”.

### **Risco e desconforto**

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à dignidade da criança.

### **Confidencialidade**

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.

### **Benefícios**

Ao participar voluntariamente desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a Literatura Coda de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ampliar muitas outras produções

literárias de/sobre Cudas, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, responsável legal por  
\_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_

declaro ter sido informado e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa acima descrito.

Juazeiro do Norte/CE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pai/Mãe ou seu  
responsável legal

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável por obter o  
consentimento



## Apêndice 06

### A) Entrevista com a mãe de Francisco (11 anos):

**Quadro 21:** Entrevista com a mãe de Francisco

<b>Entrevista Semi-estruturada com a mãe de Francisco</b>		
	<b>Perguntas</b>	<b>Respostas da Mãe</b>
<b>Perguntas relacionadas à mãe e/ou ao pai.</b>	<b>Você é oralizada? E o pai de Francisco também?</b>	Sim, um pouco, eu fazia fonoterapias quando era pequena. O pai dele também.
	<b>Qual o teu nível de conhecimento da Libras? E do pai?</b>	Sou fluente, meu marido também é fluente.
	<b>Como é a comunicação entre vocês e seu filho?</b>	Natural, desde que nasceu, sempre usei a Libras para me comunicar com ele naturalmente. Tem vez que uso minha voz com a Libras para falar com ele, às vezes não uso. Depende do meu “conforto linguístico”.
	<b>Como Francisco responde a vocês?</b>	Ele sempre me responde em Libras. Mas quando ele não sabe um sinal, ele fala e eu ensino a sinalização. O mesmo acontece com o pai dele.
	<b>Você ou o pai de Francisco lê livro com ele?</b>	Não. Francisco lê sozinho, sempre buscou ler só. A escola mandava para ele ler. Ele passou a ler por causa da escola.
	<b>Em casa ele lê?</b>	Sim.
	<b>Francisco lê outros livros, além dos livros da escola?</b>	Sim.
<b>Perguntas relacionadas ao(à) filho(a).</b>	<b>Para você, qual o nível de conhecimento da Libras de Francisco?</b>	No começo a sinalização dele não era perfeita, mas com o tempo, ele crescendo, a sinalização foi ficando melhor. Ele não é fluente, mas dá para se comunicar.

	<b>Para você o português, tanto escrito como oral, de Francisco é bom?</b>	Sim é muito bom, a escola contribuiu muito no desenvolvimento do português dele. Eu, por ser surda, não me sinto à vontade de ensinar o português a ele, uso só Libras.
	<b>Você percebe que seu filho possui alguma dificuldade de leitura, ou ele lê bem?</b>	Eu percebo que ele lê numa boa.
	<b>Teu filho possui contato com alguns familiares ouvintes?</b>	Sim, meu filho é bilíngue, tem contato com surdos usando Libras e com familiares ouvintes, usando a oralização.
<b>Extra</b>		

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

## B) Entrevista com a mãe de Valdir (9 anos):

Quadro 22: Entrevista com a mãe de Valdir

<b>Entrevista Semi-estruturada com a mãe de Valdir</b>		
	<b>Perguntas</b>	<b>Respostas da Mãe</b>
<b>Perguntas relacionadas à mãe e/ou ao pai.</b>	<b>Você é oralizada? E o pai de Valdir também?</b>	Não sou. Falo só algumas palavras, como “água”, “banho”, palavras simples, só que não sai perfeito. E só falo dentro de casa com a família. O pai de Valdir também, ele só fala quando chama pelo nome dos filhos, as letras não saem direitas.
	<b>Qual o teu nível de conhecimento da Libras? E do pai?</b>	Sou fluente em Libras, o pai dele também.

	<p><b>Como é a comunicação entre vocês e seu filho?</b></p>	<p>Me comunico naturalmente em Libras, só que tem vez que tem algumas palavras que não consigo explicar e ele não entende. Ai chamo o irmão mais velho dele para ajudar explicando. É porque meu português não é perfeito, não conheço todas as palavras, só algumas. E Valdir tem dificuldade na soletração, nem sempre entende. Com o pai também é assim.</p>
	<p><b>Você ou o pai de Valdir lê livro com ele?</b></p>	<p>Não mais, no começo eu tentava ler com ele livros da escola, atividades escolares. Eu ajudava em algumas palavras e sinais, mas não conhecia muitas, tive dificuldade.</p>
	<p><b>Além, de atividades escolares, lê outros livros?</b></p>	<p>Sim, ele lê com o irmão mais velho. O irmão lê em voz alta para ele. Porque Valdir não consegue acompanhar a Libras. E ele também tem dificuldade em ler textos em português, esta aprendendo a ler. Espero que ele consiga aprender a ler.</p>
	<p><b>Você compra livros para ele ler como entretenimento?</b></p>	<p>Não, porque ele não tem interesse e eu respeito isso, não gosto de obrigar. Mas ele consegue ler a bíblia sozinho. É o único livro que ele se esforça para ler sozinho, consegue entender uma boa parte.</p>
<p><b>Perguntas relacionadas ao(à) filho(a).</b></p>	<p><b>Para você, qual o nível de conhecimento da Libras de Valdir?</b></p>	<p>Mais ou menos, ele não é fluente. É porque ele tem pouca convivência com outros surdos. Convive mais com a família. Precisa ter mais contato com outros surdos para praticar a sinalização.</p>
	<p><b>Mas como é a comunicação dele em sinais? Usa gesto? Sinais? Mistura?</b></p>	<p>Ele mistura, às vezes ele faz a sinalização, mas têm momentos que ele faz uns sinais que não dá pra entender, por causa do jeito da mão dele.</p>
	<p><b>Para você, o português, tanto</b></p>	<p>Ele fala bem, só que tem um problema, ele</p>

	<b>escrito como oral, de Valdir é bom?</b>	tem língua presa, algumas palavras que ele pronuncia outros ouvintes não entendem, e pronuncia errado. Pouco tempo atrás, fiz consulta, o médico recomendou fazer a cirurgia na língua, e depois fazer fonoterapias para fortalecer a língua.
	<b>Você percebe que seu filho possui alguma dificuldade de leitura, ou ele lê numa boa?</b>	Não, bem pouquinho mesmo, como expliquei antes.
	<b>Teu filho possui contato com alguns familiares ouvintes?</b>	Até os 7 anos ele mantinha contato com os familiares ouvintes. Agora ele fica agoniado, nervoso, porque está convivendo apenas com surdos dentro de casa. Mas já está melhorando agora que está na escola de manhã e reforço à tarde tem pessoas ouvintes para ele interagir. É ruim ele ficar só em casa, ele precisa de liberdade, ter contato com outras pessoas que falam.
<b>Extra</b>	<b>Gostaria de complementar algo?</b>	Sim, queria dizer que tem vez que Valdir fica com raiva quando não entende uma conversa, ou não entendem ele, aí ele desiste.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

### C) Entrevista com a mãe de Raí (4 anos):

Quadro 23: Entrevista com a mãe de Raí

<b>Entrevista Semi-estruturada com a mãe de Raí</b>		
	<b>Perguntas</b>	<b>Respostas da Mãe</b>
<b>Perguntas relacionadas à mãe e/ou ao pai.</b>	<b>Você é oralizada? E o pai de Raí também?</b>	Não, nenhum pouco. O pai do Raí fala um pouco, muito não.
	<b>Qual o teu nível de conhecimento da Libras? E do pai?</b>	Minha Libras é boa (normal), do pai dele também, igual. Não muito fluentes.

	<p><b>Como é a comunicação entre vocês e seu filho?</b></p>	<p>Raí observa eu e o pai sinalizando, um dia desse ele ficou curioso do porque a gente estava sinalizando, os irmãos dele explicaram. Mas ele sinaliza alguns sinais como “água”, “tomar banho”. Quando a avó dele chega ele fala. Sabe que somos surdos e falamos com as mãos.</p>
	<p><b>Mas quando tu fala com ele, com ele você faz sinais ou usa gesto?</b></p>	<p>Usava gestos, agora ele sabe pouco Libras, não muito. O pai também, só que ele sinaliza devagar para o Raí entender, porque ainda está aprendendo.</p>
	<p><b>Você ou o pai de Raí lê livro com ele?</b></p>	<p>Eu faço isso. Ensino os sinais com os livros. Ele já sabe os sinais das cores.</p>
	<p><b>Além, de atividades escolares, lê outros livros, como Chapeuzinho vermelho, três porquinhos, etc?</b></p>	<p>Ele gosta de animais, tenho um livro de animais, ensino os sinais. O pai não lê porque trabalha, mas quando está de folga, ele ajuda.</p>
	<p><b>Teu filho já está na escola? Mas ainda não ler, certo?</b></p>	<p>Sim já (está na escola), mas ainda não lê.</p>
<p><b>Perguntas relacionadas ao(à) filho(a).</b></p>	<p><b>Para você, qual o nível de conhecimento da Libras de Raí?</b></p>	<p>Sabe bem pouquinho.</p>
	<p><b>Mas se você sinalizar, ele entende?</b></p>	<p>Sim.</p>
	<p><b>Para você, o português, tanto escrito como oral, de Raí é bom?</b></p>	<p>Ele não fala direito, enrola a fala.</p>
	<p><b>Mas conversa com os irmãos falando?</b></p>	<p>Sim conversa, só que Raí pronuncia errado, tem que ensinar a ele.</p>

	<b>Teu filho possui contato com alguns familiares ouvintes?</b>	<p>Sim um pouco. Ele convive mais com os surdos, comigo. Eu digo pra ele falar com outras pessoas, mas ele vive grudado em mim.</p> <p>Quando têm muitos surdos, ele fica com os surdos mas quando não tem, ele vai e fica com os familiares quase todo dia.</p>
	<b>Só pra saber. É o primeiro ano dele na escola? Ou já estudava ano passado?</b>	Ano passado já estudava.
<b>Extra</b>	<b>Gostaria de complementar algo?</b>	

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

#### D) Entrevista com a mãe de Ronice (5 anos):

**Quadro 24:** Entrevista com a mãe de Ronice

<b>Entrevista Semi-estruturada com a mãe de Ronice</b>		
	<b>Perguntas</b>	<b>Respostas da Mãe</b>
<b>Perguntas relacionadas à mãe e/ou ao pai.</b>	<b>Você é oralizada? E o pai de Ronice também?</b>	<p>Sim sou oralizada, só que uso mais a Libras. Falo muito não, às vezes entendo leitura labial, às vezes não. Uso a escrita para me comunicar.</p> <p>O pai da minha filha é oralizado e usa a libras.</p>
	<b>Qual o teu nível de conhecimento da Libras? E do pai?</b>	<p>Minha Libras é normal, mas não sou fluente. O pai da minha filha é bem fluente.</p>
	<b>Como é a comunicação entre vocês e seu filha?</b>	<p>Uso a Libras. É igual quando uma criança nasce ouvinte, os pais falam. Eu sinalizo naturalmente, é possível ela entender e aprender.</p> <p>O pai também faz isso, mas ele também oraliza com a filha. Minha filha entende a fala dele.</p>
	<b>Você ou o pai de Ronice lê livro com ela?</b>	<p>Sim, eu "leio" com ela as imagens dos livros.</p>

		Mostro em Libras o pato, sapo, leão. Mostro para ela o leão rugindo, etc. Só o básico. Já a filha mais velha às vezes lê em voz alta [para ela], depois ela sinaliza para mim, quando peço. É porque Ronice precisa entender o texto em português. Mas ela se esforça para entende em Libras. Em Libras ou português falado dá certo.
	<b>Você compra livros para ela ler como entretenimento?</b>	Sim. Aqueles livros básicos, de almofadinha. Ensino também os sinais. Ela sabe.
	<b>Lê só as imagens, certo?</b>	Sim, ela ainda não aprendeu a ler textos.
<b>Perguntas relacionadas ao(à) filho(a).</b>	<b>Para você, qual o nível de conhecimento da Libras de Ronice?</b>	Ela sinaliza muito bem. Muitos pensam que ela é surda. É porque ela convive muito com a família, ai sinaliza igual a gente.
	<b>Para você o português, tanto escrito como oral, de Ronice é bom?</b>	Sim, muito bom. Sempre recebo elogios, que ela fala muito bem e sabe Libras. Acho que ela aprendeu a falar na escola.
	<b>Você acha que a tua filha mais velha pode ter influencia na fala de Ronice?</b>	Pode ser. A avó também e familiares também.
	<b>Tua filha ainda não lê, certo?</b>	Não, sabe escrever algumas palavras BOLA, BONECA, etc. e escrever os números bem. Só ainda não lê. Vai começar a aprender .
	<b>Teu filho possui contato com alguns familiares ouvintes?</b>	Ela tem contato com os surdos e familiares ouvintes. Só que mais com os surdos. Porque os familiares ouvintes moram longe em outros estados.
	<b>Por isso tu acredita que Ronice aprendeu a falar na escola e com a irmã mais velha?</b>	Sim.
<b>Extra</b>	<b>Gostaria de complementar</b>	

	<b>algo?</b>	Às vezes Ronice quer saber sobre uma palavra, eu tento explicar, às vezes ela não entende. Então peço a irmã ela explicar, ai ela entende melhor. Deve ser por causa da diferença cultural. Sempre faço isso, para Ronice entender direito.
--	--------------	---

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

### E) Entrevista com a mãe de Maitê (8 anos):

Quadro 25:Entrevista com a mãe de Maitê

<b>Entrevista Semi-estruturada com a mãe de Maitê</b>		
	<b>Perguntas</b>	<b>Respostas da Mãe</b>
<b>Perguntas relacionadas à mãe e/ou ao pai.</b>	<b>Você é oralizada? E o pai de Maitê também?</b>	Não sou oralizada, falo só um pouquinho. E meu marido é surdo puro, não fala nenhum pouco.
	<b>Qual o teu nível de conhecimento da Libras? E do pai?</b>	Eu sabia pouco Libras, agora que tenho contato com surdos, sou fluente. Meu marido sempre foi fluente.
	<b>Como é a comunicação entre vocês e sua filha?</b>	Sempre sinalizei, ensinava os sinais a Maitê. A partir dos 11 meses ensinava tipo “água”, ela tentava fazer o sinal, depois o sinal de “tomar banho”, com o tempo ela foi praticando, e começou a pedir água, e banho em Libras. Quando completou 1 ano, já sinalizava muito. Eu e o pai dela ensinávamos. Nunca usamos a fala, apenas sinalizávamos.
	<b>Você ou o pai de Maitê lê livro com ela?</b>	Eu adapto, uso as mais imagens [para ler]. Imagens de “árvore”, “ovelha”. Ela tem dificuldade em ler texto, tento incentivar, mas ela não consegue. Ela tem dificuldade. Mas as vezes ela faz perguntas sobre estrelas, chuva, sol, a gente usa isso como imagens também.
	<b>Mas livros, como</b>	Não.

	<p><b>Chapeuzinho Vermelho, Três Porquinhos não lê?</b></p>	
	<p><b>Mas ela tem livros em casa?</b></p>	<p>Sim tem, ela pede para eu narrar, porque ela não sabe ler. Então com imagens do livro eu explico. Exemplo imagem de Xuxa.</p>
	<p><b>Ela nunca trouxe livro da escola?</b></p>	<p>Não. Maitê tem trauma. Eu pedi para escola ensinar ela a ler. E a escola falou que minha filha precisava ir na fonoaudiologia. Eu fiquei chateada, mas levei ela na fonoaudióloga, e falou que a professora tem a responsabilidade de ensinar a ler também. Eu quis processar a escola, tenho o direito. Mas depois mudamos de escola quando tinha 4 anos. Ela sinalizava na escola, que a professora ficou em dúvida se era surda. Eu expliquei que era Coda. Mudamos de escola de novo na 1º série, começou a aprender a ler um pouco, a duvida era a mesma se ela era ouvinte ou surda, porque só sinalizava. Ai como os professores não sabiam Libras, perguntavam se precisava de um intérprete de Libras, eu dizia que não. Maite não falava de jeito nenhum.</p> <p>O trauma todo começou com um@ professor@ de matemática. Falou pra ela, com grosseira, que ela tinha que estudar sozinha. Ela chorou muito e ficou com trauma, ficou com medo de estudar. Preciso levar ela para o psicólogo. Começou na escola, porque aqui em casa não tem nenhum problema.</p>
	<p><b>Para você, qual o nível de conhecimento da Libras de Maitê?</b></p>	<p>Ela é bem fluente. Me responde sempre em Libras naturalmente. Ela faz perguntas em Libras como “Ei, vai pra onde? Vai fazer o quê?” [pergunta ao pai] Ela faz fofoca em Libras. Pergunta ao pai “quem é essa mulher no instagram? Tu quer essa mulher”, “Vou falar para a mamãe, espera.”. Eu não ensinei essas coisas. Ela começou a falar essas coisas com 6 anos, é muito curiosa e fluente e em Libras.</p>
<p><b>Perguntas relacionadas</b></p>		

<b>ao(à) filho(a).</b>	<b>Para você o português, tanto escrito como oral, de Maitê é bom?</b>	Não, conseguiu desenvolver bem o português. Porque a primeira língua dela é a Libras.
	<b>Mas se outra pessoa falar com ela em português, ela entende?</b>	Na verdade, agora ela consegue falar com a professora e responder. Ainda vai ter uma reunião na escola, para eu explicar sobre Maitê.
	<b>Eu quero entender, se ela entende o que outras pessoas falam com ela. Como com alguém da família?</b>	Acho que sim. Com a tia ela entende bem, com o vovô
	<b>Tua filha sabe ler palavras? Ela está em qual série?</b>	Bem pouquinho. Está na 3º série. Algumas palavras só. Por exemplo, o nome dela, ela não consegue decorar, sempre esquece. Por causa do trauma não consegue aprender. Por isso vai ter uma reunião com a psicóloga da escola.
	<b>Nem soletração ela consegue?</b>	Não, eu tento ensinar, mas ela prefere só sinalizar. É curiosa, gosta de fazer perguntas em Libras, e não soletrar.
	<b>Quando tiver uma palavra que ela quer saber o sinal, ela não soletra né?</b>	Não.
	<b>Tua filha possui contato com alguns familiares ouvintes?</b>	Ela tem mais contato com surdos. Por exemplo, ela conversa em Libras com fulano 1 surdo, com outro fulano 2 surdo.
	<b>Não treina a fala com nenhum familiar ouvinte? Primos dela?</b>	Não. Os primos moram longe. O irmão dela não conversa com ela, deve ser por ser mais velho que Maitê. Maitê já me perguntou se o irmão não gostava dela. Eu expliquei que não era isso, é que ele é adolescente. Mas ela falou que o irmão conversava e brincava com um amigo dela [Koda], que tinha quase a idade dela, mas com ela não. Não soube

		responder.
	<b>Com esse amigo Koda, Maitê ele conversa falando?</b>	Sim, conversam normal. Já com a tia, conversa pouco. Mas eu converso com ela, incentivo ela. A gente conversa sobre a escola. Ela já me perguntou o porque de um colega dela ser autista. Eu explico para ela não ter preconceito, a dificuldade do autista em escrever e ler. Ela entendeu, agora interage com ele na escola.
	<b>Gostaria de complementar algo?</b>	Ela começou [escola] com 3 anos, é difícil para mim, por não saber muito o português, não consigo muito ensinar. Ela está muito prejudicada. Matemática e inglês são duas disciplinas que ela consegue acompanhar. Ela já me perguntou porque os colegas não interagem com ela, na escola ela sempre está sozinha. Maitê sempre tenta entrar em algum grupo de colegas, mas sempre barram, ela fica triste e isolada. Ela me fala que não quer ir a escola, começou a falar isso com 7 anos.
	<b>Você já conversou com a escola para saber sobre isso?</b>	Já conversei, a diretora falou que estava normal. Eu falei que não, porque eu já tinha passado por isso quando tinha 7 anos, @ professor@ batia minha mão com a régua, também tenho trauma. Coloquei ela em outra escola, ela agora está gostando, interagindo com os colegas. Já deu sinal-nome aos colegas. Sinal como “magra”, “cabelo black power”, eu já falei para ela não rotular, mas ela falou que são os coleguinhas dela.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

## Apêndice 07

### Páginas 06 e 07



**Quadro 39:** Diálogo páginas 06 e 07

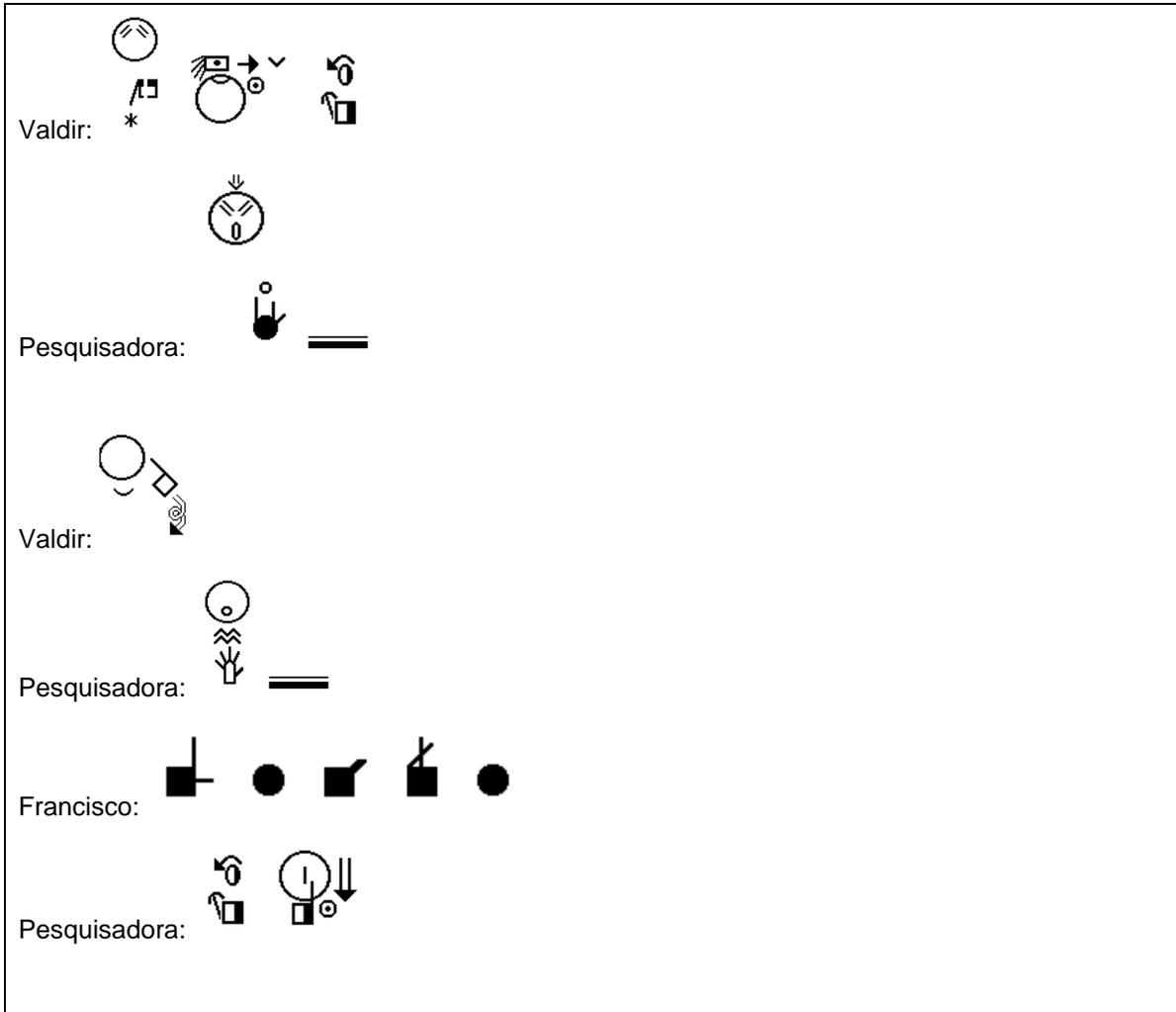
Valdir: É ELAS (APONTANDO LIVRO) DUAS IRMÃS É MUITO S-A-P-E-C-A...  
 Francisco: DANADA  
 Valdir: EU ESQUECER SINAL  
 Pesquisadora: SÓ?  
 Valdir: CABELO CACHEADO  
 Pesquisadora: COR?  
 Francisco: L-O-I-R-O  
 Pesquisadora: SINAL AMARELO

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora

**Quadro 40:** Transcrição para SW do diálogo das páginas 06 e 07

Valdir:

Francisco:



Fonte: Transcrição com ajuda do SignPuddle 2.0 (2024)

Páginas 08 e 09



**Quadro 41:** Diálogo das páginas 08 e 09

Valdir: [APONTA-LIVRO] É CODA? É FALANDO CODA É DUAS IRMÃS É ALEGRE CALMA

Pesquisadora: VOCÊS ALEGRE?

Francisco, Valdir, Maitê e Criança convidada 2: [SIM-CABEÇA]

Pesquisadora (Para Raí que voltou a sentar): VOCÊ TRISTE?

Raí: NÃO

Pesquisadora: VOCÊ ALEGRE?

Raí: SIM-CABEÇA

Pesquisadora: VOCÊ ALEGRE?

Ronice: ALEGRE

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora

**Quadro 42:** Transcrição para SW do diálogo das páginas 08 e 09

Valdir: [APONTA-LIVRO]

Pesquisadora:

Francisco, Valdir, Maitê e Criança convidada 2:

Pesquisadora (Para Raí que voltou a sentar):

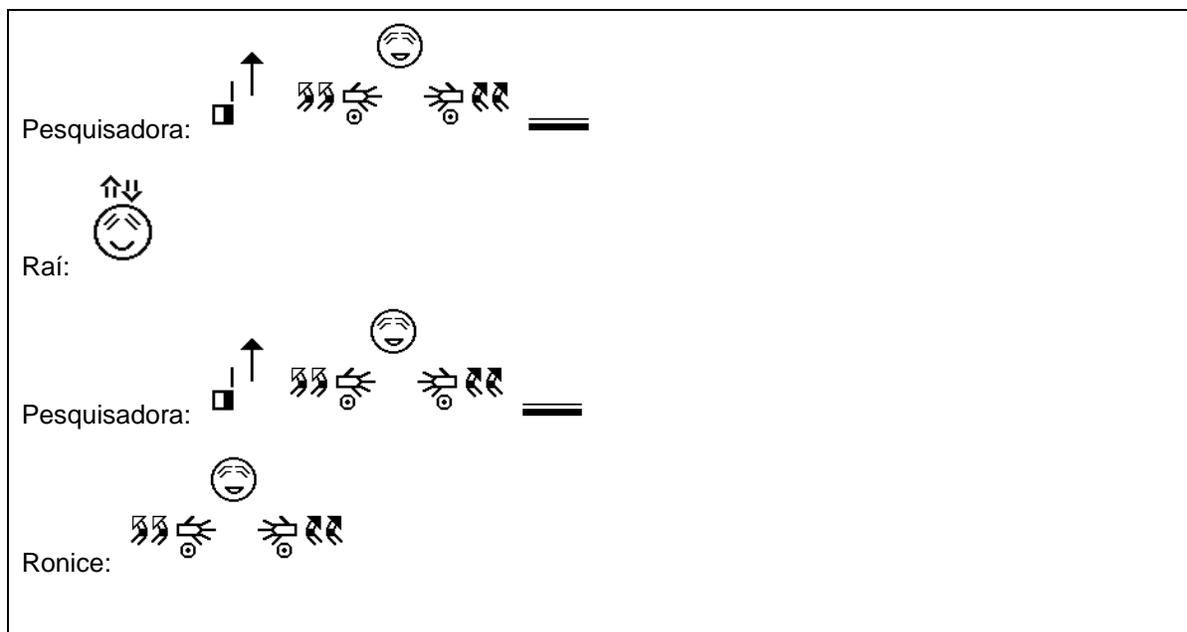
Raí:

Pesquisadora:

Raí:

Pesquisadora:

Ronice:



Fonte: Transcrição com ajuda do SignPuddle 2.0 (2024)

## Páginas 10 e 11



Quadro 43 Diálogo das páginas 10 e 11

Pesquisadora: O-QUE ACONTECER?

Francisco: [APONTA-LIVRO] ELE PERGUNTA É CODA [APONTA-LIVRO] ELA  
SIM NÓS É CODA

Pesquisadora: [APONTA-LIVRO] ELE OUVINTE SURDO?

Valdir: OUVINTE

Maitê: OUVINTE

Pesquisadora (para Ronice): OUVINTE OU SURDO?

Ronice: OUVINTE

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora

**Quadro 44:** Transcrição para SW do diálogo das páginas 10 e 11

Pesquisadora:

Francisco:

Pesquisadora:

Valdir:

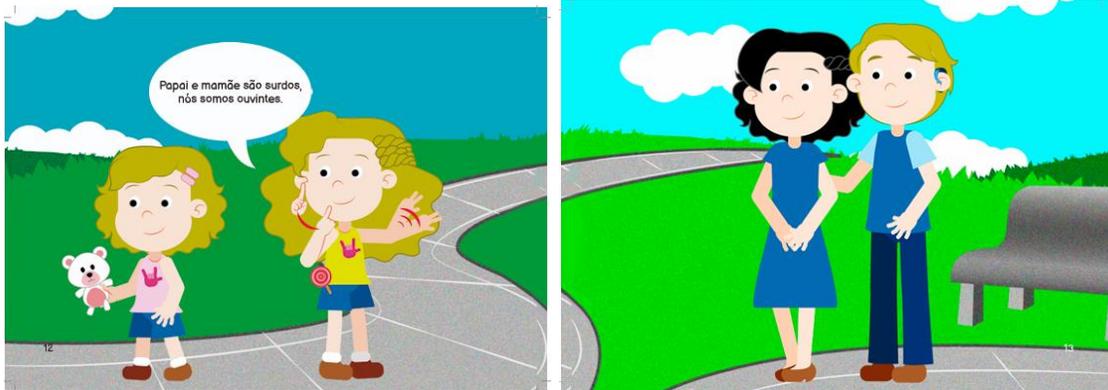
Maitê:

Pesquisadora (para Ronice):

Ronice:

**Fonte:** Transcrição com ajuda do SignPuddle 2.0 (2024)

## Páginas 12 e 13



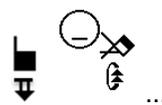
**Quadro 45:** Diálogo das páginas 12 e 13

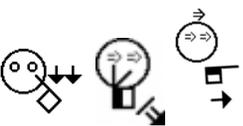
Pesquisadora: O-QUE ESSA? [APONTA LIVRO]  
 Valdir: É FALA...  
 Pesquisadora: OLHAR ATENÇÃO ELE [APONTA VALDIR]  
 Valdir: É PAI MÃE É SURDO É IRMÃS ELAS [APONTA LIVRO] É OUVIR  
 Pesquisadora: CERTO. [APONTAR LIVRO] SINALIZAR ELA DOIS SINALIZAR+FALAR. PORQUE DOIS SINALIZAR+FALAR? PORQUE?  
 Valdir: PORQUE MÃE ENSINAR LIBRAS  
 Pesquisadora: SIM. PORQUE BOCA+FALAR?  
 Valdir: NÃO+SEI  
 Pesquisadora: PORQUE BOCA+FALAR?  
 Francisco: NÃO+SEI (CABEÇA BALANÇA)  
 Pesquisadora: ELAS [APONTA LIVRO] EXPLICAR [PARA] QUEM PESSOA?  
 Convidada 1: SURDO;  
 Pesquisadora: SURDO? OLHA VOLTA PÁGINA. [APONTA LIVRO] ELE OUVINTE. SABE NÃO LIBRAS. ENTÃO. EL@S PAI MÃE SURD@S VER LIBRAS. AMIGO ELE OUVINTE OUVIR FALAR+BOCA. VOCÊS JÁ LIBRAS E BOCA+FALAR?  
 Todos: SIM  
 Maitê: NÃO

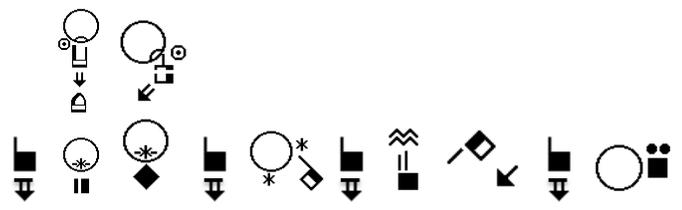
**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora

Quadro 46: Transcrição para SW do diálogo das páginas 12 e 13

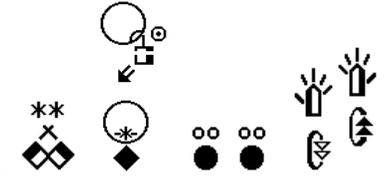
Pesquisadora: 

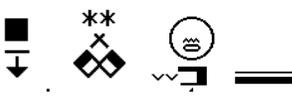
Valdir:  ...

Pesquisadora: 

Valdir: 

Pesquisadora: 

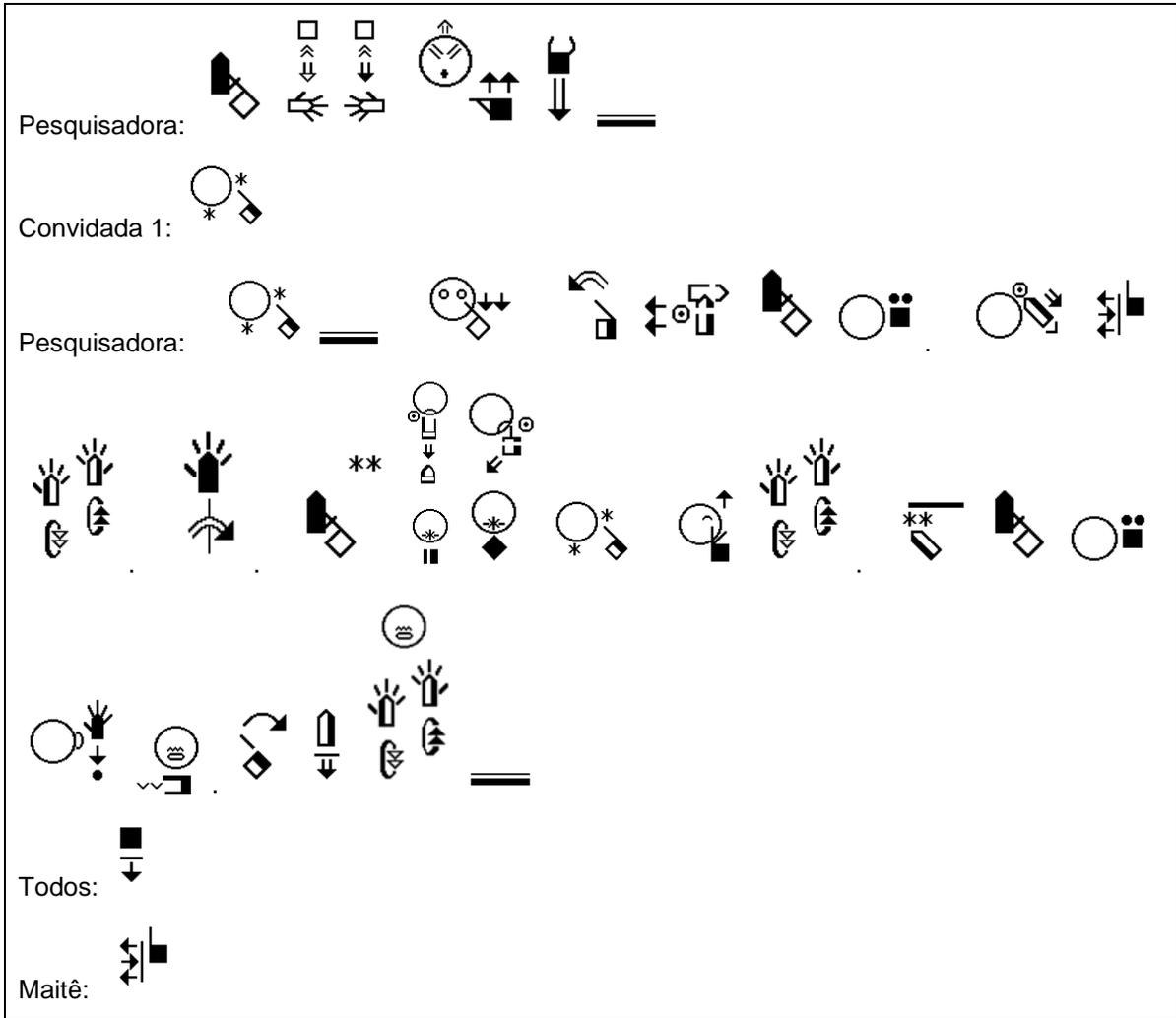
Valdir: 

Pesquisadora: 

Valdir: 

Pesquisadora: 

Francisco: 



Fonte: Transcrição com ajuda do SignPuddle 2.0 (2024)

Páginas 14 e 15



**Quadro 47:** Diálogo das páginas 14 e 15

Pesquisadora: O- QUÊ?[APONTA LIVRO]

Francisco: [APONTA LIVRO] PERGUNTA PAI MÃE SURDOS FILHO OUVINTE ENTÃO ELA É DAR NOME É CODA

Pesquisadora: [ACENA CABEÇA] [APONTA LIVRO] ELE OUVINTE CONHECE KODA?

Todos: NÃO

Pesquisadora: ELE FAZER QUÊ? PERGUNTA+MUITO. QUÊ CODA? QUÊ SURDO? QUÊ LIBRAS? QUÊ MÃE (SURDA)? CURIOSO. NORMAL

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

**Quadro 48:** Transcrição para SW do diálogo das páginas 14 e 15

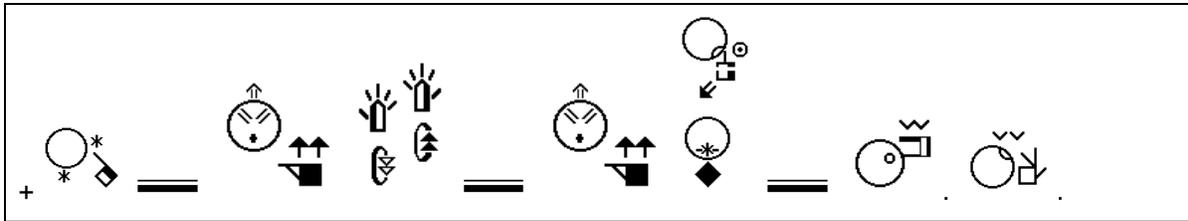
Pesquisadora:

Francisco:

Pesquisadora:

Todos:

Pesquisadora:



Fonte: Transcrição com ajuda do SignPuddle 2.0 (2024)

→ Páginas 16 e 17



Quadro 49: Diálogo das páginas 16 e 17

Pesquisadora: QUE [APONTA LIVRO]?

Valdir: É TEM PAI MÃE SURDOS FILHOS OUVINTES CHAMA CODA.

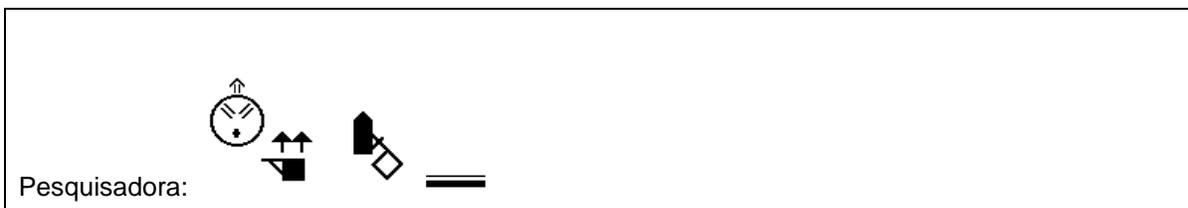
Pesquisadora: CERTO ELE [APONTA VALDIR] EXPLICAR. VOCÊS+CADA KODA PORQUE MÃE PAI SURDOS. ESSE [APONTA LIVRO] EXPLICA. PESSOAS AMIGOS PERGUNTAM VOCÊS. VOCÊS EXPLICAM OU NÃO? QUAL?

Valdir: EXPLICAR

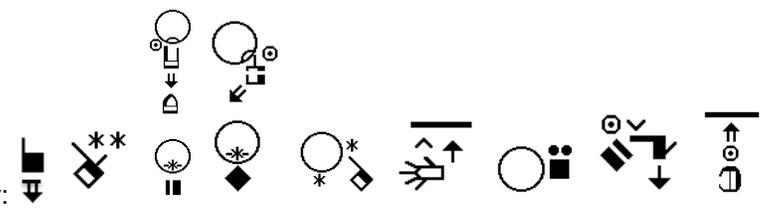
Pesquisadora: EXPLICAR ELES.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

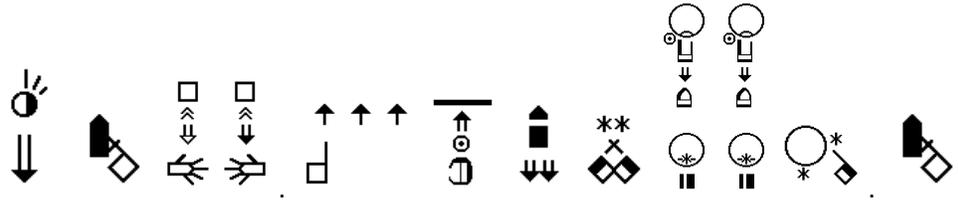
Quadro 50: Transcrição para SW do diálogo das páginas 16 e 17



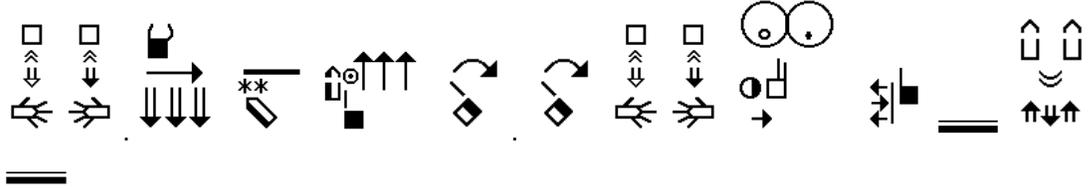
Valdir:



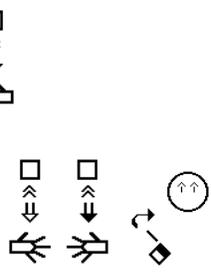
Pesquisadora:



Valdir:



Pesquisadora:



Fonte: Transcrição com ajuda do SignPuddle 2.0 (2024)

Páginas 18 e 19



**Quadro 51:** Diálogo das páginas 18 e 19

Pesquisadora: QUE ESSE [APONTA LIVRO]?  
 Convidada 2: PERGUNTAS TEMA SURDOS  
 Pesquisadora: QUASE. [APONTA LIVRO] PERGUNTA O-QUE?  
 Convidada 2: QUÊ CODA QUÊ?  
 Pesquisadora: JÁ. OUTRO. OLHA [APONTA LIVRO]. OLHAR ELE [APONTA VALDIR]  
 Valdir: EXPLICA ELA INTELIGENTE CANTA ESTUDA (pausa para ler o livro)  
 DELA PAI MÃE SILENCIO.  
 Pesquisadora: VOCÊS MÃE PAI SILÊNCIO?  
 Todos: NÃO  
 Convidada 1: SINALIZAR  
 Valdir: VOZ  
 Pesquisadora: MAIS?  
 Valdir: PODE GRITAR  
 Pesquisadora: GRITAR PODE. BRIGAR VOCÊS. AJUDAR VOCÊS. ENSINAR VOCÊS. SILÊNCIO NÃO.

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora

**Quadro 52:** Transcrição para SW do diálogo das páginas 18 e 19

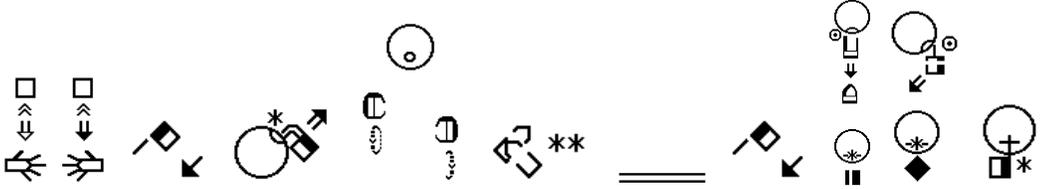
Pesquisadora:    =

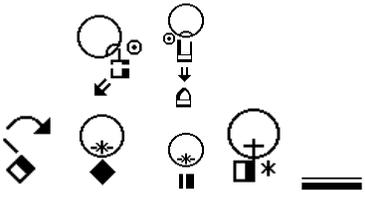
Convidada 2:      \*

Pesquisadora:      =

Convidada 2:    =

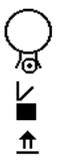
Pesquisadora:      

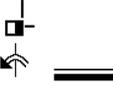
Valdir: 

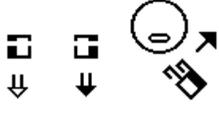
Pesquisadora: 

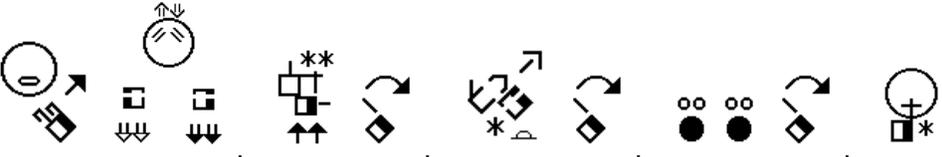
Todos: 

Convidada 1: 

Valdir: 

Pesquisadora: 

Valdir: 

Pesquisadora: 



Fonte: Transcrição com ajuda do SignPuddle 2.0 (2024)

**Páginas 20 e 21**



**Quadro 53:** Diálogo das páginas 20 E 21

Pesquisadora: ENTÃO EXPLICAR. [APONTA LIVRO] O QUE? [APONTAR LIVRO] OLHA SINAL O QUE?

Francisco: QUER

Pesquisadora (para Ronice): [APONTA LIVRO] SINAL QUE?

Ronice: QUER

Pesquisadora: [APONTAR LIVRO]

Francisco: QUER ÁGUA

Pesquisadora: ÁGUA. [APONTA LIVRO]

Maitê, Francisco e Valdir: SIM.

Pesquisadora: SIM. [ APONTA LIVRO]

Maitê, Francisco e Valdir: PASSEAR

Pesquisadora: PASSEAR POSITIVO. [APONTAR LIVRO] EXPLICAR QUE? OLHAR [APONTAR VALDIR]

Valdir: PAI MÃE É NÃO SILÊNCIO TEM SUA É SINALIZAR É TEM MUITO ENSINAR LIBRAS É BRASILEIRA TEM FAMILIA GRANDE É DE OUVINTE É APRENDER É OUVIR VOZ

Pesquisadora: COMO VOCÊS APRENDER OUVIR VOZ FALAR COMO?

Francisco: JUNTO MEU IRMÃO

Valdir: NÃO SEI EU NÃO LEMBRO NADA PASSADO

Convidada 2: VOVÓ

Convidada 1: MAMÃE

Pesquisadora: MÃE ENSINAR FALAR+VOZ?

Convidada 1: LIBRAS

Pesquisadora: IMPORTANTE FAMILIA AMIG@ ENSINAR VOCÊS FALAR APRENDER LIBRAS TAMBÉM FALAR

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

**Quadro 54:** Transcrição para SW do diálogo das páginas 20 e 21

Pesquisadora:           

Francisco:  

Pesquisadora (para Ronice):    

Ronice:  

Pesquisadora:  

Francisco:    

Pesquisadora:    

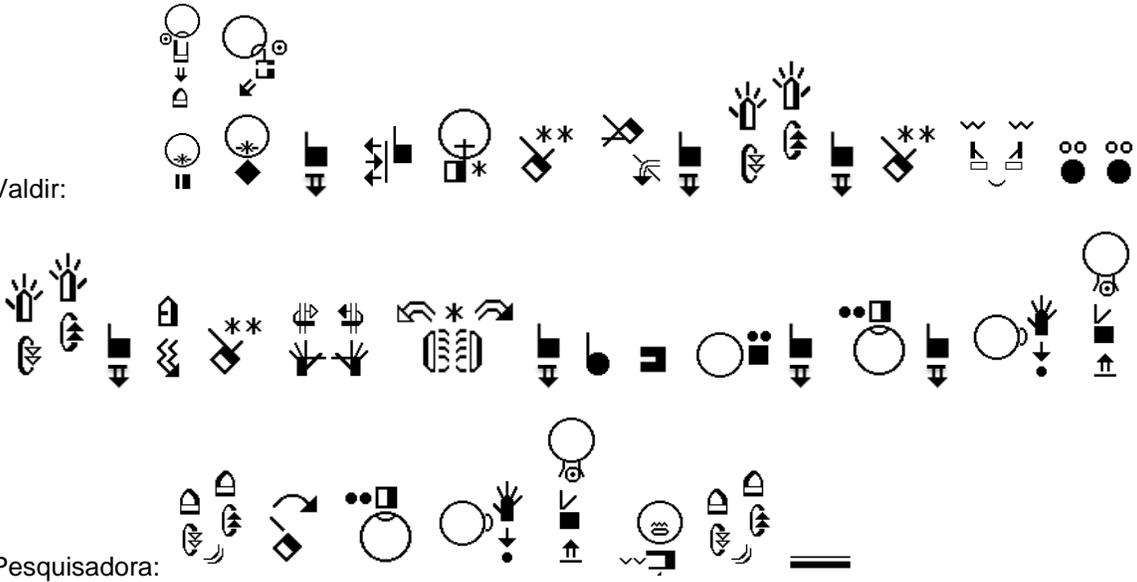
Maitê, Francisco e Valdir:  

Pesquisadora:   

Maitê, Francisco e Valdir:   

Pesquisadora:          

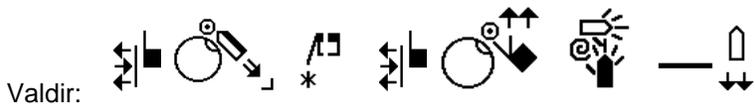
Valdir:



Pesquisadora:



Francisco:



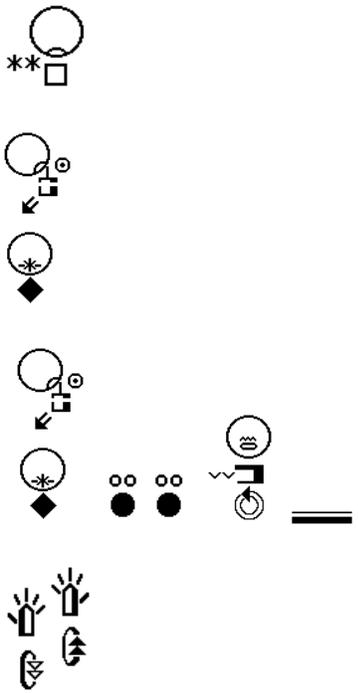
Valdir:

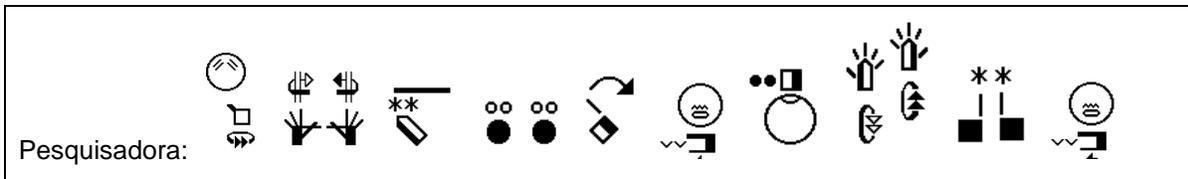
Convidada 2:

Convidada 1:

Pesquisadora:

Convidada 1:





Fonte: Transcrição com ajuda do SignPuddle 2.0 (2024)

## Páginas 22 e 23



Quadro 55: Diálogo das páginas 22 e 23

Pesquisadora: [APONTA LIVRO] O QUE?  
 Valdir: FALA MÃE PAI TEM MUITO AMIGO OUVINTE  
 Pesquisadora: VOCÊS TEM MUITO AMIG@ OUVINTE?  
 Todos: SIM  
 Pesquisadora: VOCÊS MAIS QUAL AMIG@ SURD@ OU OUVINTE?  
 Francisco: OUVINTE  
 Valdir: OUVINTE  
 Pesquisadora: VOCÊS TUDO AMIG@S OUVINTES? SURD@S NADA?  
 POUCO SURD@ AMIG@  
 Pesquisadora(para Convidada 1): VOCÊ MAIS AMIG@ SURD@ OUVINTE  
 VOCÊ?  
 Convidada 1: OUVINTE  
 Pesquisadora (para Ronice): AMIG@ MAIS SURD@ OUVINTE?  
 Ronice: OUVINTE  
 Pesquisadora: VOCÊS MAIS AMIG@ OUVINTE  
 Valdir: EU UM AMIG@ SURD@

Pesquisadora: PAI MÃE SEMPRE FESTA VAMOS VOCÊS AMIG@S SURD@S  
OUVINTES MUITO

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 56: Transcrição para SW do diálogo das páginas 22 e 23

Pesquisadora:

Valdir:

Pesquisadora:

Todos:

Pesquisadora:

Francisco:

Valdir:

Pesquisadora:

Pesquisadora(para Convidada 1):

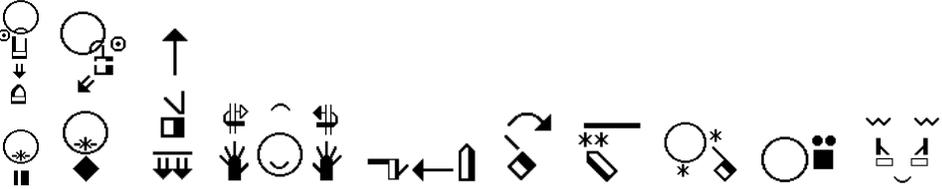
Convidada 1:

Pesquisadora (para Ronice): 

Ronice: 

Pesquisadora: 

Valdir: 

Pesquisadora: 

Fonte: Transcrição com ajuda do SignPuddle 2.0 (2024)

## Páginas 24 e 25



Quadro 57: Diálogo das páginas 24 e 25

Valdir: EI BOM É QUER APRENDER LIBRAS VOCÊ ENSINAR-ME É ELA  
 [APONTA LIVRO] ESQUECER NOME ISINHA?  
 Pesquisadora: FOFINHA  
 Valdir: ELA [APONTA LIVRO] SIM  
 Pesquisadora (para Maitê): [APONTA LIVRO] ESSE O-QUE?

Pesquisadora: [APONTA LIVRO] ESSE OUVINTE SABER LIBRAS?  
 Todos: NÃO  
 Pesquisadora: QUER O-QUE?  
 Convidada 2: APRENDER  
 Valdir: APRENDER LIBRAS  
 Pesquisadora: QUER QUER APRENDER LIBRAS. AMIG@S VOCÊS PEDIR  
 QUER APRENDER LIBRAS VOCÊS ENSINAR LIBRAS?  
 Valdir, Francisco e Maitê: SIM  
 Pesquisadora: VOCÊS JÁ ENSINAR LIBRAS?  
 Valdir, Francisco e Maitê: JÁ  
 Pesquisadora (para Ronice): ENSINAR AMIGO VOCÊ JÁ ENSINA?  
 Ronice: JÁ  
 Pesquisadora: BOM ENSINAR LIBRAS. VOCÊS VERGONHA LIBRAS?  
 Valdir e Francisco: NÃO  
 Pesquisadora: CORAGEM. LIBRAS BONITA. LIBRAS MÃE PAI VOCÊS

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora

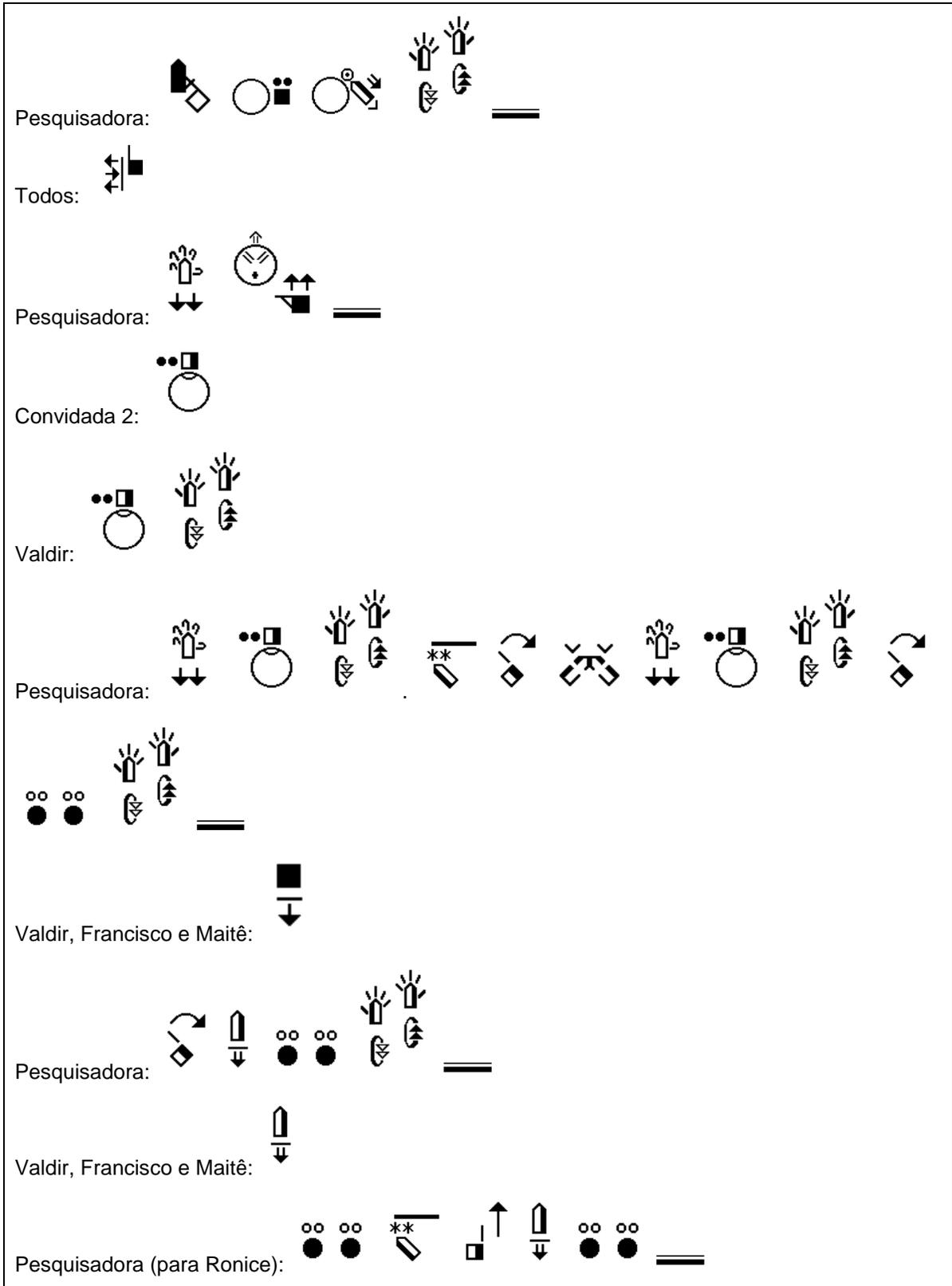
**Quadro 58:** Transcrição para SW do diálogo das páginas 24 e 25

Valdir:

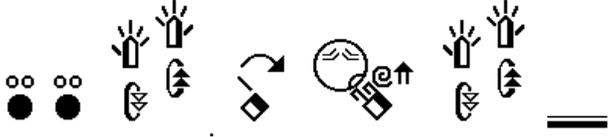
Pesquisadora:

Valdir:

Pesquisadora (para Maitê):



Ronice: 

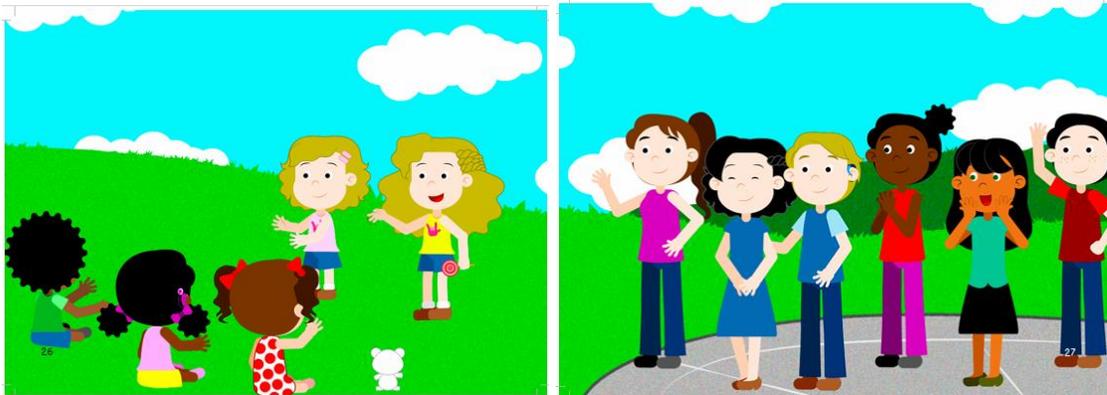
Pesquisadora: BOM 

Valdir e Francisco: 

Pesquisadora: 

Fonte: Transcrição com ajuda do SignPuddle 2.0 (2024)

## Páginas 26 e 27



Quadro 59: Diálogo das páginas 26 e 27

Pesquisadora (para Maitê): [APONTA LIVRO] ESSE O-QUE?

Pesquisadora (para Ronice): [APONTA LIVRO] ESSE O-QUE?

Ronice: EU NÃO

Valdir: É EL@S-SENTAR [APONTA LIVRO] QUER APRENDER LIBRAS VER TEM COMO SABER QUER APRENDER

Pesquisadora: [APONTA LIVRO] EL@AS-SENTAR QUER APRENDER LIBRAS POSITIVO. VOCÊS GOSTAR?

Convidada 2, Francisco e Valdir: SIM  
 Valdir: VOCÊ FAZER (livro)?  
 Pesquisadora: SIM EU FAZER.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 60: Transcrição para SW do diálogo das páginas 26 e 27

Pesquisadora (para Maitê):

Pesquisadora (para Ronice):

Ronice:

Valdir:

Pesquisadora:

Convidada 2, Francisco e Valdir:

Valdir:

Pesquisadora:

Fonte: Transcrição com ajuda do SignPuddle 2.0 (2024)

## ANEXO

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** LITERATURA SURDA E LITERATURA CODA: PRODUÇÕES VISUAIS QUE RETRATAM REALIDADES CULTURAIS SINGULARES

**Pesquisador:** GISELE PEREIRA GAMA GARCIA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 72488723.0.0000.5188

**Instituição Proponente:** Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.329.955

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de um protocolo de pesquisa que tem como origem o programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba, da aluna Gisele Pereira Gama Garcia, sob orientação da professora Doutora Janaína Aguiar Peixoto, com término previsto para agosto de 2024.

**Introdução**

A terminologia Literatura Surda no Brasil começou a ganhar espaço a partir de 2008, isso é no início do primeiro curso de Letras-Libras. Além disso, a partir deste momento muitas obras literárias foram criadas e publicadas por pessoas surdas e

ouvintes em Libras, tendo como público alvo especialmente as pessoas surdas. Pensando nos filhos ouvintes de pais surdos, as crianças chamadas Cotas, acredita-se na importância de inclui-los na Literatura Surda e produzir obras literárias que retratem a vidas destas crianças.

Será uma pesquisa qualitativa dividida em 4 etapas a primeira será por meio da produção de um livro infantil ilustrado que retrate a vida das crianças Cotas a segunda será a caracterização do perfil do público alvo (criança Coda) através da realização de uma entrevista semi-estruturada com os pais a terceira etapa consiste na coleta de dados, por meio da apresentação do livro às crianças Cotas, contação de histórias por parte da pesquisadora, da leitura do livro por parte dessas crianças e das suas reproduções/releituras da história; e por último, na quarta etapa será realizada

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900

**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA

**Telefone:** (83)3216-7791

**Fax:** (83)3216-7791

**E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 6.329.955

a análise dos dados colhidos e registrados em vídeos e anotações por escrito.

O livro será publicado e distribuído às crianças Codas que farão parte da pesquisa. Após a distribuição, as crianças terão oportunidade de conhecer a história narrada através do livro, tanto por meio da leitura escrita, narração em áudio, como pela leitura das ilustrações, e pela minha contação da história em Libras executada pela pesquisadora, em um processo, portanto, intersemiótico. As diferentes modalidades de acesso à leitura são devido à diversidade de aquisição linguística de crianças Codas. Todo esse processo será filmado, para gravar suas reações e, posteriormente, analisá-las. Depois desse momento, pedirei aos sujeitos da pesquisa que reproduzam a história do livro, deixando as crianças Codas livres para retratarem tanto a história original como criar novas situações a partir das suas experiências culturais. A reprodução pode ser sinalizada, em português ou por meio de ilustrações. Essas modalidades serão oferecidas para a escolha deles, porque não são todas as crianças Codas que sabem a Libras, nem todas escrevem. Estas etapas também serão gravadas, para facilitar a análise posterior. Os dados serão analisados com a ajuda de tabelas sistemáticas, nas quais serão explicados os fatos ocorridos nas gravações, como as reações e o entendimento da história através da sua produção. Além

disso, as produções escritas (em português ou por meio de ilustrações) também farão parte do corpus de análise. As análises estarão baseadas em referências importantes que fundamentem os dados empíricos. É importante mencionar que, ao ser relatado os casos de cada Coda, o nome de cada um será substituído por nomes fictícios, para preservar imagens

amostra 5

**Objetivo da Pesquisa:**

Primário

Analisar a reação e a releitura das crianças Codas a partir da leitura de um livro direcionada a este público que será produzido no percurso da pesquisa.

Secundário

Produzir um livro infantil que retrate a realidade das crianças Codas; Analisar a reação das crianças Codas a partir do contato com a história;

Realizar uma análise da releitura sinalizada e/ou escrita das crianças Codas a partir da leitura do livro.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e

<b>Endereço:</b> Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar			
<b>Bairro:</b> Cidade Universitária	<b>CEP:</b> 58.051-900		
<b>UF:</b> PB	<b>Município:</b> JOAO PESSOA		
<b>Telefone:</b> (83)3216-7791	<b>Fax:</b> (83)3216-7791	<b>E-mail:</b> comitedeetica@ccs.ufpb.br	

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 6.329.955

vídeo;

Possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados; Medo de não saber responder ou de ser identificado; Estresse; Quebra de sigilo; Cansaço ou vergonha ao responder às perguntas.

**Benefícios:**

Conhecer com maior aprofundamento a reação de crianças CODAS a partir da leitura de textos direcionados a elas; Produção de um livro literário direcionado para às crianças CODAS que pode ser lido por crianças de todo o Brasil.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Hipótese é que as produções literárias direcionadas para crianças Coda são importantes para o desenvolvimento global delas.

**Critério de Inclusão:**

Ser criança CODA (filho(a) de pai e/ou mãe com surdez).

**Critério de Exclusão:**

Não ser criança CODA (filho(a) de pai e/ou mãe ouvinte).

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

TALE foi incluído e TCLE adequado.

**Recomendações:**

Manter cronograma e metodologias

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

sem óbices observados

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 6.329.955

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2176932.pdf	06/09/2023 19:04:11		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2_COMPLEMENTADO_para_os_pais.pdf	06/09/2023 19:03:23	GISELE PEREIRA GAMA GARCIA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_1_MODIFICADO_autorizacao_do_s_pais.pdf	06/09/2023 19:02:35	GISELE PEREIRA GAMA GARCIA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_COMPLEMENTADO.pdf	06/09/2023 18:58:49	GISELE PEREIRA GAMA GARCIA	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_AS_PENDENCIA_S_assinado.pdf	06/09/2023 18:58:25	GISELE PEREIRA GAMA GARCIA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PARA_COMITE_DE_ETICA.pdf	02/08/2023 15:49:56	GISELE PEREIRA GAMA GARCIA	Aceito
Outros	Questionario_estruturado.pdf	02/08/2023 15:43:47	GISELE PEREIRA GAMA GARCIA	Aceito
Outros	Certidao_Coord_PPGL.pdf	02/08/2023 15:41:55	GISELE PEREIRA GAMA GARCIA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_Gisele.pdf	02/08/2023 15:34:00	GISELE PEREIRA GAMA GARCIA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CARTA_DE_ANUENCIA_Intra.pdf	02/08/2023 15:33:42	GISELE PEREIRA GAMA GARCIA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_Gisele.pdf	02/08/2023 15:25:02	GISELE PEREIRA GAMA GARCIA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO.pdf	02/08/2023 15:24:45	GISELE PEREIRA GAMA GARCIA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	02/08/2023 15:22:10	GISELE PEREIRA GAMA GARCIA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 6.329.955

JOAO PESSOA, 28 de Setembro de 2023

---

**Assinado por:**  
**Eliane Marques Duarte de Sousa**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br